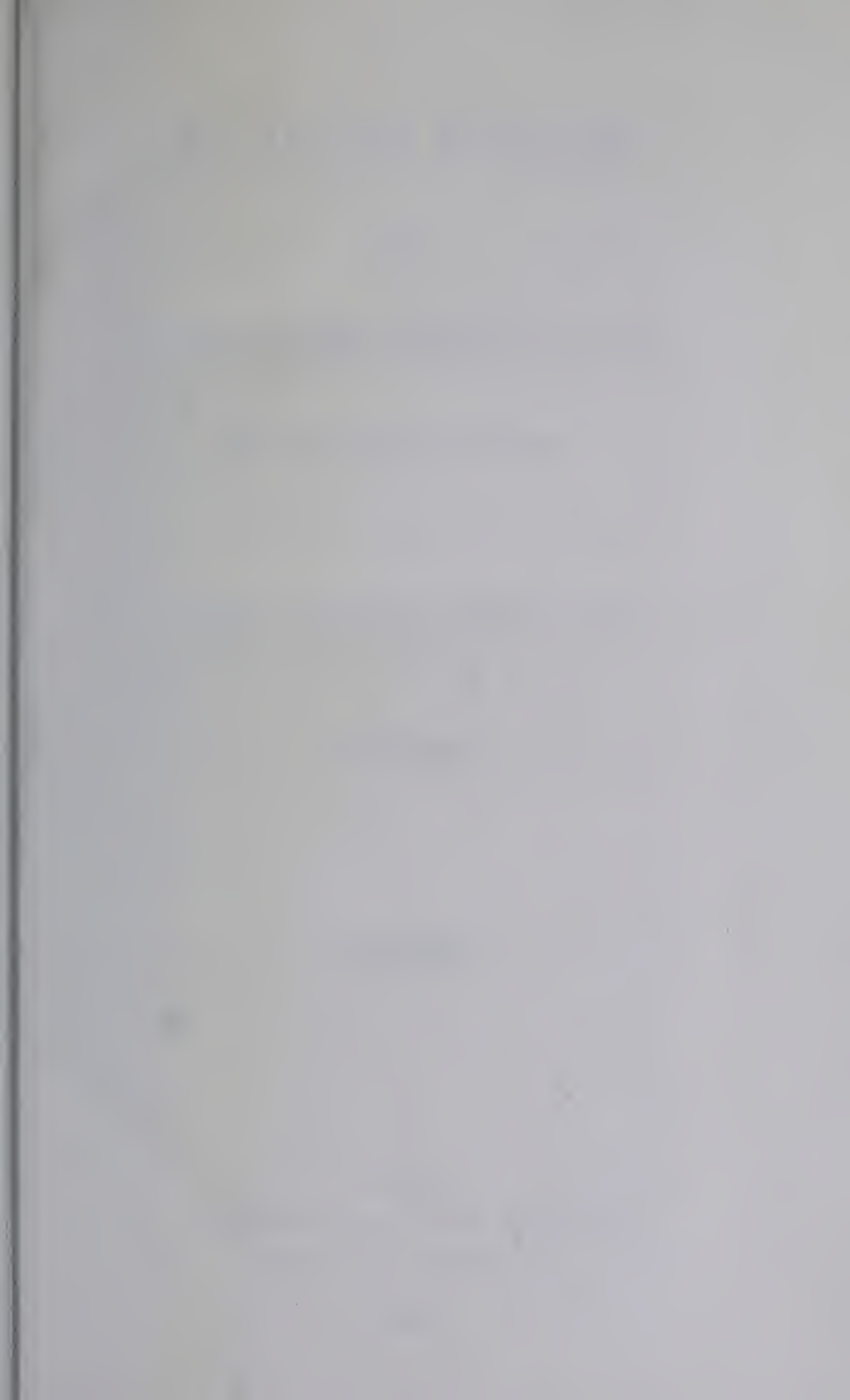










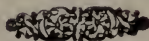
CC.

AS CIDADES E VILLAS
DA
MONARCHIA PORTUGUEZA

QUE TEEM BRASÃO D'ARMAS.

POR
I. DE VILHENA BARBOSA.

VOLUME II.



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA:
TRAVESSA DA VICTORIA, 73.

1860.

A CIDADE DE LAGOS.

O autor da *Corographia Portugueza* dá á cidade de Lagos dois mil setecentos cincoenta e seis annos de existencia, attribuindo a sua fundação a um supposto rei Brigo no anno de 1899 antes do nascimento de Christo. Depois diz que, tendo caído em ruínas, fôra reedificada, e novamente povoada no anno de 350 antes da era vulgar por um capitão de Cartago, chamado Boodez.

Os fundamentos d'esta opinião são em parte inverosímeis, em parte duvidosos. Porém, o que é certo é ter sido Lagos uma cidade de alguma importancia no tempo dos romanos. Chamava-se então *Lacobriga*, cidade ou povoação do lago, ao que parece por causa de um, que havia na sua proximidade.

Na lucta, que a republica romana sustentou contra Sertorio, que se collocara á frente da independencia da Lusitania, foi posta Lacobriga em apertado cêrco por um exercito romano, commandado pelo consul Quinto Cecilio Metelo. A cidade não foi entrada pelo inimigo, porque veio soccorrel-a o valente Sertorio com os seus bravos lusitanos; mas junto dos seus muros pelejou-se uma renhida batalha, em que a victoria se decidiu por estes ultimos.

Nas invasões d'essas hordas de barbaros, que destruíram o colosso do Tibre; na dos arabes, em que se alluiu a monarchia dos godos; e nas guerras dos nossos primeiros reis, de que resultou a expulsão dos moiros, Lacobriga foi por muitas vezes arruinada e despovoada. As vantagens, porém, da sua situação geographica para o commercio de

Africa e do estreito de Gibraltar, por outras tantas vezes a ergueram do meio das ruínas, e lhe attrahiram novos moradores. Todavia n'essas vicissitudes perdeu a preeminencia de cidade, que só veiu a readquirir na segunda metade do seculo xvi por mercê que lhe fez el-rei D. Sebastião, quando juntou na sua bahia a armada, que o levou a Africa.

A peste assolou por vezes esta cidade, e o terremoto de 1755 causou-lhe horriveis estragos, bem como em todo o Algarve. O que os impulsos da terra pouparam, foi destruido pelos accommettimentos do mar. Quasi todos os seus principaes edificios ficaram derrocados, e alguns d'elles, como o palacio do governo, a casa da camara, a torre do relógio, e o convento da Trindade, nunca mais se ergueram.

Por causa d'esta catastrophe tornou Lagos a perder prerogativas de muita importancia, deixando de ser a capital do Algarve, que passou primeiramente para Tavira, onde foi residir o capitão general, e mais tarde para Faro.

Em 1833 veiu a terrivel epidemia da cholera dizimar os seus habitantes. Logo depois padeceu os tristes effeitos da guerra civil, que durante dois annos devastou Portugal. E depois ainda esta malhadada terra passou por outras calamidades de epidemias e terremotos, que mais ou menos a damnificaram.

Lagos tinha voto em côrtes na velha monarchia, e seus procuradores tomavam assento no terceiro banco. O seu brasão d'armas compõe-se de um escudo coroadado, e n'elle uma fortaleza com tres torres, banhada pelo mar, e tendo de cada lado uma lança ao alto.

Ao presente é Lagos a segunda cidade do reino do Algarve, e dista seis leguas do Cabo de S. Vicente, e vinte e duas da foz do Guadiana. Acha-se agradavelmente situada na costa occidental de uma grande bahia do seu mesmo nome, erguendo-se sobre tres collinas na margem direita de um pequeno rio ou esteiro, que tem meia legua de exten-

são, e o qual a maré faz accessivel a embarcações costeiras de pequena lotação.

A bahia pode offerecer amplo ancoradouro a esquadras de grandes vasos. A barra do esteiro, que forma o porto da cidade, é defendida pela fortaleza da Ponta da Bandeira, que serve de registro, e pelo forte da Meia Praia. Para defesa da bahia ha diversos fortes em melhor ou peor estado de conservação, sendo o principal a fortaleza do Pinhão, edificada primitivamente em terra firme, e que ainda nos principios do seculo passado formava uma península, mas que actualmente está cercada de mar, e arruinada, passando pequenas embarcações entre ella e a terra. Outra fortaleza, que se construiu defronte d'esta, para a substituir, tambem o mar a poz em ruina.

A barra, que ha cem annos apresentava sete a oito braças de fundo, agora apenas tem uns dez palmos. Alguns cachopos e bancos d'areia lhe difficultam um pouco a entrada.

São duas as parochias da cidade: Santa Maria, que é a matriz, e S. Sebastião. A primeira achase estabelecida na egreja da Misericordia desde o cataclismo de 1755, que lhe destruiu o seu antiquissimo templo, o qual campeava sobre uma eminencia. Na tentativa, que se fez para o reedificar, apenas lhe levantaram as paredes até meia altura. Depois pararam inteiramente as obras, ficando a servir o seu recinto de cemiterio.

A segunda parochia está edificada em um alto. E' um grande templo de tres naves, de muito antiga fundação, e reconstruido por el-rei D. João II, que lhe trocou a invocação primitiva de Conceição pela de S. Sebastião, por ser este santo padroeiro, e advogado contra a peste, que então affligia todo o Algarve.

Havia em Lagos quatro conventos, tres de frades, e um de freiras. Este era de religiosas carmelitas, do titulo de Nossa Senhora da Conceição. Foi fundado em 1554, arrasado quasi totalmente em 1755, e reconstruido depois.

Os conventos de religiosos eram: o de S. Fran-

cisco, de franciscanos, edificado em 1560; o da Trindade, de trinos, fundado em 1599; e o de S. João de Deus, em que se estabelecera um hospital militar, levantado em 1696.

Os outros edificios religiosos são a casa da misericórdia, com seu hospital; a igreja de Santo Antonio, que é capella militar; e varias ermidas. O edificio outr'ora occupado pelo trem e igreja de Santa Barbara serve agora de quartel militar; e a antiga igreja de S. Braz, e a de Nossa Senhora do Porto Salvo, construída no seculo xvi por commerciantes italianos, que vieram estabelecer-se em Lagos, acham-se transformadas em armazens de arrecadação pertencentes ao quartel.

Conta a cidade quatro praças, e algumas ruas boas, porém as outras são estreitas e tortuosas, e todas mal calçadas. Um aqueducto, obra d'el-rei D. Manuel, que conduz boa copia d'agua do sitio do Paul, na extensão de quatrocentas e dez braças, abastece a povoação, e fornece commoda aguada aos navios. Para este fim tem um chafariz junto da Porta Nova e da muralha, que cae sobre o rio.

Lagos é praça d'armas. As suas primeiras fortificações datam do reinado de D. Affonso iv, ou talvez do tempo de el-rei D. Diniz. Constava de uma cêrca de muros com suas torres e portas. Nos fins do seculo xvi ou principio do xvii, edificou-se nova cêrca de muralhas, que ao presente se conserva, com oito portas e quatorze baluartes. Para o lado do rio tem as portas de *S. Gonçalo*, do *Caes*, de *S. Roque*, e *Nova*, e cinco reductos. Para o lado de terra tem as portas de *Portugal*, do *Postigo*, de *Quartos*, e da *Villa*, e nove baluartes.

Os suburbios de Lagos são apraziveis. Teem campos mui bem cultivados, muitos figueiraes, vinhas, hortas e pomares.

Lagos exporta cereaes e legumes, muitos figos, algum vinho, aguardente de figos, muito peixe salgado, azeite de oliveira e de peixe, e diversos productos fabris de obra de palma, e de fio de piteira. A agricultura tem tido ha annos bastante desinvolvimento, todavia as pescarias constituem o

principal ramo, talvez, da industria dos habitantes, e da riqueza publica. Empregam-se n'ellas muitas embarcações, e alguns centos de pescadores, que não se limitando ás costas do Algarve, demandam tambem as de Marrocos, notaveis pela sua producção. A pesca do atum é objecto de muita importancia.

A 12 de Outubro faz-se n'esta cidade uma feira annual. A população de Lagos sobe a oito mil e quatrocentos habitantes.

A CIDADE DE LAMEGO.

Está assentada esta cidade em lugar baixo, nas faldas do monte de Penude, que é continuação da serra da Estrella, e na margem da ribeira de Balsemão, que vae desaguar no Douro a uma legua d'ahi. Dista do Porto doze leguas, nove de Viseu, e vinte e duas de Coimbra. Em a nova divisão, que se fez do reino em 1833, ficou pertencendo á provincia do Douro. Anteriormente fazia parte da Beira Alta.

Não ha noticia certa sobre a fundação de Lamego. A origem grega, que lhe attribuem alguns escriptores nossos, autorisando-se com as palavras de Strabão, se não é uma fabula, pelo menos é muito duvidosa. E' certo, porém, que existia como cidade no tempo dos romanos, e que se chamava *Lameca*.

D'esta epoca poucas memorias se encontram d'esta povoação, o que prova ser então pequena. Todavia não era tão insignificante, que não se atrevesse a rebelar-se contra o dominio de Roma, governando o imperador Trajano, que bem caro lhe fez pagar o seu arrojo.

Depois da destruição do imperio romano, e da invasão dos povos do norte, é que principiou esta cidade a figurar mais alguma coisa, ou d'este tempo para cá é que começam a apparecer noticias d'ella mais positivas.

Achando-se pois sob a dominação dos suevos, foi erigida em sede episcopal no concilio Lucence, celebrado no anno de 510 da era christã (*). Este facto mostra exuberantemente, que n'essa epoca era Lamego uma cidade importante.

Governaram este bispado successivamente oito bispos até á entrada dos arabes na peninsula. Sub-

(*) Ha autores, que pretendem que já era sede episcopal muito anteriormente.

jeita a cidade ao jugo musulmano, fugiram a maior parte dos seus moradores e o seu bispo para as Asturias, onde o valor de Pelaio e de um punhado de esforçados companheiros tinham salvado as reliquias do imperio godo, lançando assim os fundamentos á monarchia dos reis de Leão.

Sendo Lamego capital, e côrte de um pequeno reino musulmano, foi tomada por D. Affonso III, rei de Leão, mas pouco depois caiu de novo em poder dos moiros.

No seculo XI foi reconquistada aos arabes por D. Fernando Magno, primeiro do nome, rei de Castella, achando-se n'esta empresa o celebre Ruy Dias de Bivar, mais conhecido na historia pelo titulo glorioso de *Cid Campeador*. Não são concordes os historiadores no anno d'esta victoria das armas christãs. A *Chronica dos godos* diz que teve lugar em 29 de Novembro de 1047. O historiador hespanhol Flores pretende, que foi em 1057. O que parece fora de duvida é que reinava então em Lamego um rei, ou regulo chamado Zadan Aben, e que D. Fernando Magno o deixou na posse do seu estado, contentando-se de o fazer seu tributario, provavelmente pela impossibilidade de assegurar aquella conquista.

No anno de 1102 ganhou o conde D. Henrique esta cidade á força d'armas; mas como o rei moiro Eicha se fizesse christão, não o despojou da corôa. Deu-se por satisfeito de que lhe rendesse vassalagem.

Não foi porém assim seu filho, D. Affonso Henriques, que, mais ambicioso de estender os seus dominios, reuniu aos seus estados o pequeno reino de Eicha Martin. A tradição, hoje muito contestada, diz que se reuniram em Lamego as côrtes, que pozeram a corôa de rei sobre a fronte do vencedor d'Ourique, e que constituiram Portugal em monarchia hereditaria, independente e livre.

As vicissitudes do tempo, e os desastres da guerra por vezes arruinaram e despovoaram esta cidade, sendo necessario em algumas d'essas vezes reedifical-a e povoal-a quasi inteiramente. Apesar

da sua posição pouco vantajosa para o commercio, floresceu pelo impulso da industria nos seculos xiv e xv. Algumas fabricas de diversos tecidos, e uma grande feira annual, a que concorriam muitos moiros de Granada com especiarias e fazendas do Oriente, de que se abastecia a maior parte do reino, faziam de Lamego uma cidade rica e importante. Porém todas estas vantagens veio a perder pela conquista de Granada, e expulsão dos moiros da peninsula, e pela descoberta da carreira da India. Despojada do seu pequeno emporio commercial, em breve caiu em decadencia a sua industria manufactora. A introdução de fazendas francezas e inglezas, que começou a tomar vulto na segunda metade do seculo xvi, acabou de lhe arruinar as fabricas.

Depois d'estes revezes esta cidade tem-se conservado quasi estacionaria. A prosperidade das vinhas do Douro trouxe-lhe, é verdade, augmento e riqueza; porém este beneficio não tardou a ser neutralisado pelas tristes consequencias das invasões estrangeiras, e das luctas civis, e tambem pela decadencia d'aquelle importante ramo da nossa industria agricola. Comtudo o melhoramento das vias de comunicação promete-lhe mais prosperidade no futuro.

Com a fé christã restabeleceu-se em Lamego a sua antiga sede episcopal, em que teem figurado muitos prelados distinctos em letras e virtudes. Deu-lhe foral com muitos privilegios el-rei D. João i.

Na velha monarchia gozava esta cidade da prerogativa de se fazer representar em côrtes por procuradores, que tomavam assento no segundo banco.

Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle em campo azul um castello de prata com tres torres sobre campo negro. Ao lado está uma arvore com pomos, que dizem chamar-se *Lamegueiro*; e na parte superior do escudo tem de um lado o sol, de oiro, e do outro a lua, de prata.

Este é o brasão tal qual se vê pintado em um livro das armas das cidades e villas de Portugal,

que se guarda na Torre do Tombo. Entretanto achamos uma variante em alguns autores, que põem uma estrella em vez de lua, e o escudo das quinas reaes por cima da fortaleza.

Divide-se a cidade em tres bairros. Um, que é o mais plano, e principal, chamado da *Praça*, compõe-se de uma praça, e uma comprida e larga rua, com suas travessas. Outro, que fica como uma península entre os dois ribeiros Balsemão e Fafel, comprehende a cathedral, e uma praça em que se levanta o paço do bispo. Chamam a este bairro o *Couto da Sé*. O terceiro bairro, que é em elevação, e se denomina do *Castello*, está no meio dos dois primeiros, e tem na parte mais alta o velho castello arruinado.

São duas as parochias: a sé, e a collegiada de Santa Maria de Almacave. Aquella é um bom templo de tres naves, de architectura gothica, com tres portas na frontaria, cada uma correspondente á sua nave. Foi edificado pelo conde D. Henrique no principio do seculo xii, e é um dos nossos antigos monumentos mais bem conservados, e onde melhor se pode estudar a architectura d'aquella epoca em Portugal; pois que, infelizmente, todos, ou quasi todos os outros edificios coevos com o nascimento da monarchia teem sido arruinados completamente pelos seculos, ou deturpados nas reedificações a ponto tal, que não ficaram, ou mal se vêem vestigios do typo primitivo.

Ha n'esta egreja alguns tumulos e sepulturas notaveis, de muita antiguidade. Na capella do Santissimo Sacramento, do lado da epistola, acha-se mettido na parede o sepulchro de D. Guiomar de Berredo, neta d'el-rei D. Affonso iii. No epitaphio diz neta de D. Affonso iv, mas é erro, comprovado por documentos, que existem no archivo da mesma sé. Junto á capella do Sacramento está outra, em que avultam as armas da familia Balsemão, e na qual estão sepultados alguns dos seus ascendentes, e entre elles em rico tumulo Alvaro Pinto da Fonseca, fidalgo da casa real, morgado de Balsemão, e fundador d'este jazigo.

Teve esta sé um precioso thesouro de reliquias, e de mui ricos vasos sagrados e alfaias; o qual desgraçadamente perdeu por occasião de um incendio, que devorou quasi toda a sacristia.

A egreja de Santa Maria de Almacave, segundo a tradição popular, foi a cathedral no tempo da monarchia dos reis suevos e godos; depois reduzida a mesquita pelos moiros, e finalmente consagrada outra vez ao culto christão sob a invocação da Virgem. O edificio é de architectura humilde e singela, como são, com raras excepções, os poucos monumentos, que nos restam d'essas remotas eras.

Ha mais na cidade a egreja da misericordia com o seu hospital; varias ermidas; o convento das Chagas de freiras franciscanas; e outro de recolhidas. Teve tres conventos de frades: um de capuchos, que foi outr'ora de templarios; outro de conegos seculares de S. João Evangelista; e o terceiro de eremitas de Santo Agostinho.

O paço do bispo é uma boa residencia com sua cêrca e jardim. O velho castello acha-se em grande ruina, mas ainda assim é um monumento respeitavel pela sua muita antiguidade, e tambem curioso pela sua estrutura. Na sua elevada torre de menagem mandou o conde de Marialva, D. Francisco Coutinho, abrir uma grande e bella janella de assentos. Indo el-rei D. João II a Lamego pouco depois de se concluir esta obra, perguntou-lhe o conde muito ufano o que lhe parecia aquella janella; mas em vez do elogio, que esperava, respondeu-lhe o monarcha: «Que mais sabia quem a abrir, que quem a mandou abrir.» Resposta certamente mui adequada, e que bem quadra aos nossos modernos innovadores, quando sem sciencia, nem consciencia deturpam e mascaram os monumentos antigos com remendos á moderna.

Conta-se tambem d'este soberano, que achando-se proximo a morrer na villa de Alvor, mandara chamar o bispo de Lamego, D. João Madureira Camello da Silva, que vivia vida desregrada, para lhe dizer que levava d'este mundo um grande arrependimento e desconsolo pelo ter nomeado bis-

po ; e rematando por lhe pedir, que ao menos lhe promettesse emenda.

Envergonhou-se e commoveu-se tanto o bispo com a reprehensão e pedido do rei moribundo, que lhe prometeu emendar-se, e assim o cumpriu, sendo d'ali em diante um prelado exemplarissimo. Em memoria d'este successo, apenas se recolheu á sua diocese, mandou tirar de cima do retabolo da capella-mór da sé, que era de talha doirada e obra sua, o escudo das suas armas, e no lugar d'elle fez collocar uma cruz com as insignias episcopaes, e por baixo duas mãos travadas uma da outra.

A vizinhança do rio Douro, e de um santuario grandioso, e muito venerado ; um terreno accidentado, onde os montes se erguem cobertos de bosques, e os valles bem cultivados, e sempre verdejando, graças á abundancia da agua, e á humidade que espalham amiudados nevoeiros ; todas estas circumstancias fazem formosos e pittorescos os suburbios de Lamego. E além d'isto são muito productivos, em vinhos especiaes, principalmente, em azeite, cereaes, legumes, frutas, linho, gados, e caça.

Fazem-se na cidade duas feiras annuaes, e mui concorridas, uma no primeiro dia de Março, e a outra a 3 de Maio. Lamego conta uns nove mil e trezentos habitantes. E' actualmente capital d'um districto, e como tal é sede d'um governador civil, e mais autoridades administrativas, de fazenda, e de justiça. Tem um lyceu, e um regimento de infantaria.

A CIDADE DE LEIRIA.

No tempo em que os romanos dominavam na Lusitania havia n'este paiz uma cidade chamada *Collipo*, da qual Plinio faz menção. Não são concordes os escriptores sobre a situação exacta d'esta cidade. O nosso antiquario, Gaspar Barreiros, pretende que existiu em um logar proximo d'ali, chamado agora S. Sebastião, fundando-se nas muitas ruinas de edificios antigos, que se ahi viam no seu tempo; e diz mais, que com os materiaes da arruinada *Collipo* se edificou a actual cidade de Leiria.

Outros autores seguem opiniação diversa, mas com fundamentos não menos problematicos. D. Luiz Caetano de Lima, diz na sua *Geographia Historica*: — «A fundação d'esta cidade (Leiria), deixando as fabulas que escrevem alguns autores, teve principio pelo seu castello, o qual edificou el-rei D. Affonso Henriques, antes que ali houvesse alguma outra povoação, pelos annos de 1135, afim de reprimir os moiros de Santarem, e de outras terras, e de facilitar a conquista da Extremadura.»

Algumas inscripções romanas em marmore branco e vermelho, consagradas a memorias funebres, e achadas junto d'este castello, provam, que n'aquelle sitio, ou proximo d'elle existiu com effeito uma povoação na epoca do dominio romano. Seja porém como fôr, o que parece fora de duvida é que quando D. Affonso Henriques fundou o castello não havia junto d'elle povoação alguma.

Cinco annos depois da fundação da fortaleza, andando D. Affonso Henriques todo occupado na guerra, que lhe movia seu primo, D. Affonso VII, rei de Leão, vieram os moiros, capitaneados pelo seu rei Ismar, sobre aquelle castello, que conseguiram tomar, apezar da porfiosa resistencia, que lhes fez o alcaide D. Paio Guterres, e os seus. Logo, porém, que o monarcha portuguez se viu desemba-

raçado dos cuidados d'aquella campanha, voltou as suas armas contra os infieis, e veio pôr cerco ao castello de Leiria, em 1141 ou 1142.

Refere a lenda, que achando-se acampado o exercito christão sobre uma eminencia visinha, á qual ainda hoje chamam o Cabeço d'el-rei, apparecera em cima de um grande pinheiro, que se erguia entre o arrayal e o castello, um corvo, que não cessava de bater as azas e grasnar. Ordenado o assalto, redobrou por tal modo o corvo os seus movimentos e gritos, que os portuguezes, tomando isto por um feliz agoiro, investiram a fortaleza com tão incrível valor e confiança, que apesar de bem defendida, assenhorearam-se d'ella em breves momentos. E em memoria d'este successo veio a tomar Leiria por brasão d'armas em escudo de prata coroadado um castello sobre campo verde, collocado entre dois pinheiros, cada um com o seu corvo em cima; e na parte superior do escudo duas estrellas de oiro.

A descripção d'este brasão é como se acha na Torre do Tombo; entretanto ha outra versão que dá só um pinheiro com um corvo em cima.

Correndo o anno de 1195, tendo já fallecido o nosso primeiro rei, tornaram os moiros a ganhar o castello, e a povoação, que junto d'elle se fôra edificando. Mas pouco lhe durou esta posse, porque el-rei D. Sancho I logo o resgatou, e d'esta vez ficou assegurado o seu dominio na corôa de Portugal.

Por esta occasião o mesmo soberano, querendo dar impulso á povoação, e attrahir-lhe moradores, concedeu-lhe foral de villa com grandes privilegios aos 13 d'Abril d'esse anno de 1195.

Por duas vezes se reuniram côrtes em Leiria: no reinado de D. Affonso III em 1254; e no de D. Duarte em 1437. Estas ultimas foram convocadas para se tratar dos meios de libertar o infante D. Fernando, então captivo em Fez.

Serviu por vezes Leiria de residencia a alguns dos nossos soberanos e principes; porém el-rei D. Diniz foi o que maior assistencia ahi teve com a

rainha Santa Isabel, sua mulher, a quem fez doação do senhorio d'esta terra. Foi este monarcha, que tanto favoreceu a agricultura, quem mandou semear o grande pinhal de Leiria, que é hoje a principal floresta do paiz, e que constitue um importante ramo da riqueza publica.

Por morte da rainha Santa Isabel tornou a villa a encorporar-se na corôa. El-rei D. Fernando deu-a, primeiramente á rainha D. Leonor Telles, sua mulher, e depois ao seu cunhado o conde D. Gonçalo; porém o mestre d'Aviz, subindo ao throno, revogou a doação, e d'ahi por diante não se alienou mais do patrimonio real.

No proprio seculo xv, em que se inventou a sublime arte typographica, coube a Leiria a gloria de possuir a primeira imprensa, que se estabeleceu em Portugal, e segundo parece com muito bons fundamentos a primeira tambem, que appareceu em toda a peninsula.

El-rei D. João III elevou Leiria á cathegoria de cidade, e depois á de sede episcopal por bulla, que alcançou do papa Paulo III no anno de 1545.

Na velha monarchia tinha Leiria voto em côrtes com assento no banco terceiro. Foram seus alcaides-môres os marquezes de Villa Real, os quaes tinham aposentos dentro do castello, além de umas casas proximas do rio.

Acha-se edificada esta cidade junto á falda de leste do monte do castello, em uma planicie cortada pelos pequenos rios Liz e Lena, dos quaes, ao que parece com mais probabilidade, lhe veio o nome de Leiria. Dista de Lisboa vinte e duas leguas, para o norte, doze de Coimbra, e quatro do oceano, no sitio em que os dois rios já unidos se lançam no mar.

Divide-se a cidade em duas parochias: a sé, e S. Pedro. A primeira, consagrada como todas as cathedraes do reino á Assumpção de Nossa Senhora, é um bom templo de tres naves, construido desde os alicerces pelo segundo bispo d'esta diocese, D. fr. Gaspar do Casal, que lançou a primeira pedra no dia 11 de Agosto de 1559, como cons-

ta da inscripção, que se vê na frontaria da egreja. Está situada junto ao monte do castello, e contigua ao paço episcopal.

Anteriormente a esta fundação servia de sé a egreja de Nossa Senhora da Penha de França, edificada dentro do castello por D. Affonso Henriques, e reconstruida por el-rei D. Diniz. Era um pequeno templo, ao presente arruinado.

O palacio do bispo está, como dissemos, contiguo á sé, mas em terreno um pouco mais alto, que faz parte do monte do castello. E' um edificio não muito vasto, e de modesta architectura, com a sua cêrca, e jardim.

O seminario episcopal foi fundado por D. frei Gaspar do Casal, logo depois de chegar do concilio de Trento em 1563.

Reconstruiu-o na segunda metade do seculo xvii D. Pedro Vieira da Silva, que tendo sido casado com D. Leonor de Noronha, e servido logares importantes, como secretario d'estado dos reis D. João iv, D. Affonso vi, e D. Pedro ii, em quanto principe regente, e plenipotenciario no ajuste da paz entre Portugal e a Hespanha no anno de 1668, depois de enviuar tomou ordens sacras, e foi creado bispo de Leiria.

Os outros edificios religiosos são: a egreja e hospital da misericordia; o convento de Santa Anna, de freiras dominicas, fundado em 1494 por D. Catharina de Castro, filha de D. Fernando i, segundo duque de Bragança, e no qual existem actualmente umas nove ou dez religiosas; e varias ermidas.

Houve n'esta cidade quatro conventos de frades, cujos edificios existem apropriados a diversos usos; e chamavam-se S. Francisco, que foi de religiosos observantes, cuja primeira fabrica foi obra d'el-rei D. João i no anno de 1384, em agradecimento de ter podido casar com a rainha D. Filippa, não obstante ser cavalleiro professo na ordem d'Aviz; o de Santo Agostinho, de eremitas do mesmo santo; o de Santo Antonio, de capuchos arrabidos, construido pelo bispo D. Pedro Vieira da Silva; e

em tempos remotos teve dentro do castello um convento de conegos regrantes, que se arruinou.

O castello, fundado sobre uns penhascos, que para o lado do norte são escarpados, acha-se em grande ruina ; mas ainda assim apresenta uma vista pittoresca a quem o vê da alameda. Ainda se mostram dentro d'elle os restos do paço d'el-rei D. Diniz e de Santa Isabel.

A parte da cidade, que se estende ao longo de um vasto campo ou Rocio, que a separa do rio Liz, é alegre e bonita. O resto é uma rede de ruas estreitas, tortuosas, e immundas, com pequenos largos, tudo guarnecido de casas altas, entre as quaes se vêem algumas de boa apparencia. A casa da camara nada tem de notavel.

Na extremidade do sul d'aquelle espaçoso campo erguem-se a cathedral, logo acima o paço do bispo, e o castello. No lado do poente avulta o quartel militar, outr'ora convento, e que é actualmente, depois dos melhoramentos e alindamentos, que se lhe teem feito, um bello edificio, que muito adorna o Rocio. Está construido em terreno um pouco mais elevado, que o resto do campo, o que o faz sobresair. Costuma estar occupado por um batalhão de caçadores.

O Liz corre pelo lado do sul d'este quartel, e proximo d'elle, entre muralhas bem construidas, que o encanam. De uma parte vae-o acompanhando um caminho, e da outra uma comprida e formosa alameda, de grandes arvores, com assentos de espaço a espaço sobre o rio, e communicando-se com a outra margem por duas pontes, uma no centro, e outra no fim. A' entrada da alameda, e já no campo, está uma boa ponte de pedra, além da qual ha no mesmo campo ou Rocio mais duas, sendo a de S. Martinho uma das entradas da cidade.

Quatro fontes abastecem d'agua os habitantes. A chamada — os *Olhos de Pedro* tem a singularidade, sendo duas nascentes, que rebentam da mesma penha, de ser fria a agua de uma nascente, e tepida a da outra.

Tem Leiria bonitos arrabaldes, principalmente todo o valle regado pelos rios Liz e Lena, que é fertil e bem cultivado. Ha n'elles diversas ermidas e capellas, das quaes a principal é a de Nossa Senhora da Encarnação, fundada sobre uma pequena eminencia por meio de esmolos tanto do povo da cidade, como do de fora, que ali concorria, e ainda concorre, em grandes romarias, por ser este santuario de muita devoção em todos aquelles arredores.

A pouca distancia da cidade está o celebre pinhal de D. Diniz. Tem quatro leguas de comprimento, e corre ao longo da costa do oceano. Na sua administração, que se acha mui bem organizada, emprega-se bastante gente. Ha ahi uma fabrica do estado para a extracção do alcatrão e outras substancias dos pinheiros. Modernamente tem-se feito n'este pinhal muitas sementeiras do *pinus larix*, e de outras variedades do norte da Europa, de grande estimação pela boa qualidade das madeiras.

A uma legua de Leiria encontra-se a importante fabrica de vidros da Marinha Grande. O edificio é do estado, que dá por arrematação a longos periodos a laboração da fabrica. Dá occupação a consideravel numero de braços, e o actual arrematante tem levado os seus variados productos a bastante perfeição. A Marinha Grande é uma povoação de mil e trezentas almas.

O termo de Leiria produz abundancia de cereaes, legumes, frutas, vinho, e algum azeite. Cria-se n'elle bastante gado, e muita caça. Encerra importantes jazidos de carvão de pedra e de ferro, para a exploração dos quaes se organisou uma companhia, que ainda não encetou os seus trabalhos por se ter recusado o governo a satisfazer-lhe certas exigencias.

No mesmo termo, não a muita distancia da cidade, descobriu-se ha poucos annos um edificio romano, que estava soterrado, d'onde se tiraram alguns quadros de mosaico, muito bem conservado.

A 29 de Março faz-se annualmente uma feira no grande Rocio da cidade, de muito movimento commercial, e mui concorrida de generos, de gado, e de povo das provincias da Extremadura e da Beira. No mesmo Rocio se faz a exposição geral de gado, das differentes especies, que costuma ter logar todos os annos nas capitaes dos districtos, distribuindo-se por essa occasião premios aos creadores das raças mais apuradas.

Leiria conta uns dois mil e seiscentos habitantes. Como capital de um districto administrativo, do seu nome, é sede de um governador civil, e mais autoridades administrativas, de justiça, e fiscaes; de uma junta de districto; de um lyceu, etc.

A bella estrada macdamisada, que presentemente liga esta cidade com Lisboa, Coimbra, e Porto; o estabelecimento das carruagens malas-postas, que n'ella transitam diariamente, e cujo serviço se acha o melhor possível; e a estrada, que está em construcção do pinhal para o proximo porto de S. Martinho, sobre o oceano, deverão sem duvida fazer prosperar Leiria, e muito mais se fôr por diante a empresa de mineração, a que alludimos.

Foi natural d'esta cidade o cardeal patriarcha de Lisboa, D. fr. Patricio da Silva; e n'ella foi creado o primeiro duque de Bragança, D. Affonso, que nasceu no castello de Veiros, no Alemtejo, e que foi filho bastardo d'ei-rei D. João I.

A VILLA DE LINHARES.

Na provincia da Beira Alta, quatro leguas a oeste da cidade da Guarda, está a villa de Linhares assentada nas faldas da serra da Estrella, mas em terreno bastante elevado.

Um dos nossos escriptores, que mais se deram ao estudo das antiguidades patrias, posto que acceitasse com pouco exame, e menos escrupulo todas e quaesquer opiniões; o padre Carvalho, na sua *Corographia Portugueza*, diz que esta povoação foi fundada pelos turdulos quinhentos e oitenta annos antes do nascimento de Christo, e que se chamara *Lenio* ou *Leniobriga*, corrupto hoje em Linhares. Avança mais, que no tempo dos godos foi cidade episcopal; que se arruinou depois, e que el-rei D. Affonso III de Leão a mandou reedificar pelos annos de 900.

Entretanto, sem que hajam fundamentos plausiveis para se ajuizar da sua fundação, ou pelo menos d'essa remota antiguidade, que o referido autor lhe attribue, é certo que é uma povoação antiga, pois lhe deu foral el-rei D. Affonso Henriques, e parece que a fez povoar de novo.

Quando o nosso rei D. Fernando casou a sua filha legitimada, D. Isabel, com D. Affonso Henriques de Castella, conde de Gijon, filho natural de D. Henrique II, rei de Castella, deu-lhe em dote a villa de Linhares, que tornou poucos annos depois para a corôa.

El-rei D. João III por carta regia de 13 de Maio de 1532 fez conde de Linhares a D. Antonio de Noronha, filho segundo do primeiro marquez de Villa Real, e que tambem foi alcaide-mór de Linhares, além de outros senhorios e empregos, que teve.

Acabando este titulo pela extincção d'esta familia, o principe regente, D. João, mais tarde sexto do nome entre os nossos reis, renovou o titulo de conde de Linhares na pessoa de D. Rodrigo de Sou-

sa Coutinho, conselheiro d'estado, e seu ministro d'estado dos negocios estrangeiros e da guerra. Hoje é seu neto o terceiro conde.

Tem esta villa por brasão d'armas um escudo com uma meia lua e cinco estrellas. Se se der credito á lenda popular, teve este brasão a seguinte origem. Correndo o anno de 1189 entraram pela provincia da Beira tropas leonezas e castelhanas, roubando e devastando as terras por onde passavam. Como se dirigissem sobre o castello de Celorico, que, sendo a principal fortaleza d'aquelles contornos, se acaso fosse tomada, ficariam todos aquelles povos inteiramente á mercê do inimigo, resolveram os moradores de Linhares ir em auxilio dos seus irmãos de Celorico. Chegou o soccorro muito a proposito, porque tambem acabavam de chegar os invasores ás proximidades do castello. Animados os da fortaleza com o inesperado reforço, e impacientes por tirar vingança de tantos danos e affrontas, não quizeram esperar pelo accommettimento do inimigo. Sairam a campo n'essa mesma noite, e com tão grande denodo se houveram, e tal foi a sua fortuna, que pozeram os adversarios em completo destroço, fugindo covardemente, e deixando no arrayal todas as bagagens, e avultado numero de mortos e prisioneiros. Em memoria de tão assignalada façanha tomaram os vencedores para brasão d'armas das suas respectivas villas de Celorico e de Linhares um escudo com a meia lua e cinco estrellas, porque as estrellas e a lua no seu crescente, allumiando-lhe o caminho, os ajudaram a ganhar a victoria.

E' Linhares uma pequena villa, que apenas conta um milhar de habitantes. Tem uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora da Conceição; casa da misericórdia e hospital, e diversas ermidas. Ainda conserva o seu antigo castello, com duas torres, e duas portas, edificado sobre altos rochedos.

Tanto a villa como os arrabaldes são abastecidos de muita e excellente agua, pois que na primeira, além de varias fontes particulares, ha quatro chafarizes, um dos quaes é de boa architectu-

ra, e uma levada d'agua, que pode lavar todas as ruas, e que rega no verão muitas fazendas dos suburbios. São estes bastante arborisados. Só um souto de bellas arvores, que é da camara, tem uma legua de comprimento, e meia de largura.

O clima é mui frio, mas muito saudavel. O termo produz cereaes, vinho, algum azeite, e boas frutas. Cria-se n'elle bastante gado de differentes especies, e muita variedade de caça.

A CIDADE DE LISBOA.

Como acontece a todas as cidades de origem antiquissima, a historia da fundação de Lisboa e dos seus primeiros tempos anda involvida em mil fabulas. Umas dão-lhe Ulysses por fundador, o celebre capitão grego, dizendo que do seu nome veio á cidade o de *Ulyssipo*, depois corrupto em *Olisipo*. Outras contam, que a fundou um companheiro do deus Baccho, chamado Luso, e que d'aquí tirou o paiz a denominação de *Lusitania*, e os habitantes a de *lusos*. Outras, ainda, attribuem a sua origem a Elisa, bisneto de Noé.

O que de tudo isto se pode colligir com boa razão, é que a antiguidade d'esta nobre povoação é tal, que, havendo memorias suas anteriores á era christã, ainda assim se esconde a sua origem nas trevas dos tempos.

Tomando, pois, para ponto de partida uma epoca conhecida, tanto por noticias historicas de todo o credito, como por monumentos, diremos, que Julio Cezar, que morreu quarenta e cinco annos antes do nascimento de Jesus Christo, por honrar Lisboa, que então se chamava *Olisipo*, deu-lhe o nome de *Felicitas Julia*, que queria dizer *felicidade de Julio*, e concedeu-lhe o fôro de municipio romano. Aquella honra e este privilegio de que os romanos eram muito avaros, provam de sobejo a importancia e grandeza, de que já n'esse tempo gozava esta nossa cidade.

Como os limites, que nos impozemos n'este trabalho, não nos permitem fazer nem mesmo o esboço da historia de Lisboa, referiremos tamsómente os principaes successos, de que tem sido theatro.

Depois de um longo periodo de subjeição aos romanos, destruido o imperio d'estes dominadores do mundo pelos barbaros do norte, foi Lisboa presa a seu turno dos mesmos barbaros. Ao principio passou de novos a novos senhores, até que os visigo-

dos n'ella fixaram o seu dominio, que durou tres seculos, acabando no anno de 714 pela perda da batalha de Guadalete, que os moiros ganharam, assenhoreando-se em breve espaço de toda a peninsula.

Esta invasão foi mais fatal a Lisboa, que as dos povos do norte, não só porque os moiros involve-ram na sua furia e vingança os habitantes e os edificios, mas tambem porque este novo dominio, dando causa a uma guerra de exterminio entre o islamismo e o christianismo, expoz a nossa cidade aos horrores e estragos de varios assedios e conquistas.

Tomada d'assalto no fim do seculo viii, ou principio do ix por D. Affonso o Casto, rei da Galliza e das Asturias; reconquistada pelos arabes no anno de 811; novamente entrada e saqueada em 854 por D. Ordonho iii, rei de Leão; outra vez recuperada pelos sarracenos; ganha de novo no anno de 1093 por D. Affonso vi, rei de Leão, e Castella; passado pouco tempo tornada á subjeição musulmana; foi resgatada, emfim, para a fé christã, e d'esta vez para sempre até nossos dias, por D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no dia 21 de Outubro de 1147, depois de um cerco de cinco mezes.

Na segunda metade do seculo xiii estabeleceu a sua residencia em Lisboa el-rei D. Affonso iii, tendo sido Coimbra a cõrte dos quatro primeiros soberanos. N'esse mesmo seculo, correndo o anno de 1288, teve lugar a fundação da universidade de Lisboa por el-rei D. Diniz, que foi o primeiro monarcha nascido n'esta cidade.

No anno de 1356, reinando D. Affonso iv, padeceu esta cidade um grande terremoto, que lhe causou consideraveis estragos, arruinando a capella-mór da sé. Porém dezeseite annos depois, em 1373, sendo rei D. Fernando i, sobreveiu-lhe maior calamidade, por causa da guerra, que se accendeu entre Portugal e Castella. Posta em apertado sitio por um numeroso exercito castelhano, experimentou muita variedade de horrores, sendo um d'elles

o incendio dos seus arrabaldes. Em Dezembro de 1383, por occasião da morte d'el-rei D. Fernando, rehentaram na cidade graves desordens e tumultos por motivo da successão da corôa, assassinando o mestre d'Aviz ao conde João Fernandes Andeiro, castelhano, nos paços reaes da Moeda, hoje cadêa do Limoeiro, no dia 3 d'aquelle mez. E no anno seguinte veio el-rei D. João 1 de Castella, que se intitulava rei de Portugal por sua mulher a rainha D. Beatriz, filha unica do nosso fallecido rei D. Fernando, pôr cêrco a Lisboa por mar e por terra com grande poder. Durou o cêrco cinco mezes, no fim dos quaes se retirou o inimigo, depois de muitos combates e oppressão, de que ficaram como tristes vestigios muitas ruinas nos edificios da cidade, e nas embarcações do Tejo.

O seculo xv foi mais propicio para Lisboa, cuja grandeza e prosperidade muito deveram aos acontecimentos extraordinarios, que n'elle tiveram logar. Em 23 de Julho de 1415 largou do Tejo a poderosa armada, que conduziu el-rei D. João 1 e os infantes, seus filhos, á conquista de Ceuta, que foi a pedra fundamental do poder de Portugal na Africa, e o preludio de mais longinquas navegações e de mais largas conquistas. E no decurso d'esse mesmo seculo viu Lisboa partir do seu magnifico porto as armadas, que conquistaram Arzila, Tanger, Alcacer Ceguer, Azamor, Çafim, e outras terras africanas, e as que descobriram as nossas ilhas da Madeira, e Porto Santo, Açores, Cabo Verde, e outras, toda a costa d'Africa, occidental e oriental, e emfim a India e o Brazil. A instituição da irmandade da misericordia na capella de Nossa Senhora da Terra Solta, na sé, correndo o anno de 1498, foi sem duvida um digno remate para este seculo, tão glorioso para Portugal. Todavia n'elle padeceu Lisboa o terrivel açoite da peste.

No seculo seguinte experimentou Lisboa, e todo o reino, as mais oppostas vicissitudes da sorte. O seu primeiro quartel, apezar dos motins e matança dos judeus, que horrorisaram esta cidade em 1506, foi todo de gloria para as armas, de riqueza para

o thesouro, de poderio para o soberano, de lustre para as letras, de esplendor para as artes, e de prosperidade para o commercio. Lisboa viu-se o emporio commercial de todo o mundo. Abrangeu quasi todo este periodo no seu reinado el-rei D. Manuel, que por tantas felicidades mereceu o epitheto de *Afortunado*.

No segundo quartel começou a decadencia da monarchia, apesar do brilho com que as suas armas ainda continuavam a resplandecer na India. Estabeleceu-se o tribunal da inquisição, que tão nefasto foi a Lisboa e a toda a monarchia. Introduziram-se os jesuitas, que trouxeram ao paiz muitos beneficios involtos em muitos males. Ateou-se de novo a peste que absorveu milhares de vidas; e sobreveiu a Lisboa um terremoto no dia 7 de Janeiro de 1531, que causou lamentaveis estragos.

Os dois ultimos quartéis do seculo foram para o reino, e mais ainda para a capital, uma epoca de continuadas calamidades. Um terremoto em 28 de Janeiro de 1551; a grande peste, que em 1569 assolou Lisboa e o paiz; a perda d'el-rei D. Sebastião em Africa no anno de 1578; a morte successiva de todos os membros da familia real, até á do cardeal rei em 1580; a invasão dos castelhanos; o desbarate do exercito de D. Antonio, prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz, e pretendente á corôa, em Alcantara, junto a Lisboa; e em fim a usurpação de Filippe II, tudo n'esse mesmo anno; a destruição, no meio de um grande temporal, da *invencivel armada*, que saiu do Tejo contra a Inglaterra em 30 de Maio de 1588, e na qual se perderam muitas embarcações, e muitissimas vidas de portuguezes; e finalmente a subversão de uma parte do monte de Santa Catharina, com tres ruas cheias de casaria, que se sepultaram nas ondas do Tejo na noite de 22 de Julho de 1597; taes foram os lamentaveis successos, que constituem, em breve epilogo, a historia de Lisboa na segunda metade do seculo XVI.

A vinda a Lisboa de Filippe III de Hespanha, e

familia real ; as festas da sua entrada na cidade ; as côrtes para o reconhecimento do principe, seu filho ; os excessivos rigores da oppressão castelhana ; a gloriosa revolução do primeiro de Dezembro de 1640, que poz a corôa sobre a fronte de D. João iv ; a conjuração do duque de Caminha, marquez de Villa Real, arcebispo de Braga, e outros em favor de Hespanha, descoberta, e castigada com a prisão perpetua do arcebispo, e com a morte dos seus complices na praça do Rocio em 29 d'Agosto de 1641 ; a tentativa de assassinio contra D. João iv em 1647 ; a heroica lucta travada com a Hespanha em sustentação da nossa independencia, e proseguindo com felicidade até ao cabo ; as intrigas, escandalos, e desordens, que se passaram na capital desde o começo do reinado do infeliz D. Affonso vi, até á sua prisão e deposição em Novembro de 1667 ; foram os mais notaveis acontecimentos do seculo xvii.

O seguinte principiou por accender na Europa a guerra chamada da successão de Hespanha, em que D. Pedro ii de Portugal se envolveu, tomando o partido do archiduque d'Austria, Carlos, que mais tarde occupou o throno imperial da Alemanha com o nome de Carlos vi.

A 9 de Março de 1704 desembarcou em o Terreiro do Paço este principe, intitulado-se Carlos iii, rei de Hespanha. Depois de alguma demora na cidade, partiu com o exercito alliado, portuguez e inglez, a invadir o paiz vizinho, e sustentar os seus direitos. N'esta lucta chegou o nosso exercito, commandado pelo marquez das Minas, a tomar Madrid, e ahí fazer acclamar aquelle principe.

No anno de 1709 teve logar no Terreiro do Paço a ascensão de um balão aerostatico, pelo padre Bartholomeu de Gusmão : e foi esta a primeira experiencia, que se fez na Europa, pois precedeu setenta e quatro annos a que fizeram em França pela primeira vez, em 5 de Junho de 1783, os irmãos Montgolfier, que são reputados os autores d'esta invenção.

A descoberta e exploração das minas d'ouro e de

brilhantes no Brazil trouxeram a Portugal, e Lisboa principalmente, uma nova era de prosperidade, grandeza, e fausto. Durante o longo reinado de D. João v, desde 1707 até 1750, viu esta cidade alargar-se o seu ambito; erguerem-se grandes edificios, do estado, e religiosos; erigir-se a patriarchal; crearem-se academias, e aulas publicas; povoar-se o Tejo de embarcações de guerra, e sair da sua foz uma forte esquadra em defesa da Italia, e contra a Turquia.

Todavia para que não deixasse de haver sombras n'este quadro de tão brilhantes côres, rebentou em Lisboa no anno de 1723 a terrivel epidemia da febre amarella, que fez innumeraveis victimas. Alguns incendios consideraveis vieram tambem n'aquelle periodo affligir a cidade.

O reinado d'el-rei D. José i, de 1750 a 1777, é a mais memoravel epoca dos fastos de Lisboa, por que n'esse tempo tiveram logar a sua maior desgraça, e o seu maior esplendor. Aos impulsos da terra, ao embate do mar, e á voracidade das chamas, derrocou-se, alluiu-se, e abraçou-se a maior e melhor parte da cidade no fatal dia primeiro de Novembro de 1753. Ao aceno d'el-rei D. José, auxiliado pelo genio assombroso do seu grande ministro, o marquez de Pombal, levantou-se Lisboa do seu tumulto formosa e grandiosa, como nunca o fôra.

N'essa epoca de illustradas reformas em todos os ramos da administração publica, e de importantes melhoramentos em todas as condições da vida economica da cidade, os outros successos mais notaveis foram: o attentado contra a vida d'el-rei D. José em 3 de Setembro de 1758; a execução, na praça de Belem, do duque d'Aveiro, do marquez e marqueza de Tavora, e outros complices n'aquelle crime, em 13 de Janeiro de 1759; a expulsão dos jesuitas n'esse mesmo anno; e as festas magnificas pela inauguração da estatua equestre d'el-rei D. José em Junho de 1775.

No ultimo quartel do seculo xviii engrandeceu-se a cidade com algumas construcções grandiosas, taes

como a basilica do Santissimo Coração de Jesus, e a Cordoaria; principiou-se o novo palacio real d'Ajuda, no mesmo sitio em que acabava de arder uma grande parte do palacio velho; projectaram-se e começaram-se outras grandes obras, que não se concluíram; instituiu-se a academia real das sciencias, a bibliotheca publica, e a casa pia; tudo fundação da rainha D. Maria I. Visitaram Lisboa, e residiram aqui por algum tempo o principe de Gales, depois Jorge IV, e outros principes seus irmãos, duas princezas marroquinas, e um outro principe africano.

No seculo actual tem sido Lisboa theatro de muitos e mui graves acontecimentos, taes como: a partida da familia real para o Brazil em 29 de Novembro de 1807, acompanhada de uma grande parte da nobreza, elevando immensos capitaes; a entrada do exercito francez logo no dia seguinte; o seu embarque precipitado d'ahi a nove mezes; a execução dos primeiros martyres da liberdade em 1817, no campo de Santa Anna, e junto á torre de S. Julião da Barra; a revolução de 1820, que proclamou a monarchia constitucional; o regresso d'el-rei D. João VI e sua familia em 1821; a contrarevolução, que restabeleceu o poder absoluto em 1823; as festas e regosijos em Julho de 1826 pelo juramento da Carta Constitucional, outorgada por el-rei D. Pedro IV na sua elevação ao throno portuguez; a guerra civil entre os partidos liberal e absolutista, que produziram a usurpação da corôa da senhora D. Maria II, em 1828, e a sua restauração em 1833, na qual obraram prodigios de valor os defensores dos seus direitos, capitaneados por seu augusto pae, o immortal duque de Bragança, ex-imperador do Brazil e rei de Portugal; e as luctas sangrentas entre as fracções do partido liberal até ao começo do reinado d'el-rei, o senhor D. Pedro V.

N'este periodo foi assolada por tres mortiferas epidemias: a cholera morbus em 1833 e 1856, e a febre amarella em 1857.

Todavia, apesar de tantos infortunios e contrariedades, o seu engrandecimento e aformoseamento teem

sido tão progressivos e maravilhosos desde que se restaurou a liberdade em 1833, que se pode dizer sem receio, que operaram uma completa transformação n'esta cidade. Fariamos uma longa resenha, se houvessemos de enumerar todos os melhoramentos moraes e materiaes com que a teem dotado, o governo por meio de varias reformas illustradas, e as suas camaras municipaes por via de incessantes esforços patrioticos no desempenho de suas arduas funcções. A sua situação geographica e o impulso natural da civilisação europea preparam-lhe um futuro brilhantissimo.

N'este periodo, de 1833 para cá, Lisboa tem sido visitada de muitos principes e princezas das principaes familias soberanas. Especialisaremos os seguintes: a rainha Adelaide, viuva de Guilherme iv d'Inglaterra; a rainha Christina, mãe da rainha Isabel de Hespanha; o duque soberano de Saxe-Coburgo; o duque Fernando pae d'el-rei o senhor D. Fernando, e os seus filhos, os principes Augusto, e Leopoldo; a princeza Clementina, filha do rei Luiz Filippe; o principe e princeza de Joinville; o duque e duqueza de Nemours; o duque d'Aumale; o duque de Montpensier, e sua esposa a infanta D. Maria Luiza, irmã da rainha de Hespanha; o archiduque Maximiliano, irmão do imperador d'Austria; o grã-duque Constantino, irmão do imperador da Russia; o principe Adalberto, irmão do rei de Baviera; o principe de Galles, e o principe Alfredo, filhos da rainha Victoria; o duque de Cambridge, primo d'esta soberana; o conde de Paris, neto do defunto rei Luiz Filippe; o principe d'Orange, filho herdeiro do rei de Hollanda; o principe Guilherme da Prussia, sobrinho do rei d'este estado; Ibrahim-Pachá, filho de Mehemet-Ali, vice-rei do Egypto; o principe Leopoldo de Sigmaringen etc.

No antigo regimen Lisboa gozava de voto em côrtes, com assento no primeiro banco. Tem por brasão um escudo coroadado, e n'elle uma nau com um corvo á pôpa, e outro á prôa; o qual lhe foi dado por D. Affonso Henriques, em memoria do na-

vio, com os dois corvos, que no seu tempo transportou a esta cidade o corpo de S. Vicente, encontrado no cabo d'este nome, no reino do Algarve.

Lisboa está situada sobre a margem direita do Tejo, a duas leguas da sua foz, que tanta distancia vae d'ahi até Belem, onde principia a erguer-se a cidade. Conta perto de duas leguas de extensão, de este a oeste desde Belem até Xabregas; e meia legua de largura de norte a sul desde o Tejo até ás barreiras de Campolide.

A sua situação é summamente aprazivel, e o seu clima dos mais temperados e beneficos da Europa. Sentada em magestoso amphitheatro sobre varias collinas, que ostentam como em exposição artistica templos, palacios, e jardins; banhada pelas aguas do Tejo, que, misturando-se com as do oceano, formam diante da cidade um vasto golpho, sulcado continuamente por tanta infinidade e variedade de embarcações nacionaes, e das diversas potencias europeas; precedida e seguida á beiramar de lindos arrabaldes, onde avultam formosos monumentos d'eras afortunadas, bellas quintas e casas de campo; Lisboa offerece aos viajantes, que demandam o seu porto, um dos mais grandiosos e encantadores panoramas, que se encontram em todo o globo. Na belleza e magestade da sua perspectiva rivalisa com a cidade de Constantinopola, e sobreleva, sem duvida, a Genova e a Napoles, segundo a opinião competente e imparcial de muitos viajantes instruidos, dos quaes apenas citaremos Byron.

O seu porto é um dos mais amplos e seguros do mundo; e hoje, attenta a crescente prosperidade do Brazil, e o começo do desinvolvimento da Africa occidental, é o mais adaptado para um grande emporio commercial, que certamente se estabelecerá logo que um caminho de ferro, secundado pela telegraphia electrica, nos ponha em immediata communicação com toda a Europa. Desde a barra até á praça do Commercio a sua largura regula por meia legua. Depois forma uma grande bacia, ou reconcavo, na parte do sul, que lhe dá duas leguas de largo entre o arsenal do exercito e a villa do

Barreiro, e tres leguas entre Braço de Prata, arrabalde oriental da cidade, e a villa d'Aldêa Gallega.

A barra é defendida pelas fortalezas de *S. Julião*, e de *S. Lourenço* ou do *Bugio*, edificadas em frente uma da outra, mediando um espaço de mais de uma milha. A primeira foi começada por el-rei D. João III, continuada por D. Sebastião, e cardeal rei D. Henrique, e terminada por Philippe II d'Uespanha; e a segunda teve principio no governo de D. Sebastião, e concluiu-se durante a usurpação castelhana.

Varios fortes, construidos em differentes epocas, guarnecem as duas margens do Tejo desde a sua foz até á cidade. Anteriormente á fundação d'aquellas fortalezas a defesa do porto de Lisboa estava confiada á torre de *S. Sebastião de Caparica*, vulgarmente chamada *Torre Velha*, e á torre de *S. Vicente de Belem*, que cruzavam as balas da sua artilharia. Aquella, reconstruida por el-rei D. Sebastião, mas cuja primeira fabrica foi obra de D. João I, serve actualmente de lazareto. A de *S. Vicente*, projectada por D. João II, e executada por el-rei D. Manuel, é ao presente fortaleza de registro, e ao mesmo tempo um dos mais lindos e curiosos monumentos d'arte da capital.

A respeito da divisão civil e ecclesiastica de Lisboa dá-se uma circumstancia notavel, e talvez unica na historia das grandes povoações; e vem a ser, que nas diversas alterações porque tem passado aquella divisão, ora tem sido diminuida, ora augmentada a cidade pelo simples effeito de um decreto. Quando se instituiu a patriarchal, D. João V dividiu Lisboa em duas cidades distinctas, com dois senados da camara, e mais autoridades respectivas, e em duas dioceses com prelados separados. Uma denominando-se *Lisboa Oriental*, continuou a ser sede de um arcebispo. A outra, a que se deu o nome de *Lisboa Occidental*, foi erigida em patriarchado. No fim porém de alguns annos foi extincto o arcebispado; e reunidas as duas cidades, tornaram as coisas ao estado anterior sob o governo ecclesiastico de um patriarcha.

El-rei D. José, vendo o arrabalde de Belem povoar-se e crescer até pegar com a cidade, incorporou-o n'ella, decretando que fosse considerado como um dos seus bairros. De então para cá teem-se estreitado mui consideravelmente os laços, que prendem o novo bairro aos antigos da cidade, a ponto de formarem uma não interrompida povoação. Todavia ha sete para oito annos foi restringido o ambito de Lisboa, creando-se os dois novos concelhos de Belem, para o occidente, e dos Oliveaes, para o oriente.

Entretanto, apezar d'esta divisão, contraria á ordem natural do desinvolvimento das cidades, continuaremos a considerar Belem como parte integrante, que é, de Lisboa.

Não nos permittindo os limites d'este nosso trabalho, que historiemos todas as mudanças, que tem havido na organização geral da cidade, falaremos só da actual.

Divide-se administrativamente a capital em quatro districtos ou bairros, chamados d'*Alfama*, *Rocio*, *Bairro-Alto* e *Alcantara*, cada um com seu administrador, fora outras autoridades subalternas. Judicialmente está dividida em seis bairros, ou julgados, presididos por seis juizes de direito, que dão audiencia no extincto convento da Boa Hora, e constituem com os jurados o tribunal de primeira instancia. No mesmo edificio funcionam tres juizes de policia correccional, e os dos orphãos. A divisão fiscal compõe-se de recebedorias, de freguezia, cada uma das quaes abrange, de ordinario, duas e tres parochias, e é dirigida por um recebedor sob a fiscalisação de um escrivão de fazenda. Quanto ao militar tem uma guarnição composta de quatro regimentos de infantaria, dois batalhões de caçadores, um regimento de lanceiros, um regimento de artilharia, e um batalhão de sapadores, com um general commandante da força armada. E a policia da cidade é feita por dois regimentos da guarda municipal, um de infantaria, e outro de cavallaria; e por cabos de policia, uns tantos por cada freguezia, sob as ordens de um regedor de parochia.

A organização municipal consta de uma camara municipal com treze camaristas, eleitos de dois em dois annos, e entre os quaes se reparte o governo da cidade por pelouros — da illuminação, da limpeza, das obras. dos jardins e passeios publicos, etc.

Ecclesiasticamente está dividida em trinta e nove freguezias, incluindo Belem.

Como capital de districto, do patriarchado, e de toda a monarchia, Lisboa é sede da côrte; das duas camaras legislativas; dos ministerios do reino, guerra, fazenda, justiça, marinha, estrangeiros, obras publicas, commercio, e artes; do conselho d'estado; do cardeal patriarcha; do supremo tribunal de justiça; dos tribunaes da relação, do commercio de primeira e segunda instancia, do supremo conselho de justiça militar, da relação ecclesiastica, e do tribunal de contas; do conselho ultramarino; de um governador civil; de um general comandante da primeira divisão militar do reino; e de uma infinidade de repartições, dependentes dos diversos ministerios.

Não é conhecida, ou é muito duvidosa a epoca da instituição da diocese lisbonense. A noticia authentica mais antiga, que d'ella se encontra, é respectiva ao anno de 589, em que era bispo de Lisboa um prelado chamado Paulo. Com a invasão dos mouros perdeu a cidade esta preeminencia, que recuperou logo depois de tomada por D. Affonso Henriques, sendo nomeado bispo D. Gilberto. El-rei D. João I alcançou do papa Bonifacio IX, por bulla de 10 de Novembro de 1394, a erecção d'esta egreja em metropolitana, e foi seu primeiro arcebispo D. João Annes. Entre os arcebispos, seus successores, contam-se seis cardeaes, tres d'estes principes, D. Jaime, filho do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e neto de D. João I, o infante D. Affonso, e o infante D. Henrique, filhos d'el-rei D. Manuel. A instancias d'el-rei D. João V, o papa Clemente XI erigiu em patriarchado a parte occidental da cidade de Lisboa, e do arcebispado, por bulla de 7 de Novembro de 1716; e por sollicitação do mesmo

soberano foi extinto o arcebispado, e unido ao patriarchado por bulla de Benedicto xiv, datada de 13 de Dezembro de 1740. A patriarchal foi creada com tão grandes privilegios, e com tamanho fausto e grandeza, que nas funcções religiosas era uma imitação em ponto mais pequeno da côrte do summo pontifice. Por um d'estes privilegios os patriarchas são declarados cardeaes pelo papa no primeiro consistorio depois da sua nomeação. O primeiro patriarcha foi D. Thomaz d'Almeida, da casa dos senhores marquezes de Lavradio, sendo transferido do bispado do Porto.

Lisboa encerra mais de duzentos templos, vinte e cinco dos quaes pertencem a conventos de religiosas, que são umas trezentas presentemente. O primeiro em antiguidade e jerarchia é a *sé patriarchal*. E' muito incerta a epoca da sua fundação. Uns a attribuem a D. Affonso Henriques; outros aos moiros; e outros ainda a eras muito mais remotas. As ruinas que lhe teem causado varios terremotos, e as reconstrucções que tem tido, alteraram n'umas partes e destruíram n'outras as feições primitivas do monumento. E' um grande templo de tres naves, que, apesar de tudo, contém algumas antigualhas curiosas. Na capella-mór estão os tumulos de D. Affonso iv e da rainha D. Beatriz. Tambem ahi se acham sepultados outros principes, arcebispos, e muitas pessoas distinctas. Possue vasos sagrados e alfaias de muita riqueza e primor artistico.

As outras egrejas mais notaveis são : *Santa Maria de Belem*, outr'ora pertencente ao mosteiro de monges de S. Jeronymo, e hoje parochia : foi edificada por el-rei D. Manuel em agradecimento, e memoria do descobrimento da India, e no proprio sitio, onde embarcou Vasco da Gama para essa ousada empresa. E' um formoso e magnifico monumento do ultimo periodo da architectura gothica. N'elle repoisam em tumulos de marmore o fundador, e sua segunda mulher, D. João iii, e a rainha D. Catharina, el-rei D. Sebastião, ou uns ossos que vieram d'Africa como seus, o cardeal rei, e varios

infantes filhos d'el-rei D. Manuel, e D. João III.— *A basilica do Coração de Jesus*, fundada pela rainha D. Maria I em 1779. É um templo muito sumptuoso, construido de ricos marmores com infinita variedade de bellas esculturas. Na capella-mór jaz em soberbo mausoleo a rainha fundadora.— *S. Vicente de Fora*, que pertenceu ao convento dos conegos regrantes de Santo Agostinho, actualmente residencia do cardeal patriarcha. Da primitiva fabrica, que foi obra de D. Affonso Henriques, nada existe. Tudo o que se vê foi reconstrucção de Philippe II de Castella, pouco depois de usurpar a corôa de Portugal. É uma grande e rica egreja de tres naves, tambem construida de bons marmores de côres, e enriquecida de algumas obras de mosaico. Ao lado da capella-mór está o jazigo dos patriarchas, e por traz d'aquella o real pantheão da casa de Bragança desde el-rei D. João IV, que descansa em um magnifico tumulo.— *A egreja de S. Roque*, que foi dos jesuitas, e agora é da misericordia, é notavel pela riquissima capella de S. João Baptista, mandada fazer em Roma por el-rei D. João V, armada e benzida dentro da egreja de S. Pedro pelo papa Clemente XIV, que n'ella disse a primeira missa; e que custou dois milhões de cruzados, com os vasos sagrados, paramentos, e mais alfaias, que ahi se conservam. É fabricada de verde antiquo, porfido, jaldo, alabastro, lapis-lazuli, amethystas, e cornelina. Os tres paineis de mosaico são admiraveis. — *S. Domingos*, egreja outr'ora do convento dos frades dominicos, e ao presente parochia de Santa Justa. Foi reconstruida inteiramente depois do terremoto de 1755. É um templo vastissimo de uma só nave, todo guarnecido de bellas columnas colossaes de marmore côr de rosa. Os paineis são de Pedro Alexandrino, um dos nossos pintores mais estimados dos fins do seculo passado. — *Nossa Senhora dos Martyres*, a mais antiga das parochias de Lisboa, fundada por D. Affonso Henriques no sitio, onde se enterraram os estrangeiros, que morreram em seu auxilio no assedio e tomada de Lisboa. Destruida em

1755 pelo terremoto, foi logo depois reedificada com profusão de bons marmores. — A igreja parochial de *Nossa Senhora da Encarnação* é um grande templo, levantado depois do terremoto. — A *egreja de Jesus*, que foi dos religiosos terceiros franciscanos, e agora é parochia de *Nossa Senhora das Mercês*, e a *egreja dos Paulistas*, que foi dos frades da congregação da Serra d'Ossa, e ao presente é freguezia de *Santa Catharina*, são dois vastos e ricos templos. Este foi começado em 1647, e escapou ao terremoto. Aquelle, derrocado completamente por este cataclismo, é reconstrucção posterior. — As igrejas parochiaes de *S. Nicolau*, e *S. Julião*, cuja reedificação se concluiu ha poucos annos, são dois bellos templos em que se admiram magnificos marmores de côres, e excellentes esculpturas. O tecto do primeiro foi pintado pelo senhor Fonseca, e o do segundo pelo senhor Joaquim Raphael, ambos lentes de pintura da academia das bellas artes. — A igreja de *Nossa Senhora da Graça*, que pertenceu aos eremitas de Santo Agostinho, e actualmente parochia de *Santo André* e *Santa Marinha*, é recommendavel pelo santuario do Senhor dos Passos, por alguns bons quadros, e pelo riquissimo tumulo de marmore e bronze, com lindos mosaicos, em que jaz D. Mendo de Foios, secretario d'estado de D. João v, o qual se acha na sachristia. Junto á casa do capitulo do convento contiguo, que ao presente é quartel militar, está a sepultura do grande Afonso d'Albuquerque. — A igreja de *Santo Antonio*, fundada por el-rei D. Manuel, e por disposição testamentaria de D. João ii, no proprio logar das casas em que nascera o Thaumaturgo; arruinada pelo terremoto de 1755, e reedificada desde os alicerces por el-rei D. Pedro iii, é um templo fabricado com riqueza, mas de uma architectura acanhada e mesquinha, principalmente no exterior. E' administrado pela camara. — A igreja de *Nossa Senhora do Loreto*, freguezia dos italianos residentes na capital, erigiu-se no seculo xvi, ardeu a primeira vez em 1651, e a segunda em 3 de Novembro de 1755, tendo ficado illesa do terremoto.

to. E' um bom templo; comtudo muito menos sumptuoso n'esta ultima reedificação que na anterior. — A igreja de *Nossa Senhora do Livramento*, chamada vulgarmente da *Memoria*, em Belem, fundada por el-rei D. José no sitio onde lhe deram os tiros, e em agradecimento por ter escapado d'este attentado, é toda de marmore por dentro, e com uma cupula de cantaria. — A igreja da *Conceição Velha* é digna de especial menção pelo seu formoso portico e janellas de architectura gothica. Era aqui a grandiosa igreja da Misericordia, obra d'el-rei D. Manuel. Destruida pelo terremoto, menos a capella do Santissimo, e a porta travessa, que lhe ficava fronteira, aproveitaram-se na reedificação a primeira para capella-mór, e a segunda para porta principal de um templo de muito menores dimensões, que se deu aos freires de Christo com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, em troca de outra igreja d'este nome, que elles possuiam, e que teve de demolir-se por occasião da nova edificação da cidade. — A igreja *arruinada do Carmo*, que o illustre condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou em memoria da celebre batalha d'Aljubarrota, a qual o terremoto passado arrainou, é ainda assim um dos nossos monumentos historicos mais respeitaveis. — A igreja, *por acabar*, de *Santa Engracia*, começada no seculo xvii, é um colosso de pedraria de architectura pesada e original.

Contam-se em Lisboa treze praças principaes, cincoenta e dois largos, trezentas cincoenta e sete ruas, duzentas e dezeseis travessas, sessenta e cinco calçadas, e cento e dezenove becos. As praças mais bellas são as seguintes: A do *Commercio*, vulgarmente *Terreiro do Paço*, vastissima, com tres magnificos caes sobre o Tejo, cercada dos palacios das secretarias d'estado, alfandega, e outras repartições, é ornada no centro com a estatua equestre de D. José I, obra do insigne esculptor Joaquim Machado de Castro, e fundida por Bartholomeu da Costa. A estatua equestre, fora o pedestal, tem trinta e um palmos e meio de altura, é de bronze e tem de peso oitenta mil seiscentos e quarenta arrateis.

Foi inaugurada em 27 de Maio de 1775 com extraordinarias festas. — *Praça de D. Pedro*, antigamente do *Rocio*, é grande, e tambem regular. No lado do norte ergue-se o magestoso theatro de D. Maria II, e no centro está principiado um monumento a D. Pedro IV. — *Praça da Figueira*, serve de mercado. — *Praça do Pelourinho*, é mais pequena que as precedentes. Guarnecem-lhe os lados de leste e do sul os edificios do banco de Portugal, e do arsenal da marinha. No meio eleva-se uma esbelta columna vasada, e inteiriça, que foi pelourinho. — *Praça dos Romulares*, com um caes sobre o rio, é pequena, mas regular, e orlada de bons predios, e de arvores. — *Praça da Ribeira Nova*, é o mercado do peixe, tambem com um caes. — *Praça de S. Paulo*, com a egreja parochial d'este santo, é guarnecida d'arvores, e tem no centro um bello chafariz. — *Praça da Alegria*, é toda plantada d'arvoredo, com bonitas casas em volta. — *Praça nova* ao Loreto, cujo terreno estava ha pouco occupado com os restos do velho palacio dos marquezes de Marialva, e com varios casebres edificadoss nas suas ruinas. Todos os predios que a cercam são de architectura regular. — *Largo do Carmo*, arborisado, e com um bom chafariz, tem em redor predios regulares, e a velha egreja do Carmo. — *Campo de Santa Anna*, é uma grande praça, modernamente aformoseada com passeio d'arvoredo ajardinado. D'entre muito bons edificios, que a guarnecem, sobresae a rica e linda casa do senhor Costa Lobo. — *Praça de D. Fernando II*, antigamente *Largo de Belem*, é uma vasta praça, orlada de arvores, banhada pelo Tejo do lado do sul, onde tem um optimo caes, e decorada do lado do norte pelo palacio do picadeiro real, e pelos jardins do real paço de Belem. — *Praça do Principe Real*, antigamente da *Patriarchal Queimada*, é arborisada, e vae ter melhoramentos.

As melhores ruas são as cinco, que saem da praça do Commercio — rua *Augusta*, *Aurea*, *Bella da Rainha*, *Nova da Alfandega*, e do *Arsenal*, as ruas *Nova d'El-rei*, *Nova do Almada*, *Nova do Carmo*,

Chiado, de S. Francisco, do Alecrim, Larga de S. Roque, da Escola Polytechnica, da Fabrica das Sedas, Direita da Junqueira, etc.

Os palacios reaes são os d'Ajuda, e Belem, das *Necessidades*, e *Bemposta*. O d'Ajuda foi começado pelo principe regente, D. João, logo depois do incendio, que pelos annos de 1795 devorou uma grande parte do palacio velho d'Ajuda, construido á pressa de madeira, para residencia d'el-rei D. José e sua familia, depois que o terremoto de 1755 lhe destruiu os paços da Ribeira. O novo paço, devido aos architectos José da Costa e Silva, e Francisco Xavier Fabri, apenas tem levantada uma terça parte da sua planta geral, mas ainda assim, no que está feito, que já tem custado muitos milhões de cruzados, se poderia accomodar uma numerosa familia real. Encerra muitos e espaçosissimos salões, e está decorado com grande numero de estatuas de marmore, e de pinturas, dos nossos melhores esculptores e pintores modernos. — O *palacio das Necessidades* é a residencia ordinaria d'el-rei e familia real. Foi mandado fazer por D. João v para hospedagem dos principes estrangeiros, que visitassem esta cidade. Ao presente acha-se interiormente ornado e guarnecido com muita elegancia e riqueza. Contém numerosos objectos d'arte de muita valia e primor, em pintura, e esculptura, um rico museu, organizado por el-rei o senhor D. Pedro v, e pelo senhor infante D. Luiz; uma boa livraria, e uma bella collecção d'armas antigas, pertencente a el-rei o senhor D. Fernando. A quinta contigua é muito formosa, tanto pelo gosto com que está plantada, como pela riquissima collecção de plantas exoticas, que possui. — O *palacio de Belem* foi comprado ao conde d'Aveiras por el-rei D. João v, que o melhorou, e cercou de jardins ornados de cascatas, lagos, estatuas, vasos, e viveiros. Tem uma quinta com lindas ruas de bosque. Costuma servir este palacio para os bailes da côrte. No topo da quinta está um palacete, chamado do *Pateo das Vaccas*, porque a sua entrada principal deita para um pequeno largo ou pateo d'este no-

me. — O *palacio Velho* está immediato ao novo de Ajuda. E' a parte que escapou ao incendio, e que apezar d'isso é um grande edificio, que estende uma das suas frentes pelo jardim botanico. — O *palacio da Bemposta*, fundado pela rainha de Inglaterra, D. Catharina de Bragança, viuva de Carlos II de Inglaterra, e filha do nosso rei D. João IV. N'elle viveu nos seus ultimos annos el-rei D. João VI, eahi falleceu a 10 de Março de 1826. A capella contém alguns quadros de merecimento, e boas obras de esculptura. E' collegiada servida por conegos. N'este palacio acha-se estabelecida a escola do exercito. Tem uma extensa quinta.

Ha na cidade quatro arsenaes, um de marinha, e tres do exercito. O primeiro é magnifico. E' obra do marquez de Pombal. Está hoje muito melhorado. Possui um soberbo dique, uma caldeira, dois estaleiros, excellentes officinas, grandes armazens, e uma vasta sala do risco, onde ha uma corveta para exercicio dos aspirantes. — Dos tres arsenaes do exercito, o chamado *Fundição de baixo*, teve por fundador el-rei D. João V, posto que geralmente se crê ser D. José I. Tem um rico portico de cantaria, ornado de columnas, e tropheos. Encerra, além dos armazens e officinas, varias salas d'armas. — O chamado *Fundição do Campo de Santa Clara*, guarda um curioso deposito de peças d'artilharia antigas, tomadas pelos portuguezes em diversas batalhas. Tem a celebre colubrina de Diu, e muitos e lindos canhões hespanhoes, francezes, inglezes, e hollandezes. No mesmo edificio está um museu de machinas, d'armas, e de diversas antiguidades e curiosidades. — O arsenal denominado *Fundição de cima* contém, além das officinas de fundição, e outras, o modelo da estatua equestre.

Os theatros são sete. *S. Carlos*, de opera italiana, edificado em 1793, grande e bem decorado, com cinco ordens de camarotes, e uma esplendida tribuna real. — *Theatro de D. Maria II*, de declamação, começado em 1844 e concluido em 1847. E' um sumptuoso monumento com quatro frentes, todas de marmore, ornado de columnas, estatuas, al-

tos e baixos relevos. As decorações interiores também são ricas. Tem quatro ordens de camarotes com tribuna real. Está edificado no sitio onde es-
ve o antigo palacio dos Estãos, depois transforma-
do em inquisição, e depois ainda em palacio do the-
souro publico, que ardendo em 1836, deu occasião
a edificar-se o theatro. Teve este por architecto
Fortunato Lodi. — *Theatro de D. Fernando*, de de-
clamação, construido pelo architecto francez Ar-
nould Bertin, nos restos por acabar da egreja de
Santa Justa. Foi inaugurado em 1849. Tem qua-
tro ordens de camarotes, e camarote real particu-
lar. — *Theatro do Gymnasio*, de comedia e farça ly-
rica, concluido em 1852 pelos desenhos dos senho-
res Rambois e Cinatti. Tem tres ordens de camaro-
tes, com camarote particular para a familia real.
— *Theatro da rua dos Condes*, de declamação, é fun-
dação da segunda metade do seculo passado. E' pe-
queno, e mal construido e decorado. — *Theatro das*
Variedades, de declamação, é o antigo theatro do
Salitre, também do seculo passado, e como o ante-
rior de pessima construcção, e pobremente ornado.
Tem tres ordens de camarotes, e um d'elles da fa-
milia real. — O *Café-Concerto* é um bello edificio,
construido ha tres annos. Encerra um grande e ele-
gante salão, onde se costumam dar bailes de mas-
caras durante todo o carnaval, e um theatrinho
para farças lyricas francezas. Além d'estes ha va-
rios theatros particulares.

O *circo do Campo de Santa Anna*, para corridas
de toiros, erigido em 1829; o *circo do Salitre*, para
exercicios equestres e gymnasticos, feito no seculo
passado; a *Floresta Egypcia*, com um salão para
bailes de mascaras no carnaval; completam os es-
pectaculos publicos da capital.

Jardins e passeios conta esta os seguintes: —
Passeio Publico, foi plantado pelo marquez de Pom-
bal, augmentado e muito melhorado desde 1833 pa-
ra cá com porticos e gradaria de ferro em volta,
com uma nova plantação dirigida com mais gosto,
com uma cascata, quatro lagos, tendo um d'estes
cento vinte e nove pés de circumferencia, e tres

estatuas de marmore, duas que representam os rios Tejo e Douro, feitas por Alexandre Gomes, fallecido em 1801, e discipulo do insigne esculptor italiano Alexandre Justi; e a outra representando uma nayade, obra do sinzel do senhor Assis, lente da academia de bellas artes. — *Passeio da Estrella*, o maior e mais bello de todos os que estão dentro da cidade, delineado e plantado com muito bom gosto em 1850, cercado de grades de ferro, e aformoseado com diversas construcções nos annos seguintes. Contém uma excellente e copiosa collecção de arvores de bosque e plantas de jardim, uma cascata, quatro lindissimos lagos, estufa, elegantes pavilhões, caramachões, etc. — *Passeio de S. Pedro d'Alcantara*, começado em 1833 para 1834. A sua situação elevada proporciona aos que o visitam um delicioso e variado panorama. Na parte superior tem um copado bosque, e na parte inferior jardim, com dois lagos, cascata, e varios bustos. — *Jardim da Alfandega*, estende-se pela frente da alfandega grande, ao longo do Tejo. Tem uma pequena estufa. — *Passeio da Junqueira*, situado junto ao Tejo, e correndo paralelo á rua direita da Junqueira, que é guarnecida de bellos palacios. Foi plantado nos fins do reinado da rainha D. Maria I. — *Passeio do Campo Grande*, é fora da cidade, mas a pouca distancia das barreiras. Foi plantado no reinado de D. Maria I, por ordem de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro do reino. Tem perto de um quarto de legua de extensão, e é o unico passeio para carruagens e cavalleiros. Consta de largas e copadas ruas de bosque, e varios jardins. As duas estradas, que correm dos lados de fora, e junto d'elle, são orladas de casas de campo e jardins. N'este passeio faz-se em Outubro uma grande feira mui concorrida.

O grande reservatorio das Amoreiras e o aqueducto das aguas livres formam o mais grandioso monumento de Lisboa. Toda esta obra foi traçada e executada pelo engenheiro Manuel da Maia, e por ordem de D. João V. Teve principio em 1729, e no fim de vinte annos estava concluido o aqueducto.

A construção do reservatorio prolongou-se pelos seguintes reinados, vindo a terminar-se em 1834. O aqueducto corre ora soterrado, ora sobre arcos, que ao todo, em sitios diversos, são cento vinte e sete. Os mais celebrados, pelo arrojo e elegancia da construcção, são chamados por antonomasia — *Os arcos das aguas livres*. E' a maior, e mais atrevida obra d'este genero, que ha na Europa. Tem esta ponte-aqueducto trinta e cinco arcos, que sustentam a galeria por onde veem os canos da agua, e dois passeios para gente de pé, um de cada lado. O arco grande conta duzentos e trinta pés e dez pollegadas d'altura, e cento e sete e oito pollegadas de largura. A maior elevação de todo o monumento é de duzentos sessenta e tres pés. Resistiu ao terremoto. O reservatorio leva perto de onze mil pipas d'agua. A extensão das diversas galerias do aqueducto, longitudinal, e transversaes, perfaz a somma de sete leguas.

Lisboa é abastecida d'agua por muitas fontes e chafarizes, uns alimentados por aquelle aqueducto, e outros por mananciaes, que nascem do monte do castello de S. Jorge. Os de melhor fabrica são: o das *Necessidades*, no largo em frente do paço, com um esbelto obelisco; o das *Janellas Verdes*, com uma boa estatua de Venus; o de *Belem*; o d'*Alcantara*, com uma acanhada estatua de Neptuno; o da *praça de S. Paulo*, com uma engraçada pyramide; o da *Esperança*; o do *Carmo*, com os seus quatro arcos formando um como pavilhão; e enfim a humilde fonte da *Samaritana*, junto a Xabregas, como memoria da sua illustre fundadora, a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irmã d'el-rei D. Manuel.

Os principaes hospitaes da cidade são sete. O de S. José é o primeiro, e pode comparar-se no seu serviço aos melhoes estrangeiros. Occupa o antigo convento de Santo Antão, que foi dos jesuitas, começado em 1579. Tem dez enfermarias de cirurgia, e sete de medicina. Encerra ordinariamente para cima de mil enfermos. A botica, laboratorio chimico, deposito de roupas, cozinha, dispen-

sa, e outras mais officinas, são magnificas. Possui cêrca, e um jardim botânico. — *Hospital do Desterro*, no edificio do extincto convento de Nossa Senhora do Desterro, de monges de S. Bernardo. E' uma delegação do de S. José. — *Hospital de Rilha-folhes*, no extincto convento dos congregados da missão de S. Vicente de Paulo. E' de alienados de ambos os sexos. Tem uma grande cêrca, e um bello estabelecimento de banhos publicos, e para uso do hospital, construido em 1851. — *Hospital de S. Lazaro*, para molestias cutaneas contagiosas e chronicas. — *Hospital da marinha*, para os doentes da armada, e repartições da marinha. Foi edificado expressamente para este serviço por mandado do principe regente D. João, e principiou se em 1797. E' um bello edificio, situado em terreno alto, com extensa vista de cidade e mar. Tem doze enfermarias, e grandiosas officinas. — *Hospital da Estrella*, para militares, no extincto convento de Nossa Senhora da Estrella, de monges de S. Bento. — *Hospital de Belem*, tambem militar, no extincto convento da Boa Hora. Além d'estes ha muitos outros hospitaes de confrarias e irmandades; a *Casa de saude*, hospital particular, que recebe doentes pagando um tanto por dia; e dois hospitaes estrangeiros, o de S. Luiz, rei de França, dos francezes; e o dos *Cyprestes*, dos inglezes.

Ha mais os seguintes estabelecimentos de caridade. A *santa casa da misericordia*, asylo dos expostos, no antigo convento de S. Roque, dos jesuitas, fundado em 1567, e a instituição da Misericordia no fim do seculo xv, no reinado de D. Manuel. Tem a seu cargo, dentro e fora do edificio, mais de dez mil engeitados. — A *Casa pia*, asylo e casa de educação de orphãos pobres, no antigo mosteiro de Santa Maria de Belem, de monges de S. Jeronymo. Fundou esta instituição a rainha D. Maria I em 1783. Em 1834 passou do edificio do Desterro para o actual, sendo então este estabelecimento pio reformado e melhorado, e continuando a ter progressivos melhoramentos. Contém de oitocentos a novecentos alumnos de ambos os sexos, e um col-

legio de surdos-mudos, para todos os quaes ha mestres e officinas de todas as artes liberaes e officios mechanicos. O edificio, obra d'el-rei D. Manuel, como já dissemos, fallando da egreja, tem partes de muita riqueza artistica, como o claustro, refeitório, casa do capitulo, por acabar, etc. — *Asylo da mendicidade*, instituido no reinado da senhora D. Maria II no extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos, fundado em 1570, e reedificado depois do terremoto. Os pobres de ambos os sexos aqui recolhidos regulam por novecentos. — *Asylos da infancia desvalida* ha diversos na cidade, e um no Campo Grande em edificio construido expressamente para esse fim pelo corpo do commercio de Lisboa, em commemoração da exaltação ao throno de sua magestade o senhor D. Pedro V. Esta instituição data de 1834, e tem por protectora sua magestade a imperatriz duqueza de Bragança. — *Asylo de Nossa Senhora da Conceição*, de raparigas abandonadas, é de fundação recente. Ha um *recolhimento de irmãs de caridade*.

Ha na cidade quatro cadêas. — A do *castello*, para militares; a do *limoeiro*, para presos civis; a do *aljube*, que serve actualmente para mulheres; e a da *galé*, dentro do arsenal da marinha, para os condemnados a trabalhos publicos. A do *limoeiro* foi o antigo *paço real da Moeda*, onde morou el-rei D. Fernando, e onde o mestre d'Aviz, depois rei D. João I, assassinou o celebre valido da rainha D. Leonor Telles, chamado João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. As torres da barra e a de Belem já teem servido de prisão, e teem casas proprias para isso.

Os quarteis de tropa são dez. O do *corpo de marinheiros* em Alcantara, edificado ha pouco, é o mais bello e melhor de todos. — O dos *lanceiros*, na calçada d'Ajuda, tambem é grandioso. — O de *infanteria n.º 1*, na mesma calçada, é vasto, e tem no meio uma grande praça de parada. — O de *S. João de Deus*, de infantaria n.º 2, occupa o convento, que foi dos hospitaleiros de S. João de Deus, fundado no seculo XVII. E' um bom edificio. — O de *Campo*

d'Ourique, de infantaria n.º 16, foi construido no começo d'este seculo. — O de *Valle de Pereiro*, de caçadores n.º 1. — O da *Cruz dos quatro Caminhos*, do regimento d'artilharia n.º 1. — O da *Graça*, de infantaria n.º 10, no convento que pertenceu aos eremitas de Santo Agostinho. — O do *castello de S. Jorge*, de caçadores n.º 5. — O do *Carmo*, da guarda municipal, no convento que foi dos frades carmelitas.

Os outros edificios principaes da cidade, ainda não mencionados são os seguintes. — O da *escola polytechnica*, magestoso palacio que está em reconstrucção. Era o convento dos jesuitas da Cotovia, onde o marquez de Pombal fundou, depois da extincção d'esta ordem, o collegio dos nobres, que a seu turno foi extinto, e substituido por aquella escola. O antigo edificio foi destruido por um incendio em 1843. — O *palacio das côrtes*, era o convento de S. Bento da Saude, de monges beneditinos, construido em 1598. E' um edificio immenso, e todavia não chegou a concluir-se. As duas salas dos pares e deputados foram construidas em 1834. Tambem se acha accommodado n'elle o archivo real da *torre do tombo*, onde se guardam muitos documentos importantes, e preciosidades historicas e artisticas, entre as quaes citaremos a famosa *Biblia dos Jeronymos*, dada por el-rei D. Manuel ao mosteiro de Belem, levada por Junot para França em 1807, e restituida depois da paz geral, mediante a gratificação de quarenta mil cruzados para a viuva d'aquelle general, que a possuia. Vieram seis volumes, sendo sete. — O do *banco de Portugal*, na praça do Pelourinho, é propriedade da camara municipal, que occupa para as suas sessões e secretaria o palacio da praça do Commercio, que forma o angulo do occidente. A grande sala das sessões da camara é ornada de ricos pannos d'Arrás, de um quadro de Nossa Senhora da Conceição, feito por José da Costa Negreiros, e tres quadros com os retratos de corpo inteiro d'el-rei D. João vi, d'el-rei D. Pedro iv, e da rainha a senhora D. Maria ii. — O da *alfandega municipal*,

outr'ora terreiro publico, sobre o Tejo, deposito e mercado de cereaes, é um grande e magestoso edificio, mandado fazer em 1766 por el-rei D. José I. — O da *cordoaria*, á Junqueira, edificado por D. Maria I, é vastissimo. A sala ou armazem, aonde se fazem as amarras e cordas tem duzentas braças de comprimento. — O da *fabrica do tabaco*, era o convento de S. Francisco de Xabregas, de franciscanos. E' um grande edificio de architectura mui regular, situado junto ao Tejo, a pouca distancia das barreiras da Cruz da Pedra. Como estabelecimento fabril é coisa magnifica. — O da *imprensa nacional*, só é digno de menção pelo estabelecimento typographico, que encerra, que está perfeitamente organizado e servido; e o da *casa da moeda* pelas preciosidades, que ahi se aguardam — O da *academia real das sciencias*, era o convento de Jesus, de religiosos da terceira ordem de S. Francisco. Foi fundado em 1615, destruido pelo terremoto, e reconstruido depois. Está n'elle o *museu nacional*, e *galeria de pinturas*, que devem ser transferidos para o edificio da escola polytechnica, logo que estejam promptas as salas para os receber. — O *novo matadouro*, que está em construcção, na Cruz do Taboadó.

Não possui esta cidade palacios particulares, que se possam chamar sumptuosos. Todavia alguns tem, que sobresaem por belleza de architectura, ou por suas proporções grandiosas, ou pela riqueza dos seus aposentos. Sob este triplice ponto de vista as melhores residencias são as dos senhores duques de Palmella, ao Calhariz, e na rua da Fabrica da Seda; condes do Sobral, ao Calhariz; marquez de Vianna, ao Rato; conde de Farrobo, na rua do Alecrim; Bessone, na rua do Ferregial de Cima; marquez de Castello Melhor, ao Passeio Publico; marquez de Pombal, na rua das Janellas Verdes, habitado por sua magestade a imperatriz; marquez da Ribeira Grande, de Fonseca, e do visconde da Junqueira, todos tres na rua da Junqueira; marquezes d'Abrantes, na calçada do mesmo nome; visconde de Porto Covo de Bandeira, na rua de S.

Domingos á Lapa ; baroneza de Barcelinhos, ao Chiado ; Amaral, na rua da Fabrica da Seda ; conde de Redondo, a Santa Martha ; marquez de Lavradio, no Campo de Santa Clara ; marquez de Niza, a Xabregas ; e condes de Valladares, ao Carmo.

Conta Lisboa muitos estabelecimentos litterarios, e de instrucção publica, dos quaes enumeraremos os principaes. — *Escola polytechnica ; escola do exercito ; naval ; de construcção naval ; medico-cirurgica ; de pharmacia ; veterinaria ; do commercio ; conservatorio real de Lisboa ; instituto industrial ; instituto regional d'agricultura ; tres lyceus ; collegio militar ; collegio dos aprendizes do arsenal ; academia das bellas artes ; academia real das sciencias ;* e as seguintes bibliothecas. — *Bibliotheca publica*, no convento de S. Francisco, que foi de franciscanos, instituida pela rainha D. Maria I, cuja estatua em marmore de Carrara, feita segundo o modelo de Joaquim Machado de Castro, por Faustino José Rodrigues, e Feliciano José Lopes, adorna uma das suas salas. Encerra mais de cento e quinze mil volumes impressos, dez mil manuscritos, entre uns e outros muitas obras raras, e ricas, e um medalheiro com mais de vinte e cinco mil medalhas. — *Bibliotheca da academia*, tambem publica, no convento de Jesus, com cincoenta mil volumes. — *Bibliotheca de S. Vicente*, no convento d'este nome, ao qual pertencia, contém uns vinte e dois mil volumes. Pertence actualmente aos patriarchas de Lisboa. — *Bibliotheca da marinha*, no edificio do respectivo arsenal, com uns onze mil volumes. — *Bibliotheca das Necessidades*, fundada por D. João V no convento de Nossa Senhora das Necessidades, dos congregados de S. Filippe Nery, contigua, e fazendo parte do paço real do mesmo nome. Contém uns trinta mil volumes. — *Bibliotheca d'Ajuda*, era a antiga livraria real, consta de uns vinte e oito a trinta mil volumes. — A dos *Paulistas*, no convento d'este nome, e pertencente á sociedade Promotora da Industria. Além d'estas ha outras ainda em diversos estabelecimentos

de instrucção, e em repartições publicas ; e muitas particulares ricas e copiosas.

Museus, além do *nacional*, do das *Necessidades*, e da *fundição do Campo de Santa Clara*, de que já fallámos, ha o da *escola polytechnica*, o da *marinha*, no arsenal, o *archeologico da bibliotheca publica* ; o de *Bemfica*, de sua alteza real, a senhora infanta D. Isabel Maria ; o dos *marquezes d'Angeja*, na rua da Junqueira ; o do *senhor conde de Thomar*, e varios outros mais particulares.

Jardins botanicos contam-se o d'*Ajuda*, o de *Jesus*, da academia real das sciencias, e o de *S. José*, da escola medico-cirurgica.

São sete os cemiterios. O de *Nossa Senhora dos Prazeres*, e o do *Alto de S. João*, povoados de ricos mausoleos, e plantados d'árvores e flores, são os melhores. — O d'*Ajuda* é tambem arborizado, mas tem poucos tumulos. — O dos *Cyprestes*, pertencente aos inglezes, que n'elle teem a sua capella, possui muitos e bons mausoleos. — O da *Boa Morte*, dos alemães, é pequeno, assim como o de *S. Luiz*, dos francezes, e o dos *judeus*.

Lisboa conserva poucas antiguidades, além das que vão citadas. Entretanto é importante e digna de attenção a cidadella moirisca, e os restos do paço dos reis moiros no *castello de S. Jorge*. Ainda ahi se vê a porta, onde se entalou Martim Moniz, para facilitar a tomada da cidade. Sobre a porta está a sua cabeça em marmore, mandada ali pôr por D. Affonso Henriques. A parte moderna do castello, onde está a bateria, prisões, casa do governador, etc., acha-se aformoseada com muito arvoredo, e flores. Restam tambem algumas torres, e pedaços da muralha d'el-rei D. Fernando em diferentes pontos da cidade. Na parede de uma casa á Magdalena estão embebidas umas lapidas com inscripções romanas, encontradas em excavações.

Lisboa é illuminada a gaz desde o anno de 1849. Possui muitos e bons cafés ; boas hospedarias, e casas de pasto ; varias casas d'assemblea, de que é principal o *Club Lisbonense* ; muitos estabelecimentos de carruagens publicas, e alguns de banhos ;

grande numero de fabricas, laboratorios, e gabinetes de physica ; numerosas companhias de commercio e de navegação, etc. A sua população, incluindo Belem, ascende hoje a trezentas mil almas.

As suas principaes feiras são fora da cidade. Dentro limitam-se a simples feiras d'arrayal, devendo comtudo mencionar a classica feira da *Ladra*, que se faz todas as terças feiras no Campo de Santa Anna, e immedições, e na qual se vende todo o genero de objectos usados, e alguns tambem novos, e gado cavallar. Das de fora a mais notavel e concorrida é a que se faz no Campo Grande em Outubro, e dura quinze dias. Hoje está em grande decadencia pelo feliz resultado das communicações facéis. Pela Paschoa do Espirito Santo ha em Sacavem uma feira, importante em gados, e n'este mesmo artigo tambem são de importancia a do Lumiar em Junho, a da Agualva em Maio, e a de Nossa Senhora da Luz em Setembro. No primeiro domingo de cada mez ha mercado de gado junto ao chafariz do Campo Grande.

Os arrabaldes de Lisboa são formosos, apesar de que os montes sejam em geral despidos d'arvoredo, por serem quasi todos terras lavradas. Os vales, porém, são deliciosos pelas muitas quintas de regalo, e bonitas casas de campo, que os povoam. Os mais frequentados, e mais bellos, são ao norte : — *Bemfica*, onde sobresaem as ricas quintas e palacios da senhora infanta D. Isabel Maria, dos senhores marqueses de Fronteira, dos senhores condes do Farrobo, e a que pertenceu à fallecida viscondessa da Regaleira. — *Queluz*, onde se ergue um grande palacio real, com magnificas salas, e com a maior e mais sumptuosa quinta de regalo, que ha em todo o reino, obra d'el-rei D. Pedro III. No palacio nasceu e morreu o senhor D. Pedro IV. — *Belas*, notavel pela quinta e palacio antiquissimo dos senhores condes de Pombeiro. — *Lumiar*, com a formosissima quinta e palacio dos senhores duques de Palmella. — *Nossa Senhora da Luz*, aonde está o collegio militar, cujo edificio mandou fazer para hospital a infanta D. Maria, ultima filha d'el-rei

D. Manuel. — Ao occidente, *Pedroços*, com uma bella quinta e palacio dos senhores *duques de Cadaval*. — *Caxias*, com um pequeno palacio real, e quinta, em que avulta uma soberba cascata, e grandes jardins. — *Oeiras*, celebre pelas magnificas quintas e palacio do senhor *marquez de Pombal*. Ao oriente, *Grillo*, com o palacio, e uma linda quinta dos senhores *duques de Lafões*. — *Chellas*, com um antiquissimo e grande *mosteiro de conegras regrantes*. — *Pogo do Bispo*, com o palacio e quinta *patriarchal*. — *Oliveas e Sacavem* com muitas quintas particulares, e um convento de freiras.

Os suburbios e termo de Lisboa produzem muitos e excellentes trigos, e outros cereaes; grande quantidade de batatas, e cebolas, de que se faz importante exportação, bem como de laranjas, e outras frutas; são mimosos de todo o genero de hortaliças, legumes, frutas, criação, e caça. O Tejo e a vizinha costa do mar abastecem a cidade de infinita variedade de pescado, que tambem exporta.

Lisboa, finalmente, tem sido berço de muitos e mui insignes varões, que a teem illustrado, e servido o paiz com honra e gloria. O seu catalogo é immenso. Nomearemos tamsómente os que por mais eminentes nos veem agora á memoria. O *papa João XXI*, nascido e baptisado na freguezia de S. Julião, chamava-se antes de subir ao solio pontificio *Pedro Julião*, e como escriptor era conhecido com o nome de *Pedro Hispano*. — *Santo Antonio*, nascido e baptisado na parochia da sé. — *El-rei D. João I*, o defensor da independencia de Portugal, e o plantador do nosso poder na Africa. — *João das Regras*, o celebre jurisconsulto, que persuadiu com a sua eloquencia os tres estados do reino, reunidos em côrtes, a pôr sobre a fronte do mestre d'Aviz (D. João I) a corôa portugueza, que D. João I de Castella disputava á força d'armas. — *D. Duarte de Menezes*, terceiro conde de Vianna, um dos maiores heroes das nossas empresas d'Africa. — O *infante D. Pedro*, duque de Coimbra, filho d'el-rei D. João I, que com tanta sabedoria e justiça, e com geral acceitação dos povos, regeu Portugal, duran-

te a menoridade d'el-rei D. Affonso v, seu sobrinho. — *D. Francisco d'Almeida*, primeiro visorei da India, e *D. João de Castro*, quarto visorei do mesmo estado, e que são duas das nossas maiores glorias militares. — *Luiz de Camões*, principe dos poetas da peninsula, e um dos primeiros epicos do mundo. — *D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, arcebispo de Braga, um dos mais sabios e virtuosos prelados, que teem florecido n'este reino, e que tanto lustre lhe deu, quando foi assistir e tomar parte no concilio tridentino. — *Antonio Ferreira*, um dos nossos mais distinctos poetas, e autor da primeira tragedia, que se compoz na peninsula hespanica, e a segunda que appareceu no orbe litterario. — *D. Francisco Manuel de Mello*, tão elegante na poesia, como na prosa. — O *padre Antonio Vieira*, o mais eloquente e energico de todos os nossos oradores sagrados, e tambem o mais elegante, discreto, e primoroso de todos os nossos escriptores. — *Francisco Manuel do Nascimento*, mais conhecido pelo nome de *Filinto Elysio*, distinctissimo poeta e prosador, autor de muitas obras estimadissimas, e restaurador da boa linguagem portugueza. E, finalmente, o senhor *Alexandre Herculano*, o nosso primeiro historiador.

A VILLA DE LOULÉ.

E' esta villa uma das mais antigas povoações do reino do Algarve. Nada se sabe ao certo sobre a sua origem, apesar de que alguns antiquarios lhe assignalem por fundadores os carthaginezes. Outros, menos positivos, pertendem que se erigira das ruinas da antiquissima cidade de *Querteira*, isto é, que se serviu para a sua edificação dos materiaes da destruida cidade. Dizem que esta existia junto ao mar entre Faro e Albufeira, sobre um rio, que conserva o mesmo nome de *Querteira*, e que ainda no começo do seculo passado se mostravam n'esse logar vestigios de edificios antigos.

D'entre tantas noticias inverosimeis ou confusas, o que ha de mais averiguado, é que a villa de Loulé já existia ao tempo da invasão dos moiros na Peninsula, fosse qual fosse então o seu nome e a sua cathegoria.

Esteve, portanto, subjeita aos arabes em todo o seu longo dominio em o nosso paiz, sendo das ultimas terras, que a espada victoriosa dos nossos reis resgatou do poder dos infieis para a corôa portugueza. Coube esta empresa a D. Affonso III, o conquistador do Algarve, no anno de 1249.

Como depois da conquista a maior parte dos moiros se recolhesse ás cidades africanas do litoral do Mediterraneo, deixando as terras do Algarve despovoadas e arruinadas, el-rei D. Affonso III, logo que se viu desassombrado de inimigos, cuidou de as reconstruir e povoar de novo. Para este fim, em Agosto de 1266, concedeu a Loulé o mesmo foral, que havia dado a Faro, Silves, e Tavira, o qual se compunha de grandes privilegios e isempções, proprios para chamar a estas terras novos moradores.

D. Affonso V fez conde e senhor de Loulé a D. Henrique de Menezes, filho de D. Duarte de Me-

nezes, conde de Vianna. Depois passou este senhorio para D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, que o deu em dote a sua filha, D. Guiomar Coutinho, quando casou com infante D. Fernando, filho mais novo d'el-rei D. Manuel. Não ficando geração d'este matrimonio vagou a villa para a corôa. Depois foi dada a alcaidaria-môr aos condes de Valle de Reis.

Em 1799 foi creado marquez de Loulé pelo principe regente em nome da rainha D. Maria I, Agostinho Domingos José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, oitavo conde de Valle de Reis, pae do actual marquez.

Loulé gosava no antigo regimen da prerogativa de enviar procuradores às côrtes, os quaes tomavam logar no banco nono. O brasão d'armas d'esta villa consta de um simples escudo branco, sem mais divisa, conforme se acha na Torre do Tombo.

Está situada em uma arborisada colina, duas leguas ao norte da cidade de Faro, e cinco ao oeste da cidade de Tavira, contendo uma população de oito mil e duzentas almas, pouco mais ou menos.

Apezar da sua grandeza não tem mais de uma parochia, da invocação de S. Clemente. Os seus edificios religiosos, além d'este, limitam-se á egreja da misericórdia, com um hospital bem dotado, e a duas ou tres ermidas. Antes da extincção das ordens religiosas em 1834, contava dentro dos seus muros, e fora a pouca distancia, os seguintes conventos: um de eremitas de Santo Agostinho, que pertenceu primitivamente aos templarios, e fôra fundado em 1312; o de capuchos da provincia da Piedade, erigido em 1546 por Nuno Rodrigues Barreto, e feito de novo, mudando de logar, em 1692; o de religiosos Agostinhos descalços, construido no seculo xvii; e um convento de freiras da Conceição, que começou em recolhimento de mulheres pobres, e que tambem se acha supprimido.

Era antigamente a villa toda cercada de muros, com seis portas, e um forte castello. Com o tempo, porém, cresceu a população, e se foi esten-

dendo para fora da cerca. Hoje vêem-se ainda os muros, mas no centro da villa. O castello está ar-ruinado.

São muito formosos os suburbios de Loulé. Por toda a parte se encontram copados arvoredos, fontes e arroios de boas e fresquissimas aguas, e muitas hortas e pomares bem cultivados. Ha n'elles varias ermidas. O termo praduz cereaes, legumes, frutas, vinho, azeite, algum gado, e caça. Os figos, e alfarroba constituem um dos principaes ramos da sua cultura.

Segundo se lê em varios autores nacionaes, a tres leguas d'esta villa, junto ao logar d'Alte, que está situado nas faldas de um monte, existem duas minas, uma de prata, e outra de cobre.

A 29 de Agosto tem Loulé a sua feira annual de tres dias.

A VILLA E PRAÇA DE MARVÃO.

Em um dos mais altos cabeços da serra de Portalegre, na provincia do Alemtejo, está assentada a villa e praça de Marvão. Todavia, posto que este monte conte meia legua de elevação, o cume é perfeitamente plano.

Para os lados de norte, sul, e oeste, é formado todo o monte de rocha viva, como que cortada a prumo, até a um profundissimo valle, com taes quebradas, e tão escarpada penedia, que o accesso por ali é impossivel. O ingresso para a villa é pelo lado de lêste, onde o dorso da montanha está despido de rochedos, e se eleva com menos precipitada inclinação. Porém ainda assim, e apezar de subir em voltas, o caminho é muito ingreme e penoso.

Como esta parte é a que olha para a fronteira de Hespanha, d'onde dista uma legua, é n'ella que se acham as principaes fortificações da praça; pois que as outras estão defendidas pela natureza. Na raiz do monte ergue-se pois a primeira muralha, que é banhada pelo pequeno rio Aramenho, o qual lhe serve de fosso. Dentro da villa para oeste levanta-se o castello, acompanhado de alguns baluartes.

Dizem os nossos antiquarios, que foi fundada esta villa quarenta e quatro annos antes do nascimento de Christo pelos herminios, antigo povo da Lusitania, que habitava na serra da Estrelia e suas circumvisinhanças; e que vindo a arruinar-se, ou sendo destruida na invasão dos sarracenos, foi mandada reedificar e povoar no anno da era christã de 770 por um moiro chamado Marvão, que era senhor de Coimbra, e do qual tomou o nome.

El-rei D. Diniz mandou edificar o castello e a cêrca de muralhas; e nos tempos da guerra da restauração contra o dominio de Castella, fizeram se-

lhe algumas obras de fortificação segundo o systema moderno.

Marvão gozava antigamente de voto em côrtes com assento no banco decimo primeiro ; e tinha por alcaides-môres os condes d'Atalaya.

Consiste o seu brasão d'armas em um castello de oiro em campo azul, tendo por cima o escudo das quinas e duas chaves.

Divide-se a villa em duas parochias, uma da invocação de Santa Maria, e a outra intitulada de Santiago. Tem casa de misericordia, hospital, e quatro ermidas.

Os moradores fornecem-se de agna de uma grande cisterna, que ha no castello, junto á entrada ; de um poço de agua nativa ; e de uma fonte, que fica na encosta do monte, proximo ao caminho, que conduz para a villa.

Marvão encerra uma população de mil e trezentas almas. De varios sitios da villa descobre-se um horisonte dilatadissimo. Veem-se entre outras serranias as da Estrella e de Beja, e diversas povoações.

Nos suburbios tinha um convento de frades franciscanos. O rio Aramenho faz ferteis os campos circumvisinhos, onde ha algumas hortas e pomares. O termo produz cereaes, legumes, e azeite, e n'elle se criam gados e caça.

Em uma quinta, que ali possui o senhor conde d'Atalaya, teem-se achado muitos vasos de barro, medalhas, inscripções, e outras antiguidades. Não muito longe, ainda dentro do termo de Marvão, descobrem-se ruinas de edificios antigos em uma grande extensão de terreno, que bem mostram ter existido ali uma povoação importante. Conforme a opinião de um nosso escriptor, que se deu muito ao estudo das antiguidades do nosso paiz, o padre Luiz Cardoso, da congregação de S. Philippe Nery, essas ruinas são de uma cidade que se denominava *Armenia*. Diz o mesmo autor que o nome de Aramenha, que se dá ali a uma freguezia, e o de Aramenho, porque se conhece o rio, são corruptelas do nome d'aquella cidade.

No districto d'esta freguezia de Aramenha ergue-se a serra da Portagem, nas abas da qual, para o lado do occidente, ha uma caverna de muita profundidade, que terá cento e cincoenta palmos de altura. D'ella segue pelas entranhas da serra, e em direcção do norte, outra caverna compridissima, onde os curiosos não se teem atrevido a petrar muito em razão da falta de luz e ar. As paredes e abobadas d'estas cavernas são de rocha, e dizem que mostram signaes de terem sido abertas por esforço d'arte humana. E' tradição n'aquelles povos, que foi uma mina de chumbo, que ahi esteve em exploração.

Disto Marvão duas leguas da cidade de Portalegre para o nordeste; e uma da villa de Castello de Vide para o sueste. Valença d'Alcantara é a povoação do reino visinho, que lhe fica mais perto, na distancia de duas leguas. Porém á parte mais proxima da fronteira, como acima dissemos, não vae mais de uma legua.

A VILLA DE MELLO.

Está situada esta villa na provincia da Beira, nas faldas da serra da Estrella, uma legua ao sul da villa de Linhares.

Conta-se a sua origem pelo modo seguinte.

Sabendo D. Sueiro Raymundo, que Ricardo, Coração de Leão, rei de Inglaterra, se aprestava com grande exercito para ir á conquista da Terra Santa, resolveu acompanhá-lo n'esta heroica e religiosa empresa. Saiu pois de Portugal para se unir aos cruzados no anno de 1191. Depois de haver dado provas do seu valor e coragem na expugnação de Chipre, viu-se finalmente com o exercito dos cruzados diante dos muros da tão suspirada Jerusalem. A ordem para o assalto não se fez esperar muito tempo; e ao nosso D. Sueiro coube, na disposição das forças para o combate, um lanço do muro, que, tomando o nome de um valle, ou voragem que lhe ficava visinho, se chamava *Mello*. D. Sueiro praticou ahí singulares actos de valentia, e gentilezas d'armas, com que deixou maravillados os seus camaradas, que desde então começaram a appellidá-lo o *Mello*.

O fim d'aquella empresa é sabido, que foi desgraçado, pois que a peste, a fome, e as dissidencias, dizimaram os cruzados, obrigando-os a demandar os seus paizes.

Voltando D. Sueiro a Portugal, e querendo commemorar os seus gloriosos feitos, fundou nas faldas da serra da Estrella uma quinta com o nome de *Mello*, e n'ella deu principio a uma povoação-sinha correndo o anno de 1204, em que reinava D. Sancho I. No seguinte reinado de D. Affonso II, foi este D. Sueiro nomeado alferes-mór, e um seu neto, D. Mem Soares de Mello, foi feito senhor de Mello, e tambem alferes-mór de D. Affonso III. Hoje é seu descendente e representante o senhor conde de Mello, decimo nono senhor de Mello.

Cresceu a povoação, e D. Affonso v a fez villa ; mas o seu foral foi-lhe dado por el-rei D. Manuel em 19 de Julho de 1515.

Apezar dos progressos do tempo é ainda hoje uma pequena povoação, que não chega a contar mil almas. Tem uma só parochia da invocação de Santo Isidoro, egreja da misericordia, hospital, e cinco ermidas.

A sua posição muito arredada dos portos de mar, dos grandes centros commerciaes, e até mesmo das principaes estradas do reino ; a falta absoluta de communicações faceis, são as causas, que teem obestado ao desenvolvimento d'esta villa : por quanto o seu territorio é muito productivo, e adaptado para culturas muito lucrativas.

Assentada entre duas fresquissimas ribeiras, possui esta villa lindos arrabaldes, pois que lindos são todos os valles da serra da Estrella pela pomposa vegetação, que n'elles entreteem em todas as estações do anno os infinitos arroios, torrentes, e rios que se desprendem do alto dos serros, ou que rebentam da raiz da montanha.

Cereaes, legumes, frutas, e vinho, são as produções communs do termo d'esta villa. Mas o principal ramo da sua industria agricola consiste na criação de gado, de diversas especies, para o que tem magnificas e abundantissimas pastagens.

A villa de Mello tem por brasão d'armas o escudo das armas reaes de Portugal, collocadas entre duas arvores verdes, cada uma com um melro em cima.

A VILLA DE MERTOLA.

Foi Mertola uma das mais importantes e nomeadas cidades da antiga Lusitania com o nome de *Mirtilis Julia*.

Segundo a opinião de alguns escriptores deveu a sua origem aos tyrios e phenicios, que, fugindo das armas victoriosas de Alexandre Magno, vieram aportar á Lusitania, e abi fundaram, trezentos e dezoito annos antes do nascimento de Christo, uma povoação sobre o Guadiana, a qual denominaram *Mirtilis*, que quer dizer — Nova Tyro, e que ao diante se corrompeu em Mertola.

Seja ou não verdade esta origem, pelo menos não repugna dar-lhe credito. Os phenicios eram povo mais industrioso da antiguidade. Foi a primeira nação de que ha noticia, que se deu com fervor e perseverança ao trafico commercial, saindo do seu paiz para permutar as suas mercadorias no estrangeiro, e para explorar fontes de riqueza em remotas regiões.

A Peninsula Iberica, paiz então selvagem, e mui afastado do centro de civilisação d'essa epoca, era uma das regiões, que os pheniceos mais frequentavam. Navegando terra a terra, percorriam todas as costas do Mediterraneo, devassando os rios, que n'elle veem desaguar, e saindo ao oceano vinham tambem surgir em os nossos rios, principalmente no Guadiana, no Sado, e no Tejo. Exploravam as terras visinhas; recolhiam os productos, que mais lhes convinham, sobretudo miniferos; e nos sitios mais ricos, ou que mais apropriados lhes pareciam a quaesquer vantagens, fundavam pequenas colonias.

E' possivel, portanto, que, no caso de não ser exacta aquella noticia, aquellos navegadores aventureiros, em algumas das suas excursões pelo Guadiana, fundassem junto ás suas margens uma povoação.

O que é fora de duvida, é que no tempo em que Roma estendia por toda a parte o seu dominio, era *Mirtilis* uma cidade de tal importancia, que mereceu ser elevada pelos orgulhosos senhores do mundo á preeminencia de municipio do antigo Lacio, prerogativa que bem poucas cidades das Hespanhas poderam alcançar. Os seus moradores, talvez em signal de gratidão por alguns favores recebidos, accrescentaram-lhe o nome de Julio Cesar, ou este para a honrar lhe deu o seu nome, com o que se ficou chamando *Mirtilis Julia*. Encontram-se muitas noticias d'esta cidade nos autores antigos, e tambem se tem achado nos proprios logares muitos vestigios seus, que attestam a sua prosperidade e grandeza.

Nas invasões dos barbaros do norte, que destruíram o imperio romano, e depois na dos arabes, que derrocaram a monarchia goda, padeceu muito aquella cidade na expoliação das suas riquezas, na ruina dos seus edificios, e na morte e dispersão dos seus habitantes. E' provavel que tantas calamidades a deixassem inteiramente arruinada, como aconteceu a todas ou quasi todas as principaes cidades da peninsula. Os moiros reconstruíram-a, e de novo a povoaram, porém na guerra cruenta, que em breve se accendeu entre o islamismo e christianismo, viu-se exposta a novos desastres e vicissitudes, até que o nosso rei D. Sancho II a conquistou no anno de 1239, unindo-a para sempre á corôa de Portugal.

D'esta vez não foi mais feliz, que nas guerras anteriores, pois que n'essa lucta tremenda de christãos e moiros a espada do vencedor era tão inexoravel para os homens, como para os monumentos. D. Sancho II mandou-a povoar, e fez doação d'ella á ordem militar de Santiago, para que os seus cavalleiros tomassem o encargo de defender aquella posição importante, por ficar fronteira á Andaluzia, e proxima do Algarve, onde os moiros conservavam floccentes estados e grande poder.

Já se vê que em taes circumstancias, não podia crescer e desinvolver-se a povoação, que não era

por certo appetecível uma vivenda tão visinha de inimigos tão ligadaes. Por conseguinte só veio a tomar algum incremento depois que os sarracenos foram expulsos da Andaluzia, e do Algarve.

Deu-lhe foral de villa el-rei D. Diniz, sendo de lá muito conhecida pelo seu actual nome de Mertola. Gozava então de voto em còrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo oitavo. Eram seus alcaides-móres os condes de Santa Cruz, título e familia hoje extinctos.

O seu brásão d'armas é um escudo de prata, e n'elle um cavalleiro de Santiago a cavallo, e armado de escudo e espada em acção de arremeter. Na parte superior, juntos a um canto do escudo, tem dois martelos.

Está sentada esta villa na encosta de um monte, cujas faldas banha o Guadiana pelo lado de este, e o pequeno mas fundo rio d'Oeiras pelo sul. Dista da cidade de Beja nove leguas para o sul, e onze da foz do Guadiana.

Contém a villa de Mertola uns dois mil e quatrocentos habitantes com uma parochia, egreja e hospital da misericórdia, e cinco ermidas. Teve um convento da ordem militar de Santiago.

A sua posição é bastante defensavel por natureza, e alguma coisa fez a arte em outros tempos para a tornar mais forte. As margens do Guadiana e da ribeira d'Oeiras fazem-lhe alegres e apraziveis os suburbios, assim como as aguas dos dois rios concorrem para os fazer productivos. O termo, que se estende até ás serras de Caldeirão, Agra, e S. Varão, é dos mais ferteis do Alentejo. Produz cereaes, legumes, frutas, vinho, cêra, muito mel, gado e caça. O Guadiana fornece a villa de diversas especies de peixe, sobretudo de solhos, em que abunda. Tem duas feiras no anno, uma a 13 de Junho; e a outra a 21 de Setembro.

Tanto no terreno occupado pela villa, como nas immediações tem-se descoberto em differentes epochas muitos objectos de antiguidade, e alguns de grande apreço artistico, como estatuas, vasos, columnas, cippos, etc. De uma bella ponte, que

os romanos construíram sobre o Guadiana, ainda restam vestígios. O nosso erudito escriptor, D. frei Amador Arraes, bispo de Portalegre, fallando em uma sua obra da villa de Mertola, diz que entre umas estatuas de marmore, que nos fundamentos da misericordia d'esta villa se acharam, vira uma de uma matrona, admiravelmente lavrada, e lhe pareceu tão nobre o trajo, que faz a descripção d'ella na forma seguinte: «Tinha uma roupa até aos pés, com muitas pregas, muito bem compostas, cingida por debaixo dos peitos, que algum tanto se enxergavam, com um cordão torcido da grossura de um dedo; e tinha no meio do peito dois nós cegos, com dois cabos eguaes, que desciam para baixo. Tinha seu roupão muito fraldado até aos pés, posto nos hombros, e com a mão direita tinha recolhida grande parte d'elle, e o lançava sobre a esquerda, do cotovelo até á mão, com gentil arte.»

Na antiga *Mirtilis* padeceu martyrio o bispo S. Fabricio; e n'ella nasceu S. Varão, irmão de Santa Barbara, e de S. Brissos, o qual vivendo vida eremitica na serra a que deu o seu nome,ahi morreu pelos annos de 300 da era christã. No sitio da sua sepultura fundou-se depois uma ermida, que de reconstrucção em reconstrucção tem chegado até aos nossos tempos; e é muito venerada e procurada d'aquelles povos. Proximo da ermida mostra-se a gruta em que o santo eremita viveu.

A CIDADE DE MIRANDA.

Na parte mais meridional da provincia de Traz-os-Montes, onde o Douro a separa do reino de Leão, ergue-se a cidade de Miranda, sentada sobre fragas, em logar montuoso, na margem direita d'aquelle rio.

Apezar da antiguidade e diversos nomes romanos, que o autor da *Corographia Portugueza* attribue a esta povoação, parece, com melhor fundamento, que teve principio no governo de D. Affonso Henriques, sendo simplesmente infante. E ha quem date a fundação do anno de 1136. O que é provavel, attendendo ás guerras, que o moço D. Affonso Henriques sustentou contra seu primo, rei de Leão, é que edificasse n'aquelle anno o castello de Miranda, como atalaya e guarda d'aquella fronteira contra as invasões dos leonezes; e que depois, conforme o costume, e necessidades d'esses tempos, os moradores dos campos fossem procurando o abrigo da nova fortaleza, e construindo casas em volta de suas muralhas.

Crescendo a povoação, levantou-se em torno d'ella para sua defensa uma cêrca de muros com suas torres e portas. Porém todas estas fortificações, por mal construidas, ou pelo effeito natural das guerras, achavam-se em grande ruina no fim de seculo e meio. El-rei D. Diniz começou a reconstruil-as no anno de 1294, e no de 1297 fez a Miranda villa, dando-lhe foral com muitos privilegios.

As tristes causas, que ali tinham attrahido habitantes vieram por fim a cessar; mas a povoação teve depois maior incremento pelas causas oppositas áquellas. A longa paz trouxe relações amigaveis ás duas nações rivaes; e o commercio em breve fez prosperar as povoações de uma e outra fronteira.

Querendo el-rei D. João III remediar alguns males que se davam no arcebispado de Braga, por causa

da demasiada extensão do seu territorio, resolveu tirar-lhe a provincia de Traz-os-Montes, e crear n'ella um bispado. Impetrou portanto a erecção da nova diocese, que lhe foi concedida por bulla do papa Paulo III, de 22 de Maio de 1545. A sede episcopal foi collocada em Miranda, que por esse motivo foi elevada pelo mesmo monarcha á cathedra de cidade.

Entre os foros e privilegios concedidos por D. João III á nova cidade foi um d'elles a prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, destinando-se-lhes para assento o quarto banco. A alcaidaria-mór foi dada aos marqueses de Tavora. Não sabemos se o seu brasão d'armas lhe foi concedido tambem por essa occasião. Consiste em um escudo coroadado, tendo no meio um castello com tres torres, e sobre a torre do centro a lua em quarto crescente, com as pontas voltadas para baixo. A fortaleza dizem que commemora a fundação da cidade, que teve principio no seu castello; e a lua em crescente, querem que signifique a esperanza, ou o prognostico do engrandecimento successivo da povoação.

Na porfiosa lucta da restauração da nossa independencia, no seculo XVII, padeceu a cidade de Miranda como todas as povoações da raia. Por essa occasião fizeram-se-lhe algumas obras de fortificação, e apropriou-se o antigo castello ao uso da artilharia, para o que se derrubaram as quatro torres, que se erguiam nos seus quatro angulos, até ficarem na altura dos lanços de muro, que as unia.

Na guerra da successão de Hespanha, travada entre esta nação e a França, de uma parte, e a Inglaterra, Portugal, Hollanda, e o imperio d'Alemanha, da outra, foi a cidade de Miranda tomada por traição no dia 8 de Julho de 1710. O sargento-mór, Pimentel, entregou a praça ao marquez de Bay por seis mil dobrões, que recebeu, ficando a guarnição prisioneira de guerra. Porém no anno seguinte foi esta affronta vingada por D. João Manuel, conde d'Atalaya, que, depois de um curto mas ri-

goroso cêrco, tomadas as obras de defesa exteriores, e aberta a brecha na muralha, fez render a praça por capitulação, aos 15 de Abril, entregando-se a guarnição prisioneira de guerra.

Rebentando novas hostilidades entre os dois paizes em 1762, o exercito hespanhol, commandado pelo marquez de Sarria, invadiu e assenhoreou-se de quasi toda a provincia de Traz-os-Montes. Até ao anno seguinte, em que se fez a paz, padeceu Miranda infinitas vexações.

Em 1770 foi desmembrado o bispado de Miranda, creando-se com o territorio que se lhe tirou o bispado de Bragança. Dez annos depois, foram outra vez reunidas as duas dioceses pela bulla de 27 de Setembro de 1780; mas então perdeu a cidade de Miranda a sua preeminencia ecclesiastica. A sede episcopal transferiu-se para a cidade de Bragança.

Na grande lucta, que Portugal sustentou no começo d'este seculo contra o poder da Hespanha e da França, que pretendiam unidas avassallar-o e dividil-o, Miranda e toda a provincia de Traz-os-Montes foram victimas de invasões assoladoras, e tambem glorioso theatro do heroico esforço, que, secundando o grito de independencia levantado em outras terras do reino, tanto contribuiu para libertar o paiz dos seus oppressores.

Dos muitos e diversos prejuizos, que a cidade teve em meio de tantas vicissitudes e desgraças, não a tem resarcido o tempo, antes pelo contrario, porque nas variadissimas adversidades porque tem passado Portugal desde a paz geral, de 1815, até hoje, Miranda com toda a provincia de Traz-os-Montes é a parte mais queixosa do reino. Em quanto que no resto do paiz se operam melhoramentos, que o vão transformando, dando-lhe seguras condições de prosperidade, aquella provincia jaz como desligada do reino á falta de communicações faceis, e jaz tambem em grande turpor e decadencia á mingua de industria e movimento. Ainda agora é que o progresso começa a bater ás portas d'esta provincia.

Não tem esta pequena cidade mais que uma parochia, que é um templo de tres naves, edificado por el-rei D. João III para servir de cathedral, e que durante quasi dois seculos e meio gozou d'essa honra.

Além d'esta egreja, os seus principaes edificios são: a casa da misericordia, hospital, e o seminario, construido pouco antes da extincção do bispado de Miranda. Dentro e fora da cidade ha varias capellas. Não ha fontes no recinto dos muros, mas sim muitos poços, mais excellentes pela quantidade d'agua, que possuem, que pela qualidade d'esta. Junto porém á cidade ha quatro fontes.

Miranda ainda conserva o seu velho castello e cêrca de muralhas com tres portas, tudo em estado de mais ou menos ruina. A sua posição é mais defensavel por natureza, que por arte, pois que além d'aquellas antigas fortificações, a sua principal defesa consiste em um forte construido junto á cidade na epoca da restauração de 1640.

O clima é tão frio e aspero no inverno, e tão ardente no verão, que ha ali um rifão que diz — *em Miranda ha nove mezes de inverno, e tres de inferno*. N'esta ultima estação seccam-se de ordinario as ribeiras dos seus suburbios, e desaparece ou delinha-se a vegetação.

O rio Douro corre mui perto da cidade, apertado e violento, e tem ali um pequeno porto. Tambem na sua visinhança passa o rio Fresno, que desagua no Douro, e tem uma ponte de pedra, o junto d'ella uma fonte, que é alimentada por um aqueducto, que vem sobre arcos desde o sitio de Villarinho.

Apezar de ser bastante pedregoso, o termo produz muitos cereaes, legumes, vinho, frutas, e gado. A principal industria da povoação consistia ha tempos, e julgamos que ainda hoje, em curtimentos de coiros, e em certos tecidos de lã ordinarios para consumo da localidade. Conta a cidade uns quatrocentos e tantos fogos.

A VILLA DE MONÇÃO.

Esta antiquissima villa está sentada em terreno elevado, proximo da margem esquerda do rio Minho, em distancia de duas leguas da praça de Valença, para o norte. Fica-lhe defronte Salvaterra, villa da Galliza.

Como succede a quasi todas as nossas povoações de origem anterior á monarchia, ignora-se a epoca da fundação d'esta villa. A historia, que refere Carvalho na sua Corographia, dizendo que a fundou el-rei Brigo, pondo-lhe o nome de *Obobriga*; que, arruinada depois, a fundaram de novo os gregos, denominando-a *Grozion*; que no tempo em que Santiago prégou n'esta provincia a fé christã era uma cidade chamada *Mamia*; é um aggregado de fabulas, que outros nossos antiquarios, mais escrupulosos, refutam com bons argumentos. Tambem não se pode dar mais credito a outras noticias, que o mesmo autor dá, relativamente a mudanças de local da povoação.

O que de tudo isto se deve deduzir é que a sua antiguidade é mui grande. O nome de Monção é abreviatura de Mons Sanctus, Monte Santo, que dizem lhe davam os godos.

El-rei D. Affonso iii deu-lhe foral em Março de 1264. Seu filho, el-rei D. Diniz, construiu-lhe o castello, e cercou-a de muros. D. João ii reedificou o castello, e acrescentou-lhe um novo cinto de muralhas com sua barbacã; pelo que se vê na porta do baluarte o *pelicano*, divisa d'este ultimo monarcha.

Na guerra, que rompeu entre el-rei D. Fernando de Portugal e D. Henrique ii de Castella, na segunda metade do seculo xiv, veio um exercito castelhano pôr cêrco a Monção. Apesar de ser pequena para se oppôr a tão poderoso inimigo, a guar-

nição defendeu a praça por muito tempo com incrível valor. Multiplicavam-se os assaltos, e estreitava-se o cêrco todos os dias ; mas os castelhanos eram sempre repellidos, e os defensores da villa supportavam com corajosa resignação todo o genero de sacrificios. As coisas, porém, chegaram ao ultimo termo pelo apuro da fome. Ia pois a render-se a praça, quando uma mulher a salvou.

Deosadeu Martins, esposa do capitão-mór de Monção, Vasco Gomes d'Abreu, praticara em todo o cêrco acções de verdadeiro heroismo, primeiro acudindo ás muralhas, na occasião dos combates, ora animando os seus, ora arremecendo pedras e materias inflammadas sobre os castelhanos ; e depois, quando os braços começavam a desfallecer pela fome, correndo a repartir o seu proprio pão pelos soldados, que mais d'elle careciam. Porém este derradeiro recurso não tardou a exaurir-se. A heroína, entrando um dia no seu celleiro, apenas viu um punhado de farinha ! Já não havia mais mantimentos na villa. A entrega da praça devia ser immediata.

A illustre matrona teve então uma idéa de inspirada. Mandou fazer alguns poucos pães com aquella farinha, e, tomando-os no regaço, sobe acima de uma torre das muralhas, e arremeça-os ao inimigo, exclamando : «A vós, que não podendo conquistar-nos pela força das armas, nos haveis querido render pela fome, nós, mais humanos, e porque, graças a Deus, nos achamos bem providos, vendo que não estaes fartos, vos enviamos esse soccorro, e vos daremos mais, se o pedirdes.»

Os sitiadores, que com effeito já estavam experimentando grande falta de mantimentos, desanimados de tomar a villa por assalto, e julgando-a agora abastecida ainda de viveres para um longo assedio, resolveram immediatamente a retirada, e sem mais demora partiram para a Galliza.

Os habitantes de Monção solemnizaram com grandes festas e regosijos este successo, e em commemoração do feito, e obsequio da heroína, tomaram por brasão d'armas da sua villa uma torre em cam-

po de prata, tendo sobre as ameias uma mulher com os braços erguidos, e dois pães nas mãos, e em volta esta legenda: *Deus a deu Deus o ha dado*, alludindo assim á heroína, que concebeu o projecto da salvação publica, e ao pão, que foi o instrumento d'essa gloriosa acção. A camara mandou tambem pintar na sua bandeira o retrato de Deosadeu Martins. Depois da sua morte foi por largo tempo honrada a sua memoria, indo a camara todos os annos em certo dia junto da sua sepultura, para ahi se abrir e lér a lista dos vereadores.

El-rei D. João I deu o senhorio de Monção a Lopo Fernandes Pacheco em 1423; mas logo depois lh'o comprou, encorporando-o outra vez na corôa. D. Affonso v fez doação d'elle a D. Affonso, conde de Ourem, e mais tarde marquez de Valença, filho primogenito do primeiro duque de Bragança. Oppuzeram-se porém os habitantes por tal modo, que não foi possivel ao conde tomar posse. Succedendo d'ahi a pouco tempo D. João II no throno, e fazendo-se-lhe queixa d'esta desobediencia, ao passo que a villa de Valença, dada tambem ao conde de Ourem na mesma occasião, não tinha impugnado a doação, respondeu este soberano: *Valença é femêa, e Monção é macho*. E aquella resistencia agradou tanto a D. João II, que já se dispunha para coarctar o poder da nobreza, que deu varios privilegios á villa, ordenando que nunca mais fosse alienada da corôa.

Na lucta da restauração de 1640, foi sitiada pelas tropas de Philippe IV. Durou o cêrco quatro mezes e meio, durante os quaes houve rijos combates, terminando por uma honrosa capitulação. E dizem que o general inimigo, ao ver o pequeno numero de combatentes, que saiu da praça, ficara maravilhado da sua tenaz resistencia.

Monção tinha voto nas antigas côrtes, com assento no banco decimo.

Ha na villa uma só igreja parochial, intitulada de Santa Maria, em uma das capellas da qual está a sepultura de Deosadeu Martins. Tem igreja e hos-

pital da misericórdia, tres ermidas, uma d'ellas de bonita fabrica, da invocação de Nossa Senhora do Outeiro, e situada em um espaçoso campo, chamado do Cano. Tinha dois conventos de freiras, de que restam os edificios, um de S. Bento, fundado em 1550; e o outro de S. Francisco. Dentro da povoação ha quatro fontes.

Monção ainda conserva em grande parte as suas antigas fortificações; e no seculo xvii fizeram-se-lhe diversas obras de defesa.

Os suburbios são muito lindos e amenos. Para se ajuizar da sua belleza basta dizer, que se estendem pelas formosissimas margens do rio Minho.

Entre a villa e o rio ha um olho d'aguas sulfureas, muito medicinaes. Proximo tambem do mesmo rio, porém na distancia de tres quartos de legua de Monção, vê-se uma curiosa antigualha. E' uma elevada torre, que o vulgo denomina Vara do Castello, porque fazia parte do lindo castello de Lapella, fundado por ordem de D. Affonso Henriques, ainda antes de ser acclamado rei. Este castello foi mandado arrazar no seculo xvii para desaffrontar a praça de Monção, ficando só em pé para memoria aquella torre.

A meia legua ao sul de Monção encontra-se o magnifico palacio da Berjoeira, ricamente adereçado no interior, e rodeado de bellos jardins, com uma grande quinta de regalo. Foi começado em 1806 por Luiz Pereira Velho de Moscoso, e por elle acabado no fim de vinte e oito annos de trabalhos nunca interrompidos. Dizem que importou em uma somma, que não anda longe de quatrocentos contos. Pertence actualmente ao filho do fundador, o senhor Simão Pereira Velho de Moscoso.

N'outro sitio das cercanias de Monção, chamado Agrello, ha uma curiosidade natural digna de ver-se. E' uma gruta formada por um enorme penedo, e tão espaçosa, que podem estar dentro d'ella commodamente muitas pessoas.

O termo de Monção é mui fertil. Produz muito milho e centeio, legumes, frutas, vinho, linho, etc.

Cria-se n'elle bastante gado, de diversas especies, e abunda em caça miuda. O rio Minho fornece a villa de muito e bom peixe, principalmente de lampreias e salmão.

Monção conta mais de mile duzentos moradores.

A VILLA DE MONFORTE.

Acha-se situada esta villa na provincia do Alemtejo, entre a cidade de Portalegre, e Villa Viçosa, distando quatro leguas da primeira para o sul, e outras tantas da segunda para o norte.

Não ha noticia certa sobre a fundação d'esta villa, mas sabe-se que já existia no principio da monarchia, pois consta de um alvará de D. Affonso iv, que se guarda no archivo municipal, que el-rei D. Affonso Henriques lhe concedera grandes privilegios e isempções.

Com as guerras dos moiros, durante os quatro primeiros reinados, se arruinou e ficou quasi deserta. El-rei D. Affonso iii mandou-a reedificar e povoar de novo em 1270; e seu filho, el-rei D. Diniz, construiu o seu castello, e cercou-a de muros. Tinha voto nas antigas côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo-segundo. São seus alcaides-môres os senhores condes das Galvêas. Tem por armas tres torres com seus corucheos, e sobre estes tres bandeiras.

Está fundada esta villa sobre um monte alto e de difficil accesso, principalmente do lado do norte, e d'esta sua posição tirou o nome de Monforte, abreviatura de *Monte forte*.

O autor da Corographia Portugueza descreve a configuração da villa do modo seguinte: «E' semelhante a uma galé; na pôpa está a torre de menagem do castello, com mais tres torres e quatro baluartes, cisterna, cava, e cêrca bem fortificada; a prôa é a torre em que está o relogio, para a parte do sul, ficando toda ella cercada de muros com quatro portas.»

Divide-se a povoação em tres parochias: Santa Maria, que é a matriz; S. Pedro, e Santa Maria Magdalena. Tem casa de misericordia, hospital, um convento de freiras franciscanas, fundado no

reinado de D. João III por Fernão Ribeiro Montoso, natural de Monforte, e no qual residem mui poucas religiosas; e as ermidas de Nossa Senhora, S. Sebastião, S. Domingos, o Espirito Santo, S. Gião, e Nossa Senhora da Conceição. Esta ultima é um bello templo, bem ornado e servido, e onde concorrem muitas romagens d'aquelles arredores.

O termo de Monforte é cortado por varias ribeiras. As principaes, chamadas d'Aviz, e Leça, teem apraziveis margens, e regam campos fertilissimos, em que se cultivam muitas e boas frutas. Possue este termo mui ricas herdades com magnificos montados de lande e boleta, onde se cria muito gado suino, e além d'este, que é o principal, de todo o mais. Produz muitos cereaes e vinho. Os montes abundam em caça de todo o genero.

A VILLA E PRAÇA DE MONSANTO.

Fica esta villa na provincia da Beira Baixa, districto administrativo de Castello Branco. Dista seis leguas nordeste da cidade d'este nome; uma sudoeste da villa de Penamacor, e uma tambem da raia da Estremadura hespanhola. Está edificada em lugar plano, porém na còrôa de um monte elevado e fragoso, e por todos os lados de difficil accesso.

Nada se sabe ácêrca da origem d'esta povoação. Parece que já existia no tempo da dominação dos romanos, e, a dar-se credito á tradição, tiveram-na estes de cêrco pelo espaço de sete annos, no fim dos quaes se rendeu por capitulação.

Achando-se arruinada e falta de moradores no reinado de D. Sancho I, mandou-a este soberano reedificar e povoar pelos annos de 1190. Dizem que lhe puzera então o nome de *Monte Sacro*, mas que ao diante começou a chamar-lhe o povo *Monte de Sancho*, que veio a corromper-se no actual nome de Monsanto. Todavia a etymologia mais provavel deriva este de *Mons Sanctus*, Monte Santo, denominação que o povo dava áquelle sitio desde o tempo em que ali residira Santo Amador, anacoreta, cujos ossos se conservam em um cofre na antiquissima ermida de S. Pedro, fundada na raiz do monte.

El-rei D. Affonso III deu foral a Monsanto com muitos privilegios; porém foi el-rei D. Manuel, que a fez villa, concedendo-lhe representação em côrtes com assento no banco decimo-quarto. Por esta occasião lhe reformou o brasão d'armas, accrescentando uma esphera armilar, divisa sua, á aguia que já havia no escudo, como indicativo da dominação romana n'esta terra.

Tem esta villa duas parochias, o *Salvador*, e *S. Miguel*, casa de misericordia, hospital, sete ermidas, e um castello, fundado no seculo XII por D. Galdim Paes, mestre dos templarios.

Apezar da grande altura em que Monsanto se acha, tem varias fontes de excellente agua, e dentro do castello um poço com abundante nascente. A esta circumstancia, tão favoravel para o caso de um cêrco, vem ainda juntar-se duas outras não menos vantajosas. A primeira, é a fortaleza natural da posição, que bem se pode defender com um punhado de soldados contra forças muito superiores. A segunda é, que, do logar onde o inimigo lhe pode formar o cêrco para dentro, tem terreno bastante, que produz pão, vinho, azeite, hortaliças e frutas. Por tudo isto, no tempo das antigas guerras com o reino visinho, adquiriu entre os castelhanos fama de inconquistavel. E n'este sentido teem elles um adagio, que diz: *Monsanto, Monsanto, orejas de mulo, el que te ganar, ganar puede el mundo*. Os castelhanos chamavam então orelhas de mulo ao castello de Monsanto por causa de dois penedos agudos, que ha junto d'elle.

O caminho que conduz para a villa vae subindo pelo dorso do monte com muitas voltas e rodeios, e por entre aspera penedia.

Como por toda a montanha ha muita copia de nascentes d'agua, é cercada a villa de hortas e pomares. O termo, além dos productos acima referidos, abunda em gados e caça.

Monsanto foi cabeça de condado, titulo creado por D. Affonso v em favor de D. Alvaro de Castro, seu camareiro-mór. Os condes de Monsanto, depois marquezes de Cascaes, eram alcaides-móres d'esta villa, de Lisboa, e ainda de outras terras.

Monsanto é praça de guerra, com um tenente coronel por governador. Tem uns mil e trezentos habitantes.

A VILLA DE MONSARÁS.

Ergue-se esta povoação na provincia do Alemtejo, sobre um alto cabeço, formado de um grupo de penhascos. A falda oriental d'este monte desce até ao Guadiana. A villa fica a cinco leguas ao sul de Villa Viçosa, e uma ao noroeste da villa de Mourão.

A memoria mais antiga, que achamos d'esta terra, é que el-rei D. Diniz a mandou povoar pelos annos de 1310, e lhe edificou o castello.

Em quanto as guerras com os nossos vizinhos se succediam umas ás outras com pequenos intervallos, Monsarás era um sitio appetecido e procurado pelos povos d'aquelles contornos, que achavam n'aquella posição fortificada, e quasi inaccessible a tranquillidade e segurança, que se não podia desfructar nos campos. Assim cresceu e prosperou esta villa. Porém logo que vieram tempos mais bonancosos, e que a paz começou a dar alguma garantia de duração, tornou-se incommoda a todos os respeito aquella vivenda; e os seus moradores foram pouco a pouco desertando d'ali.

A duas leguas de Monsarás para o lado de leste, no meio de dilatadas e ferteis campinas, via-se então uma ermida dedicada a Santo Antonio. Aproximava-se ao seu fim o seculo xvii, quando se principiaram a edificar algumas pequenas casas em torno da ermida. No começo do seculo seguinte já era uma aldêa, chamada do Reguengo, com sua egreja parochial, da invocação de Nossa Senhora da Caridade. A fertilidade do terreno, a bella situação do lugar, e a industria dos moradores em varios tecidos de lã, ordinarios, e na fabricação de chapeos grossos, fizeram augmentar por tal modo esta aldêa, que em 1838 foi transferida para aqui a cabeça de concelho, que até então se achava em Monsarás. Passados dois annos, por carta regia de 29 de Fevereiro de 1840, foi a aldêa de Reguengo ele-

vada á cathegoria de villa, com o nome de *Villa Nova dos Reguengos*.

A historia do engrandecimento d'esta povoação é portanto a mesma da decadencia de Monsarás. A expensas d'esta, até certo ponto, tem aquella crescido e prosperado. E d'aqui se tem originado um odio entranhavel entre os habitantes das duas terras.

Monsarás, que teve outr'ora tres parochias, hoje apenas conta uma, que tem a invocação de Santa Maria da Lagoa. A primeira fabrica d'este templo foi obra do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, mas ao presente acha-se amodernada. E' uma egreja espaçosa de tres naves, e com tres portas na frontaria. Entre a porta do meio e a da parte esquerda, entrando no templo, vê-se um grande tumulo de marmore, assente sobre leões. Sobre a tampa está estendida a estatua de um cavalleiro, com um cão deitado aos pés. Na face do mausoleo, que está voltada para a capella-mór, estão lavradas em relevo quatorze figuras de santos; e na face, que corresponde aos pés do finado, avulta a imagem de um cavalleiro, empunhando um falcão, em quanto outro vóa direito a uma arvore, em que estão poisadas duas aves, para as quaes correm tambem dois cães. Na borda da tampa tem um lettreiro gothico, meio apagado, em que apenas se pode ler, que ali descansa Thomaz Martins, vassallo d'el-rei. No chão, junto a este tumulo, está a sepultura de Martin Silvestre, pae de Thomaz Martins, que morreu em 1371.

Tem a villa de Monsarás casa de misericordia, com um pequeno templo, edificado em frente da matriz, e no qual se vêem dois paineis pintados em madeira, da escola do Grão Vasco.

A villa é cercada de muros, hoje bastante aruinados. O castello ainda se conserva de pé, com as suas torres e muralhas, porém os mais edificios, que encerrava, estão inteiramente derrocados. Das ameias da torre de menagem avistam-se em dilatissimo horisonte as cidades d'Evora e d'Elvas, as villas d'Evora-Monte, de Estremoz, de Mourão, de

Alconchel, de Villa Nova del Fresno, d'Oliveira, que foi nossa, e agora é de Hespanha, e além d'outras povoações menos importantes, a serra d'Ossa, e outras cordilheiras de montanhas.

Como a villa de Monsarás cresceu muito depois da construcção dos seus muros, acha-se fora d'elles, como arrabalde, uma parte da povoação. Tem muitas casas desertas, e pouca vida nas ruas, pois que os seus habitantes estão reduzidos a pouco mais de mil e duzentos.

Não ha fontes na villa. Os moradores ou se hão-de prover d'agua em uma grande cisterna, que ali ha, ou na fonte do Outeiro, que está nas faldas do monte. A cisterna é uma casa de abobada com porta para a rua, da qual desce uma escada de pedra até ao fundo do deposito. Conta o povo, por tradição, que esta casa foi mesquita dos moiros. A 15 d'Agosto tem esta villa a sua feira annual.

Nos suburbios de Monsarás está o edificio do extincto convento de Nossa Senhora da Orada, que foi de agostinhos descalços, e fica a meia legua da villa. Em egual distancia corre o Guadiana, apertado entre montes. Na raiz da mesma montanha, em que campeia a villa, ha uma ermida, cuja capella-mór, de forma oitavada, e de grossa muralha, dizem ter sido templo romano.

Cereaes, algum azeite, muitos montados, em que se cria grande quantidade de porcos, mel e cera, são as principaes producções do termo. Os montes são abundantes de caça, e o Guadiana de peixe.

Monsarás tinha voto nas antigas côrtes com assento no banco decimo-sexto. O seu brasão é um simples escudo de prata. A alcaidaria-mór d'esta villa andava na familia dos Britos Pereiras.

A VILLA DE MONTEMOR O NOVO.

Na provincia do Alemtejo, districto administrativo d'Evora, cinco leguas ao noroeste d'esta cidade, ergue-se a villa de Montemór o Novo, meia sentada nas faldas de um monte, cuja crista se divide em tres cabeços, meia subindo pelâ encosta.

Teve por fundador a el-rei D. Sancho I no anno de 1201, recebendo d'este monarcha muitos privilegios e isempções, que lhe foram attrahindo moradores.

N'estes tempos, em que andava sempre ateadada a guerra entre moiros e christãos, não se fundava, ou pelo menos não podia medrar povoação alguma sem se prover á sua defensa. Assim pois em breve Montemór foi cercada de muros ameiados, edificando-se na parte mais alta um castello, que passava então por um dos maiores e mais fortes do reino.

Com taes condições de segurança foi crescendo a povoação até romper o seu cinto de muralhas, vindo estender-se pela raiz do monte. Desassombrado finalmente o paiz da presença dos infieis; voltados para a agricultura os braços e as atenções, que quasi exclusivamente se empregavam na guerra, prosperou muito Montemór o Novo, graças á immensa fertilidade dos vastissimos campos, que a cercam. No seculo XVI, apogeu da sua prosperidade, dizem que chegou a contar tres mil fogos.

Honraram-na com a sua residencia por varias vezes os reis D. Affonso V, D. João II, e D. Manuel. Este ultimo ahi reuniu as côrtes para a cerimonia do juramento e menagens dos tres estados do reino por occasião da sua exaltação ao throno em 1495.

Este mesmo soberano a fez villa, reformando e ampliando o foral, que lhe havia concedido D. Sancho I. Deu-lhe o titulo de *notavel*, a regalia de ter assento em côrtes no banco quarto, e por bra-

são d'armas um castello sobre rochedos, e uma ponte com seu rio, commemorando assim a origem da povoação, pois que tanto a fortaleza, como a ponte, chamada d'*Alcacer*, que atravessa, junto á villa, a ribeira de Canha, foram obra de D. Sancho I.

Deriva esta villa o seu nome da eminencia em que está fundado o seu castello, e da necessidade de se differenciar de Montemór o Velho, villa da Beira.

Com a usurpação de Castella começou a decadencia de Montemór o Novo, juntamente com a de toda a monarchia. Depois a longa e porfiosa guerra da restauração, fazendo da provincia do Alemtejo o principal theatro da lucta, estagnou todas as fontes de prosperidade d'aquella villa, e afugentou do seu seio a maior parte das familias nobres e abastadas.

A paz e os muitos recursos do solo teem resarcido em grande parte aquellas avultadas perdas, mas não poderam ainda restituir a villa ao seu antigo esplendor. Este condão estará destinado, sem duvida, á via ferrea, que promete pôr em breve Montemór o Novo em rapida e facil communicação com toda a provincia, e com Lisboa.

Os edificios religiosos d'esta villa são os seguintes: as egrejas parochiaes de Santa Maria do Bispo, Nossa Senhora da Villa, S. João, e Santiago; a igreja da misericordia; o convento de Nossa Senhora da Saudação, de freiras dominicas, fundado em 1506; e varias ermidas. Teve quatro conventos de frades, um da ordem de S. Francisco, outro de S. Domingos, fundado em 1559, outro de Santo Agostinho, e o ultimo de S. João de Deus. Este foi edificado em 1627 na rua Verde, nas casas onde nasceu S. João de Deus, o piedoso instituidor da ordem dos hospitaes.

Possue a villa um hospital desde o seculo xvi, e varias casas particulares de apparencia nobre.

O castello está hoje em grande ruina, bem como a cêrca de muralhas, em que havia quatro portas, e cinco torres. Na lucta com a Hespanha em

1640 accrescentaram-se a estas antigas fortificações outras obras de defesa segundo o systema moderno, as quaes ao diante se abandonaram, vindo tambem a arruinar-se.

Os arrabaldes da villa são cheios de hortas e pomares, correndo pelo meio d'elles a ribeira de Canha, e outros arroios. O termo compõe-se de ricas herdades, abundantissimas de cercaes, e d'azeite; em que se recolhe algum vinho, e outros productos agricolas; e nas quaes se vêem extensos montados, onde se criam annualmente muitas mil cabeças de gado suino.

No primeiro de Maio, e no primeiro domingo de Setembro, teem logar n'esta villa as suas feiras annuaes, em que se faz bastante commercio.

El-rei D. Affonso v fez esta villa cabeça de Marquezado em favor de D. João, filho segundo do duque de Bragança D. Fernando I. A alcaidaria-mór andava na casa dos condes de Santa Cruz, que tinham o seu palacio dentro do castello.

Montemór o Novo encerra uma população de duas mil e novecentas almas.

A VILLA DE MONTEMOR O VELHO.

Na margem direita do Mondego, a tres leguas de distancia do oceano, e quatro da cidade de Coimbra, está a antiga villa de Montemór o Velho. Faz parte da provincia da Beira, districto administrativo de Coimbra.

Dizem alguns dos nossos antiquarios, que esta povoação tivera principio mil e novecentos annos antes do nascimento de Christo, dando-lhe por fundador um supposto rei chamado *Brigo*. Posto que se não possa dar credito a similhante noticia, é fora de duvida, que esta villa tem uma origem muito remota.

Segundo a opinião de varios autores nacionaes, e castelhanos, no tempo do dominio romano era uma cidade de alguma importancia, chamada *Medobriga*, e não *Mirobriga*, como outros escrevem, pois que esta ultima tinha o seu assento aonde hoje vemos Santiago de Cacem.

Nas invasões dos povos do norte, e na dos arabes, curvou-se, como toda a Lusitania, ao jugo dos vencedores. Ainda não era passado seculo e meio depois da conquista dos sarracenos, quando D. Ramiro I, rei de Leão, caindo com grosso exercito sobre os moiros, restituiu Montemór á fé christã, no anno de 848. Não gozou porém da liberdade por muito tempo. Os infieis de novo a accommetteram, e levaram d'assalto, senhoreando-a por largos annos, até que em 1040 foi outra vez reconquistada pelas armas christãs sob o commando de D. Fernando I, rei de Castella e Leão.

Este soberano, que mereceu por suas gloriosas empresas o epitheto de *Magno*, n'esta occasião tambem foi grande na vingança. Não só fez lançar por terra os torreados muros, que pretendiam embargar-lhe o passo; a propria povoação foi arraaada completamente.

Pelos annos de 1088, reinando em Castella D.

Affonso vi, foi Montemór reedificada, e povoada de novo, por diligencias do conde D. Raymundo de Borgonha, genro de D. Affonso vi, auxiliado pelo conde D. Sisnando, que então governava Coimbra em nome d'aquelle monarcha. Passados poucos annos, casando D. Thereza, filha de D. Affonso vi, com D. Henrique de Borgonha, irmão de D. Raymundo, e obtendo em dote as terras de Portugal até então conquistadas aos moiros, com titulo de condado, entrou Montemór no dominio dos seus novos soberanos.

Como ficava proxima da fronteira inimiga, pois que as meias luas campeavam em toda a Estremadura, e como a sua posição era forte por natureza, cuidou-se na restauração das suas antigas muralhas e castello. E isto valeu-lhe de muito, salvando-a por vezes nas invasões, que pelo tempo adiante os arabes fizeram por aquella parte da Beira, cubiçosos de se apoderarem novamente de Coimbra.

D. Sancho i mandou-a povoar e deu-lhe foral em 1202, e por sua morte deixou o senhorio d'esta villa a suas filhas, as infantas D. Sancha, e D. Thereza, sobre que tiveram grandes dissensões com seu irmão, el-rei D. Affonso ii.

Sob o governo dos nossos primeiros reis chamavam geralmente a esta povoação *Terra do Infante*, em razão de se achar sempre na posse d'ella algum infante. Depois principiaram a denominar-a *Montemór o Velho* para differença da outra villa de Montemór o Novo.

No antigo regimen tinha voto em córtes, nas quaes os seus procuradores tomavam assento no banco quinto. O seu brasão d'armas é um castello d'ouro em campo vermelho, e sobre eille o escudo das quinas reaes. E' assim que se acha no livro dos brasões, que se guarda na Torre do Tombo. Jorge Cardoso, e Antonio Carvalho da Costa dão-lhe por brasão simplesmente o escudo das armas reaes.

Está edificada esta villa nas abas de um monte, d'onde deriva o seu nome, em uma situação mui aprazivel. De um e outro lado do monte, que se

acha isolado, e parece ali collocado só para servir de encosto à povoação, estendem-se os vastissimos campos do Mondego. Pela frente corre este formoso rio entre margens de perenne verdura. No cimo do monte avulta o castello da idade media, derrocado e despresado, mas ainda soberbo em suas ruinas. A vista que d'ahi se goza é d'um effeito encantador.

Divide-se a povoação em cinco freguezias, que são: Santa Maria da Alcaçova, que é a matriz, e está dentro do castello; S. Martinho; o Salvador; Santa Maria Magdalena; e S. Miguel. A igreja e hospital da misericordia foram fundados por el-rei D. Manuel.

Havia na villa um convento de eremitas de Santo Agostinho, e outro de freiras franciscanas, ambos extinctos. Dentro e fora dos muros ha varias ermidas. As ruas em geral são más; estreitas, tortuosas, e mal calçadas. Para o lado do rio tem um bello campo, ou rocio, onde está o edificio do extincto convento de Nossa Senhora do Campo, de que acima fizemos menção. O porto é frequentado de muitos barcos, que navegam para a Figueira, para Coimbra, e para outras mais povoações das margens do Mondego.

Montemór o Velho ainda mostra as antigas muralhas, com as suas tres portas. Os suburbios são muito lindos e amenos, tanto pelas hortas, pomares, vinhas, e fontes em que abundam, como pela boa visinhança do rio. O termo produz muitos cereaes, e legumes, algum azeite e vinho, e muita fructa. Cria-se n'elle bastante gado, e caça. A terra é mimosa de peixe, quer da costa, d'onde dista apenas tres leguas, quer do rio.

A 8 de Setembro tem a sua feira annual. A população d'esta villa ascende a tres mil almas.

Montemór o Velho é patria do nosso poeta Jorge de Montemór, tão celebradô em Portugal no reinado de D. João III, e na Hespanha, onde viveu muitos annos estimado e favorecido de toda a côrte. As suas poesias obtiveram tal acolhimento, que o livro d'ellas que intitului *Diana*, em que cantava

os seus amores com uma certa dama de muita beleza, teve cinco edições em vida do autor.

Jorge de Montemór andava compondo um poema do descobrimento da India, quando falleceu no anno de 1561.

A VILLA DE MOURA.

E' a villa de Moura uma das praças de guerra da fronteira do Alemtejo. Está situada em terreno elevado e accidentado, ao qual cercam por todos os lados extensas planicies. A meia legua para este corre o Guadiana. Banham-lhe os muros as ribeiras de Brenhas, e de Lavandeira, que pagam tributo ao rio Ardila, como este o paga ao Guadiana. Dista quatro leguas ao nornordeste de Serpa, e sete êsnordeste da cidade de Beja.

A origem d'esta povoação perde-se na escuridão dos tempos. Para não referirmos as fabulas, que a este respeito contam alguns autores, buscaremos para ponto de partida as noticias mais certas, que se encontram sobre a antiguidade d'esta terra.

De varias lapidas e cippos romanos, que se teem achado dentro da villa, e nos seus arredores (*), consta que ali existira a cidade de *Aruccitana*, ou *Arucia a Nova* para differença de outra do mesmo nome, situada na Serra Morena. No tempo do imperador Trajano era uma cidade mui nomeada e importante. Desde esta epoca até ao principio da nossa monarchia, a sua historia é inteiramente desconhecida. E' provavel, que nas vicissitudes porque passou toda a peninsula com a entrada dos barbaros do norte, e mais tarde com a dos arabes, fosse alternativamente destruida, e levantada das suas ruinas. O que é certo é que no seculo xii era uma povoação acastellada, que os moiros tinham a bom recado. Como a lenda da tomada d'esta terra pelos christãos seja a mesma, que deu origem ao seu brasão d'armas, vamos referil-a.

Corria o anno de 1166, D. Affonso Henriques, acclamado rei de Portugal nos plainos d'Ourique,

(*) Em uma d'estas lapidas lê-se a seguinte inscripção, que vem copiada no *Agiologio Lusitano*: — *Juliae Agrippinae Caesaris Augusti Germanici..... Matrì nova civitas Aruccitana.*

tinha expulsado os infieis da Estremadura, e combatia sem descanso para os expellir do Alemtejo, cujo terreno lhe disputavam palmo a palmo, em lucta porfiosa e desesperada.

Era então alcaide do castello da antiga Arucci-tana um moiro nobre e opulento, senhor de muitas terras do Alemtejo. *Abu-Assan*, que assim se chamava, tinha uma filha por nome *Saluquia*, a quem amava ternamente. Em prova do seu affec-to dera-lhe em dote aquelle castello, por elle re-edificado e guarnecido com tudo quanto era mister para conforto e defensa. A joven moira, tão ricamente dotada, não tardou a contratar o seu casamento com um agareno não menos rico e poderoso, e tambem alcaide do forte castello d'Arouxe.

Chegada a occasião dos desposorios poz-se a caminho *Brassma*, era o nome do noivo, seguido de uma numerosa e luzida cavalgada. Ao entrarem, porem, n'um valle estreito e sombreado por espesso arvoredado, caíram sobre elles alguns cavalleiros christãos, tão d'improviso, e com tal furia e denodo, que em breve espaço de tempo se viu o chão juncado de cadaveres, não escapando com vida um só sarraceno.

Foi esta acção uma empresa d'antemão combinada e disposta; e foram autores d'ella dois fidalgos da côrte de Affonso Henriques, chamados Alvaro Rodrigues e Pedro Rodrigues.

Apenas foi concluido este primeiro acto do drama, apressaram-se os dois fidalgos, e os outros seus companheiros d'armas, a despojar os corpos dos moiros de todos os fatos e adornos, e, trocando-os pelos seus, n'um momento se acharam transformados em perfeitos cavalleiros mauritanos.

Assim disfarçados seguiram o caminho do castello da noiva, entoando alegres vozes e gritas ao modo dos sarracenos. A desditosa *Saluquia*, que esperava anciosa a vinda do consorte, viu da janella do alcaçar aproximar-se a brilhante e jovial comitiva. Com o riso nos labios, e no coração a fallaz esperança da felicidade, correu a ordenar á sua gente, que baixasse a ponte levadiça, e abris-

se de par em par as portas da fortaleza para receber o seu novo senhor. A sua illusão, porém, passou rapidamente como o relampago. As vozes de alegria e paz, que os cavalleiros entoavam ao transportar os fossos do castello, em breve se converteram no retinir das armas, nos alaridos da guerra, e emfim nos brados de victoria.

O sagrado pavilhão das quinas tremolava já triumphante sobre as ameias da cidadella. A praça estava rendida aos pés do vencedor, mas não assim a sua altiva senhora. A desgraçada Saluquia, preferindo a morte á escravidão, arremegara-se do alto da torre, que defendia a entrada da fortaleza.

Em memoria d'este successo tomou a terra o nome de villa da Moura, e por seu brasão d'armas um escudo com um castello, e junto á porta d'este uma mulher morta.

Esta é a lenda, mas pretendem alguns autores, que a povoação, antes d'esta conquista, já era denominada *Moura*. Outros dizem, que durante o dominio dos arabes, davam-lhe estes o nome de *Ilmanijah*.

O que é verdade historica é ter sido conquistada aos infieis por aquelles dois cavalleiros, que tomaram d'esta empresa o appellido de *Moura*, que transmittiram aos seus descendentes, actualmente representados na pessoa do senhor marquez de Loulé.

A pouca distancia da villa ha um sitio ainda hoje denominado *Brassma d'Arouxe*, onde a tradição popular diz, que foi assassinado o infeliz noivo.

No meio de certa confusão de noticias, que se dá a respeito da tomada d'esta villa, parece deprehender-se que depois d'aquella primeira conquista, tornou a cair em poder dos moiros, sendo mais tarde outra vez resgatada pelos christãos.

Reinando el-rei D. Diniz, o senhorio de Moura, juntamente com o de algumas outras terras do Alentejo, foi causa de um rompimento entre Portugal e Castella, pelos annos de 1295. Terminada a guerra, e reconhecido o direito de possessão a Portugal pelo tratado de paz de Ciudad Ro-

drigo, el-rei D. Diniz deu foral á villa de Moura em Dezembro d'aquelle mesmo anno.

Por occasião da lucta da restauração de 1640 fizeram-se na villa de Moura importantes obras de defensa, que a elevaram á cathegoria de praça forte. Em Junho de 1707, durante a guerra da successão d'Hespanha, rendeu-se esta praça por capitulação ao exercito hespanhol, commandado pelo duque d'Ossuna, depois de quinze dias de defensa. Passado algum tempo abandonou-a o inimigo, fazendo antes voar o castello, e grande parte das fortificações da praça.

Em o nosso antigo systema monarchico a villa de Moura tinha voto em côrtes com assento no banco quinto.

Ha na villa duas parochias, S. João Baptista, e Santo Agostinho, pertencentes outr'ora á ordem de Aviz. Tem casa da misericordia, hospital, e umas doze ermidas. Tem dois conventos de freiras, o de Nossa Senhora da Assumpção, de religiosas dominicas, fundado em 1562 dentro do castello, e o de freiras de Santa Clara; e teve tres conventos de frades, um da ordem de S. Francisco, outro de carmelitas calçados, e o terceiro de hospitaleiros de S. João de Deus, que tem servido de hospital militar.

Conserva grande parte das antigas fortificações, posto que muito arruinadas, taes como a cêrca de muralhas com as suas quatro portas, do *Carmo*, *Nova do Fojo*, de *S. Francisco*, e de *Santa Justa*; uma magestosa torre, fabrica d'el-rei D. Diniz; e varias reliquias de construcções mais antigas, umas que se attribuem aos arabes, e outras aos romanos.

As fortificações modernas acham-se tambem em muita destruição pelo effeito d'aquella catastrophe, e depois pelo abandono dos homens, e pela acção do tempo.

As duas ribeiras de Brenhas e Lavandeira, que cercam e banham a villa, e regam hortas e pomares; o rio de Ardila, onde estas vão desaguar, que, mais caudaloso, faz moer muitas azenhas; e emfim

o Guadiana, que passa nas visinhanças ; tornam os suburbios de Moura bonitos, frescos, e amenos. O termo produz em abundancia cereaes, e azeite. Recolhe algum vinho, cera e mel, e possui excellentes montados, onde se cria muito gado suino. Os montes abundam em caça ; e o Guadiana fornece variedade de peixe.

A villa de Moura é cabeça de comarca, districto administrativo de Beja, e encerra perto de quatro mil habitantes.

A 8 de Setembro tem a sua feira annual, muito concorrida de gente, e de generos.

A VILLA E PRAÇA DE MOURÃO

Ergue-se esta villa em sitio alto, na provincia do Alemtejo, meia legua além do Guadiana, uma legua áquem da fronteira de Hespanha, e seis ao nordeste da villa de Moura.

A memoria mais antiga, que encontramos d'esta terra, é de 1226, anno em que a mandou povoar D. Gonçalo Egas, prior do Hospital da ordem militar de S. João. Foi elle tambem que lhe deu o seu primeiro foral, e que el-rei D. Diniz confirmou em 1298. Este monarcha ennobreceu a villa com um forte castello. Não se sabe ao certo quem foi que mandou fazer a antiga muralha torreada, que cercava a povoação. Só da torre de menagem se conhece o fundador, pelo seguinte lettreiro gravado na mesma. *EMCCCLXXXI annos ao primeiro dia de Março Dom Affonso IV Rey de Portugal, mandou começar a fazer este castello de Mouron. O Mestre que o fazia avia nome João Affonso. O qual Rey foi filho do mui nobre Rey D. Diniz, e da Rainha Dona Isabel, aos quaes Deus perdoe, e elle foi casado com a Rainha Dona Beatriz, avia filho herdeiro o Infante Dom Pedro.*

Quando, pela acclamação d'el-rei D. João IV, Portugal se preparou para manter com as armas o grito de independencia, que levantara, a villa de Mourão foi uma das terras escolhidas para praça de guerra. Aproveitando-se das antigas fortificações o que podia servir de defesa, construíram-se outras segundo o moderno systema.

Durante esta grande lucta, correndo o anno de 1657, e sendo governador de Mourão D. João Ferreira da Cunha, foi esta praça assaltada e tomada pelos hespanhoes. O inimigo arrasou logo a povoação, poupando todavia a fortaleza, que guardou, e pretendeu conservar. Porém pouco tempo depois, no principio de Novembro d'esse mesmo anno, foi expulso, tornando a fluctuar nas ameias da praça o estandarte de Portugal.

Segundo refere a Monarchia Lusitana, a villa de Mourão passou por muitas mais vicissitudes, sendo usurpada, restituída, dada, vendida, e comprada em varios tempos.

Foram alcaides-móres de Mourão os marquezes de Montebello. Tem a villa por brasão d'armas cinco escudos com as quinas postos em cruz sobre campo azul; tendo o escudo inferior de um lado o sol de oiro, e do outro a lua de prata.

Ha na villa uma só parochia, casa da misericórdia, hospital, e cinco ermidas. Tem uma praça espaçosa e algumas ruas largas e regulares, posto que na maior parte guarnecidas de casas baixas. A egreja parochial e algumas casas estão situadas dentro do castello, e a parte principal da povoação estende-se pela falda de leste do monte do castello.

As cercanias de Mourão não são feias. Cultivam-se n'ellas cereaes, olivae, algumas vinhas, e montados, onde se cria bastante gado. Tambem abundam em variadas especies de caça. O Guadiana fornece á villa algum peixe.

Mourão tem duas feiras annuaes, que começam, uma a 21 d'Abril, e a outra a 13 de Setembro. Conta uns mil e quinhentos habitantes.

A VILLA DE NIZA.

Está edificada esta povoação na provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, em logar baixo, entre as ribeiras de Niza e de Figueiró. Dista tres leguas da villa de Castello de Vide, e outras tantas da margem esquerda do Tejo.

Foi fundada por el-rei D. Diniz, e el-rei D. Manuel deu-lhe foral de villa em 15 de Novembro de 1512.

Conforme refere a tradição existiu a meia legua d'ali, em uma serra onde está a ermida de Nossa Senhora da Graça, uma povoação mui antiga, tambem chamada Niza, e que por se achar arruinada, e quasi inteiramente despovoada, fundara el-rei D. Diniz a nova em sitio menos aspero, e mais fertil. Dizem que ainda se descobrem alguns vestigios de Niza a Velha.

Este mesmo soberano cercou Niza de muralhas, com suas torres, e seis portas, edificando no centro um castello torreado. No antigo regimen disfructava a prerogativa de se fazer representar em côrtes, onde os seus procuradores tinham assento no banco setimo. O brasão d'armas de Niza é do modo seguinte: Em campo vermelho, e no centro do escudo, um castello de oiro com tres torres, e sobre a do meio a cruz de Christo, de prata; á direita do castello o escudo das quinas portuguezas, e á esquerda a lua em quarto crescente, de prata; e nos dois angulos superiores do escudo duas estrellas igualmente de prata.

A alcaidaria-mór d'esta villa andou na casa, hoje extincta, dos condes de Santa Cruz. E' cabeça de Marquezado desde o reinado de João IV, que fez primeiro marquez de Niza a D. Vasco Luiz da Gama, quinto conde da Vidigueira, e terceiro neto do illustre descobridor da India, D. Vasco da Gama.

Contém a villa de Niza dois mil e quatrocentos moradores, divididos em duas freguezias, que se

intitulam: Nossa Senhora da Graça, que é a matriz, e o Espirito Santo. Ambas estas egrejas pertenciam á ordem militar de Christo. Tem casa da misericordia e hospital, varias ermidas dentro e fora da villa, e um bello theatro, com tres ordens de camarotes, edificado ha pouco desde os alicerces.

Os suburbios são povoados de hortas, e olivaeas. As margens da ribeira de Niza são muito lindas. O termo produz cereaes, azeite, algum vinho, fructa, e linho. Cria-se n'elle bastante gado e caça; e recolhe-se muito mel e cera. Do Tejo vae algum peixe para a villa. Tem esta a sua feira annual, que começa a 29 de Setembro. Concorrem a esta feira muitos generos e gado, bem como muita gente, não só do Alemtejo mas da Estremadura e da Beira.

A VILLA D'OBIDOS.

Acha-se situada esta antiquissima povoação na provincia da Estremadura, a uma legua ao sul da villa das Caldas da Rainha, a tres ao nascente de Peniche, e doze ao norte de Lisboa. Está sentada no dorso de um monte, ao qual faz corôa um velho castello.

A sua origem é inteiramente desconhecida, excepto se se quizer pôr fé nas palavras do autor da *Corographia Portugueza*, que attribue a sua fundação aos turdulos e celtas trezentos e oito annos antes do nascimento de Christo.

A noticia mais antiga, que se encontra d'esta povoação, é a que diz respeito á sua conquista por el-rei D. Affonso Henriques.

Este monarcha, depois de se ter assenhoreado de Santarem, Lisboa, e muitas outras terras acastelladas da Estremadura, cercou e tomou d'assalto aos moiros o castello e villa d'Obidos, em 1148. Como era uma posição forte pela natureza e pela arte, cuidou immediatamente o vencedor de assegurar a conquista, fazendo reparar a fortaleza, e povoar de novo a villa, que os sarracenos tinham abandonado.

Na guerra civil, que se ateou no reino em meiado do seculo XIII, entre o infeliz rei D. Sancho II, e seu irmão, o infante D. Affonso, conde de Bolonha, mais tarde rei com o nome de Affonso III, deu aquella villa, como Celorico, e Coimbra, nobre e corajoso exemplo de lealdade.

Posta em apertado assedio no anno de 1246 pelo conde de Bolonha, Obidos resistiu valorosamente a todos os rigores do cerco, e á violencia de diversos accommettimentos, até que o infante, perdida a esperança de reduzir pela força os leaes que não pudera seduzir com promessas, levantou o arayal, e retirou-se. E tal foi a nobreza de proceder d'aquella povoação, sacrificando-se assim em desempenho da fidelidade, que devia ao seu rei, en-

tão perseguido pela desdita, que o proprio conde de Bolonha, apenas se viu senhor pacifico de todo o reino, apressou-se a galardoal-a, fazendo-lhe entre outras mercês a do titulo de *sempre leal*, que a villa accrescentou ao de *notavel*, que já tinha.

El-rei D. Diniz augmentou a villa, e cremos que reconstruiu e alargou o castello, apezar de que alguns autores dizem que fôra o seu primeiro fundador.

Pelo seu casamento este soberano fez doação de Obidos, com mais outras terras, á rainha Santa Isabel, sua mulher. D'ahi em diante ficou pertencendo ás rainhas.

Durante as guerras, que rebentaram entre Portugal e Castella no seculo xiv, el-rei D. Fernando fez as muralhas, que cercam a villa, ou reformou as que existiam, o que não é bem averiguado, segundo julgamos.

A rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II, residiu algum tempo n'esta villa em umas casas junto ao castello. Por esta occasião exercitou o seu animo pio e caridoso em extremo, instituindo cinco mercierias na egreja de Santa Maria, que é a matriz.

Em 1634 Filippe iv d'Hespanha, então rei intruso de Portugal, fez conde d'Obidos a D. Vasco Mascarenhas, alcaide-mór d'esta villa. Depois el-rei D. Affonso vi confirmou, ou deu de novo, aquelle titulo em 1663, declarando-o de juro e herdade para os seus descendentes. E' setimo conde o actual representante d'esta familia.

Quando em 1808 veio um exercito inglez ajudar-nos a saccudir o jugo de Napoleão, presenceou Obidos o primeiro combate entre os francezes e os nossos auxiliares. A 15 d'Agosto encontraram-se ali, e pelejaram as avançadas dos dois exercitos. No dia seguinte foram vencidas as aguias francezas na grande batalha da Roliça, uma legua distante d'esta villa, pelo exercito anglo-luso.

Obidos tinha representação nas antigas côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco sexto. Segundo dizem alguns autores tem por brasão de

armas uma rede de arrastar no meio do escudo, que lhe fôra dada pela rainha D. Leonor, de quem acima fallámos, em memoria da rede em que uns pescadores de Santarem transportaram o corpo exanime de seu infeliz filho, o principe D. Affonso, das margens do Tejo, onde caíra do cavallo abaixo, para a villa. Porém no livro das armas, que se guarda na Torre do Tombo, acha-se pintado o brasão d'esta villa conforme a estampa, que vae aqui junta, o qual consiste em uma torre de prata, onde tremula uma bandeira, em campo verde, e assente sobre rochedos.

A'cêrca da etymologia do seu nome ha varias opiniões, porém nenhuma inteiramente accetavel. A menos absurda diz, que o nome é um composto dos monosyllabos latinos *ob-id-os*, pelos quaes designavam uma grande bocca, ou braço de mar, que em tempos remotos vinha ter junto á villa.

Conserva esta os seus antigos muros com pouca ruína, cercando-a por todos os lados, com quatro portas, denominadas : da *Villa*, do *Valle*, da *Cêrca*, e do *Telhal*, e dois postigos, o de *Cima*, e o de *Baixo*. A povoação acha-se toda recostada no declive do monte, cuja crista serve de base ao castello, e á egreja de Santiago, que se eleva junto da fortaleza. O estado de conservação d'esta é muito soffrivel, attendendo á sua antiguidade. Goza-se d'ahi um lindo e variado panorama.

São quatro as freguezias : *Santa Maria*, que é a matriz, *S. Pedro*, *Santiago*, e *S. João Baptista*. Os outros edificios religiosos são : a egreja da misericordia, com o seu hospital, e com avultada renda ; as ermidas de Nossa Senhora de Monserrate, pertencente á ordem terceira, a de S. Vicente, onde está a parochia de S. João Baptista, e a de S. Martinho, de architectura antiga. Fora da villa, mas nas immedições, encontram-se outras ermidas. A mais notavel é a do Senhor da Pedra, começada em 1740 junto á estrada que conduz para a villa das Caldas da Rainha. Apesar de não estar concluida, é um bello e sumptuoso templo, em que se despenderam duzentos mil cruzados, havidos de

*

esmolas d'aquelles povos, ás quaes se juntaram valiosos donativos d'el-rei D. João v, que por diversas vezes ali foi. A 3 de Maio, dia da invenção da Santa Cruz, celebra-se n'este templo uma grandiosa funcção, com festa d'arrayal e mercado, e à qual concorre muita gente das povoações vizinhas.

Tem a villa cinco ruas principaes, e uma praça ornada com um chafariz. Além d'este possui mais quatro, porém todos fora dos muros. Aquelle, e dois d'estes recebem a agua de um aqueducto, que corre sobre arcos na extensão de meia legua, e foi obra da rainha D. Catharina, mulher de D. João III.

Os arrabaldes d'Obidos são notaveis por algumas quintas, que os povoam, e principalmente pela grande lagoa a que a villa dá o seu nome. Entre as quintas nomearemos a das *Janellas*, a das *Flores*, e a do *Bom Successo*. A primeira pertence aos senhores condes de S. Vicente, e possui aguas thermaes, semelhantes ás das Caldas da Rainha, ás quaes concorrem alguns enfermos. Achando-se hospedado n'esta quinta o infante D. Francisco, irmão de el-rei D. João v, falleceuahi de uma colica a 21 de Julho de 1742. D. João v e a familia real achavam-se então nas Caldas da Rainha. A quinta das *Flores* tem uma nascente das mesmas aguas. A do *Bom Successo* é muito arborisada, e distingue-se pela sua posição pittoresca, e alegres vistas.

A lagoa dista da villa uma legua. O seu comprimento não chega a uma legua, e de largura tem meia. Está cercada de montes, em que se abrem quatro gargantas, tres por onde n'ella veem desaguar os rios do *Cabo*, do *Meio*, e *Real*; e a quarta por onde a lagoa communica com o mar. Esta ultima todos os annos se obstrue de arêas, que é necessario remover a braços para evitar o mau effeito da estagnação das aguas. A lagoa estende dois braços para o interior, um na direcção de leste, chamado da *Barrosa*, e o outro na do sul, denominado da *Atouguia*, ou do *Bom Successo*. Contém esta lagoa muita variedade de peixes, e de excellentes mariscos, que fornecem a villa todo o an-

no, e muitas mais terras da Estremadura. No inverno é abundantissima de caça d'arribação, que attrahe ali de grandes distancias centenares de caçadores, uns para commercio, outros por simples divertimento.

A menos de um quarto de legua da villa está o edificio do extincto convento de S. Miguel das Gaëiras, que foi de frades arrabidos, e se fundou em 1602, mudando-se do antigo sitio em que o cardeal infante D. Henrique edificara o primeiro em 1569. Contiguo áquelle edificio ha um frondoso bosque, que faz parte da cêrca do convento.

O termo d'Obidos é fertil, e prôduz cereaes, algum vinho, e muitas e excellentes frutas de toda a qualidade.

Tem esta villa uma feira annual, em 20 de Outubro. Ao presente, que se acha em decadencia, conta uns tres mil habitantes. Já teve, porém, maior população.

Ufana-se Obidos de ter sido o berço da insigne pintora Josefa d'Ayala, mais conhecida pelo nome de Josefa d'Obidos; e do espirituoso e distincto poeta Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão.

A VILLA D'OUREM.

Sobre um monte mui elevado, e por todos os lados de difficil accesso, campeia a nobre villa de Ourem. Pertence á provincia da Estremadura, e ao districto administrativo de Leiria. Dista da cidade d'este nome quatro leguas para este, e tres de Thomar para oeste.

Não é conhecida a historia d'esta villa anteriormente á monarchia portugueza. Apenas consta, que n'essas eras remotas se chamava *Abdegas*. Conquistou-a aos moiros el-rei D. Affonso Henriques pelos annos de 1148 ou 49; e logo depois, por ser um sitio tão defensavel por natureza, cuidou de a fortificar de modo, que não podesse cair facilmente outra vez em poder dos infieis. Dizem as chronicas que para este fim a cercara de muros, e construiu um forte castello. Se attendermos, porém, ao costume que os moiros tinham, e que era uma necessidade d'aquelles tempos, de pôr as suas povoações a coberto de qualquer surpresa dos christãos, deveremos suppôr, que não se teriam descuidado de fortalecer com muralhas e castello um ponto como aquelle, tão apto para a defesa, e por consequente tão importante n'uma epoca em que os sobresaltos da guerra constituiam uma das phases mais constantes do viver dos povos. Cremos, pois, que o conquistador d'Ourem não fez mais que reparar, ou accrescentar as fortificações, que já existiam.

Aquelle soberano fez doação d'esta villa a sua filha a infanta D. Thereza, que lhe deu foral no anno de 1180. Conta-se que esta mesma infanta, em memoria e honra de uma heroína do seu tempo, e talvez amiga sua, lhe mudara o nome de *Abdegas* pelo de *Ouriana*, depois corrupto em *Ourem*. Essa heroína era aquella gentil moira, que o esforçado Gonçalo Hermiges, n'uma correria que fez por terras de infieis, no anno de 1170, captivara nas visinhanças d'Almada, onde ella vivia.

O cavalleiro de Christo, rendido á formosura e graças da joven agarena, amou-a com tão puro affecto, e cercou-a de tão respeitosas attenções e desvelos, que a moira se rendeu alfim ao amor de Gonçalo, que a desposou, e á fé christã. Deixando o nome de Fatima, recebeu com as aguas do baptismo o de Ouriana. Foi curta a felicidade dos dois esposos, porque em breves annos chamou Deus a si a consorte de Gonçalo, mas ainda assim deu-lhe tempo para deixar honrada memoria em feitos d'armas, no culto da poesia, na fidelidade e extremos conjugaes, e em todas as virtudes christãs. Gonçalo Hermiges, perdendo n'este lance fatal a vida da sua vida, resolveu morrer para o mundo, e foi-se encerrar na clausura do mosteiro d'Alcobaça.

No seculo xiv foi esta villa erigida em condado por el-rei D. Pedro I a favor de D. João Affonso Tello de Menezes, irmão de D. Leonor Telles de Menezes, que ao diante veio a ser rainha de Portugal pelo seu casamento com el-rei D. Fernando, filho de D. Pedro I.

El-rei D. Fernando fez conde d'Ourem a João Fernandes Andeiro, o insolente valido da rainha D. Leonor Telles, que o mestre d'Aviz assassinou nos paços da Moeda. E quando este principe subiu ao throno com o nome de D. João I galardoou com aquelle condado os serviços do illustre condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual o renunciou mais tarde em seu neto, D. Affonso, primogenito do primeiro duque de Bragança. Desde então andou este titulo na casa de Bragança. Modernamente foi feito barão, e depois visconde d'Ourem, o general Lapa.

El-rei D. Pedro II deu novo foral a esta villa a 6 de Julho de 1693. Tinha voto nas antigas côrtes com assento no banco decimo-quarto. O seu brasão d'armas consta de uma aguia no meio do escudo, entre dois escudos das quinhas de Portugal, e sobre estes, de um lado o crescente, e do outro uma estrella.

Havia outr'ora na villa quatro parochias, que foram incorporadas em uma unica collegiada pelo

papa Eugenio iv, a instancias de D. Affonso, Marquez de Valença, e conde d'Ourem, por occasião da sua ida como embaixador ao concilio de Basilea. Este mesmo principe fundou o templo da collegiada em 1445, consagrando-o a Nossa Senhora da Misericordia. Goza esta collegiada do titulo de *insigne*, e é servida por varias dignidades e conegos. Em uma capella por baixo do côro acha-se o rico mausoleo do fundador, que por fallecer em vida de seu pae, D. Affonso i, duque de Bragança, filho natural de el-rei D. João i, passou a successão d'esta grande casa ao segundo genito, D. Fernando.

Os outros edificios mais notaveis da villa são ; a casa da misericordia, o hospital, e tres ermidas, o castello, e as muralhas com duas portas, que cercam a povoação, e que se conservam com alguma ruina.

Regam os suburbios quatro ribeiras, que os fazem ferteis e aprasiveis. Ha n'elles uma bella quinta com grandes bosques, chamada da *Moita da Vide* ; e o edificio do extincto convento de Santo Antonio, de frades capuchos, fundado em 1602.

Nas visinhanças d'Ourem ha ainda outra memoria da consorte de Gonçalo Hermiges. E' a invocação de uma igreja parochial, que se intitula *Nossa Senhora dos Prazeres de Fatima*.

A principal producção do termo consiste em cereaes, legumes, azeite, vinho, e frutas. Abunda em caça, e tem alguma criação de gado.

Ourem encerra uns tres mil habitantes. Tambem e nomeada Villa Nova d'Ourem.

A VILLA D'OURIQUE.

Na extremidade meridional da provincia do Alemtejo, districto administrativo de Beja, a sete leguas e meia sudoeste da cidade de Beja, e outras tantas oeste da villa de Mertola, acha-se a villa de Ourique, edificada sobre uma pequena elevação.

Não consta a epoca da sua fundação. Apenas se sabe que el-rei D. Diniz lhe deu foral a 8 de Janeiro de 1290, estando na cidade de Beja.

Junto da villa estende-se um vasto campo, celebre em a nossa historia com o nome de *Campo de Ourique*. Foi ahi que teve principio a monarchia portugueza. Entranhando-se o joven infante D. Affonso Henriques pela provincia do Alemtejo em busca de inimigos para combater, saíram-lhe ao encontro nos plainos d'Ourique o rei moiro Ismar, e mais quatro regulos, seguidos de um poderoso exercito. Apesar da immensa desigualdade das forças, pois que os portuguezes apar dos moiros apenas eram um punhado de valentes, travou-se a peleja no dia 25 de Julho de 1139. Este mesmo dia presenciou o destroço completo dos sarracenos, com a morte dos cinco regulos, e a aclamação de D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, pelos seus soldados ebrios de gloria, e maravilhados do valor e coragem do moço infante.

Este insigne feito e memoravel successo esteve por muitos seculos sem um padrão que o commemorasse, além da tradição popular, e das memorias escriptas, até que a rainha D. Maria I mandou elevar n'aquelle sitio uma pyramide de marmore, com uma inscripção que refere o acontecimento.

A villa d'Ourique tinha voto nas antigas côrtes com assento no banco decimo-quinto. O seu brasão d'armas é, em campo vermelho, um guerreiro com armadura e elmo, com o braço direito levantado, e empunhando a espada, montado n'um cavallo sobre terra firme; e na parte superior do escudo uma tor-

re em cada angulo, tendo por cima, uma o crescente, e a outra uma estrella, tudo prata.

Esta villa é cabeça de comarca. Conta uma só parochia, dedicada a S. Salvador, que pertencia outr'ora, juntamente com o senhorio d'Ourique, á ordem militar de Santiago, que tanto ajudou os nossos primeiros reis a expulsar os moiros de Portugal. Tem casa de misericordia, hospital, as ermidas de S. Sebastião, S. Luiz, N. Senhora do Castello, S. Braz, S. Lourenço, e Nossa Senhora da Colla, e um velho castello.

Nos suburbios passam as ribeiras de Cobres e Tergis, que, depois de se unirem, vão lançar-se no Guadiana. Pouco mais distante, mas ainda no termo da villa, tem o seu nascimento o rio de S. Romão, que vae entrar no rio Sado em Porto de Rei. Segundo refere a tradição as aguas d'aquellas ribeiras correram até ao Guadiana tintas de sangue sarraceno no dia da batalha d'Ourique.

O termo possue bons terrenos, em que se cultivam cereaes, frutas, alguns olivae e vinhas. Ha n'elle alguma criação de gado, e muita caça.

A villa d'Ourique encerra uma população de duas mil e quatrocentas almas. A 29 de Setembro tem a sua feira annual. Sobre as ribeiras de Cobres e Tergis está em construcção uma bella ponte de cantaria.

A VILLA DE PALMELLA.

Sobre um dos mais altos cabeços da cordilheira, que se estende entre o Tejo e o Sado, até formar o Cabo do Espichel, ergue-se o castello de Palmella. Junto á velha fortaleza, no declive do monte para o lado do norte, está edificada a villa do mesmo nome, em territorio da provincia da Estremadura, districto administrativo de Lisboa. Dista cinco leguas da capital, e uma de Setubal.

O autor da *Corographia Portugueza* pretende, que esta povoação fôra fundada pelos celtas, e pelos sarrios, trezentos e dez annos antes da era christã, e que cento e seis annos depois do nascimento de Christo a reedificara Aulo Cornelio Palma, governador romano na Lusitania. pondo-lhe então o nome de Palmella, derivado do seu. Todavia, pode-se dizer, que a historia de Palmella até ao tempo de ser conquistada aos moiros pelo nosso primeiro rei, é desconhecida, ou, pelo menos, muito duvidosa.

Achando-se, pois, sob o dominio dos arabes, conquistou-a D. Affonso Henriques no anno de 1147. Tendo caído outra vez em poder dos sarracenos, foi novamente tomada por aquelle monarcha em 1165; o qual cuidou então em melhor assegurar a sua posse, reconstruindo o castello, cuja defesa entregou á ordem dos cavalleiros de Santiago, e povoando de novo a villa. Seu filho, el-rei D. Sancho I, proseguindo no mesmo empenho, tratou em 1205 de melhorar a fortaleza, e augmentar a povoação.

Gozava de voto em côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo-terceiro.

O brasão d'armas, que se vê na estampa junta, é copiado do que está na Torre do Tombo. Entretanto achamol-o descripto por alguns escriptores do modo seguinte. Em campo vermelho um braço de homem sustentando uma palma, entre dois castellos; a cada lado do escudo o habito de Santiago, e por timbre as quinas reaes de Portugal.

O castello occupa a corôa do monte. Ignora-se a

epoca da sua fundação, mas sabe-se que tem tido diversas reconstrucções. No seu recinto estão o convento, que foi dos freires de Santiago, e a igreja matriz de Santa Maria. O convento data dos primeiros tempos da monarchia, mas tem passado tambem por muitas reedificações, que lhe teem alterado a sua primitiva architectura. Até á extincção das ordens religiosas em 1834 era a cabeça da ordem militar de Santiago.

Do castello goza-se um ponto de vista admiravel. Para o lado do norte descobre-se Lisboa com os seus extensos arrabaldes; as serras de Cintra, de Montachique, de Bucellas, e Monte Junto, com todo o paiz entremedio; o Tejo desde a barra até Santarem, e uma infinidade de villas e aldéas. Para o lado do sul vê-se Setubal, rodeada de pomares de laranja; o Sado desde a sua foz até a uma grande distancia do seu curso; e o oceano sem fim, onde os olhos se cansam e perdem.

Na villa acham-se a igreja parochial de S. Pedro, a da misericordia, o hospital, e cinco ermidas. Nos arredores ha outras capellas. Contém esta povoação mais de tres mil habitantes. Posto que esteja assentada na encosta da montanha, tem algumas ruas com pouco declive.

Os suburbios não são bonitos, por serem terrenos pouco arborisados, e ingremes. As principaes produções do termo consistem em vinho, azeite, frutas, alguns cereaes, mel, caça, e algum gado.

A pouca distancia da villa passa o caminho de ferro de Setubal.

Palmella tem uma feira annual a 8 de Dezembro, e mercado no segundo domingo de cada mez. E' considerada praça de guerra, e governada por um major.

A VILLA DE PANOYAS.

Esta pequena, mas antiga povoação, está situada na provincia do Alemtejo, districto administrativo de Beja. Dista duas leguas noroeste da villa de Ourique, e outras duas sudoeste da villa de Messejana.

Pertenceu Panoyas á ordem militar de Santiago; deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 10 de Julho de 1512; e tinha voto nas côrtes da velha monarchia, com assento no banco decimo-quarto. Por esta ultima circumstancia mostra, que foi terra de alguma importancia. Todavia poucas memorias encontramos d'esta povoação.

O seu brasão d'armas é do modo seguinte: Em campo azul, dois braços de homem cruzados, um vestido de amarello, e o outro de carmezim, e com as mãos apontando para cima. Entre os braços está uma cabeça humana, de barbas e cabellos loiros, que parece ser a de Jesus Christo. Acha-se assim pintado este brasão na Torre do Tombo. Não nos consta, porém, que venha descripto, e explicado, em obra alguma; pelo menos tendo-o procurado nos autores, que mais particularmente se deram ao estudo das antiguidades patrias, não achamos noticias a seu respeito.

A villa de Panoyas, que no começo do seculo passado tinha duzentos e sessenta fogos, apenas contava em 1820 cento noventa e oito, com uns setecentos e setenta habitantes. Suppomos, que este é, com pouca differença, o seu estado actual. Tem uma unica parochia da invocação de Santa Maria.

A meia legua da villa para o lado occidental está um templo de muita antiguidade dedicado a S. Romão, que nasceu em França, e falleceu em um convento que fundou, e que foi o primeiro que houve em Portugal, de que existem ainda alguns vestigios no meio de charnecas, a tres leguas da villa de Mertola. Na egreja matriz de Panoyas venera-se a cabeça d'este santo em relicario de prata; e o corpo na referida ermida de S. Romão, onde se lhe faz

no ultimo dia de Fevereiro uma grande festa, a que concorrem muitas romagens e povos das villas e aldeas visinhas.

O termo de Panoyas produz em abundancia os mesmos fructos, que o de Ourique, pois que ambos se estendem pelo celebrado campo, que tomou o nome d'esta ultima villa.

A VILLA DE PEDROGÃO GRANDE.

Está situada esta villa no cume de uma alta serra, cuja raiz banham os rios Zezere e Pera, na provincia da Estremadura, districto administrativo de Leiria, a oito leguas noroeste da cidade de Thomar.

Diz a *Corographia Portugueza*, que foi fundada pelos Petronios romanos, e que d'isto se acham memorias. O mesmo autor julga ver uma prova d'esta opinião no escudo das armas da villa, que são : uma aguia, olhando para o sol, e por baixo o rio Zezere. E' sabido que a aguia era a insignia do imperio romano.

Seja ou não verdadeira esta noticia, o que é certo é que esta terra já existia no dominio dos arabes, que se arruinou e despovoou durante as guerras travadas entre os christãos e os infieis, e que el-rei D. Affonso Henriques a mandou reconstruir e povoar de novo no anno de 1176. D. Pedro Affonso, filho natural d'aquelle monarcha, deu-lhe foral, que ao diante foi confirmado e ampliado por el-rei D. Affonso III. O senhorio d'esta villa andava na casa dos condes de Redondo.

Em quanto a côrte teve o seu assento na cidade de Coimbra, vinham muitas vezes os nossos reis á villa de Pedrogão Grande recrear-se na caça, em que abundam aquelles sitios.

Ha na villa uma parochia, consagrada a Santa Maria, egreja da misericordia, hospital, e sete ermidas.

As cercanias da villa são agradaveis e mui pittorescas, pelos arvoredos e penedias, que guarnecem as encostas da serra, pelos amenos valles por onde correm os rios Zezere e Pera, que fazem um quasi cêrco á montanha, e emfim pela grande quantidade de fontes, que n'ellas ha, as quaes não são menos, segundo dizem, de duzentas.

A um quarto de legua da villa está o edificio do extincto convento de Nossa Senhora da Luz, que foi de frades dominicos. Está edificado na parte mais in-

greme e escabrosa do dorso da serra, entre fragas e arvoredos, que parecem dependurados, e prestes a despenharem-se sobre o Zezere, que ali rola as suas aguas por cima de rochas com medonho susurro. Foi fundado o convento em 1476.

O termo é de muita fertilidade, e produz todo o genero de fructos, que mais geralmente se cultivam em o nosso paiz. E' terra de muito gado, e, como acima dissemos, mimosa em infinita variedade de caça. O Zezere fornece-a de algum peixe.

Pedrogão Grande possui uma vasta forja de ferro, que se extrahе de uma mina proxima. A sua população é de duas mil e setecentas almas.

A CIDADE DE PENAFIEL.

Está situada a cidade de Penafiel na encosta de um monte a seis leguas do Porto, dominando um formoso valle de duas leguas de extensão. Fazia parte outr'ora da antiga provincia d'Entre Douro e Minho. Pela divisão do reino decretada em 1834 ficou pertencendo á provincia do Douro, e pela moderna divisão administrativa pertence ao districto do Porto, e é cabeça de comarca.

Conta-se que no anno de 850, achando-se o nosso paiz sob o dominio dos moiros, um cavalleiro christão chamado D. Faião Soares, descendente dos godos, e tronco da illustre familia dos Sousas (*), fundara, com beneplacito dos dominadores, uma povoação a pouca distancia do rio Sousa, á qual deu o nome de *Arrifana de Sousa*.

Este lugar veio mais tarde a ser cabeça do concelho de Penafiel. Erigiu-o em villa el-rei D. João v no anno de 1741. Seu filho, el-rei D. José, elevou-a á cathegoria de cidade em 1770, mudando-lhe o nome no de Penafiel, ao mesmo tempo, que alcançou do papa Clemente xiv a creação de um novo bispado, cuja sede collocou em a nova cidade. Por morte d'este illustrado soberano, os odios, que perseguiram o grande marquez de Pombal, e que pretenderam annullar a maior parte dos actos do seu governo, não pouparam o bispado de Penafiel. O seu primeiro e unico bispo, que era confessor da rainha D. Maria i, e que governara o bispado durante oito annos, renunciou a sua mitra, e esta diocese foi outra vez encorporada no bispado do Porto por bulla do papa Pio vi, de Dezembro de 1778.

(*) Esta familia dividiu-se em dois ramos no seculo xiv. O primogenito está representado nos senhores duques de Lafões, o outro nos senhores duques de Palmella.

Penafiel é uma pequena cidade de tres mil almas, quasi toda edificada ao longo de uma comprida rua, por onde passa a bella estrada macdamisada, que do Porto conduz a Amarante, á Regoa, e Villa Real.

A industria dos seus habitantes, e a fertilidade dos terrenos, que a cercam, luctaram debalde por muito tempo contra os estorvos, que ao seu desinvolvimento oppunha a falta de boas estradas. Hoje, porém, que se acha em faceis communicações com uma parte da provincia de Traz-os-Montes, com a principal povoação e porto do paiz vinhateiro do Douro, e, emfim, com o grande centro commercial da cidade do Porto, pode considerar-se em caminho de prosperidade.

Tem esta cidade uma só parochia, dedicada a S. Martinho. E' um templo de tres naves, edificado no meio da povoação no anno de 1570. A egreja da misericordia, fundada no Rocio das Chãs pelo abbade de Ermello, Amaro Moreira, é um bom templo de tres naves. Serviu de sé durante os oito annos, que a cidade logrou a preeminencia de sede episcopal.

D'entre as diversas ermidas, que possui Penafiel, citaremos a do Senhor do Hospital, e a de Nossa Senhora da Piedade. A primeira porque n'ella teve principio em 1509 a humanitaria confraria da misericordia d'aquella terra; e porque se venera no seu altar um crucifixo, que um chamado João Corrêa trouxe de Inglaterra, quando Henrique VIII, tendo mudado a religião do estado, perseguia os catholicos, e mandava queimar as imagens dos santos: a segunda porque a imagem de Nossa Senhora da Piedade tem a mesma procedencia.

Havia dois conventos, hoje ambos extinctos, um de frades capuchos, fundado em 1666, e o outro de recolhidas, intitulado de Nossa Senhora da Conceição, o qual se construiu no Rocio das Chãs no começo do seculo passado. N'este mesmo rocio está a casa das audiencias do juiz de direito, e cartorios dos escrivães. E' o principal edificio publico. Tem esta cidade um hospital, soffríveis hospedarias, e

algumas casas particulares de boa apparencia.

Os arrabaldes são muito agradaveis, e bem cultivados, principalmente o delicioso valle por onde corre o rio Sousa, que passa a uma legua da cidade, e vae entrar no Douro, duas leguas acima do Porto. Existem n'elles dois monumentos de antigas eras dignos de menção, e de serem vistos. Um é o celebre *convento de Paço de Sousa*, distante de Penafiel uma legua. O outro é conhecido pelo nome popular de *Marmoiral*.

O convento está situado junto ao rio Sousa em lugar baixo. Fundou-o D. Truicrozendo Guedes pelos annos de 956, e augmentou-o seu neto, Egas Moniz, o dedicado aio de D. Affonso Henriques. De tão remota epoca parece que apenas existe o tumulo d'este heroe. Todavia a egreja é um curioso specimen da architectura gothica. Pertenceu este mosteiro á ordem benedictina.

O *Marmoiral* ergue-se em uma bouça ao norte da estrada, que vae do logar da *Ermida* para o da *Cadeada*. E' um arco de quinze palmos d'altura, de forma ogival, elevado sobre quatro degraus, e coroadado de uma cimalha com seus labores, a qual se acha um pouco arruinada. Consta de um documento de 1152, que é o tumulo de um cavalleiro, chamado D. Souzino Alvares. O nome que o vulgo dá a este monumento é provavelmente corrupção da palavra *memorial*. Ao que parece houve ali, proximo d'este mausoleo, um castello denominado de *Bugefa*, do qual D. Souzino talvez seria o alcaide, ou senhor.

Em distancia de uma pequena legua de Penafiel para o norte vê-se tambem o edificio do antiquissimo mosteiro de S. Miguel de Bustello, que foi egualmente de benedictinos.

As principaes producções do termo são : milho grosso e miudo, trigo, cevada, centeio, azeite, vinho verde, linho, castanha, e outras frutas. Cria-se n'elle muito gado de diversas especies, e caça.

A 11 de Novembro começa a feira annual de Penafiel, que é uma das mais concorridas do nosso paiz, tanto de gente, como de productos agricolas,

e de industria. Faz-se ali muito commercio em gado, principalmente cavallar.

Tem esta cidade por armas um escudo com corôa, e n'elle duas espadas e uma aguia coroada. Dizem que este brasão lhe foi dado pelo seu primeiro fundador.

Penafiel está ligada com o Porto, Amarante, e Regoa, por meio de carreiras regulares de diligencias. A rainha D. Maria I erigiu esta cidade em condado no anno de 1798, em favor de Manuel José da Matta de Sousa Coutinho. Ao presente é segunda condessa sua filha, a ex.^{ma} senhora D. Maria d'Assumpção.

Esta terra, finalmente, serviu de berço a muitos homens distinctos nas armas, na magistratura, e no magisterio da universidade de Coimbra.

A VILLA DE PENAMACOR.

Sentada em um cabeço penhascoso, na provincia da Beira Baixa, districto administrativo de Castello Branco, a villa de Penamacor dista nove leguas nordeste da cidade capital do districto, e pouco mais de duas da fronteira da Estremadura hespanhola.

Fundou-a el-rei D. Sancho I, e deu-lhe foral pelos annos de 1189. Tinha voto nas antigas côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo-primeiro. As suas armas são: em campo vermelho uma espada e uma chave, e no meio d'ellas dois crescentes contrapostos.

El-rei D. Affonso v fez conde de Penamacor a D. Lopo d'Albuquerque. A rainha, senhora D. Maria II renovou este titulo em 1844 na pessoa do senhor Antonio de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria, descendente do conde D. Lopo, e do illustre vice-rei da India D. João de Castro.

E' esta villa praça d'armas. As suas fortificações são irregulares por causa dos accidentes do terreno. As que existem foram feitas por occasião da guerra da restauração de 1640. Compõem-se de cinco baluartes, e tres meios baluartes.

No sitio mais alto, para o lado do sul, levanta-se o velho castello, edificado sobre fragas, e dominando toda a praça e terrenos visinhos. Attribue-se a sua fundação a D. Gualdim Paes, mestre dos templarios, algum tempo antes que D. Sancho I fundasse a villa.

Tem esta tres parochias, intituladas, Santa Maria, S. Pedro, e Santiago; casa da misericordia, hospital, e varias ermidas. Fora dos muros para o lado do occidente está o edificio do extincto convento de frades capuchos.

Fazem-se n'esta villa tres feiras annuaes, a primeira a 28 d'Agosto, a segunda a 21 de Setembro, e a ultima a 30 de Novembro.

O terreno produz cereaes, pela maior parte cen-

teio, legumes, vinho, azeite, linho, cera e mel. Cria algum gado, e abunda em caça, principalmente a serra do Salvador, que é afamada pela grande quantidade de coelhos, lebres, e perdizes, que n'ella se encontram.

A villa de Penamacor encerra uns tres mil habitantes.

A VILLA DE PENELLA.

Está situada em terreno elevado, na provincia da Beira Baixa, districto administrativo de Coimbra, em distancia de umas quatro leguas da cidade de Coimbra.

Attribue-se a sua fundação ao conde D. Sisnando, quando era governador d'aquella cidade, pelos annos de 1080; e dizem que começara por construir o castello, que ainda ali se vê, posto que em ruínas. Tempos depois caiu a povoação e fortaleza em poder dos moiros. Foi resgatada por el-rei D. Affonso Henriques; porém ficou arruinada e despovoada por causa da tenaz resistencia, que oppoz ao vencedor.

Todo absorvido na gigantesca empresa de libertar o paiz do jugo sarraceno, aquelle soberano legou a seu filho o cuidado de reparar os estragos de Penella. Em 1187 mandou, pois, D. Sancho I restaurar os edificios, e povoar de novo a terra. O seu foral de villa foi-lhe dado por el-rei D. Affonso II.

Em 1471 fez conde de Penella el-rei D. Affonso V a seu sobrinho D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, bisneto do infante D. João, que era filho de el-rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. Extinguio-se este titulo por morte do segundo conde, D. João de Vasconcellos, filho do primeiro.

Lograva esta villa desde os primeiros tempos da monarchia a prerogativa de enviar ás côrtes os seus procuradores, que tomavam assento no banco decimo-sexto. As suas armas são em campo azul tres torres de prata, duas collocadas na parte superior do escudo, e uma em baixo.

Tem uma unica parochia, da invocação de Nossa Senhora do Pranto, casa da misericordia e hospital. Conta perto de tres mil habitantes.

O termo é fertil. Consistem as suas principaes produções em cereaes, castanha, e outras frutas, algum vinho, e linho.

A VILLA E PRAÇA DE PENICHE.

Na costa da provincia da Estremadura, doze leguas ao noroeste de Lisboa, está edificada a villa e praça de guerra de Peniche. Ergue-se sobre rochas na extremidade de uma pequena península, que o oceano no preamar das aguas vivas quasi reduz ás condições de ilha. E parece fora de duvida, que era uma ilha ha mil e novecentos annos, e que n'ella se abrigaram os herminios, fugindo da serra da Estrella, onde habitavam, acossados pelas armas triumphantes de Julio Cesar.

Mantiveram-se firmes por um mez n'aquelle inhospito logar, que o mar e os rochedos defendiam. Mas afinal, apertados da fome, tiveram de render-se ao inimigo. Julio Cesar, contentando-se de subjeitar ao dominio de Roma os indomitos lusitanos, foi clemente e benigno com os vencidos. Segundo alguns autores, ficando na ilha todos, ou a maior parte dos herminios, ali deram principio á povoação, que ao diante, vindo a unir-se a ilha ao continente por uma restinga d'arêa, se chamou *Peninsula*, do que se derivou por corrupção o nome de *Peniche*.

Porém, conforme a opinião d'outros escriptores, os herminios voltaram para os seus antigos lares, e a origem de Peniche é coeva com a fundação da monarchia, ou pouco anterior.

Seguindo o parecer d'estes, os primeiros povoadores de Peniche foram, ainda antes da vinda do conde D. Henrique a Portugal, os moradores da vizinha villa d'Atouguia da Balêa, que, attrahidos da commodidade, que o sitio offerecia para a pesca, ali começaram a construir cabanas.

D. Affonso Henriques foi auxiliado na conquista de Lisboa, como é sabido, por uma armada de cruzados, que n'essa occasião demandara o Tejo. Nas doações que fez de diversas terras, em recompensa d'aquelle serviço, aos cruzados, que quizessem ficar no paiz, coube aos irmãos D. Roberto, e

D. Guilherme Lacorne o territorio d'Atouguia da Balêa e de Peniche. A estes estrangeiros deveram, pois, aquellas duas terras, senão a sua fundação, pelo menos um grande impulso na sua povoação e edificação.

Até ao fim do seculo xv a pesca era o emprego exclusivo dos seus moradores, e emprego mui lucrativo pela abundancia e infinita variedade de peixes, que frequentam aquella costa. Porém quando D. Vasco da Gama, e Pedro Alvares Cabral, devassando novos mares, franquearam a Portugal as portas da India, e do Brazil, aquelles ousados pescadores, pondo a mira em mais elevados lucros, armaram navios d'alto mar, e lá foram enriquecer-se, e mais á sua terra natal, no commercio d'esses novos e riquissimos paizes.

Por este modo viu o seculo xvi engrandecer-se Peniche até contar mais de mil fogos e de cinco mil habitantes. As humildes cabanas dos pescadores foram-se transformando em boas moradas de casas, e as acanhadas ermidas em templos mais grandiosos.

Em 1609 D. Filippe iii de Hespanha, que então governava em Portugal, deferindo á supplica dos moradores e donatarios de Peniche, que era o conde d'Atouguia, D. João Gonçalves d'Ataide, elevou esta povoação á cathegoria de villa.

El-rei D. João iii, que foi o primeiro dos nossos soberanos, que principiou a fortificar a barra de Lisboa, foi tambem o primeiro, que, reconhecendo a importancia de Peniche para a defensa maritima do reino, ahí mandou construir um reducto. E tal é a fortaleza natural d'esta posição, que, ajudada apenas d'este reducto, resistiu ao exercito inglez, que ali desembarcou em 22 de Maio de 1589 para fazer valer a pretensão de D. Antonio, prior do Crato, ao throno usurpado por Filippe ii de Castella.

Logo depois da expulsão dos hespanhoes, e da aclamação de D. João iv, determinou este monarcha fazer de Peniche uma praça de guerra. As novas obras de fortificação foram dirigidas pelo con-

de d'Atougua, D. Jeronymo d'Ataide. Estas obras foram ainda accrescentadas e melhoradas em 1809 e 1810, por occasião da defensa do reino contra as invasões francezas.

Em 1671 mandou el-rei D. Pedro II executar alguns trabalhos com que se melhorou o porto de Peniche.

El-rei D. João V, e D. João VI, sendo principe regente, honraram esta villa com a sua visita. O segundo ahi passou oito dias em 1806. Residiu no palacio dos governadores da praça.

As diversas causas, que produziram a decadencia do nosso commercio, actuando do mesmo modo sobre a villa de Peniche, foram empobrecendo a terra, e reduzindo-a outra vez aos recursos da pesca, e aos limitados productos da sua industria agricola e manufactora, reduziram tambem os seus moradores ao numero de tres mil e trezentos, que ao presente encerra.

A villa está assentada parte em logar plano, parte em terreno um pouco elevado. Tanto as ruas como as casas teem uma certa regularidade.

Dividem-se os moradores por tres parochias, que se intitulam: *Nossa Senhora d'Ajuda*, *Nossa Senhora da Conceição*, e *S. Pedro*. Este ultimo templo é o maior e melhor. Duas fileiras de columnas de ordem toscana dividem a egreja em tres naves. A egreja da misericordia é notavel pelo seu magnifico tecto, onde se vêem cincoenta e cinco quadros, pintados a oleo em panno, e representando os principaes successos do Novo Testamento. A maior parte d'estes quadros são obra de Josefa d'Ayala, aquella insigne pintora, que tanta celebridade adquiriu sob o nome popular de Josefa d'Obidos, sua patria.

Além da casa e hospital da misericordia ha outro estabelecimento pio, creado em 1505 pelos maritimos, que o administram. E' destinado a soccorrer as viúvas e filhas d'estes. Intitula-se *Casa ou capella do Corpo Santo*.

Os outros templos da villa são: a bonita capella de *Santa Barbara*, que é o orago da praça, edi-

ficada dentro da cidadella ; a egreja de Santo Antonio, que era da ordem terceira ; e a egreja de S. Marcos, que, depois de profanada, tem servido de quartel, de hospital, e de armazem militar.

Peniche é praça de guerra de primeira ordem, e como tal tem guarnição de artilheiros e um destacamento de infantaria, e costuma ser governada por um general. As fortificações, além da muralha, que cerca toda a villa, compõem-se de seis baluartes, o forte da Luz, na extremidade do norte, que domina o mar e o isthmo, e a cidadella, que se ergue na extremidade do sul, dominando tambem o porto, a esplanada, e a propria praça. Na costa visinha ha de um e outro lado pontos fortificados. Na cidadella está o palacio do governador, quartéis, etc.

Esta pequena península forma duas enseadas, a do norte com pouco fundo, e a do sul com sufficiente profundidade para surgidouro de navios de pouca lotação que ahí acham abrigo contra as nortadas. Duas leguas para oeste do cabo de Peniche estão as ilhas Berlengas.

Os suburbios de Peniche são aridos, como é toda a costa da Estremadura. O isthmo, que liga a península ao continente, é uma extensa praia de quatrocentas braças de norte a sul. O terreno da península, junto á villa, é cultivado, e produz cereaes, legumes, frutas, e vinho, sendo este ultimo, antes da molestia das vinhas, o seu principal producto.

Nas visinhanças da villa encontram-se varias ermidas, o pharol do Cabo de Carvoeiro, e o edificio arruinado do convento do Bom Jesus, fundação de 1452, que foi de franciscanos, onde está o sepulchro do fundador, o illustre vice-rei da India D. Luiz d'Ataide.

Fabricam-se em Peniche optimas rendas, que exporta para as principaes terras do reino. As pescarias constituem o mais importante ramo do commercio d'esta povoação. Dão emprego a muitos barcos e braços, e attrahem á villa muita gente de longe, e avultadas sommas.

A villa de Peniche pertence á comarca das Caldas da Rainha, e ao districto administrativo de Leiria. Tem por brasão d'armas uma caravela com S. Pedro e S. Paulo, um na prôa, e o outro na ré, sobre mar azul com ondas de prata.

A CIDADE DE PINHEL.

Esta pequena cidade acha-se situada no cimo e falda meridional de um pouco elevado monte, na provincia da Beira Baixa, districto administrativo da Guarda, cinco leguas ao nordeste da cidade d'este nome, quasi outras tantas a éste da villa de Trancoso, e quatro da fronteira do reino de Leão. Proximo dos seus muros, pelo lado de éste, corre a ribeira de Riba-Pinhel, que a uma legua d'ahi entra no rio Coa.

Não ha noticia certa da sua fundação, que todavia alguns autores attribuem aos turdulos, quinhentos annos antes da era vulgar. E' igualmente desconhecida a sua historia até ao principio da monarchia, em que el-rei D. Affonso Henriques a levantou das ruinas em que jazia, fazendo-a povoar, e dando-lhe foral. D. Sancho I, querendo premiar os grandes serviços prestados pelos moradores de Pinhel nas guerras contra os moiros, deu-lhe novo foral em 1189, concedendo-lhe entre outros privilegios, não serem obrigados a trabalhar em quaesquer obras de fortificação; não pagarem colheita a el-rei; e serem isentos do tributo de portagem em todo o reino.

El-rei D. Diniz, que muito cuidou na segurança do paiz, fortificando os logares da fronteira, que mais se prestavam para a defesa, mandou edificar em Pinhel um castello de cantaria, com duas mui altas torres, pelos annos de 1312.

El-rei D. José obteve do papa Clemente XIV a criação do bispado de Pinhel em 1770 (hoje suprimido), e por esta occasião concedeu a esta antiga villa o titulo de cidade. Tinha voto em côrtes com assento no nono banco. O seu brasão d'armas, conforme está na Torre do Tombo, é um pinheiro verde em campo de prata. Entretanto na casa da camara d'aquella cidade vê-se um escudo, tendo de um lado as armas reaes, e do outro um pinheiro verde, com um falcão em cima, intitulado-se

Pinhel Falcão guarda-mór de Portugal. Dizem que o falcão é uma memoria de um que se tomou a el-rei D. João 1 de Castella na batalha d'Aljubarrota. A alcaidaria-mór d'esta cidade andava na casa dos condes d'Alvor.

Pinhel é cercada de muros com seis torres, e seis portas, chamadas da *Villa*, de *Santiago*, de *S. João*, de *Marrocos*, de *Alvacar*, e de *Marialva*.

Parte da povoação está dentro dos muros, com as parochias de Santa Maria do Castello, e de S. Martinho; parte está fora com a egreja, que serviu de cathedral, e mais tres parochias, que são: Santo André, o Salvador, e a Santissima Trindade.

Tem casa da misericordia, fundada pelo doutor João de Videira, natural de Pinhel; hospital, diversas ermidas, e um convento de freiras franciscanas, da invocação de S. Luiz, que fundou pelos annos de 1600 Luiz de Figueiredo Falcão, secretario de Filippe III de Hespanha. Em 1620 um filho do fundador trouxe de Roma para a egreja d'este convento o corpo de S. Caio, papa, e martyr, o qual lhe foi dado pelo summo pontifice Paulo v.

A povoação é abastecida d'agua por tres fontes, a do Passareiro e de Marrocos, no recinto das muralhas, e a do Bispo fora d'elle. D'esta fonte até á ribeira de Riba-Pinhel, que é o espaço de meia legua, estende-se um delicioso valle, cheio d'hortas, regadas por innumeraveis nascentes de excellente agua.

Consiste a principal cultura do termo em cereaes, vinho, azeite, legumes, e frutas. Ha n'elle criação de gado, e caça.

Pinhel conta apenas uns dois mil habitantes.

A VILLA DE POMBAL.

Acha-se esta povoação sentada em logar plano na provincia da Estremadura, districto administrativo de Leiria, entre a cidade d'este nome, que lhe fica pouco mais de quatro leguas, e a de Coimbra, d'onde dista perto de oito. Pelo meio da villa passa a nova e bella estrada macdamisada, que conduz da capital do reino á cidade do Porto. Sobranceiro á povoação ergue-se um monte, que ostenta por corôa as venerandas reliquias do anti-quissimo castello de Gualdim Paes.

Não ha certeza ácerca da origem de Pombal, e até é duvidoso o sitio da sua primeira fundação. Pretendem uns, que fôra na encosta do monte de S. Christovão, fronteiro ao do castello. Outros que-rem, que fosse na ladeira do monte, que se levanta á entrada da villa, vindo de Coimbra, onde se vêem vestigios de edificações. Aos que quizessem provar, que a villa nunca teve outro assento, senão aquelle em que está, aos pés da fortaleza, que outr'ora a protegia, não lhes faltariam razões para dar, pelo menos, alguma autoridade á sua opinião.

Seja porém como fôr, o que é certo, é que D. Gualdim Paes, mestre dos templarios, foi o fundador do castello pelos annos de 1160; e tambem foi quem deu o primeiro foral á povoação.

Em quanto existiram os cavalleiros do Templo, o castello e a villa de Pombal não tiveram outros senhores. Logo, porém, que esta poderosa e aguer-rida ordem, involvida no anathema, que levou ao patibulo em Paris o seu grã-mestre, Jaques Molay, foi extincta em toda a parte por Clemente v, passaram aquella villa e castello ao dominio da nova ordem de cavallaria de Christo, creada a instancias d'el-rei D. Diniz em 1319, para substituir a dos templarios, e ser ao mesmo tempo herdeira dos seus avultados bens.

Na guerra civil, que o infante D. Affonso por vezes accendeu em Portugal contra el-rei D. Diniz,

seu pae, fez-se a paz na villa de Pombal em 1323, vencidos os dois principes pelos rogos e lagrimas da rainha Santa Isabel. O accordo foi celebrado na igreja de S. Martinho, onde o infante, que depois succedeu na corôa com o nome de Affonso IV, sellou o tratado com juramento, que todavia não tardou muito a romper.

El-rei D. Affonso V deu o senhorio de Pombal aos condes de Castello Melhor, que ao presente são marqueses do mesmo titulo.

El-rei D. Manuel concedeu novo foral á villa com muitos privilegios; e D. José I honrou-a, fazendo marquez de Pombal o seu ministro, conde de Oeiras, a quem o paiz é devedor de tão assignalados serviços.

O reinado de D. Maria I estreou-se com o des-terro d'este grande estadista, que foi acabar os seus dias n'aquella villa, ao cabo de uma residencia de cinco annos.

Pombal tem tido, desde os fins do seculo passado para cá, diversas epochas de prosperidade e decadencia. A estrada de Lisboa ao Porto, que a rainha D. Maria I mandou abrir por Leiria e Pombal a Coimbra, em vez de seguir a antiga direcção de Santarem a Thomar, deu áquella villa muita importancia e desinvolvimento, tanto pela concurrencia de passageiros, que então era grande, como pela animação, que veio dar á cultura dos fer-teis terrenos, que cercam a povoação.

Este estado, porém, não durou muito. A passagem dos exercitos francezes nos principios d'este seculo, e todos os outros tristes resultados d'esta guerra, produziram a decadencia d'esta villa. E quando a Providencia afastou do nosso paiz estes males transitorios, vieram outros actuar poderosamente sobre Pombal. Primeiro a deterioração da estrada de Lisboa ao Porto, que em breves annos chegou a completo estado de ruina; depois as guerras civis, e emfim o estabelecimento de carreiras regulares por barcos movidos a vapor entre estas duas cidades; pozeram aquella villa em uma situação de perfeito isolamento e esquecimento.

De tão precario e ruinoso estado veio arrancal-a a nova estrada, que ha quatro annos poz em facil communicação a capital do reino com o Porto, e terras intermedias. Assim pois já mostra Pombal evidentes signaes de ter entrado de novo em uma epoca, que lhe promette prosperidade.

No antigo regimen tinha voto em côrtes, com assento no banco decimo-setimo. O seu brasão d'armas, como se acha na Torre do Tombo, é, em campo vermelho, uma torre de prata, com duas pombas, tambem de prata, sobre as ameias. Entretanto, achando concordes todos os autores em lhe acrescentar ao brasão, acima descripto, a imagem do archanjo S. Miguel sobre a torre, com a lettra *Ave Maria*, preferimos dar este em estampa.

A villa de Pombal, como dissemos, está assentada em planicie. Nenhuma povoação do nosso paiz tem uma entrada mais formosa e triumphal, que esta terra. E' uma extensa lameda d'arvores frondosas e colossaes, que se abraçam e cruzam, formando uma abobada de verdura. Precede a villa do lado de Leiria. Foi plantada no reinado de D. Maria I, quando se fez a estrada.

Dividia-se outr'ora a povoação por tres parochias: Santa Maria do Castello, S. Pedro, e S. Martinho. Da primeira, que estava junto das muralhas do castello, da parte do sul, não restam mais que ruinas. Mas ainda assim deixa ver, que era um templo, não grande, porém de elegante architectura, e ornado de muitas e graciosas esculpturas em pedra ançã. Admiravam-se n'esta egreja varias obras de muita delicadeza e primor feitas em pedra pelos celebrados esculptores João de Ruão, e Jacome de Bruges.

Na sachristia da egreja parochial de S. Martinho conservou-se por mais de setenta annos, em indecente e vergonhoso deposito, o ataude que encerrava os restos mortaes do grande marquez de Pombal, até que ha poucos annos foi transportado para Lisboa pelo seu terceiro neto, o quinto marquez do mesmo titulo, e collocado em um mausoleo de

marmore na ermida de Nossa Senhora das Mercês, junto á rua Formosa.

Ha na villa casa de misericordia, e o templo de Nossa Senhora de Jerusalem, ou do Cardal, e nos suburbios diversas ermidas.

O castello, apezar do estado de ruina em que se acha, deixa fazer-se uma idéa da sua antiga estrutura. Tinha dentro uma egreja dedicada a S. Miguel, que ha mais de duzentos annos, que se arriuinou.

São mui apraziveis os arredores de Pombal. O rio Arunca, ou Arunce, de margens arborisadas, passa junto da villa por baixo de uma boa ponte de cantaria, e depois de ter recebido em seu leito differentes ribeiras, e de ter dado frescura e viço aos campos visinhos, vae lançar-se no Mondego. No verão as suas aguas apenas bastam para regas, e para fazer trabalhar alguns moinhos. Mas no inverno affluem-lhe em tanta copia, que trasbordam e causam cheias.

Cultiva-se no termo trigo, cevada, e milho, legumes, batatas, vinho, azeite, e algumas variedades de frutas.

Pombal encerra uns quatro mil habitantes, que se empregam na agricultura, e em diversas pequenas industrias manufactoras.

E' tão popular no paiz a lenda do *bolo de Pombal*, que julgamos a proposito consignal-a aqui. Referil-a-hemos pelas proprias palavras de um escriptor, que dedicou o seu tempo e applicação ao estudo das antiguidades, usos, costumes, e linguagem do nosso paiz. Este escriptor é o padre D. Raphael Bluteau, da congregação da Divina Providencia, que fallando da villa de Pombal, conta o caso pelo modo seguinte: . . . « Junto ao sitio do Cardal (assim chamado pelos muitos cardos, que produzia), assentaram domicilio os descendentes da familia dos Fogaças em um castellejo, que ahi tinham á maneira de torreão, o qual haverá vinte e oito annos (*) se acabou de arruinar, conservan-

(*) Imprimiu isto o autor em 1720.

do ainda hoje o dito sitio o nome da Torre ; e os senhores d'ella mandaram edificar uma capella á Virgem Mãe de Deus , com a invocação de Nossa Senhora de Jerusalem.

«A esta sacrosanta imagem tiveram sempre os moradores e seus visinhos muita veneração, e sendo o Senhor servido castigal-os com uma praga de gafanhotos, que sobre afogarem as searas, suspendiam em os rios e fontes o curso das aguas, e mettidos em as casas obrigavam os habitadores a desamparal-as, vexação tão insoffrivel, que obrigou o povo, com accordo do senado da camara, e clero, irem á matriz, S. Pedro, e ahi principiarem procissão de preces, a qual vieram acabar na dita capella da Senhora de Jerusalem, no dito sitio do Cardal. E chegando o parocho ao offertorio, em voz alta prometteu á Senhora em nome d'aquelle povo, que se fosse servida livral-os d'aquelle praga, lhe fariam festas todos os annos em acção de graças ; no que consentiu o povo todo, e a camara, como cabeça d'elle, se obrigou a fazer cumprir a promessa, que pela muita fé, contricção, e arrependimento de culpas, foi certamente muito acceita a Deus pela intercessão da Virgem ; porque, sendo esta acção das preces em o ultimo sabbado do mez de Junho, logo em o domingo amanheceu o campo livre dos gafanhotos, sem que em arvore, ou seara se visse um só : á vista do que foram todos dar graças á Senhora , e ali logo ajustaram festas para o anno vindouro, as quaes tomou por sua conta a propria senhora e administradora da capella D. Maria Fogaça, que morava na dita torre, e n'ellas foi tal o empenho, que se fizeram com canas, escaramuças, toiros, fogos, e danças ; e os parentes, que a dita senhora tinha em Santarem, e Thomar, a vieram desempenhar com grandeza notavel , e por toda a Estremadura soou a generosa gratificação do milagre.

«Como nas festas da christandade foi antigo costume haver offerta para o parocho, e a mais ordinaria, particularmente entre rusticos, era de bolos, mandou D. Maria Fogaça fazer dois bolos, que

saindo de extraordinaria grandeza para a capacidade do forno, com grande sentimento das serventes, um criado da casa, que estava presente, tambem sentido da desproporção, e compadecido da pena das moças, levado da consideração que a offerta era em louvor da Senhora do Cardal, invocando o nome da mesma Senhora, entrou no forno, concertou, e agasalhou os bolos com tão admiravel successo, que saindo para fora illeso, e sem o minimo damno nos vestidos, nem ainda no cabello, se publicou o milagre, e ficou authenticado com a confissão dos circumstantes, que viram entrar e sair o homem do forno. A' vista do que o parecido desistiu da offerta, e como pão de milagre foi entregue á misericórdia para se repartir pelo povo com devota caridade; e a esta offerta lhe chamaram *fogaça*, nome da instituidora da festa.

«Nos annos seguintes, vendo os moradores que se não podiam continuar as festas sem grave desconmodo, por se fazerem em o ultimo domingo de Junho, em que não ha trigos, nem cevadas, nem palhas, assentaram com a camara que se fizessem no ultimo domingo de Julho, e que, para não perder a tradição do domingo ultimo de Junho, em que succedeu o milagre, e não faltar ao voto, se fizesse do dito domingo, e nos seguintes até chegar ao da festa quatro alvoradas, que contem aos sabbados, vespas cantadas na ermida da Senhora, procissão da matriz até á dita capella, sermão e missa cantada todos os domingos, e nas noites dos sabbados cantigas em louvor da Senhora pelo povo, com muita alegria, a qual degenerando em demasiado festejo, pareceu a alguns zelosos improprio ao louvor da Senhora, e contra a vontade do povo, prohibiram os mordomos as ditas alvoradas. Mas dizem que no mesmo tempo, que faltaram, se viu o sitio do Cardal coberto de lagartas e borboletas, e d'ahi foram dando nos prados; pelo que dando na causa, foram continuando com o uso antigo.

«A sobredita D. Maria Fogaça, antes do seu falecimento fez desistencia do dominio e adminis-

tração da capella em as mãos da camara, por cuja conta corre hoje a fabrica e culto d'ella. Ouço dizer que hoje a festa se faz a 12 ou a 13 de Julho. Entra um homem de certa familia pela bocca do forno, e torna a sair sem se queimar, nem se lhe crestar muito o vestido. Verdade é que sómente se detem em quanto lhe dura um folego, de sorte que não toma respiração dentro do forno, por não beber fogo em lugar de ar.

«Isto me disseram pessoas fidedignas, se bem para o milagre ser completo, parece que aquelle mesmo fogo, que não queima a cara, não havia de offender a garganta, respirando. Porém é certo que está o forno tão quente, que os homens, que lhe botam lenha, se não chegam perto da bocca, mas desviados lh'a mettem com forcados.

«Foram estas festas antigamente celebradas com tão grande concurso e fervor, que da autoridade real tiveram um privilegio notavel, e era que a pessoa que mostrasse vinha das festas, ou ia para as festas, oito dias antes, e oito dias depois, não fosse presa por qualquer crime, que tivesse, salvo o commettesse nas mesmas festas. Este privilegio se observou até el-rei D. Sebastião.....

«Esquecia-me dizer, que esse famoso bolo tem vinte alqueires de farinha de trigo; e para se accommodar melhor, o fazem de pão asmo, e o levam seis homens em um andor ao forno, e depois de se terem queimado tres carradas de lenha, se mette dentro o homem.»

A CIDADE DE PONTA DELGADA.

No anno de 1431 mandou o sabio infante D. Henrique a Gonçalo Velho Cabral, commendador d'Almourol, descobrir novas terras nos mares de oeste. Depois de baldadas diligencias regressou o navegante, tendo apenas encontrado no meio do oceano uns rochedos, que por serem muitos e encarreirados, denominou os *baixos das Formigas*. Animado o infante com este achado, enviou-o no anno seguinte ás mesmas paragens, e d'esta vez descobriu, a cinco leguas d'aquelles rochedos, uma ilha, a que deu o nome de *Santa Maria*, por a ter descoberto em 15 d'Agosto, dia consagrado á Assumpção da Virgem. E foi esta a primeira ilha que se descobriu do archipelago dos Açores.

Passados doze annos, em 1444, o mesmo commendador d'Almourol fez a descoberta de uma outra ilha, a que chamou *S. Miguel*, por ter ali chegado a 8 de Maio, dia da apparição do Archanjo. Ao diante foram-se descobrindo as outras sete, que com aquellas formam tres grupos distinctos na direcção de oes-noroeste e les-sueste. O grupo mais oriental é formado pelas ilhas de *Santa Maria*, de *S. Miguel*, e rochedos das *Formigas*. O occidental pelas das *Flores*, e do *Corvo*. O central pelas *Terceira*, *S. Jorge*, *Fayal*, e *Graciosa*. Estão situadas a 27°, 20' de longitude occidental, e 37°, 40' latitude norte. Dividem-se em dois districtos administrativos, Angra, e Ponta Delgada; e comprehendem vinte e um concelhos, cento e dezoito parochias, e cincoenta e quatro mil duzentos oitenta e dois fogos, com uma população de duzentos quarenta mil e novecentos habitantes.

S. Miguel é a segunda ilha na ordem do descobrimento, e é a primeira pela sua grandeza, população, e importancia commercial. Tem dezoito leguas de comprimento, e pouco mais de tres a quatro de largura. A sua ponta de leste dista do cabo do Espichel, pouco mais ou menos, duzentas e doze leguas.

Tem dois portos principaes, ambos do lado do sul, e desabrigados, o de Ponta Delgada, e o de Villa Franca. O solo é como o das outras ilhas d'este archipelago, de origem volcanica. O clima é temperado e saudavel. A sua população excede a noventa mil almas.

E' capital d'esta ilha a industriosa e rica cidade de Ponta Delgada, que se acha sentada em logar plano, nas margens de uma enseada de tres leguas de largura, formada por dois cabos, chamados *Ponta da Galé*, e *Ponta Delgada*, que deu o nome á cidade. A esta ultima tambem chamam de *Santa Clara*, por causa de uma ermida d'esta invocação, que ahi se edificou ha muitos annos.

A perspectiva da cidade vista do mar é de muita belleza. A casaria resplandecente d'alvura, e coroadada pelas torres de varias egrejas e conventos, estende-se em uma longa linha á borda do oceano; e pelo lado de terra, cercam-na, como o caixilho ao painel, verdejantes collinas, ligeiramente ondeadas, e cobertas em grande parte de pomares.

Começou a povoar-se a ilha, por ordem e diligencias do infante D. Henrique, no anno de 1445; porém até ao de 1499 era Ponta Delgada um simples logar, sujeito ao governo de Villa Franca, então a principal povoação. As vantagens da situação fizeram desinvolver-se e crescer tanto a primeira durante a ultima decada d'aquelle periodo, que, mal soffrendo a subjeição ás autoridades de Villa Franca, deu origem a disputas e rixas entre os moradores das duas povoações. Para obviar a este mal, e deferir á supplica dos habitantes de Ponta Delgada, erigiu el-rei D. Manuel este logar em villa no anno de 1499.

Em 1522 houve na ilha um grande terremoto, que sepultou a maior parte de Villa Franca debaixo dos montes do Rabaçal, e Louriçal. Morreram n'esta catastrophe perto de cinco mil pessoas. Ponta Delgada tambem padeceu muita ruína, mas tão depressa se reparou, e augmentou, que em 1546 el-rei D. João III a fez cidade e capital da ilha.

Os volcões de *João Ramos*, e do *Paio*, que reben-

taram em 1552, e o do *Pico do Sapateiro*, que rebentou em 1563, e que por muitos dias vomitou torrentes de lavas abrasadoras, produziram abalos da terra, que damnificaram mais ou menos todas as povoações da ilha.

Em Julho de 1582 surgiu nas aguas de S. Miguel uma armada de sessenta navios, com oito mil soldados, quasi todos francezes. Trazia a seu bordo o pretendente á corôa de Portugal, D. Antonio, prior do Crato, que demandava a ilha Terceira. A 16 de Julho desembarcaram tres mil homens no porto dos *Calhaus*, com o prior do Crato na sua frente, e em breve se assenhorearam, além d'outras povoações, de Ponta Delgada, excepto a fortaleza da cidade, que não quiz render-se, conservando-se por Philippe II de Castella. Dispunha-se D. Antonio para lhe dar assalto; porém avistando-se no dia 21 a esquadra hespanhola, que vinha a pannos largos em busca da do pretendente, recolheu-se tudo aos navios. No dia 24 travou-se o combate naval, que foi renhido e porfioso. Mortos o almirante portuguez, conde de Vimioso, e o general francez Philippe Estrosse, commandante das tropas de desembarque, decidiu-se a victoria pelos castelhanos, e os restos da armada contraria, com o prior do Crato, poderam ganhar o mar, e acolherem-se na Terceira, ende em vão os foi perseguir o almirante de Philippe II. Por occasião d'aquelle desembarque commetteram os francezes toda a sorte de roubos e estragos nos campos, nas povoações pequenas, e na propriedade, que pozeram a saque.

Filippe II, como em indemnisação d'estas perdas, ou para recompensar o que elle chamava fidelidade, concedeu a Ponta Delgada no anno seguinte os mesmos foros e privilegios de que gozava no continente a cidade do Porto. Mas, apezar de taes favores, assim que ali chegou a feliz nova da acclamação de el-rei D. João IV em o 1.º de Dezembro de 1640, Ponta Delgada, e toda a ilha de S. Miguel, sacudiram cheias de enthusiasmo o ominoso jugo de Castella.

Em 1720 e 1755 sobrevieram dois grandes ter-

remotos, que lançaram por terra muitos edificios. Em 1810 houve ao sul do *Pico dos Ginetes* uma pequena erupção, e em Junho do anno seguinte rebentou no mar junto á ponta da *Ferraria* uma horrivel explosão submarinha, de que resultou a formação de um ilheo de trezentos pés de altura, com uma circumferencia aproximadamente de um quarto de legua, e rematando em uma enorme cratera.

Em Outubro desapareceu repentinamente esta pequena ilha, sem deixar mais vestigio que o susto e terror, que infundiu nos habitantes de S. Miguel, e os estragos, que causou particularmente nos navios, que se achavam surtos nos seus portos. Finalmente, em 1839 padeceu a cidade de Ponta Delgada um flagello de outro genero, mas não menos horroroso e devastador. O mar, agitando-se e crescendo de improviso, arremeceu-se contra a cidade com tal furia, que derrubou o paredão, que abrigava o porto do areal de S. Francisco, e a praça da feira do gado; fez consideraveis estragos no castello de S. Braz, e n'outras fortificações, na alfandega e caes contiguo; arruinando tambem muitas casas e armazens particulares.

Todavia, sem embargo de tantas e tão amiudadas calamidades, Ponta Delgada tem-se engrandecido, prosperando de anno para anno.

Compõe-se o seu brasão de um portico sustentado por quatro columnas, tendo no centro as armas reaes. Sobre as duas columnas da parte interior avultam duas espheras armilares, e sobre as columnas exteriores duas tochas ardentes. Na volta do arco está no lugar superior a cruz da ordem de Christo, tendo de um lado o sol, significando a justiça, e do outro a lua, symbolisando Nossa Senhora da Conceição. Como remate do portico está uma corôa real, e por cima tres settas com uma palma atravessada. A cruz de Christo e as espheras são as divisas de el-rei D. Manuel, que a fez villa. As settas e a palma são o emblema do martyrio de S. Sebastião, padroeiro da cidade.

No dia 1.º de Agosto de 1831 desembarcou em a ilha de S. Miguel, vindo da Terceira, á frente de

uma força de mil e quinhentos homens, o conde de Villa Flor, depois creado duque da Terceira, resolveu a plantar ali o estandarte da liberdade, e o governo legitimo da Senhora D. Maria II. Saindo-lhe ao encontro no dia seguinte as tropas realistas, que defendiam a ilha, em numero de tres mil homens, travou-se um mortifero combate nas alturas da *Ladeira da Velha*, que terminou com o triumpho da causa liberal. No dia 3 fez o conde de Villa Flor a sua entrada na cidade no meio de grandes regosijos populares. Ha pouco mais de um anno foi visitada Ponta Delgada por sua alteza real o infante D. Luiz, duque do Porto.

O primeiro capitão donatario da ilha de S. Miguel foi o seu descobridor frei Gonçalo Velho Cabral. Seu sobrinho, e herdeiro, João Soares d'Albergaria, vendeu esta capitania, por trinta e dois mil cruzados, em 1474, a Rui Gonçalves da Camara, filho de João Gonçalves Zarco, o descobridor da ilha da Madeira. Continuou o senhorio de S. Miguel nos descendentes de Rui Gonçalves da Camara, que mais tarde foram agraciados com o titulo de condes de Villa Franca, depois mudado no de Ribeira Grande, que ha poucos annos foi elevado a marquez.

E' a cidade de Ponta Delgada capital d'um districto administrativo, que comprehende toda a ilha de S. Miguel, e a de Santa Maria. E' sede de um commando militar, e do tribunal da relação dos Açores, creado por decreto de 16 de Maio de 1832. Dividem-se os seus moradores pelas tres seguintes parochias: S. Sebastião, que é a matriz, templo vasto e de tres naves; S. Pedro, e S. José. A *egreja da misericordia* com o seu hospital annexo é um estabelecimento pio bem dotado e administrado.

Os principaes edificios, além dos que ficam mencionados, são: o antigo *palacio dos capitães donatarios*, a *alfandega*, a *casa da camara*, os edificios de cinco extinctos conventos, tres de frades e dois de freiras, e os dois de religiosas, ainda habitados. Os dos frades eram: o *collegio dos jesuitas*, edificado em 1590; e cuja igreja se concluiu em 1666;

o *convento dos eremitas de Santo Agostinho*, que teve a primeira fundação em 1606, e a segunda, com mudança de local, em 1680; e o *convento dos franciscanos*, também fundado primeiramente em 1525, e mudado em 1709 para o sitio em que ao presente se vê. Os quatro conventos de freiras eram: *Nossa Senhora da Esperança*, construido por D. Filipa Coutinho, mulher de Rui Gonçalves da Camara, segundo do nome, em 1544; o de *Santo André*, fundado em 1567; o de *S. João ante Portam Latinam*, edificado em 1602; e o de *Nossa Senhora da Conceição*, acabado em 1671. D'estes conventos foram supprimidos dois, passando as religiosas para os dois que ficaram, as quaes actualmente não são menos de cem. Ha na cidade umas oito ermidas.

Apezar de ser edificada esta povoação em terreno plano, ou levemente inclinado, não tem nenhuma praça nem rua de traçado regular. Mas conta muitas casas de bom prospecto, com seus jardins e pomares. Tem theatro, e casa de assemblea. A guarnição da cidade, e defesa da ilha é feita por um dos regimentos de infantaria do continente, que para esse fim se revesam de dois em dois annos. O porto é defendido pela fortaleza de S. Braz, que encerra uma grande cisterna, e ha outras fortificações menores. Em 1851 entraram n'este porto trezentos oitenta e dois navios com trinta e quatro mil setecentas vinte e nove toneladas, e saíram quatrocentos e treze com trinta e cinco mil setecentas quarenta e duas toneladas.

Contém Ponta Delgada quatorze mil habitantes; mas se se incluir a parte dos arrabaldes, que forma uma continuação, não interrompida, da cidade, n'este caso eleva-se a sua população a dezoito mil almas.

Tem a cidade a melhor agua, que dizem haver em toda a ilha, não sendo tão boa a dos suburbios, que pela maior parte é salobra. Os mercados são abastecidos de muita variedade de excellentes hortaliças, e frutas, tanto da Europa como dos tropicos, de muita criação e caça, e de muita diversidade de pescado, em que abunda toda a costa da ilha.

O seu commercio é importantissimo, sobretudo o de exportação. A ilha de S. Miguel exporta annualmente, termo medio, dez mil moios de cereaes e legumes para o reino, e Madeira, e cem mil caixas de laranja para Inglaterra. E além d'isso, entre outros productos, aguardente, e carnes salgadas. Este avultado trato commercial dá ao porto de Ponta Delgada um grande movimento annual de embarcações nacionaes e estrangeiras, augmentado ainda pelas que ali tocam simplesmente para receber provisões. A carreira de navios movidos a vapor, da companhia União mercantil, que estabeleceu communicações regulares entre Lisboa e os portos de S. Miguel, Terceira, S. Jorge, e Fayal, deve influir poderosamente no desinvolvimento e prosperidade de Ponta Delgada, e de todo o archipelago açoriano.

Os arrabaldes de Ponta Delgada são de singular belleza e amenidade. Vê-se por toda a parte uma vegetação pomposa e variada, entremeiando-se as arvores e plantas da Europa com muitas da America. Bonitas quintas de regalo, e uma infinidade de pomares de laranja, frondosos como bosques de arvores silvestres, povoam e sombreiam todos esses arredores, ora embalsamando o ar com o perfume de suas flores, ora matizando com os seus fructos d'ouro aquelle vastissimo manto de verdores.

O termo, como todo o terreno da ilha, é de uma fertilidade prodigiosa, e as suas produções são variadissimas, com optimas pastagens em que se cria muito gado. Outr'ora floresceram n'elle a cultura da canna d'assucar, do pastel, e do tabaco. Infelizmente estes ramos da sua industria agricola, de que tanto proveito começou a tirar, acabaram inteiramente. O primeiro cessou por falta de lenhas para engenhos. O segundo, que produzia uma bella tinta d'anil mui procurada pelo commercio, finou-se sob o peso dos impostos, que lhe lançou el-rei D. João v. O terceiro foi victima das necessidades do thesouro publico, que o sacrificou aos interesses do monopolio.

A pouca distancia do termo da cidade, que se es-

tende a uma legua, está o *Pico das Camarinhas*, também chamado *Pico das Ferrarias*. Dizem que ha ahi minas de enxofre, de ferro, de salitre, e de marcasitas, ou pyrites angulosas.

Apezar de ser um tanto afastado da cidade, não se deve deixar de fazer menção do *Valle das Furnas*, sitio de grande nomeada pelas curiosidades naturaes, que encerra, e de muita concorrência por causa das suas aguas thermaes. Servir-nos-hemos para esta descripção de um extracto, que o *Panorama* publicou, da interessante obra do nosso sabio e fallecido compatriota Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, intitulada *Observações sobre a ilha de S. Miguel*.

«O *Valle das Furnas* é uma bacia cercada de montanhas elevadas, inferior em nivel a todos os terrenos adjacentes, á excepção sómente da estreita garganta, pela qual as aguas, que n'ella brotam ou se ajuntam, se despejam no mar na *Ribeira-Quente*. Existem aqui tres solfatáras (enxofreiras) acompanhadas de nascentes d'aguas mineraes: os terrenos d'ellas consistem em lavas, terras argilosas, e destroços de cinzas e pomes atacados pelos vapores sulfurosos, que do solo se exhalam, e dos quaes uma parte cristalisa nas cavidades e fendas do terreno, e outra, acidificando-se com o contacto do ar e dos vapores aquosos, que cobrem a solfatára, provindos das nascentes d'aguas, que por todas ellas rebentam, ataca o terreno, essencialmente aluminoso, e forma na sua superficie efflorescencias de supersulfato de alumina, de que as terras se acham impregnadas, bem como do sulfato de ferro unido áquelle, e proveniente da acção do acido sulfurico sobre o oxido de ferro dos terrenos e das lavas, e sobre o que depõem as aguas ferruginosas, que ali correm copiosamente.

«Na solfatára maior, além dos nascentes mais consideraveis de aguas quentes, por toda a parte borbulham pequenos olhos das mesmas. Apparecem alguns orificios, onde a agua não chega liquida á superficie do terreno; mas que só exhalam vapores aquosos e de enxofres sublimados, que

cristalisa pelas bordas; em uns d'elles escuta-se o som das aguas debatendo-se com violencia nas cavidades subterraneas; em outros os vapores surgem sibilando, e repuxam com vigor para a atmosphaera. Na bocca maior, com sete palmos de diametro, a emissão dos vapores é acompanhada de um som rouco e magestoso, que resôa a grande profundidade como o ecco de um zabumba tocado ao longe: é impossivel inclinar a cabeça sobre a abertura sem que a escalde cruelmente a columna de vapor quentissimo, que por ella se exhala. Nas aberturas mais pequenas os habitantes das visinhanças costumam estender as raizes dos inhames sobre camadas de fetos e matto, e assim obteem, sem despeza, cozer estas raizes, que são parte essencial do seu alimento. Na maior parte das caldeiras, ou nascentes abertas as aguas repuxam limpidas e claras; n'algumas porém em que embatem contra paredes argilosas saem opacas e lodosas, mas filtradas mostram-se em tudo identicas ás primeiras. A mais notavel d'estas nascentes lodosas é a que no paiz chamam *Caldeira de Pedro Botelho*: o seu aspecto, espantoso e medonho, faz com que o povo ignorante e supersticioso a tenha por um respiradoiro do inferno. Na excavação abre-se a bocca de uma caverna, no fundo da qual espadana continuamente com um som rouco e alternado um borbotão d'agua turva e lodosa, que, elevando-se ao ar cae de novo no mesmo abysmo, sem nunca vencer a abertura da gruta, por onde se exhalam redemoinhos de fumo denso e quentissimo, combinados com o cheiro sulfureo dos vapores.

«O aspecto do *Valle das Furnas* do alto dos montes, que o povoam, é pittoresco e agradavel: este logar é o mais fresco da ilha, e tão humido que qualquer objecto, que se abandone, ainda nas casas altas, embolorece immediatamente; e as chuvas são ali mais aturadas e copiosas.

«Proximo das caldeiras fundaram os habitantes os banhos, que são proficuos em muitas enfermidades.»

A VILLA DE PONTE DE LIMA.

Tres leguas a este da cidade de Vianna do Castello, a cujo districto administrativo pertence, e cinco da cidade de Braga, está edificada a villa de Ponte de Lima sobre a margem esquerda do formoso rio Lima.

Se a antiguidade d'esta povoação não é tanta como alguns dos nossos autores pretendem, attribuindo-lhe uma origem grega, ou celta, ou turdula, muito anterior ao nascimento de Christo, é certo todavia que já existia no seculo II da era christã, sendo então uma cidade, sob o dominio dos romanos, chamada *Forum Limicorum*. A situação em que o itinerario do imperador Antonino Pio põe esta cidade, não deixa duvidar de que teve o mesmo assento em que ora vemos Ponte de Lima.

Como ficava na via militar, que os romanos abriam de Braga á cidade d'Astorga, por Tuy e Lugo, era muito transitada e florescente no tempo d'estes dominadores do mundo. Attendendo á perfeição e grandeza com que eram construidas as vias militares dos romanos, é de crer que tivessem edificado n'este sitio uma boa ponte. Não ha porém vestigios nem memoria de semelhante obra. Comtudo deveria ali existir alguma ponte anteriormente á fundação da monarchia portugueza, por quanto achando-se aquella terra arruinada e despovoada no principio do seculo XII, a rainha D. Thereza, e seu filho, D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, mandando-a reedificar e povoar de novo, no foral que lhe deram em 1125 chamam-lhe *Ponte de Lima*.

El-rei D. Affonso II confirmou este foral, e acrescentou-lhe mais algumas regalias. Mas, apesar de todos estes favores, e de tantas vantagens da situação, e dos terrenos circumvisinhos, foi-se despovoando outra vez, e caindo em ruinas. E a tal ponto chegou de miseria, que no meiado do se-

culo xiv estava reduzida a um pequeno numero de pobres choças de palha.

Resolvendo-se então el-rei D. Pedro I a restaurar-a novamente, e com melhores condições, transferiu-a em 1360 do sitio em que se achava, que era abaixo do convento de S. Francisco, para o lugar em que a vemos. Abriu ruas, construiu casas, cercou tudo de grossa muralha com varias torres amealhadas, barbacãs, e cinco portas, denominadas: do *Souto*, do *Postigo*, da *Ponte*, de *S. João*, e a de *Braga*, que mais tarde tomou o nome de porta do *palacio dos viscondes*. E, enfim, para que nada faltasse ao desinvolvimento e prosperidade da terra, para a qual attrahiu muitos moradores, edificou-lhe sobre o rio Lima uma excellente ponte de pedra, fortificada em cada extremidade com uma forte torre, e tudo isto tão solidamente construido, que ainda ao presente se conserva em optimo estado.

Não bastaram, porém, todos estes esforços e avultadas obras de segurança e commodidade para vencer o mau fado d'esta terra. Achava-se em tamanha decadencia no começo do seculo xvi, que, tratando el-rei D. Manuel de reformar os foraes das terras do reino, accrescentou ao antigo foral de Ponte de Lima, entre outros privilegios, que os seus moradores fossem isemptos de pagar portagem e direitos em todo o paiz.

Depois d'isto teem passado tres seculos e meio, e a villa, que n'este espaço de tempo prosperou, chegando a contar perto de tres mil habitantes, tornou a decair, e hoje não possui mais de dois mil. E' de esperar, todavia, que a nova estrada macdamisada, que em breve a vae pôr em facil communicação com a cidade de Braga, com a praça de Valença, e outras povoações, lhe hade dar benefico impulso.

Na velha monarchia tinha esta villa representação em côrtes, com assento no banco quinto. Tem por brasão d'armas um escudo com uma ponte entre duas torres. E' seu alcaide-mór o senhor Marquez de Ponte de Lima, que é decimo-setimo visconde de Villa Nova de Cerveira.

Nossa Senhora da Assumpção é a unica parochia da villa. E' um bom templo edificado no seculo xviii. Antes da sua fundação a egreja parochial estava fora da villa, proxima da capella de Nossa Senhora da Guia. Veneram-se n'aquelle templo duas imagens, Nossa Senhora da Piedade, com o Senhor morto no regaço, que vieram de Inglaterra.

Tem casa de misericordia, dois hospitaes, e diversas ermidas dentro e fora da povoação. A capella de S. Sebastião, que está fora da porta do Souto, foi synagoga dos judeus, quando residiram alguns n'esta villa, e moravam na *rua nova*.

Os principaes edificios, além dos já citados, são a ponte, e o palacio dos senhores marquezes de Ponte de Lima. O primeiro, posto que tenha tido algumas reconstrucções parciaes, conserva na sua maior parte a fabrica primitiva. E' um bello e curioso monumento de architectura gothica. Consta de vinte e quatro arcos, sendo dezeseis ogivales. Nas extremidades erguem-se duas torres, por baixo das quaes é necessario passar para entrar na ponte, ou sair d'ella. O segundo é o solar da illustre familia dos Limas, que el-rei D. Affonso v elevou ás honras de viscondes de Villa Nova de Cerveira, em 1476, em favor de D. Leonel de Lima, e a rainha D. Maria I ás de marquezes de Ponte de Lima, em 1790, na pessoa de D. Thomaz Xavier de Lima, seu ministro dos negocios do reino. Acha-se este palacio em muita ruína; e o mesmo acontece ás muralhas da villa.

As cercanias de Ponte de Lima são de uma belleza singular. O rio Lima corre sobre amplo leito de alvissima arêa entre margens orladas de frondoso arvoredor, e pelo meio de campos sempre viçosos, em que avultam aqui e ali, ora uma torre ameçada, solar de remotas eras, ora uma casa gothica, dos seculos xv e xvi, ora residencias de templos mais modernos, e mais prosaicos, mas agradavelmente situadas á beira do rio, ou escondidas entre copados bosques. Seguem o curso do Lima, um pouco desviadas d'elle, de um e outro lado,

cordilheiras de montes, tão bem cultivados nas faldas, tão lindamente vestidos nas encostas de arvoredos silvestres, com tantas capellinhas a coroalhes os cumes mais elevados, que formam um precioso caixilho ao quadro do valle, já de per si tão rico, tão bello, e variado.

O rio, que no inverno enche, e trasborda o alveo, empobrecido no verão, divide-se em varios braços, por entre ilhotas de arêa. Mas ainda assim, com mais ou menos custo, é navegavel, e transitado de muitos barcos pelo espaço de quasi duas leguas para cima, e tres para baixo até a cidade de Vianna do Castello, onde tem a sua foz.

Saindo-se da povoação pela ponte tem junto d'esta um arrabalde, com tantas, e algumas tão boas casas, que é como a continuação da villa. Seguindo a estrada, que por este lado vae parallelamente ao rio até Vianna, encontram-se duas deliciosas quintas, cujos palacios, situados entre jardins, e meio occultos na espessura de densos bosques, ainda se miram, como a furto, nas aguas cristalinas do Lima. São as residencias dos senhores condes de Bertiaundos, e d'Almada. Da outra parte do rio tambem vae uma estrada, mais chegada á margem, e que conduz igualmente áquella cidade. E' um passeio encantador. O viajante, ao percorrel-a, vendo-se caminhar sob um toldo de verdura, e por meio da pomposa vegetação, que veste aquelles fertilissimos campos em todas as estações do anno, julga atravessar uma quinta de regalo tratada com esmero.

Proximo da villa, nos suburbios, vêem-se os edificios dos dois extinctos conventos, de Santo Antonio, na margem esquerda, o qual foi de frades capuchos, fundado por D. Leonel de Lima, primeiro visconde de Villa Nova de Cerveira; e de S. Francisco de Val de Pereiras, na margem direita, edificado em 1360, e que depois de ter pertencido aos religiosos franciscanos, passou em 1515 a ser occupado por freiras de Santa Clara.

Nos suburbios da margem esquerda, logo abaixo da ermida de Nossa Senhora da Guia, no mon-

te, chamado dos Medos, descobrem-se vestígios de um antigo castello. Um pouco mais distante, próximo do sitio, onde está a capella de Nossa Senhora da Conceição, existem, ou, pelo menos, existiam ha annos, as ruínas de um forte, que dizem ser obra dos romanos.

O termo de Ponte de Lima, por onde corre também o rio Neiva, é muito productivo, em todas as variedades de cereaes, legumes, hortalças, e frutas, que se cultivam ordinariamente em o nosso paiz. Recolhe vinho, algum azeite, cera e mel. Abunda em caça, e criação de gado de especies varias. O rio cria muito peixe, especialmente lamprêas e salmões, em que se faz muito commercio para diversas terras do reino.

Alguns autores nossos pretendem, que o Lima fosse aquelle rio tão celebrado na antiguidade com o nome de Lethes. Esta opinião não tem mais fundamento do que a amenidade e encantos do nosso Lima, que por elles faz, sem duvida, que todos aquelles que os gozam, se esqueçam por então de tudo o mais.

Conta-se, que vindo a estas paragens uma legião romana, capitaneada pelo pro-consul Junio Bruto, repugnara atravessar o rio, crendo ser o Lethes, com receio de se esquecer ao passal-o da patria e parentes; e que fôra preciso para a resolver, que o pro-consul passasse primeiro, e depois de chegar á margem opposta, começasse de lá a referir algumas particularidades de Roma, para os convencer de que não estava esquecido da patria.

A CIDADE DE PORTALEGRE.

Esta cidade está na provincia do Alemtejo, duas leguas ao sudoeste da praça de Marvão, tres da fronteira do reino de Leão, e nove ao norte da cidade d'Elvas. Campeia sobre um pequeno monte, que faz parte da serra tambem chamada de Portalegre, estendendo-se pela ladeira, que olha para o norte. De um lado desce o monte suavemente para um valle arborisado e regado de varias ribeiras. De outro lado precipita-se em barrancos e profundas quebradas, sombreadas aqui e ali por oliveiras e outras arvores. Da parte do norte, enfim, estende-se com suave declive por baixo de um continuado bosque de castanheiros e outras arvores fructiferas, com muitas vinhas e quintas, que, chegando ao valle, guarnecem as margens da ribeira de Niza. Portalegre é capital do districto administrativo do seu nome.

Como povoação antiquissima a sua origem esconde-se por entre mil fabulas. No tempo dos romanos era uma cidade de alguma importancia. Por um cippo, obra romana, que se achou fora dos muros da cidade, abrindo-se os alicerces da ermida do Espirito Santo, parece que se chamava então *Ammaia*. Este cippo, que sem duvida servia de base a alguma estatua, e se vê na referida ermida, tem a seguinte inscripção: *Imp. Cae. L. Aurelio Vero Aug. Divi Antonini F. Pont. Max. Cons. II. Trib. Pop. P. P. Municip. Ammaia.*

Vertido em linguagem quer dizer: *O municipio de Ammaia erigiu esta memoria ao imperador Cesar Lucio Aurelio Vero Augusto, filho de Antonino, pontifice maximo, consul duas vezes, tribuno do povo, e pae da patria.*

Padeceu provavelmente esta povoação completa ruina na invasão dos barbaros do norte, pois que não consta d'ella mais noticia.

Conforme uma tradição popular, em tempos anteriores á monarchia, havia aqui umas vendas cha-

madras Portellos, e estavam junto ao logar, onde mais tarde se edificou a ermida de S. Bartholomeu. D'estas vendas ficou o nome ao sitio. Aceitando pois a tradição, serviram estas vendas de nucleo á nova povoação, que em torno d'ellas se foi edificando com os materiaes da destruida cidade romana. Correndo porém o tempo, veio a ter a mesma sorte da antiga Ammaia. Nas guerras entre os campeões de Christo, e os sectarios de Mafoma, que devastaram durante seculos o bello solo da península, foi aquella terra inteiramente arruinada e despovoada.

Levantou-a das ruinas, e mandou-a novamente povoar el-rei D. Affonso III no anno de 1259, dando-lhe foral de villa com varios privilegios. Nas escripturas d'essa epoca, que eram escriptas em latim, dá-se-lhe o nome de *Portus Alucer*, Porto Alegre. Dizem que tomou a primeira parte d'elle de um sitio denominado *Porto*, que ali fica entre a penha de S. Thomé, e Cabeça de Mouro, e a segunda do muito alegre, que é a sua posição, vindo ao diante a unir-se as duas partes em Portalegre.

El-rei D. Diniz tratou de fortificar bem Portalegre, construindo-lhe um castello, e cercando-a com uma dupla muralha, guarnecida de doze torres, e com oito portas denominadas: da *Deveza*, do *Postigo*, de *Alegrete*, d'*Elvas*, d'*Evora*, do *Espirito Santo*, de *S. Francisco*, e do *Bispo*. Quiz a sorte, que este mesmo soberano tivesse de experimentar contra si proprio a fortaleza d'aquellas muralhas.

Tendo o infante D. Affonso, seu irmão, levantado o estandarte da rebellião, e seguindo Portalegre o partido do infante, a cujo senhorio pertencia, foi el-rei D. Diniz em pessoa sitiar a villa. Principiou o cêrco em Maio de 1299, e durou até Outubro, acabando afinal por uma capitulação, que pôz a villa nas mãos d'el-rei. Vieram a fazer-se as pazes entre D. Diniz e D. Affonso, mas a torreada villa, que tão valente se mostrara na defesa, bem como Marvão, ficaram encorporadas na corôa recebendo o infante em troca as villas de Cin-

tra e Ourem. E para que não se desse ali outro caso semelhante, concedeu D. Diniz aos moradores de Portalegre o privilegio de que a sua villa se não desannexaria em tempo algum do patrimonio real. Este privilegio foi depois confirmado por el-rei D. Affonso v, e por D. João II.

Passados annos intentou el-rei D. Manuel dar o senhorio de Portalegre a D. Diogo da Silva de Menezes, que fôra seu aio, e por quem tinha particular estima. Oppozeram, porém, os habitantes tal resistencia, que el-rei, depois de ter empregado para a vencer primeiro ameaças, e em seguida degredos e outras penas, viu-se obrigado a desistir, contentando-se com fazer mercê ao seu valido do titulo de conde de Portalegre, e da alcaidaria-mór d'esta terra.

Tendo obtido el-rei D. João III a bulla de 2 de Abril de 1550, que erigiu o bispado de Portalegre, desmembrando-o da diocese da Guarda, elevou n'esse mesmo anno aquella villa á cathegoria de cidade. O primeiro bispo da nova diocese foi D. Julião d'Alva, prelado muito acceito d'el-rei D. João III e da rainha D. Catharina.

Durante a guerra da successão de Hespanha, reinando em Portugal D. Pedro II, foi Portalegre sitiada pelo exercito hespanhol de Filippe V, ao qual teve de render-se; mas em breve voltou ao dominio do seu soberano.

No antigo regimen gozava da prerogativa de ter voto em côrtes, nas quaes os seus procuradores tinham assento no banco quarto. O seu brasão de armas é um escudo coroadado, e n'elle duas torres, que dizem significar as duas que estão defronte da porta da *Deveza*.

Portalegre é uma cidade industriosa. No meiado do seculo XVII já possuia uma grande fabrica de pannos de lã, que empregava innumeraveis braços, e cujos productos exportava para as principaes terras do paiz. N'esta epoca os seus pannos tinham chegado a bastante perfeição, e vestia-se d'elles a maioria dos portuguezes. Tão importante trato fez rica e prospera esta cidade, que então contava tres

mil fogos, como refere o chronista-mór frei Francisco Brandão, que escreveu isto pelos annos de 1649 ou 1650.

A importação dos pannos inglezes, que ao principio fôra, e se conservara por muito tempo, limitada a Lisboa, onde esses productos apenas achavam consumidores nas classes mais abastadas, e principalmente entre as pessoas nobres, foi augmentando progressivamente na capital, e estendendo-se ao Porto, e outras terras. As fabricas nacionaes em breve se resentiram d'esta concorrência. Ferido d'est'arte o principal ramo da industria manufactora de Portalegre, e um dos principaes do seu trato commercial, decaiu tanto a cidade, que em 1707 encerrava apenas mil e oitocentos fogos, os quaes em o anno de 1820 se achavam reduzidos a mil setecentos cincoenta e um.

Felizmente teve um termo esta progressão decadente. Portalegre está em caminho de prosperidade pelo desinvolvimento da sua agricultura, e pelo grande impulso, que á sua fabrica de pannos teem dado os actuaes proprietarios, os senhores Larcher & Cunhado, que conseguiram elevar estes productos a muita perfeição. A isto accrescerá brevemente a immensa vantagem de lhe passar proximo a via ferrea, que hade ligar Lisboa com Madrid, e as outras capitaes da Europa.

Dividia-se a cidade em cinco parochias, que eram: a sé, Santiago, S. Lourenço, S. Martinho, e Santa Maria Magdalena. Porém em 1857 as duas ultimas foram supprimidas, afim de se estabelecer um mercado no local da egreja de S. Martinho, e construir-se um chafariz no da segunda.

A sé ergue-se no sitio mais alto da cidade. Foi fundada pelo primeiro bispo d'esta diocese, D. Julião d'Alva, no lugar onde estava a egreja parochial de Santa Maria do Castello. A capella-mór, porém, é obra do virtuoso prelado, e elegante escriptor, D. frei Amador Arraes, terceiro bispo de Portalegre. Esta cathedral é o melhor edificio da cidade. Consta de tres naves, sustentadas por columnas gothicas, posto que revestidas de estuque

com ornatos de mau gosto. A abobada é de laçaria. A fachada já não conserva a architectura primitiva. Tem duas torres, e ornam-lhe a porta duas columnas de marmore. No meio da capella-mór está a sepultura do bispo D. Julião. Para esta se bordou a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, umas alfaias, que ahí se devem conservar.

A casa da misericórdia, o hospital, umas dez ermidas, o paço episcopal, a casa da camara, os extinctos conventos, de S. Francisco, que foi de franciscanos, fundado em 1263, o de Santa Maria, de agostinhos descalços, edificado em 1683, o collegio de S. Sebastião, dos jesuitas, construido em 1603, e os dois mosteiros de freiras, ainda habitados, são os principaes edificios da cidade.

Um d'estes é de religiosas da ordem de Santa Clara; o outro é de freiras de S. Bernardo, e foi fundação do bispo da Guarda, D. Jorge de Mello, na primeira metade do seculo XVI. Na capella de Nossa Senhora da Conceição, da egreja d'este mosteiro, repousa o fundador em um sumptuoso tumulo.

As ruas de Portalegre são em geral estreitas, tortuosas, e com maior ou menor declive. Vêem-se todavia n'ellas muitas casas de boa construção, e agradaveis á vista. Tem um grande campo, ou rocio, para o lado do norte, onde estava a antiga fabrica de pannos.

Modernamente edificou-se n'esta cidade um bonito theatro, para representações de curiosos, ou de alguma companhia volante.

A povoação é abastecida de excellente agua por diversos chafarizes.

Os arrabaldes já dissemos, que são mui lindos e pittorescos. Os accidentes de terreno; os arvoredos frondosos, que os cobrem; as vinhas, hortas, e pomares, que descem pela collina até ao valle, e ahí se estendem ao longo das ribeiras, que o certam e fertilisam; os mananciaes de purissimas aguas, que por todos os lados brotam, fazem com que os arredores de Portalegre offereçam ao viajante bellos panoramas, e alguns sitios deliciosos.

O termo de Portalegre é de muita fertilidade em todo o genero de producções agricolas. Ha n'elle magnificas herdades, com grandes montados em que se cria muito gado suino. Cereaes, azeite, e vinho, constituem a sua cultura mais especial. Todavia produz grande copia de castanhas e outras frutas; tem criação de gados de diversas especies; e exporta muita madeira de castanho. E' regado pelas ribeiras de Xever, de Xevera, de Xeverete, de Xola, e de Niza, que nascem na serra de Portalegre, e que fazem trabalhar muitas azenhas. Esta serra é ramo da da Estrella. Tem muita variedade de caça, e brotam d'ella grande quantidade de fontes, que fazem todos os seus valles mui frescos, risonhos, e productivos.

A população da cidade de Portalegre passa de seis mil e trezentas almas. Como cabeça de districto e de comarca é sede de um governador civil, de um juiz de direito, e outras autoridades, de um lyceu, etc.

A 13 de Setembro tem a sua feira annual, que é muito concorrida de gente das terras visinhas, de generos, e de gado.

A VILLA DE PORTEL.

Na provincia do Alemtejo, districto administrativo de Evora, seis leguas ao sudoeste da cidade de Evora, outras seis ao nordeste da cidade de Beja, está situada a villa de Portel sobre um alto cabego.

Foi fundada por D. João Pires de Aboim, e seu filho, D. Pedro Annes, ricos-homens do tempo de el-rei D. Affonso III, chamados de Portel por serem os fundadores d'esta povoação. Foram estes illustres cavalleiros, que deram foral á villa pelos annos de 1262.

Não sabemos quem lhe edificou o seu castello; talvez fosse el-rei D. Diniz, pois que este soberano poz todo o cuidado e desvelos na defensa do paiz, fortificando grande numero de povoações, e construindo fortalezas em muitos pontos apropriados a esse fim. Do reinado, porém, de D. João I é que data o maior desinvolvimento de Portel; por quanto o condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou a egreja matriz, e os duques de Bragança edificaram ahi um palacio, onde costumavam passar de vez em quando algum tempo; e tambem construíram um convento, que n'essas eras dava importancia e outras vantagens ás pequenas povoações.

Em quanto os duques de Bragança tiveram a sua côrte em Villa Viçosa, prosperou a villa de Portel á sombra do impulso e protecção d'esta opulentissima casa, a cujo estado pertencia, e chegou a possuir mais de mil fogos. Depois que esta augusta familia foi elevada ao throno, e tambem por causa das guerras com Castella, que se succederam á sua elevação, começou Portel a decair de tal modo, que hoje pouco mais conta de quinhentos fogos.

Gozava esta villa da regalia de enviar procuradores ás antigas côrtes do reino, nas quaes tomavam assento no banco decimo-quineto. O seu brasão d'armas compõe-se de sete torres de oiro em campo vermelho, na forma que representa a estampa junta.

Ha na villa uma unica parochia, da invocação de Nossa Senhora da Lagoa, cuja primeira fabrica foi obra do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Tem casa de misericordia, hospital, as ermidas de Santo Antonio, Santo Estevão, e Espirito Santo, dentro da povoação, e fora as de S. Luiz, Nossa Senhora da Saude, Nossa Senhora da Serra, S. Pedro, S. Bento, S. Lourenço, S. Braz, Santa Catharina, Santiago, e S. Lazaro.

Teve dois conventos, um de frades paulistas, intitulado de S. Paulo, construido em 1420 ; e outro de piedosos capuchos, dedicado a S. Francisco, e fundado perto da villa em 1547 por D. Theodosio I, duque de Bragança.

O castello com a sua cêrca de muros ergue-se na parte mais alta da povoação. Dentro está o antigo palacio dos duques de Bragança.

Proximo da villa corre o rio Dejebe, que se vae lançar no Guadiana a duas leguas d'ali.

O termo é muito productivo em toda a variedade de fructos, que se cultivam n'aquella provincia. N'elle ha uma serra chamada dos *Velhascos*, que fica na freguezia de Santa Anna, na qual se encontra muita caça miuda, rasteira, e do ar, e tambem corças e javalis.

Na aldêa de Vera Cruz do Marmelar, pertencente tambem ao mesmo termo, ha um rico templo, e um palacio, que era dos balios da ordem de Malta.

No ultimo sabbado de Agosto começa a feira annual de Portel. Porém na aldêa do termo, Vera Cruz do Marmelar, fazem-se duas feiras annuaes, uma no 1.º de Maio, e a outra a 14 de Setembro.

Portel contém uns mil e oitocentos habitantes.

A CIDADE DO PORTO.

Na margem direita do rio Douro, uma legua distante da costa do oceano, está sentada a cidade do Porto em vistoso amphitheatro. Os seus edificios ou campeiam sobre os montes da Victoria, da sê, e de Santo Ildefonso; ou se alinham em espaçosas ruas no vasto plaino, que se dilata da corôa d'elles para o norte; ou descem, entremeiando-se de verdura, pelas encostas d'esses montes; ou se agrupam nos valles, que os separam, apertando-se compactos em ruas, pela maior parte, estreitas e tortuosas; ou se alongam, enfim, á beira do rio sobre um lanço dos antigos muros da cidade. A esta disposição pittoresca, já de si tão agradável para ser vista de fora, accresce ainda, para maior belleza do quadro, a circumstancia de se erguerem os melhores edificios, e as mais elevadas torres nos sitios mais altos da cidade.

O Porto dista de Lisboa cincoenta e duas leguas para o norte, e dezoito da fronteira da Galliza para o sul. Na antiga divisão do reino era capital da provincia do Minho, passando a sêl-o da provincia do Douro pela divisão de territorio ordenada em 1834. Dividido novamente o paiz em districtos administrativos pela lei de 23 d'Abril de 1833, ficou sendo o Porto capital do districto do seu nome, e é além d'isso a segunda cidade do reino.

Nenhuma povoação do nosso paiz tem uma origem tão controversa como a cidade do Porto. Os autores nacionaes e estrangeiros, que escreveram a este respeito, e que não são poucos, sustentam as mais encontradas opiniões. Uns dizem que a fundaram uns gregos da Thracia, arrojados para o Douro por uma tempestade, e que lhe deram o nome de *Lavra*. Pretendem outros, que a edificara o principe Gathelo, filho de Neólo, rei de Athenas, que viveu no tempo de Moysês, e que denominara a sua cidade *Porto Gathelo*. Outros tentam persuadir, que o seu fundador foi Diomedes, rei de Etholia, e com-

panheiro d'Ulyses na guerra de Troya, o qual lhe chamou cidade de *Graya*. Outros ainda querem, que os gallos celtas, depois de conquistarem as provincias do Minho e Beira, construíram no sitio, que ao diante se chamou *Gaia* um castello, a que deram o nome de *Cale*, e que, passado algum tempo, mudando-se para a margem fronteira, edificaram uma povoação, que denominaram *Porto de Cale*. E não ha duvida que teve este nome, e que d'elle se derivou o de Portugal.

Sómente a resenha de todas as opiniões, em que se encontram algumas ainda mais fabulosas, que as referidas, formariam uma extensa resenha. A que parece ter melhor fundamento attribue a origem d'esta cidade aos suevos pelos annos de 417.

Nas guerras, que tiveram entre si os diversos povos do norte, que, depois de destruir o imperio romano, invadiram e avassallaram a peninsula, foram os suevos expulsos pelos godos, e estes entraram na posse d'aquella cidade. Vencidos, porém, a seu turno pelos arabes, e extincta nos campos de Guadalete a monarchia dos godos, no anno de 714, passados dois annos viu-se o Porto sujeito ao dominio musulmano.

As reliquias do exercito vencido, refugiando-se nas asperas serranias das Asturias,ahi formaram o nucleo de uma nova monarchia, que a espada de D. Pelaio, e de seus successores dilatou desde o valle de Covadonga, que lhe serviu de apertado berço, até á cidade de Granada, onde o imperio arabe da peninsula exhalou o derradeiro suspiro no anno de 1492.

Um dos descendentes do illustre Pelaio, el-rei D. Affonso I, chamado o catholico, foi tambem o primeiro, que veio quebrar as algemas do Porto, resgatando-a do poder dos moiros no anno de 820. Abderrama, rei de Cordova, pondo-se á frente de um numeroso exercito para desaffrontar o estandar-te do crescente, foi destroçado por Hermenigildo, a quem D. Affonso I confiara a guarda da cidade, fazendo-o conde do Porto.

Diz a tradição, que esta grande batalha se pele-

jou no sitio em que hoje se vê a egreja parochial de Campanhã, e que em memoria d'ella ficou ao pequeno rio, que por ali passa, o nome de *Rio Tinto*, pelo muito sangue dos moiros de que se tingiram as suas aguas; e a cidade tomou para uma das suas portas, por onde saíram os christãos ao combate, o nome da *Batalha*, o qual se conserva ainda no largo, para onde a dita porta, que já não existe, dava saída.

Com aquelle destroço cresceu no animo do poderoso rei de Cordova o desejo da vingança, e permitiu a sorte das armas, que ella fosse terrivel. Põe em campo um segundo e mais formidavel exercito, e entrega o commando a Almansor, o mais ousado e valente, e tambem o mais cruel dos seus generaes. No fim de inutil resistencia foi a cidade entrada e arrasada.

Pelos annos de 999, surgiu no Douro uma armada de gascões, que procuravam fortuna em guerras contra infieis. Vendo aquelles assim arruinada e despovoada uma cidade tão vantajosamente assentada, resolveram reconstruil-a, e estabelecerem-se n'ella. Eram os chefes d'esta armada D. Moninho Viegas, de quem descendeu o nosso D. Egas Moniz, D. Sisnando, seu irmão, ao diante bispo do Porto, e D. Nonego. que para seguir esta empresa aventureira, renunciara o bispado de Vendome, em França; ou, como nós dizemos, de *Vandoma*.

A cidade ergueu-se, pois, das suas ruinas afortalezada com bons muros e torres. E d'esta segura guarida começaram os gascões a fazer correrias contra os moiros, expulsando-os das terras visinhas, que iam pondo sob a protecção da Virgem, com o titulo de *Terras de Santa Maria*, titulo que por muitos seculos conservaram as do termo de Guimarães e da Feira, que foram as primeiras por elles conquistadas.

Foi o bispo D. Nonego, que trouxe aquella tão celebrada imagem de Nossa Senhora de Vandoma, que deu o seu nome a uma porta da primeira cêrca de muros da cidade, sobre a qual se achava em um oratorio. Esta porta, que estava por detraz da sé, e que,

com o crescer da cidade, veio a ficar no centro da povoação, chamava-se ainda, quando se demoliu ha bem poucos annos, *Arco de Vandoma*. Era uma antigualha apreciavel, cuja perda não foi compensada com vantagens reaes.

D. Moninho Viegas rendeu preito e obediencia a D. Affonso v, rei de Leão, que o nomeou governador da cidade e terras por elle conquistadas.

Este soberano ferido de uma setta em um combate com os moiros junto a Vizeu, veio morrer ao Porto (1027).

Pelos annos de 1092 entraram o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, na posse da cidade, com o mais territorio que constituia o condado de Portugal. Deram-lhe estes soberanos consideraveis privilegios, que seus successores confirmaram, e ampliaram. Entre estes privilegios havia um concedido por el-rei D. Diniz, que prohibia a residencia de fidalgos dentro da cidade, excepto aos que quizessem dar-se ao commercio; e aos que ahi fossem de visita só era permittido a demora de tres dias. Conservou-se este uso até el-rei D. Manuel, que o aboliu. E só então se estabeleceram ali familias nobres.

Nas guerras civis, que rebentaram entre el-rei D. Diniz e seu filho, e depois entre este principe já rei e seu filho D. Pedro, passou o Porto por muitos trabalhos.

Reinando D. Affonso iv, no anno de 1336, pade-ceram os arredores do Porto grandes vexames e estragos com uma invasão de castelhanos, que todavia não conseguiram penetrar na cidade, sendo afinal obrigados a fugir, e perseguidos por tropas levantadas, e organisadas pelo bispo D. Vasco. Cinco annos depois, originando-se uma grave dissensão entre este prelado e a camara, ácerca do pagamento de certos direitos, alvorotou-se o povo contra o bispo por tal modo, que este teve de fugir, e apezar de fulminar um interdicto, esteve nove annos fora da sua diocese, até que, vagando o bispado de Lisboa, foi n'elle provido.

N'este mesmo seculo xiv vieram ao Porto el-rei

D. Pedro I, e depois seu filho, el-rei D. Fernando. Aquelleahi deu o escandalo, querendo praticar um acto de justiça, de açoitár com um azorrague, e por suas proprias mãos, em uma sala do paço real, ao bispo do Porto D. Egidio, por ter amores, segundo lhe haviam dito, com uma mulher casada. El-rei D. Fernando por tres vezes visitou esta cidade. A ultima foi em 1372, quando, fugindo ás opposições e tumultos, que os povos faziam ao seu casamento com D. Leonor Telles de Menezes, foi celebrar o seu consorcio com esta tão formosa quam ambiciosa rainha, na egreja de Leça do Balio.

No seguinte reinado presencceou o Porto ontras bodas reaes, mas d'esta vez foram a aprazimento de todo o reino, e com grandes festas do povo d'esta cidade. O cavalleiroso rei D. João I casou-se na egreja cathedral com a rainha D. Filippa de Lencastre, no dia 2 de Fevereiro de 1386.

Este monarcha residiu por muito tempo no Porto, e, entre varias fundações, que ahi fez, é obra sua a rua Nova dos Inglezes, que primeiro teve o nome de rua Nova de S. Nicolau.

Aquella famosa expedição dos doze cavalleiros, que foram a Londres combater em duello, em desaffronta da honra das damas inglezas, com outros tantos cavalleiros da mesma nação, saiu da barra do Douro em 1390.

Para a gloriosa empresa da conquista de Ceuta, em 1415, concorreu o Porto com muitos navios, tropa, e munições, tudo fornecido patrioticamente pelos habitantes. Esta armada saiu do Porto para Lisboa capitaneada pelo illustre infante D. Henrique.

A morte do cardeal rei D. Henrique deixou o paiz, como é sabido, na maior confusão e incerteza, e divididos os portuguezes em opiniões encontradas, e oppositos interesses, ácerca da successão da corôa. Entre os diversos pretendentes ao throno foi D. Antonio, prior do Crato, e filho bastardo do infante D. Luiz, o primeiro que se fez acclamar. Exaltado em Santarem; recebido em Lisboa como rei; desbaratado com a sua tropa na ponte d'Alcantara, pelo exercito do duque d'Alba; fugido para Coimbra, e

ahi reforçado com gente, que se lhe aggregou ; o prior do Crato chegou a Villa Nova de Gaia aos 27 de Setembro de 1580, á frente de uns quatro mil homens. Intimado inutilmente o Porto para se render, pois que já se havia declarado a esse tempo por Filipe II de Castella, foi tomado com pouca resistencia.

Mal gozou D. Antonio do fructo da victoria, pois teve logo depois de largar a cidade ao general castelhano Sancho d'Avila, que o perseguia de perto, e encaminhando-se para Vianna, ahi embarcou para França.

Durante a usurpação hespanhola o acontecimento mais notavel foi um tumulto popular por causa do imposto chamado das maçarocas, que Filipe IV quiz lançar sobre as mulheres, que fiavam o linho.

Aos brados de independencia levantados em Lisboa em 1640 respondeu o Porto com eguaes gritos de enthusiasmo ; e concorreu com os sacrificios, que as circumstancias exigiam para a sustentação da grande lucta, em que o paiz se viu empenhado pelo espaço de vinte e oito annos. Teve porém a fortuna de nunca ver, em todo este periodo, approximar-se o inimigo dos seus muros. E outro tanto lhe succedeu nas guerras, que se atearam no seculo seguinte entre Portugal e Hespanha.

No reinado de D. Affonso VI, o tributo do papel sellado deu origem a uma revolta do povo, que entre muitos excessos, soltou os presos. Foi a cidade occupada por uma força de quatro mil infantes, e quinhentos cavallo, sob as ordens do conde do Prado, com o que se restabeleceu a ordem.

Em 28 de Dezembro de 1727 houve no Douro uma cheia tão grande e repentina, que arrebatou na sua corrente mais de cem pessoas, muitos navios, e innumeraveis embarcações pequenas, que se perderam ; destruindo tambem muitos edificios. Subiram os prejuizos a alguns milhões de cruzados. De cima do muro tocava-se com a mão na agua.

Por occasião de se estabelecer no Porto a companhia geral dos vinhos do Alto Douro, rebentaram ahi grandes tumultos no dia 23 de Fevereiro de

1757, commettendo o povo os maiores excessos. Foi de Lisboa uma alçada para julgar os criminosos, que sentenceou a diversas penas em 12 d'Agosto de 1757. Foram punidos com pena de morte, de açoites e galés, de confiscação de bens, e degredo, duzentas oitenta e tres pessoas de ambos os sexos.

No dia 22 de Fevereiro de 1785 veio affligir a cidade uma outra cheia, ainda mais desastrosa, que a precedente, porque foi acompanhada de um horrivel tufão de oeste, ao qual se seguiram outros pouco menos violentos, que causaram consideraveis estragos. Achavam-se então no Douro oitenta e cinco navios portuguezes, e trinta e tres de outras nações, muitos dos quaes se despedaçaram, ou foram levados pela barra fora. As aguas do rio alagaram dezoito ruas e mais de mil casas.

Os primeiros seis annos do seculo actual foram mui propicios á cidade do Porto. O seu commercio e navegação tiveram grande desinvolvimento durante esse periodo, em que Portugal, abstrahindo d'esse começo de lucta de 1801, que não foi por diante, desfructou as vantagens da paz no meio das guerras devastadoras em que se achavam empenhadas as principaes nações da Europa.

O anno de 1807 viu destruida toda essa fortuna, e o paiz arremeçado a um abysmo de desgraças. No dia 27 de Novembro d'esse anno saiu do Tejo em demanda do Brazil a familia real, a bordo de uma esquadra de oito naus, e outras embarcações de guerra portuguezas, que lá foram apodrecer, quasi todas, na bahia do Rio de Janeiro. No dia 28 entrou na capital o exercito francez, commandado pelo marechal Junot, e a 13 de Dezembro as tropas hespanholas, levando na frente D. Francisco Taranco, capitão general da Galliza, occuparam a cidade do Porto.

Passados, porém, seis mezes, a 18 de Junho de 1808, coube a esta ultima cidade a honra de levantar o primeiro grito de independencia, que resouu no paiz, pegando em armas contra os invasores. A este brado patriotico ergueu-se e exaltou-se em todo o reino o espirito publico, até ali abatido pelo

infortunio; e auxiliado pelas tropas inglezas, que se apressaram a vir combater no solo portuguez o mais terrivel inimigo da Grã-Bretanha, em breve desaffrontou Portugal das aguias oppressoras de Napoleão.

No anno seguinte voltou o inimigo a tentar de novo a sorte das armas. O exercito francez, sob o commando do marechal Soult, transpõe as fronteiras da Galliza, atravessa a provincia do Minho, e, depois de tres dias de ataque, assenhoreia-se do Porto, em 29 de Março, apesar de se achar a cidade defendida por vinte e quatro mil homens, duzentas peças d'artilharia, trincheiras, e reductos. Este dia ficou tambem memoravel nos annaes da cidade pela catastrophe da ponte, da qual se precipitou ao rio um grande numero de pessoas, na occasião de fugir á perseguição da cavallaria franceza. Passados dois mezes, foi o inimigo vencido em uma batalha pelo exercito anglo-luso, commandado pelo duque de Wellington (11 de Agosto), e em seguida obrigado a evacuar a cidade.

Na terceira, e ultima entrada dos francezes foi poupado o Porto, pois que se effectuou a invasão pela provincia da Beira.

A paz geral restituiu a tranquillidade a toda a Europa em 1813. Mas Portugal, por uma infinidade de circumstancias, não achou a felicidade n'essa paz tão desejada, e de que tanto carecia. Extenuado de forças e de recursos pelos sacrificios passados; com a sua industria manufactora ferida mortalmente pelo tratado com a Inglaterra de 1810; governado por uma regencia sem energia, sem illustração, e sem prestigio, oppressora como todos os governos fracos; reduzido, emfim, de senhor, ás condições de escravo, vendo a colonia ditar a lei á metropole; descia com passos precipitados pelo caminho, que conduz as nações á sua ruina e perda de independencia, quando um esforço patriotico de alguns portuenses veio travar da roda dos males publicos.

No dia 24 d'Agosto de 1820 inaugurou a cidade do Porto o estandarte da liberdade; e em pouco espaço de tempo saudou-o todo o paiz com enthusiasmo.

Não cabe nos limites da resumida historia d'esta cidade referir as causas, que no fim de tres annos inutilisaram aquelle nobre esforço, cortando tantas esperanças, que n'elle se tinham fundado. Na grande lucta, que então começou, entre os dois principios liberal e absoluto, aquelle foi vencido em Junho de 1823. Vencedor em 1826 por um acto da politica illustrada do Senhor D. Pedro iv, quando o principio seu antagonista saiu a campo na primavera de 1828 para de novo o supplantar, foi o Porto quem apanhou a luva em nome da liberdade n'este repto de morte. Em 16 de Maio empunharam armas os portuenses contra o infante regente, que em Lisboa pretendia acclamar-se rei; porém, entorpecido este movimento pelo triste effeito de intrigas e dissidencias, terminou infructuosamente a 3 de Julho.

Quando, ao cabo de quatro annos, o immortal duque de Bragança, com os seus sete mil e quinhentos bravos, se propoz a restaurar o throno de sua augusta filha, a Senhora D. Maria ii, escolheu para baluarte d'esta atrevida empresa a cidade do Porto, onde entrou no dia 9 de Julho de 1832. O enthusiasmo com que os habitantes receberam o exercito libertador; a promptidão com que se alistaram em batalhões nacionaes; a boa vontade com que se prestaram a todo o genero de sacrificios para a sustentação da causa; a resignação com que soffreram a fome e mais privações e vexames de um apertado cêrco de um anno, luctando tambem com o flagello da cholera morbus; constituem a mais gloriosa pagina dos fastos do Porto, formando digno assumpto para uma epopea.

Durante este memorando cêrco, que foi levantado em 18 d'Agosto de 1833, pelejaram-se nas linhas da cidade, e nas suas visinhanças, muitos e mortíferos combates; e arruinaram-se, e incendiaram-se muitos edificios com o chuveiro de balas e granadas, que o inimigo lançava dia e noite sobre a povoação.

Restituída ao throno a Senhora D. Maria ii em 1833, no anno seguinte honrou a cidade do Porto

com a sua visita, acompanhada de suas magestades imperiaes o duque de Bragança, regente do reino durante a sua menoridade, e a senhora duquesa de Bragança. Por esta occasião presenciou a cidade muitas festas publicas, e geraes demonstrações de regosijo popular.

Poucos mezes depois, trocadas em crepes todas essas galas, recebiam os habitantes do Porto, com dôr e recolhimento, e acompanhavam á egreja da Lapa em prestito funebre a urna, que encerrava o coração do augusto libertador, por elle proprio deixado em legado aos seus valorosos companheiros de armas como a derradeira prova d'amor do rei, que lhes deu a liberdade, e do general que com a espada lh'a restituiu.

Nas guerras civis, que se accenderam no seio do partido liberal, foi por vezes aquella cidade theatro de grandes acontecimentos. Um movimento militar ahi restaurou em Janeiro de 1842 a carta constitucional, que D. Pedro IV doara em 1826, e que uma revolução abolira em Lisboa em Setembro de 1836. Em Outubro de 1846 foi uma insurreição popular, que, inaugurando um governo provisorio, e organisando uma terrivel resistencia em opposição á revolta militar, que dias antes rebentara em Lisboa, só terminou em Julho de 1847 com a intervenção armada da Inglaterra, e Hespanha. Finalmente em Março de 1851 ahi teve logar outra revolta militar, que, triumphando, expulsou do poder o partido moderado, vindo todavia a fundar uma nova epoca de tolerancia politica, e de melhoramentos materiaes, que parece ter posto termo ás revoluções.

Para que ao Porto não falte genero algum de gloria nas lides da liberdade, quando o primeiro campeão da unidade italiana viu perdida, sem recurso, a sua audaciosa empresa nos campos de Novara, (1849) atravessou sem parar o occidente da Europa, e veio buscar nas margens do Douro um asylo de paz para o seu corpo fatigado da guerra, e para a sua alma, já despegada das illusões do mundo. Mas tão curtos momentos de vida lhe restaram, que pa-

rece que a sua estrella só ali o conduziu para morrer no berço da liberdade de Portugal. As ovações e obsequios, que os portuenses prestaram ao rei Carlos Alberto na sua entrada, e durante a sua residência n'aquella cidade; e as demonstrações de sentimento que patentearam na sua morte, mereceu-lhes serem galardoados pelo rei Victor Manuel com os foros e regalias de cidadãos de Turim.

Em 1852 recebeu a cidade invicta com grandes festas e alegrias a suas magestades fidelissimas, a rainha D. Maria II, el-rei D. Fernando, sua alteza o principe real, hoje reinante, e sua alteza o infante duque do Porto.

Apezar de todos os infortunios, que operaram a decadencia de Portugal, a cidade do Porto, como Lisboa, tem crescido e prosperado, mais ou menos, em todos os tempos. Este milagre, que a segunda deve, principalmente, á grandeza do seu porto, e á immensa importancia da sua posição geographica, deve-o a primeira aos habitos industriaes dos seus habitantes, á especialidade e valia do principal ramo do seu commercio, os vinhos do Douro, e aos capitaes, que constantemente lhe estão a affluir do Brazil, em troca da sua exportação de trabalho.

Pela acção, ora parcial, ora simultanea, d'estes tres poderosos motores é que o Porto cicatrisou em breve as feridas abertas pela guerra do principio do seculo; por meio d'elles sacudiu de si n'um momento os tristes vestigios, que lhe deixou o cêrco; por elles se recobrou do incalculavel prejuizo, causado pelo incendio mandado lançar em 1832 por um general realista aos armazens da companhia dos vinhos do Alto Douro, situados em Villa Nova de Gaia; por elles, finalmente, tem resistido a temerosas crises commerciaes, e monetarias, e ás terriveis consequencias da molestia das vinhas, durante o já longo periodo de oito annos.

E sempre, e apezar de tudo, crescendo em novas ruas, e novos edificios, e augmentando em industria e navegação.

Na antiga organização politica do paiz, o Porto

tinha voto em côrtes, com assento no primeiro banco. Dizem que o seu primeiro brazão d'armas era uma cidade de prata, em campo azul, sobre mar de ondas verdes e doiradas. O segundo era Nossa Senhora de Vandoma, com o Menino Jesus nos braços, collocada entre duas torres, tendo por cima a letra *Civitas Virginis*, cidade da Virgem. Conservou este brazão ate 1834, que por decreto real lhe foi mudado no que ao presente tem, e que é do modo seguinte: Escudo com corôa ducal, esquartellado das armas reaes, e do antigo brazão, Nossa Senhora de Vandoma, de prata, entre duas torres, tambem de prata, em campo azul. No centro está um escudete com um coração de purpura. Em torno do escudo pende o collar da ordem da Torre e Espada. Por timbre tem um dragão verde. O collar foi-lhe dado pelo illustre duque de Bragança, sendo regente, como galardão pela sua heroica resistencia durante o cêrco, e pelo mesmo motivo lhe concedeu o titulo de *antiga, muito nobre, sempre leal, e invicta cidade*, determinando mais que o filho segundo dos nossos reis se intitule *duque do Porto*. O escudete accrescentou-se-lhe depois em memoria do coração do augusto libertador, que se guarda dentro dos seus muros. O dragão, que é o timbre da real casa de Bragança, é egualmente uma commemoração d'aquelle principe.

Foram alcaides-móes do Porto os marquezes de Abrantes.

O Porto é sede de um bispo, de um governador civil, de um general commandante da terceira divisão militar, de um intendente da marinha, de um tribunal da relação, de um tribunal de commercio, de tres juizes de direito, e um de policia correccional, de um conselho de districto, de tres administradores de bairro, de um deposito publico, de uma alfandega, afora outras autoridades subalternas, e outras repartições publicas; dois regimentos de infantaria, um batalhão de caçadores, um corpo de guarda municipal de infantaria e cavallaria. Outr'ora teve casa de moeda, que foi a primeira, que houve no reino.

A instituição da diocese portuense data, segundo diz D. Rodrigo da Cunha, no catalogo dos bispos do Porto, do anno 41 do nascimento de Christo; e foi seu primeiro bispo S. Basilio, discipulo do apostolo Santiago. Pretende, porém, o padre Rebello da Costa, que esta diocese foi creada em 579; e que o seu primeiro bispo se chamava Constançio.

O tribunal da relação foi, a instancias das côrtes celebradas em Thomar no anno 1581, estabelecido em 1583 por Filippe II de Hespanha, que pouco antes usurpara a corôa de Portugal. O tribunal do commercio é instituição do reinado da senhora D. Maria II. O deposito publico foi creado pela rainha D. Maria I em 1774.

Os principaes estabelecimentos de instrucção publica, são: o seminario episcopal, a academia polytechnica, a escola medico-cirurgica, a academia portuense de bellas artes, o lyceu, e a bibliotheca publica.

Divide-se a cidade do Porto em tres bairros, e sete parochias, que são: a sé, S. Nicolau, e Nossa Senhora da Victoria, que por muito tempo foram as unicas da cidade, e ficavam dentro da cêrca de seus muros; S. Martinho de Cedoseita, Santo Ildefonso, e S. Pedro de Miragaia, que no principio do seculo passado ainda eram arrabaldes; e o Senhor do Bomfim, que ha menos tempo ainda era uma simples ermida.

A antiga cidade occupava uma area mui limitada, e era cercada de muralhas, que tinham de circumferencia tres mil passos, e trinta pés d'altura, com muitas torres, e portas. Começava a muralha na *Porta Nova*, que ainda existe, dando saída para Miragaia, e á qual chamam mais communmente *Porta Nobre*, seguia para o nascente sobre o Douro, cujo lanço se conserva com a *Porta dos Banhos*, tendo desaparecido as da *Lingueta*, do *Peixe*, e da *Ribeira*. Aos Guindaes subia pela encosta do monte á *Porta do Sol*. Existe quasi todo este lanço de muro com suas torres, e bem assim esta porta, posto que com forma differente. D'aqui continuava até á

Porta de Cima de Villa, que não existe, d'onde começava a descer pela calçada da Thereza, lanço ainda bem conservado, até á *Porta de Carros*, que ha muito foi demolida. Proseguia a muralha por diante do convento dos loios até á *Porta de Santo Eloy*, que tambem se demoliu; d'ali principiava outra vez a subir até á *Porta do Olival*, junto da praça da Cordoaria, de cuja porta só resta o nome ao sitio; d'ella descia novamente á *Porta das Virtudes*, e d'ahi á da *Esperança*, ambas as quaes já lá vão, encaminhando-se da ultima para a *Porta Nova*, onde terminava. D'este ultimo lanço conservam-se algumas partes.

Esta cêrca foi começada por el-rei D. Affonso iv, continuando nos seguintes reinados por espaço de quarenta annos. Porém el-rei D. Manuel reconstruiu, ou fez de novo o baluarte, que forma o angulo da dita cêrca para o rio, junto á *Porta Nova*, no qual se vêem as suas divisas — a esphera e a cruz de Christo aos lados do escudo das armas reaes.

As ruas d'esta parte da cidade são estreitas, tortuosas, e mais ou menos tristes, exceptuando as de *S. João*, dos *Inglezes*, e das *Flores*, que teem bastante largura, e bons edificios. Esta ultima foi obra d'el-rei D. Manuel.

Rompendo, porém, a cidade o seu cinto de muros, começou a estender-se por terrenos plainos, ou menos accidentados, por onde se abriram muitas ruas direitas e espaçosas, e varias praças, ou campos, que rapidamente se foram povoando de casas. Teve o Porto a fortuna de possuir á frente do seu governo na occasião d'este maior desinvolvimento, um magistrado entendido, recto, zeloso do bem publico, e de muita actividade e energia. Este magistrado foi Francisco d'Almada e Mendonça, corregedor e provedor do Porto, a quem a cidade deve infinitos melhoramentos.

As principaes praças do Porto são: a de *D. Pedro*, chamada outr'ora *praça Nova das Hortas*, e depois simplesmente *Praça Nova*. E' cercada de grades de ferro, e de uma fileira d'arvores com assentos de ferro a espaços. No fundo está a casa da

camara. — *A praça dos Voluntarios da Rainha*, e a *praça de Carlos Alberto* são ambas arborisadas. — A da *Trindade* é guarnetida pela egreja d'este nome, e pelas casas do Club Portuense, e Assembleia Portuense. — *A praça ou campo da Cordoaria*, bastante maior que as precedentes, é plantada de arvores, e ennobrece-na os magnificos edificios da relação, e do hospital de Santo Antonio. — O *Campo da Regeneração*, chamado antigamente de *Santo Ovidio*, guarnecido de arvores, é a praça mais regular da cidade relativamente á sua planta. Quanto aos edificios nenhuma tem regularidade. O fundo d'este espaçoso campo está occupado pelo quartel militar ainda denominado de Santo Ovidio. — *A praça do Bolhão* é grande, bem alinhada, e plantada de arvoredos; n'ella se está construindo um bello mercado. — O *largo da Batalha*, foi modernamente asformoseado com arvores, e com um passeio de lagedo, que faz o centro da praça de figura oval. Fica-lhe proximo o theatro de S. João. — *A praça de Santa Thereza*, tambem é arborisada. — O *campo Grande*, o *campo Pequeno*, a *praça de Alegria*, o *largo da Torre da Marca*, são terrenos irregulares, e não alindados. Os outros largos e praças são inferiores aos que deixamos mencionados.

A *rua de Santo Antonio*, e a dos *Clerigos*, que se começam a povoar de lojas acciadas, de modas, porcelanas, e outros objectos; a extensissima rua de *Santa Catharina*, *Formosa*, de *Fernandes Thomaz*, do *Almada*, da *Rainha*, de *Cedofeita*, do *Principe*, do *Breyner*, do *Rosario*, da *Restauração*, da *Boa Vista*, e do *Bomfim*, são as melhores da cidade. Ha outras, porém, que em breve poderão entrar n'esta conta, pois que, tendo sido abertas ha poucos annos, vão-se guarnecendo de lindas casas.

São muitos os edificios religiosos. Daremos uma resumida noticia dos mais notaveis.

A *sé* está edificada sobre o monte, a que dá o nome. Attribue-se a sua primeira fundação aos reis suevos no seculo vi. O conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, achando-se investi-

dos na posse do condado de Portugal, começaram a reedificar esta sé desde os alicerces, sendo bispo do Porto D. Hugo ; porém só chegou a concluir-se no reinado de seu filho, D. Affonso Henriques, concorrendo para a obra com avultadas quantias a rainha D. Mafalda. D'esta fabrica apenas restam as torres. Tudo o mais tem passado por muitas transformações. O claustro foi construido em 1385 pelo bispo D. João, terceiro do nome. A capella de Nossa Senhora da Saude, no mesmo claustro, onde está o jazigo dos prelados d'esta cathedral, e tambem a casa do cabido, são obra do bispo D. Marcos de Lisboa, que falleceu em 1591. A capella-mór foi feita inteiramente de novo em 1609 pelo bispo D. frei Gonçalo de Moraes, que reformou o côro, e fez muitas obras e mudanças no corpo da egreja. A porta principal edificou-a o cabido, sede vacante, em 1717.

E' a sé um espaçoso templo de tres naves ; em que se vêem dezoitos capellas e altares. Na capella-mór estão os corpos de S. Pacifico, e Santo Aurelio, ambos martyres. A capella do Santissimo tem o retabolo, sacrario, docel, e frontal tudo de prata batida, com figuras de relevo allusivas á vida de Jesus Christo. Tambem possui uma banqueta e sete alampadas de prata bem trabalhadas. Na sacristia acha-se um painel de Nossa Senhora, que dizem ser producção de Raphael. Guardam-se nesta casa algumas alfaias e peças preciosas de bastante antiguidade.

A sé foi freguezia unica da cidade até ao tempo do bispo D. Marcos de Lisboa, que a dividiu, creando mais tres, S. Nicolau e Victoria, que ainda subsistem, e S. João de Bellomonte, que se supprimiu depois, quando ahi se edificou um convento.

A *egreja de Cedofeita*, cuja fundação se attribue a Theodomiro, rei dos suevos, no anno de 559, é uma collegiada de conegos, com um dom prior e outras dignidades, e goza do titulo de *insigne*. E' um pequeno templo, de humilde estrutura, que mostra muita antiguidade, sem que todavia se possa dizer, como querem alguns autores, que a sua

fabrica seja a primitiva. Conservou-se sem interrupção n'esta egreja o culto divino durante o dominio dos moiros, mediante certo tributo que os conegos lhe pagavam; os quaes viviam então em commum. Sobre a porta está uma inscripção posta ali em 1767, mas que foi trasladada de outra mais antiga, e que constava dos archivos da collegiada. Diz que o rei suevo Theodomiro a fundara em 559, dedicando-a á honra de Deus e da Virgem Maria, e a S. Martinho, bispo de Tours; e que ahi recebera o mesmo rei o baptismo com seu filho, Ariamiro, porque ambos eram hereges arianos. Diz mais que foi sagrada por Lucrecio, prelado de Braga, sob o pontificado de João III. Teve esta collegiada por dom priores, entre outras pessoas illustres, o cardeal D. Beltrão de Monfaves, o cardeal D. Jorge da Costa, D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, D. Manuel de Sousa, arcebispo de Braga, o cardeal rei D. Henrique, e o cardeal D. João Caetano Ursini.

A *egreja de S. Pedro de Miragaia* é um templo pequeno, de reconstrucção moderna, e sem coisa alguma, que o recomende em relação á sua architectura. Entretanto a sua primitiva fundação data de eras remotissimas. Se houvermos de seguir D. Rodrigo da Cunha, teve por fundador a S. Basilio, ainda em vida do apostolo S. Pedro. Em todo o caso sabe-se, que é muito antiga, e que no anno de 1453 foi n'ella depositado o corpo do martyr S. Pantaleão, que depois levaram para a sé, e que d'ahi, mais tarde, roubaram por causa do cofre de prata, que o encerrava.

Das outras parochias não achamos circumstancia digna de menção. Passaremos, porém, em revista os principaes templos da cidade.

A *egreja da misericordia*, fundada na rua das Flores em 1555, é grande, mas de uma architectura pesada no interior, e pesadissima e sem graça no exterior. Na casa do despacho conserva-se um grande quadro a oleo, representando a Senhora da Misericordia, e que passa como obra do nosso insigne pintor, Grão Vasco. N'este quadro estão retra-

tados el-rei D. Manuel, com a rainha D. Maria, sua segunda mulher, e todos os seus filhos.

A *egreja dos Clerigos*, dedicada á Senhora da Assumpção, edificou-se em 1748 no alto da calçada da Natividade, que posteriormente tomou o nome de *calçada dos Clerigos*. A fachada é sobrecarregada de ornatos de pedra, de mau gosto. Na capella-mór está o corpo de Santo Innocencio, martyr. Contiguo á igreja ha um hospital para clerigos pobres, e nas costas d'ella ergue-se a famosa torre, conhecida em todo o paiz pelo nome de *torre dos clerigos*. E' toda de pedra lavrada, com muitos adornos architectonicos, que apesar de não serem de bom gosto, não deixa a torre de ter certa elegancia. Tem d'altura trezentos e dezeseis palmos e meio, sendo portanto a mais alta torre, não só do Porto, mas de todo o reino. Avista-se do oceano a grande distancia, pelo que serve de balisa aos navios, que demandam a barra do Douro. Tem doze sinos, que pesam de cem a duzentas arrobas cada um. Teve este monumento por architecto a Nicolau Nazoni, italiano. A igreja foi sagrada em 1779. Pertence a uma corporação de clerigos. A torre principiou-se em 1732, e acabou-se em 1763.

A *egreja de Nossa Senhora da Lapa* principiou-se no seculo passado; acabou-se interiormente ha muito, e está em obras e proxima a concluir-se na fachada. E' um templo de muita vastidão, e de boa architectura, edificado em terreno elevado na parte do norte da cidade á custa da real irmandade de Nossa Senhora da Lapa, á qual pertence. Acha-se n'este templo o mausoleo, que encerra o coração do magnanimo duque de Bragança.

A *egreja de S. Francisco* é um dos mais notaveis monumentos do Porto, se não é o principal, pois que n'aquelle genero é unico no paiz. E' um templo gothico de tres naves, todo revestido de talha relevada e doirada, tecto, paredes, e altares. Pertencia ao convento da mesma invocação, que foi de religiosos franciscanos, e que, tendo tido a primeira fundação no anno de 1241 fora dos muros da cidade, foi transferido para este logar por el-

rei D. João 1, que o começou a construir em 1404. O convento ardeu durante o cêrco em 1832. A igreja pertence actualmente á confraria dos terceiros de S. Francisco, que o conservam com muito aceio e decencia. São dignos de menção pela sua muita riqueza e perfeição os andores, que a mesma confraria costuma levar em procissão na quarta feira de cinza, e que se guardam em uma casa contigua ao templo.

A *egreja dos terceiros de S. Francisco* está no adro da antecedente; é de elegante architectura, e foi reconstruida no principio d'este seculo. Proximo achase o hospital d'esta rica confraria.

A *egreja da Santissima Trindade* é na praça d'este nome, será um dos maiores e mais bellos templos do Porto logo que estiver concluida a sua capella-mór e cruzeiro, ao presente em construcção. A frontaria é muito esbelta, regular, e formosa. Tem sido edificada n'estes ultimos tempos pela confraria dos terceiros da Santissima Trindade, que tambem fundaram contiguo ao templo um bello hospital, onde estabeleceram ha pouco uma escola publica e gratuita de instrucção primaria

A' *egreja de Nossa Senhora do Carmo*, com o convento da mesma invocação, que era de frades carmelitas descalços, e agora serve de quartel á guarda municipal, lançou a primeira pedra em 1619 D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, e depois arcebispo de Lisboa. Está situada no largo do seu nome. Junto d'este templo acha-se a igreja da opulenta confraria dos terceiros de Nossa Senhora do Carmo, que tambem possuem um grandioso hospital. O architecto, querendo fazer um rico templo, prodigalisou decorações com pouco gosto, principalmente no frontispicio.

Além dos dois conventos mencionados, contava o Porto mais sete de religiosos na cidade, e tres fora, e quatro de religiosas; e são os seguintes:

O de *S. Domingos*, da ordem dos prégadores, fundado proximo da rua das Flores por el-rei D. Sancho II pelos annos de 1283. Ardeu por occasião do cêrco em 1832, demolindo-se depois a igreja e par-

te do edificio para se abrir a nova rua *Ferreira Borges*. Na parte que se conserva está a caixa filial do banco de Portugal, e a egreja que foi da extincta ordem terceira de S. Domingos.

O *convento de S. Bento*, de monges beneditinos, foi edificado na rua de S. Bento, á custa da ordem em 1597, onde antes era a synagoga dos judeus. A egreja é, talvez, a maior da cidade. Tem-se conservado n'ella o culto divino. O convento serve de quartel.

O *convento de Santo Antonio*, dos congregados de S. Filippe Neri, foi fundado em 1680 da parte de fora dos muros do Porto, junto da porta de Carros, vindo a ficar, com o correr do tempo e crescer da cidade, no centro d'ella. A egreja está bem decorada, e fazem-se n'ella as festas da semana santa com bastante pompa. O convento, que forma um dos lados da praça de D. Pedro, é hoje propriedade particular.

O *convento de S. João Baptista*, mais conhecido com o nome de *S. João Novo*, dos eremitas de Santo Agostinho, foi construido em sitio alto, com alegres vistas do Douro e terras da margem esquerda, em 1592. Foi seu fundador D. Antonio de Noronha, sobrinho do marquez de Villa Real. Tem uma boa egreja ainda consagrada ao culto divino. Serve o convento de hospital militar.

O *convento de Santo Antonio da cidade*, dos religiosos capuchos da provincia da Conceição, fundou-se em 1783. Não chegou a concluir-se. Está situado na parte mais alta da cidade. Aham-se n'elle estabelecidos a bibliotheca publica, e o museu portuense.

O *convento de S. Lourenço* teve a primeira fundação no anno de 1560 junto á ribeira, e em 1577 mudou-se para o lugar em que está, na encosta do monte da sé, na rua das Aldas. O segundo fundador foi frei Luiz Alvares de Tavora, balio de Lesa. Pertenceu aos jesuitas até 1759, em que esta ordem foi extincta. Tendo passado a posse do edificio do convento para a universidade de Coimbra, foi-lhe comprado em 1780 pelos frades agostinhos

descalços, que logo o vieram habitar. Actualmente, depois de muitas obras de reconstrucção, estabeleceu-se n'elle o seminario episcopal. Tem uma varanda para o lado do rio com excellente vista.

O *convento de Nossa Senhora da Consolação*, dos conegos seculares de S. João Evangelista, erigido em 1490 com mesquinha fabrica, e reconstruido com magnificencia nos fins do seculo passado, e principios d'este, é ao presente propriedade particular, tendo sido demolida a sua egreja para se abrir a rua de *D. Maria II*. A frente principal d'este convento, que foi terminada pelo seu novo proprietario, forma o lado do sul da praça de D. Pedro.

Além d'estes conventos havia diversos hospícios, e fora da cidade, na margem opposta do rio, os conventos de Santo Antonio de Valle da Piedade, de Nossa Senhora da Serra do Pilar, e de Nossa Senhora da Oliveira, dos quaes fallaremos em outro lugar.

Os quatro de freiras eram: o *convento de Santa Clara*, que ainda é habitado por freiras franciscanas, foi fundado por el-rei D. João I em 1446, junto ao muro da cidade, que o ficou sendo da sua cêrca, e proximo da porta do sol. Chamava-se então áquelle sitio *Carvalhos do monte*. O bispo do Porto D. Fernando da Guerra lançou a primeira pedra nos alicerces da egreja, e nos do convento lançou a primeira el-rei D. João I, no canto direito d'elle, e a segunda, no canto esquerdo, seu filho primogenito, o infante D. Affonso, que morreu de pouca idade, e jaz na sé de Braga. A egreja d'este convento é muito rica em obra de talha doirada, em vasos sagrados, alfaias, e paramentos.

O *convento d'Ave-Maria*, tambem ainda habitado por muitas religiosas benedictinas, foi edificado por el-rei D. Manuel em 1518, proximo da rua das Flores, e da porta de Carros. Reduziu-o a cinzas um incendio em 10 de Outubro de 1783. Mas logo depois começou a reedificar-se com bastante grandeza. E' um edificio de boa e regular architectura, com excellente egreja.

O *convento da Madre de Deus de Monchique*, situado em Miragaia, e hoje extinto, pertenceu às freiras franciscanas observantes, e foi fundado em 1545 por Pedro da Cunha Coutinho, e sua mulher D. Brites de Vilhena.

O convento está em mau estado. Acha-se n'elle a intendencia da marinha do Porto. A egreja, que é uma das mais bellas da cidade, ou pelo menos das mais dignas de serem visitadas pelos curiosos, pois que possui mui lindas e ricas capellas de talha dourada, está profanada, e servia ha poucos annos de deposito de barris de polvora. Faz pena, que se não conserve para o culto este templo, reparando-o dos estragos, que em breves annos o hão de pôr em ruinas.

O *convento de S. José*, agora extinto, que era de freiras carmelitas de Santa Thereza, foi edificado no sitio do Calvario em 1704 pelo bispo do Porto D. frei José de Saldanha.

Em Villa Nova de Gaia está o convento das freiras de Corpus Christi.

O Porto encerra muitas outras egrejas e ermidas, que deixamos de mencionar por brevidade. Especificaremos apenas uma, por ser monumental. A *capella de Carlos Alberto*, fundada no largo da Torre da Marca, em memoria d'este soberano, por sua irmã, a princeza Augusta de Montleir.

Poucas cidades estrangeiras, guardadas as devidas proporções, possuirão, como o Porto, tantos, tão bem organisados, e tão bem dotados estabelecimentos de caridade. Faremos a resenha só dos principaes.

Hospital real de Santo Antonio. E' administrado pela irmandade da misericordia, a que pertence. Antes da fundação do novo edificio estava na rua das Flores, e era chamado pelo vulgo *hospital de Roque Amador*. O novo edificio foi começado pelos annos de 1769, e apenas terá acabada a quarta parte, que comprehende mais de metade da frente principal, e quasi metade da frente do sul. Com o que está feito é um hospital vasto, e sumptuoso, construido no gosto da architectura ingleza, que se

extrema por sua singeleza, elegancia, e grandeza. Se se concluísse seria um hospital só proprio de uma cidade como Londres. Para se fazer idéa do seu immenso plano, daremos algumas indicações tiradas á vista da planta. Devia este edificio formar um grande quadrado, com uma circumfêrencia de tres mil cento e oitenta palmos, contendo cento cincoenta e nove salas e quartos, cento quarenta e duas enfermarias, cincoenta e seis escadas principaes, vinte mil seiscentas e nove portas e janellas, vinte e oito estatuas, de dezoito palmos cada uma, cento setenta e seis columnas, a maior parte de quarenta palmos, com pyramides e vasos, e cinco mil e quinhentos oitenta e seis balaustres. Depois de longas interrupções n'esta obra, tem tido n'estes ultimos annos um grande impulso. São dependentes d'este hospital outros dois, de *entre-vadós*, e de *entrevadas*, situados nas proximidades da parochia de Santo Ildefonso.

Hospital dos terceiros do Carmo, é, depois do do Santo Antonio, o primeiro na grandeza e boa architectura do edificio. Acabaram-se de construir ha pouco mais de um anno as obras com que o augmentaram. Occupa um lado da *praça de Carlos Alberto*. Podia este estabelecimento pela sua vastidão e excellente organização figurar com honra em qualquer capital.

Hospital dos terceiros de S. Francisco, faz frente ás ruas da *Ferraria de baixo*, e de *El-rei D. Fernando*. E' tambem grandioso, tanto pelo edificio, que foi ha pouco muito augmentado, como pelos arranjos e serviço interiores.

Hospital dos terceiros da Trindade, contiguo á igreja do mesmo nome, é edificação moderna, de muita capacidade, e egualmente bem organizado e bem servido.

Hospital de Nossa Senhora da Caridade, junto ao largo da *Batalha*, com as obras de reconstrucção e accrescentamento, que acaba de ter, é um dos melhores do Porto. Pertence á confraria da mesma invocação. Estes quatro hospitaes são destinados para o tratamento e asylo dos irmãos pobres e enfermos das respectivas confrarias.

São verdadeiras caixas economicas, onde o mais desfavorecido jornaleiro, o criado ou criada de servir, logo que pode fazer uma economia de dezoito mil e duzentos, vae comprar por esta modica quantia, paga por uma só vez, um tratamento esmerado para todas as suas molestias em toda a sua vida. Assim é que uma grande parte dos habitantes da cidade pertence a estas ordens terceiras; os pobres para contarem com um asylo, quando a doença os accommette, em uma casa esplendida, á qual com toda a propriedade chamam sua; os ricos para exercer a sua caridade, tanto por meio dos seus donativos, como por uma desvelada administração gratuita.

Além d'estes hospitaes ha mais o dos *Expostos*, que está a cargo da misericordia; o das *Lazaras*, o dos *Lazaros*, ambos situados entre o jardim de S. Lazaro, e o *passeio das Fontainhas*; o dos *Clerigos*, junto á igreja d'este nome; o das *Velhas*, etc.

Os asylos de beneficencia tambem não são poucos. O *collegio dos meninos orphãos* foi fundado pelo padre Balthazar Guedes em 1651, com differentes aulas para a sua educação, e um templo junto, dedicado a Nossa Senhora da Graça. Em parte d'este edificio, começado a reconstruir em maior escala, estão a academia polytechnica e o lyceu.

Recolhimento da Senhora da Esperança, em frente do jardim de S. Lazaro, é um asylo de meninas orphãs desde a idade de oito a vinte e cinco annos, administrado pela misericordia.

Asylo das raparigas abandonadas.

Asylo das meninas desamparadas, e outros.

Asylo de infancia desvalida ha varios, e foram creados dois annos depois de se fundarem em Lisboa, no anno de 1834, os primeiros que houve no reino.

Asylo de mendicidade, foi decretado em 1838, porém só em 1846 se realisou esta caridosa instituição, inaugurando-se no palacio do senhor visconde de Veiros, na quinta das Aguas Ferreas. D'aqui mudou-se mais tarde para as Fontainhas em casa propria.

O *paço episcopal*, apesar de incompleto, é um dos maiores edificios da cidade. Está contiguo á sê, e por conseguinte em logar alto, onde avulta desaffrontadamente, sobretudo para o lado do rio, e d'onde se goza a vista de variados e lindos panoramas. Foi este palacio reedificado completamente no ultimo quartel do seculo passado pelo bispo D. frei João Raphael de Mendonça, da familia dos condes de Val de Reis. A escada d'este paço é sumptuosa.

Palacio da relação, está situado na praça da Cordoaria, e na rua de S. Bento, para onde deita duas frontarias de nobre architectura, posto que de gosto pesado. Foi reedificado desde os fundamentos, começando as obras em Janeiro de 1765. Custou perto de duzentos contos. N'este grande edificio está a cadêa publica.

Bolsa, ou praça do Commercio: é um edificio de mais grandeza e magnificencia do que o pedia a cidade do Porto, apesar da sua muita importancia commercial. Foi construido no local do arruinado convento de S. Francisco pela associação commercial do Porto, saindo os fundos para as obras de um tributo para esse fim lançado sobre certas mercadorias importadas n'aquella cidade. Ao cabo de vinte e tantos annos de trabalhos nunca interrompidos, acha-se este bello edificio, de architectura ingleza, quasi chegado á conclusão. Tem duas extensas e formosas fachadas sobre as ruas de *Ferreira Borges*, e d'*El-rei D. Fernando II*. Encerra ricos salões, occupados pelo tribunal do commercio, e pela associação commercial.

O *edificio do governo civil*, chamado *casa pia*, porque foi construido para esta instituição nos principios d'este seculo, é grande e regular, mas sem coisa notavel.

A *casa da camara*, situada na praça de D. Pedro, é de bom prospecto. Foi fabricada no primeiro quartel d'este seculo.

Alfandega; acha-se em principio de construcção em Miragaia uma nova alfandega, tal qual a demandam o immenso movimento commercial, e a

propria dignidade de uma povoação como o Porto. A que ainda serve é um pardeiro indecoroso, e que pela sua pequenez precisa de ter fora, e a distancia, armazens auxiliares. A receita d'esta casa fiscal excede annualmente a mil e quatrocentos contos de réis. No meiado do seculo passado pouco mais rendia de quarenta mil cruzados.

Academia polytechnica, que fica entre as duas praças da *Cordoaria*, e dos *Voluntarios de D. Maria II*, é a antiga academia de marinha, reformada. Se o seu edificio chegar a concluir-se será uma obra grandiosa. Ainda assim como se acha accommodam-se n'elle, no novo e no antigo edificio, as aulas d'aquella academia, as da academia de bellas artes, o lyceu, e o collegio dos meninos orphãos. E' construcção do principio d'este seculo.

A *bibliotheca publica*, no extincto convento de Santo Antonio da cidade, em frente do jardim de S. Lazaro, foi creada pelo augusto duque de Bragança em Julho de 1833; mas só em 1840 se acabou de organisar. Possui mais de quarenta mil volumes, e entre elles alguns manuscripts de muito apreço.

O *museu portuense* está no mesmo edificio, e foi fundado egualmente por aquelle principe em Abril de 1833. Encerra uma galeria de quadros nacionaes e estrangeiros, entre os quaes avultam alguns de muito merecimento, uma collecção de estampas, e livros de bellas artes, e as seguintes curiosidades historicas: uma espada d'el-rei D. Affonso Henriques, que antigamente se guardava no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; uma linda escrevaninha, dada pelo papa Pio IV a D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, por occasião da sua ida ao concilio tridentino; e o chapeo e oculo de que usou o Libertador em todo o cêrco do Porto.

O *museu Allen*, na rua da *Restauração*, foi organizado pelo fallecido negociante João Allen, e comprado depois da sua morte pela camara municipal do Porto, sendo presidente o fallecido conselheiro Domingos Ribeiro de Faria, por doze con-

tos de réis. Consta de uma galeria de quadros, de autores nacionaes, e estrangeiros, e de muitas collecções de conchialogia, mineralogia, geologia, numismatica, curiosidades, etc.

São quatro os quarteis militares: o de *Santo Ovidio*, no Campo da Regeneração, construido em 1797 ou 98, sendo corregedor e provedor do Porto, Francisco d'Almada e Mendonça, e que pode accommodar tres mil homens: o da *Torre da Marca*, muito inferior áquelle, mas collocado em uma situação aprazivel, com um extenso terreiro fechado com grades de ferro, e plantado d'arvores: o de *S. Bento*, no extincto convento d'este nome: e o do *Carmo*, da guarda municipal, no convento, que foi dos carmelitas.

Ha no Porto cinco theatros. O de *S. João* é o principal, está junto ao largo da Batalha, e foi feito no fim do seculo passado, por uma sociedade de capitalistas, segundo o desenho do architecto italiano Vicente Manzoneschi. Exteriormente é singelo em demasia; porém no interior está mui bem decorado, e é vasto e elegante. Tem tribuna real, e quatro ordens de camarotes. E' para opera lyrica, e declamação. O *theatro Baquet* foi edificado na rua de Santo Antonio em 1859, pelo senhor Antonio Pereira Baquet, seu proprietario. E' um bonito theatro, tanto exterior, como interiormente. Tem servido para zarzuelas e declamação. O *theatro das Variedades*, na rua de Liceiras, anteriormente denominado de *Camões*, é mal construido, e pobremente decorado. O de *Santa Catharina*, na rua d'este nome, é mais pequeno, que o precedente, e pouco differe em decorações. O *circo da rua de Santo Antonio*, para exercicios equestres, foi reconstruido, e aberto ao publico em 1859.

As casas d'assembléa são quatro. O *club portuense*, na praça da Trindade, em uma excellentes casa de renda, e a *assemblea portuense*, na mesma praça, em uma bella casa propria, edificada em 1859 expressamente para esse uso; estão perfeitamente organisadas, e costumam na quadra propria dar esplendidos bailes. A *sociedade philarmoa-*

nica, na rua da Fabrica do Tabaco, acha-se egualmente bem montada, e dá muito bons concertos. A *feitoria ingleza*, na rua Nova dos Inglezes, é um edificio de esbelta e nobre architectura, começado em Fevereiro de 1785 pelos commerciantes britannicos residentes no Porto, para casa d'assemblea. Os seus bailes, hoje mais raros que antigamente, são nomeados por tudo quanto faz brilhantes as funcções d'este genero.

Tem o Porto tres bancos: o *commercial*, fundado em 1835, occupa um bom edificio, proprio, e expressamente construido para esse fim na rua Ferreira Borges: o *mercantil*, creado em 1856, acha-se estabelecido no edificio da Bolsa: a *caixa filial do banco de Portugal*, instituida pelo antigo banco de Lisboa em 1821, dois annos depois da sua creação, está em um edificio, que fazia parte do convento de S. Domingos.

As companhias commerciaes de seguros, de empresas fabris, de viação, de minas, e outras especialidades; as associações industriaes e fraternaes, constituem um longo catalogo, que este prolixo artigo já não comporta. Mencionaremos unicamente a *associação commercial*, corporação respeitavel, que faz as suas reuniões e tem as suas salas no edificio da bolsa. A cidade e suas visinhanças estão cheias de fabricas de toda a especie.

Para se poder ajuizar da importancia da sua industria manufactora e commercial, diremos, que nas fabricas se empregam uns dez mil operarios; que pela foz do Douro exporta e importa annualmente generos no valor de doze mil contos, representando por consequente o movimento só da sua alfandega, fora o seu grande commercio para o interior, um capital de trinta milhões de cruzados; e que o movimento do seu porto no anno economico de 1858-1859, foi de mil e quatorze navios entrados, com cento quarenta e duas mil oitocentas trinta e cinco toneladas, sendo cento e sessenta movidos a vapor; e saídos mil e trinta e cinco, com cento quarenta e seis mil setecentas e noventa toneladas, sendo cento quarenta e sete movidos a vapor.

Não ha na cidade do Porto palacios particulares, que se possam chamar sumptuosos, mas ha muitas residencias, sobretudo das modernamente construidas, que se recommendam por elegancia de architectura, ou por certos ares de grandeza. Nomearemos tamsómente duas, porque dois grandes vultos historicos, que as habitaram, fizeram d'ellas dois monumentos. Uma é o bello *palacio dos Carrancas*, na rua dos Quarteis, pertencente á senhora baroneza de Nevogilde, no qual residiu durante parte do cêrco o immortal duque de Bragança, e onde se teem hospedado suas magestades e altezas nas suas visitas áquella cidade. A outra é a modesta casa da formosa quinta do senhor Antonio Ferreira Pinto Basto, em *Entre Quintas*, onde habitou e falleceu o rei da Sardenha Carlos Alberto em 1849.

Não tem esta cidade um jardim ou passeio publico digno de uma povoação tão grande e opulenta como é o Porto. Mas em compensação, quasi todos os que possuiue estão collocados em situações tão encantadoras, que o viajante facilmente releva, ou se esquece, do abandono em que a arte os tem deixado.

O *jardim de S. Lazaro* é o mais moderno, e o mais mal situado ; porém pelo poder da novidade, e por capricho da moda, é o mais bem tratado, e tambem o mais concorrido. Foi plantado no anno de 1834 pelo, então, prefeito da provincia, Manuel Gonçalves de Miranda, na praça do mesmo nome, que é toda cercada de edificios. Aos domingos e dias santificados vae para ali tocar uma banda de musica militar. O *passeio das Fontainhas*, proximo d'aquelle, e sobranceiro ao Douro, em sitio mui alto e escarpado para o rio, é uma pequena alameda, com sua fonte, porém d'onde se desfructa uma perspectiva de infinita belleza, e de variados contrastes. O *passeio da Lupa*, collocado n'um extremo da cidade, junto á egreja do mesmo nome, é tambem uma pequena alameda, com lindos pontos de vista de genero mui differente dos precedentes. O *passeio das Virtudes* está nas visinhanças da praça da Cordoaria, e sobre uma alta muralha, á maneira do

de S. Pedro d'Alcantara em Lisboa. Fez-se esta obra pelos annos de 1788. Foi modernamente fechado com grades de ferro, e, tendo sido arrancado o antigo arvoredor, foi de novo plantado de arvores, e estas cercadas de flores. E' egualmente pequeno, mas delicioso pelo risinho e pittoresco panorama, que os olhos d'ali relanceam. O *largo da Victoria*, contiguo á egreja d'esta invocação, é um pequenino passeio, sombreado por viçoso arvoredor, e que por sua muita elevação domina com apraziveis vistas parte da cidade, o Douro, e as montuosas e verdejantes margens d'além. O *passeio de Massarellos*, já nos arrabaldes, mas perto, e como continuação da cidade, é uma alameda mais extensa que as que deixamos referidas, e situada em lugar baixo, junto á estrada da Foz, que a separa do rio. E' uma posição linda e animadissima pelo grande movimento de carruagens e cavalleiros, que transitam constantemente por aquella estrada, e pelos muitos navios de vela, e movidos a vapor, além de barcos de variadas formas, que a todo o instante sulcam o Douro.

No fim d'esta alameda está a casa e quinta do senhor barão de Massarellos, que para o nosso gosto é a residencia do Porto mais bella e vantajosamente situada.

Mercados regulares, e expressamente construidos para esse fim, ha dois: o *mercado do Anjo*, e o do *Bolhão*. O primeiro proximo á praça da Cordoaria, foi edificado em 1839 no local do demolido recolhimento do Anjo, de que tomou o nome. E' de forma triangular, guarnecido pelos tres lados de lojas de venda, com tres entradas nos angulos, que se fecham com portas de ferro. No centro é plantado d'arvores, com um chafariz. Vendem-se n'elle hortaliças, frutas, aves, peixe, etc. O segundo, que se está acabando de construir na praça do Bolhão, é maior e mais bello. As lojas são cobertas de zinco, e corre-lhe pela frente um passeio lageado, que o mesmo tecto vem cobrir, sustentado por grossas columnas de ferro. A praça é dividida em ruas d'arvores. Vende-se ali a mesma di-

versidade de generos. Além d'estes ha o *mercado da Ribeira*, de peixe; o da *praça de Santa Theresza*, de pão; o da *praça dos Voluntarios de D. Maria II*, de farinhas, e cereaes. Ha outros mercados menores.

O *matadouro*, no sitio de Paranhos, junto á cidade, é uma obra moderna, (1840) e construida com as condições hygienicas requeridas, que faz honra áquelle municipio. Tem abundancia d'agua corrente, e bons tanques.

São muitos os chafarizes, que abastecem a cidade, e pela maior parte de excellente agua, porém nenhum merece, como obra d'arte, menção especial.

Apezar da sua remota origem, não é esta terra do numero d'aquellas, que conservam mais padrões das diversas phases da civilisação porque tem passado. As suas antiguidades reduzem-se aos templos de Cedoseita, da sé, e de S. Francisco, e a algumas poucas torres e lanços da sua cêrca de muros, de que já fallámos; a uma torre gothica, que pertence, e é contigua, ao palacio do senhor conde de Terena, na Torre da Marca; e a uma casa gothica, e ameçada, na rua da Reboleira, proximo do rio, pertencente ao senhor Arnaldo Van-Zeller.

O Porto tem dois cemiterios publicos, o *Prado do Repouso*, e o cemiterio de *Agromonte*. O primeiro é grande, cortado de ruas espacosas, orladas de buxo, e arvores, n'uma boa exposição em logar alto e desaffrontado, a cavalleiro do Douro. Era uma quinta de regalo da mitra, feita pelo bispo D. frei Marcos de Lisboa; e depois destinada para cêrca do seminario episcopal, queahi se edificou com avultado despendio para nunca funcionar, e cair em ruinas antes de acabado. Foi pois n'esta quinta chamada do *Prado*, que em 1839, depois de algumas obras, e da costumada cerimonia da sagração, se estabeleceu o cemiterio publico do *Prado do Repouso*. O segundo é mais moderno, e menos importante.

Todavia apezar de tantas circumstancias favoraveis, que se dão no Prado do Repouso, e de se inau-

gurar com a trasladação para elle, em grande pompa, dos restos mortaes de Francisco d'Almada e Mendonça, o benemerito magistrado a quem o Porto tanto deve; apesar de tudo, quasi que só os pobres são levados ali a enterrar. As familias ricas, e mesmo medianamente abastadas, preferem conduzir os seus finados aos cemiterios das confrarias, juntos ás suas respectivas egrejas. Por este motivo em quanto aquelle cemiterio se vê quasi ermo de tumulos, apertam-se os mausoleos e jazigos nos *cemiterios da Lapa* e do *Carmo*, e nas *catacumbas de S. Francisco*.

O *cemiterio dos inglezes* está situado no *Campo Pequeno*, em o extremo occidental da cidade. E' um frondoso bosque, cortado de largas ruas, com a capella no centro.

Os suburbios do Porto são formosissimos, e a sua belleza varia de aspecto a cada passo. *Massarellos*, com a sua alameda a par do rio, e com o seu amphitheatro de bosques das quintas de Villar; a *Foz*, amena estação de banhos, meia debruçada sobre o Douro, meia assentada nas praias do oceano; *Leça da Palmeira*, tambem linda estação de banhos, com o seu rio d'agua salgada, animado pelos barcos de pesca, e com o d'agua doce, orlado de basto arvoredado; *Matosinhos*, com o seu grandioso e tão popular santuario, cercado de devezas; *Leça do Balio*, com o seu gothico templo acastellado, venerando monumento das guerreiras ordens do Templo, e de S. João de Jerusalem; *Valongo*, com as suas ricas minas de carvão de pedra; *Valbom* e *Campanhã*, repoisadas na beira do rio, á sombra de arvores copadas; na margem esquerda, a industriosa *Avintes*, reclinada no dorso de alto monte, alvejando a furto por entre a espessura de carvalhos seculares; *Quebrantões*, sentada em alegre valle, sobre tapete de perenne verdura, onde o rio se espreguiça docemente; *Villa Nova de Gaia*, espelhando-se na corrente fugitiva, ou escondendo-se no meio dos castanhaes por suaves collinas, ou subindo como em throno por ingreme calçada; a *serra do Pillar*, antigamente chamado de *Que-*

brantões, tendo por corôa o historico mosteiro que a guerra da liberdade converteu em praça d'armas, separando com o seu vulto gigantesco de negras rochas graníticas, como para o effeito dos contrastes, estes dois ultimos paineis, tão cheios de vida e de verdores; as quintas tão apraziveis d'*Agra-ceira*, com as suas arvores exóticas penduradas das rochas sobre a limpida corrente; da *Oliveira*, poetica mansão, outr'ora, de religiosos congregados, com os seus campos viçosos, a que o rio vem lam-ber as orlas, e com as suas florestas annosasa er-guer-se altivas no recosto, e no cume de alto mon-te; do *Freixo*, com um magestoso palacio e vas-tos jardins, residencia digna de um principe, e agora remoçada e ataviada com arte e gosto pelo senhor Vellado, actual proprietario; *Sampaio*, com o seu gothico palacio acastellado; e finalmente mui-tas outras povoações, risonhamente situadas, e mui-tos outros sitios pittorescos, e quintas deliciosas; eis em abreviado e mal esboçado quadro o admi-ravel conjunto dos arrabaldes do Porto.

Ao convento da serra do Pilar, como monumen-to que é da nossa historia moderna, consignare-mos duas linhas. Principiou-se a edificar em Ago-sto de 1538, e acabou-se em 1542. Pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, que o fun-daram á sua custa das rendas do seu mosteiro de Grijó. Tendo ficado pequena a primeira igreja, construiu-se outra, que é a actual, em 1598. Foi dedicada a Santo Agostinho, mas vindo a ser ob-jecto de grande devoção para os povos da visinhan-ça uma imagem de Nossa Senhora do Pilar, ali ve-nerada, começou a dar-se esta invocação popular primeiro ao templo e convento, e depois á serra. O convento ficou arruinadissimo durante o cerco, em que esteve desde Setembro de 1832 até Ago-sto de 1833, e conserva-se no mesmo, ou peor es-tado, apesar de ter sido declarado por um decre-to praça de guerra de primeira ordem. A igreja, que é de forma circular, foi reparada dos estragos das balas e granadas, e restituida ao culto divino. Em volta da cupula do templo admiram os olhos

um painel encantador, que tem por centro, Villa Nova de Gaia, o Douro, o Porto, e por caixilho viçosas collinas semeadas de povoações, e debruadas ao longe por altas serranias.

Corre-lhe por baixo o rio Douro, que d'ahi a uma pequena legua se lança no oceano. A sua barra, apertada pelo Cabedello, que se estende do sul para o norte, é de difficil entrada pelos muitos cachopos, e bancos de arêa, que a obstruem, deixando entre si um estreito canal em zig-zags; o que tem sido causa de muitos naufragios. Porém n'estes ultimos annos teem-se empregado muitos esforços, com avultadas despesas para a extracção das pedras, e encanamento do rio, com o que já tem melhorado a barra, continuando ainda os trabalhos. A barra é defendida pelo castello de S. João da Foz, edificado sobre rochas no lado do norte. No tempo dos Filippes de Hespanha construiu-se ahi um pequeno forte, junto a uma igreja e convento de benedictinos. D. João iv deu principio á fortaleza actual, que se concluiu no reinado de seu filho D. Affonso vi. Compõe-se de quatro baluartes, e um revelim, e para o lado de terra é cercada de profundos e largos fossos. Dentro conserva-se ainda a antiga igreja, que serve de capella da fortaleza.

O Douro era navegavel outr'ora até S. João da Pesqueira, pelo espaço de vinte leguas, desde a sua foz. Destruido, porém, o cachão da Pesqueira pela companhia dos vinhos do Alto Douro, em 1789, pôde continuar a ser navegado até ás proximidades da villa de Torre de Moncorvo, já na provincia de Traz-os-Montes. A communicação do Porto para Villa Nova de Gaia era feita por uma ponte de barcas até 1843, em que se inaugurou a nova ponte pensil. Teve esta começo no dia 2 de Maio de 1841. Acabou-se no fim do anno seguinte, e abriu-se á circulação em 17 de Fevereiro de 1843. Foi feita á custa de uma companhia, e pelos desenhos e direcção do engenheiro civil mr. Estanislau Bigot. Tem de comprimento cento cincoenta e cinco metros.

O termo produz muito milho, legumes, batatas, e hortaliças, muitas cebolas, que exporta para o estrangeiro, pouco trigo, cevada, e azeite; alguma manteiga, e bastante vinho verde. As frutas d'ali não são especiaes, mas as do paiz vinhateiro do Douro, que são excellentes, veem abastecer os mercados da cidade. Todavia os morangos dos suburbios do Porto são magnificos, de extraordinaria grandeza e em tal abundancia, que permite a sua exportação em grande quantidade.

A criação de gado, sobretudo vaccum, que n'estes ultimos annos tem augmentado consideravelmente, constitue um ramo já importante da sua industria agrícola e commercial, por quanto a exportação de bois para Inglaterra, feita pela barra do Dourô, sobe a annualmente a trezentos contos e mais. Para este mercado concorre gado de toda a provincia.

E' esta cidade mimosa de muita variedade de peixes, e em grande abundancia, pois que a pesca desde Aveiro até Espozende occupa milhares de pescadores, não fallando na pesca do rio, de que o savel e a lamprêa formam a parte principal. Da ultima vem aos mercados tal quantidade, que se exporta muita para Lisboa.

As feiras da cidade são puramente de arrajal. A mais consideravel, e que, além de quinquilharias, expõe á venda alguns productos agrícolas, é a chamada de S.^o Miguel, que se faz na praça da Cordoaria, e que principia na véspera do dia da festa do archanjo, em 29 de Setembro, e dura bastantes dias. Porém nos arredores da cidade, em Matosinhos, nos Soutos de Santa Anna de Leça do Balio, e em Santiago de Costoias, ha todas as semanas, em dias determinados, feiras de gados, e de productos agrícolas e industriaes.

O Porto é illuminado a gaz desde 1858. Tem varios cafés, mas só um bem ornado, que se intitula *Portuense*. Algumas das suas hospedarias são asseiadadas, e regularmente servidas. Tem uma casa de banhos publicos na rua de Santo Antonio, mas deixa muito a desejar em asseio e conforto. Possui

bastantes estabelecimentos de carruagens publicas, e tem carreiras regulares de diligencias para Braga, Guimarães, Vianna do Castello, e Caminha, por Villa Nova de Famalicão, e Barcellos; para Santo Thirso; para Penafiel, Amarante, e Regoa; para Lisboa por Coimbra, e Leiria a magnifica empresa de mala-posta, do governo; e directamente para Coimbra uma outra carreira de diligencias.

A população d'esta grande cidade, entrando a de Villa Nova de Gaia, que posto que seja uma villa com governo municipal á parte, é, pela sua vizinhança e relações, uma dependencia ou bairro d'aquella, deverá chegar á cifra de cem mil almas.

Finalmente tem servido de berço a cidade do Porto a muitos homens illustres em sciencias, lettras, artes, e armas. D'entre os mais notaveis citaremos os seguintes: Vasco de Lobeira, o autor do celebre romance de cavallarias *Amadis de Gaula*; a quem D. João I armou cavalleiro; frei Manuel da Esperança, autor das *Historias Seráfica*, e *Sebastica*; o padre Simão de Vasconcellos, jesuita, que escreveu as *Noticias do Brazil*; Pedro d'Andrade Caminha, camarista do infante D. Duarte, autor de muitas poesias; D. Francisco de Sá e Menezes, primeiro conde de Matosinhos, um dos cinco governadores do reino por morte do cardeal rei, e distincto poeta; Antonio de Sousa de Macedo, secretario d'estado d'el-rei D. Affonso VI, e embaixador a Hespanha, escriptor erudito; D. Francisco de Bragança, neto de D. Jaime, quarto duque de Bragança, que seguindo o estado ecclesiastico, foi nomeado em 1619 patriarcha da India, autor de varias obras; frei José Mayne, da ordem terceira de S. Francisco, confessor d'el-rei D. Pedro III, escreveu varias obras, e colligiu no convento de Jesus de Lisboa o chamado *Museu Maynense*, que hoje está incorporado no museu nacional; o cardeal D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa, autor de uma obra de historia; o mui conhecido escriptor frei Luiz dos Anjos, graciano; Manuel Domingos Vaya, escreveu sobre mathematica; frei Raphael da Purificação, franciscano, fallava sete lin-

guas, e mui versado em quasi todos os ramos da sciencia, escreveu uma *Encyclopedia*; o infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João I, insigne em armas, e nas sciencias mathematicas, e que deu o primeiro e vigoroso impulso aos descobrimentos portuguezes; D. Henrique de Sousa Tavares, primeiro marquez de Arronches, e terceiro conde de Miranda, que se assignalou em diversos altos empregos, e em varias campanhas; Antonio Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro, José Ferreira Borges, e o visconde d'Almeida Garrett, quatro illustrações modernas, distinctissimas. Tambem honraram aquella cidade, entre outras damas suas filhas, D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que sabia muitas linguas vivas, e a latina, grega, e hebraica, que pintava em miniatura com singular perfeição, e que escreveu a *Hespanha Libertada*, em dois tomos; e D. Maria Ferreira Borges, irmã do illustre autor do Codigo Commercial Portuguez, José Ferreira Borges, que era mui habilidosa e perfeita em obras de esculptura em gesso.

A VILLA DE PORTO DE MOZ.

Está edificada esta villa na falda occidental da serra de Minde, na provincia da Estremadura, districto administrativo de Leiria. Dista da cidade d'este nome tres leguas para o sul, e uma para sueste da villa da Batalha.

A sua situação é aprazivel. Parte da casaria está assentada na raiz da montanha, em logar plano, e parte sobe um pouco pela encosta de um pequeno monte, sobre o qual se ergue um castello de remotas eras.

Não se sabe, ou, pelo menos, não nos consta, quem fosse o fundador d'esta fortaleza. E' provavel, que fossem os moiros, porque a primeira noticia, que se encontra a seu respeito, é a de que foi tomada por el-rei D. Affonso Henriques pelos annos de 1148. Foi este castello, que deu origem á povoação, que vindo procurar o abrigo da fortaleza, tão necessario n'esses tempos de continuos sobresaltos, e correrias de inimigos, em breve se multiplicou.

Poz el-rei D. Affonso Henriques por governador e alcaide-mór d'aquelle castello a D. Fuas Roupinho, aquelle valoroso guerreiro, que, distinguindo-se em ousadas empresas contra os moiros em terra e sobre o mar, é chamado pelos nossos antigos escriptores o primeiro almirante de Portugal.

D'alí começou o esforçado D. Fuas a mover crua guerra aos moiros d'aquellas visinhanças. A sua espada nunca estava ociosa, e saía sempre triumphante de todas as pelejas. Em uma das suas victorias aprisionou um rei moiro, e levou-o captivo á presença de D. Affonso Henriques, que então residia em Coimbra. Mas d'esta lucta, sempre viva e tenaz, resultou a ruina da povoação de Porto de Moz. Achava-se completamente destruida e despovoada no anno de 1200, em que el-rei D. Sancho I a mandou reedificar, e povoar de novo.

O seu primeiro foral foi-lhe dado por el-rei D.

Diniz; o segundo, reformado e accrescentado, concedeu-lh'o el-rei D. Manuel em 1515. Tinha voto em côrtes com assento no banco decimo setimo. A alcaldaria-môr andava na familia dos Mellos da Silva, e o senhorio na casa de Bragança. O seu brasão de armas é, em campo vermelho, um castello de prata com tres torres, vendo-se verdura sobre as duas lateraes; de cada um dos lados do castello está em baixo uma mó de moinho, no centro um picapeixe, ou guarda-rio, e por cima uma estrella, tudo de prata.

Ha na villa tres egrejas parochiaes, S. Pedro, e S. João Baptista, cujos beneficios eram apresentados pela casa de Bragança; e Nossa Senhora dos Murtinhos, que era commenda da ordem de Christo. N'esta ultima guardam-se varias reliquias de santos, que foram trazidas a Portugal de um convento de Merida, logo depois da catastrophe da monarchia goda no anno de 714, por um eremita, chamado Romano, que, segundo refere a tradição, veio até á Pederneira acompanhando na sua fuga a D. Rodrigo, o ultimo rei dos godos.

Tem a villa de Porto de Moz casa de misericórdia, hospital, e as ermidas de Santo Antonio, e Santa Luzia.

Abastecem a povoação de agua duas fontes, uma ao pé do castello, e a outra á entrada da villa, com sua alameda. O castello acha-se em soffrivel estado de conservação, e merece ser visitado dos viajantes, que transitarem por aquellas immediações.

Nos suburbios vêem-se diversas capellas, entre as quaes ha uma dedicada a S. Jorge da Charneca, que teve por fundador o illustre condestavel D. Nuno Alvares Pereira. A pouca distancia da villa está o edificio do extincto convento do Bom Jesus, que pertenceu aos religiosos agostinhos descalços, e que foi fundado em 1676 por um dos successores de Gregorio Malho de Vivar, ou Bivar, que instituiu n'esta villa um morgado, com obrigação de conservarem os seus descendentes o appellido de Bivar, em memoria de Rui Dias de Bivar, o celebrado Cid Campeador, de quem descendia.

O termo produz muita variedade de fructos e de caça, e tem pedreiras de bons marmores. Em um lugar, chamado Nossa Senhora da Assumpção de Minde, e que é muito povoado, fabricam-se pannos de lã grosseiros, mas em grande quantidade. Ha n'este termo uma curiosidade natural muito singular. Junto ao lugar de Mira eleva-se um monte, em cuja falda se vê uma grande caverna com muito declive para o interior. No inverno lança esta caverna de si tanta copia d'agua, que inunda e enche um vasto campo, plantado d'arvores e vinhas, que, ficando mais baixo que os terrenos circumvisinhos, se transforma em uma verdadeira lagoa, cobrindo as aguas toda a vegetação, e chegando até a crear enguias. Apenas começa o calor, secca-se aquella copiosissima fonte, e a lagoa, apesar de se lhe conhecer apenas um pequeno escoante, em pouco tempo se evapora e desaparece. E é tal a força productiva do nateiro, que as aguas ali deixaram, que, principiando-se tão tarde os trabalhos de cultura das vinhas, estas rebentam, desinvolve-se, e criam a uva perfeita, e a tempo de se vindimarem na quadra propria. Outro tanto acontece ás arvores fructíferas.

Encerra a villa de Porto de Moz setecentos e dezoito fogos, e tres mil habitantes. Tem uma feira annual pelo Espirito Santo, e outra em 13 de Dezembro.

A VILLA DE PORTO SANTO.

No grande commettimento de navegações e descobertas dos portuguezes no seculo xv, a que o illustre infante D. Henrique deu principio, foi a ilha de Porto Santo a primeira das nossas ilhas, que se descobriu.

Tendo começado em 1412 as tentativas do infante pela costa d'Africa, desde o cabo *Nam* para o sul, no anno de 1418 foi enviado Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do mesmo principe, com a missão de dobrar o cabo Bojador. Assaltado, porém, de uma furiosa tormenta, perdeu a derrota, que levava, e achando-se já sem esperança de salvação, foi arrojado pelos ventos a uma ilha desconhecida, onde achou abrigo e repouso. Por este motivo deu á ilha o nome de *Porto Santo*.

Regressando pouco depois a Lisboa com a nova d'este casual e feliz descobrimento, foi mandado no anno seguinte á mesma ilha pelo infante D. Henrique, que o encarregou de começar a cultivar-a, fornecendo-lhe para isso os preparos necessarios. Acompanharam a Perestrello dois outros navegantes não menos illustres em os nossos annos maritimos, João Gonçalves Zarco, e Tristão Vaz, tambem ambos fidalgos da casa do infante, indo cada um em seu navio.

Dizem, que tendo levado estes navegadores uma coelha, que parira na viagem, e que lançando-a para o matto, multiplicaram os coelhos tanto, e tão depressa, que destruíam todas as plantações; de sorte que foram por muito tempo um obstaculo á colonisação da ilha. Voltou Perestrello para o reino, e os seus dois companheiros, incitados por um nevoeiro, que viam constantemente ao longe, e sempre no mesmo sitio, foram descobrir a ilha da Madeira.

Em 1425 mandou o infante D. Henrique povoar a ilha de Porto Santo, e em 1446 fez capitão donatario d'ella a Bartholomeu Perestrello.

Está a ilha de Porto Santo no oceano Atlantico, na altura de trinta e tres graus, e alguns minutos, a pouco mais de treze leguas de distancia da ilha da Madeira, e a cento e quarenta de Lisboa. Tem de comprimento umas quatro leguas, de largura legua e meia, e de circumferencia mais de oito. Quasi no meio da ilha ergue-se um monte elevado, de forma arredondada, e de difficil accesso, que chamam *Pico do Castello*, porque nos tempos das guerras com a Hespanha por vezes os habitantes se refugiaram no alto d'elle, para d'ali se defenderem contra os castelhanos, que desembarcavam de algum navio para assaltar e roubar a ilha. Afora este monte e a serra da Feteira, tudo o mais é terra chã.

A villa de Porto Santo, capital da ilha, está situada em uma bahia, que se abre na parte do sul, cercada de praias de areia, limpas de rochedos. Tem por assento uma planicie, que lhe não consente fazer ostentação da sua casaria aos que demandam o seu porto. Está separada do mar pelo areal, em distancia de um tiro de espingarda. A matriz, dedicada a S. Salvador, é a unica parochia, e o edificio mais notavel da villa, que não chega a ter duzentos fogos; e os seus moradores não passam de oitocentos. Tem duas ermidas, S. Sebastião, e Santa Catharina.

Pelo meio da villa corre uma ribeira d'agua salobra, e d'esta qualidade tem varios poços, não a havendo potavel dentro da povoação, que se abastece de uma fonte de muita e boa agua, que dista d'ali legua e meia para o norte, e de tres pequenas nascentes, que estão a meia legua da villa, junto de um pequeno templo da invocação de Nossa Senhora da Graça.

Os arredores da villa são plantados de vinhas, e hortas, que se regam com as aguas d'aquella ribeira, tendo além d'isso muitos terrenos destinados á cultura de cereaes. Antigamente eram, bem como toda a ilha, muito povoados de arvoredos. Mas, como a maior parte das arvores fossem *dragoeiros* colossaes, de cujos troncos os habitantes faziam

gamelas, e barcos de pesca, que levavam seis e sete homens, pouco a pouco se foram extinguindo, até ficar mui reduzido o seu numero. D'esta grande copia de dragoeiros tirou a villa o seu brasão d'armas, que consiste em uma d'estas arvores collocada no meio do escudo.

A producção principal da ilha consta de cereaes, vinho, e assucar. A cultura da canna do assucar, ali introduzida por ordem do infante D. Henrique, que mandou vir as primeiras plantas da Sicilia; desinvolvida e prospera por muitos tempos; abandonada depois por causa dos grandes lucros, que offereciam as vinhas, cujos primeiros bacellos o mesmo infante fez transportar da ilha de Chipre; tornou a introduzir-se depois que o *oidium* principiou a esterilisar a industria vinicola.

O porto d'esta villa é abrigado dos ventos, excepto o sul e o sudoeste; mas não tem fortificação alguma, que o defenda. Não ha na ilha outra villa. As mais povoações são pequenos logares, chamando-se os principaes *Farrobo*, e *Feteira*. Tem alguma caça, sobretudo perdizes, e muito gado de todas as especies. E' terra sadia e de excellentes ares. Está sujeita no governo temporal ao governador civil do Funchal, e no espirital ao bispo da diocese d'este nome.

A VILLA DE POVOS.

Na margem direita do Tejo, a seis leguas de Lisboa, está a villa de Povos, edificada em uma planície mui arborisada, um tanto afastada do rio, e collocada entre as duas villas da Castanheira e Villa Franca de Xira, de cada uma das quaes dista meia legua. Passa-lhe pelo meio a estrada real, que conduz de Lisboa para as provincias do norte.

Segundo querem alguns dos nossos antiquarios, e entre estes André de Rezende, no sitio onde agora vemos a villa de Povos existiu a cidade de Jerabrica, fundada pelos romanos no tempo do imperador Augusto Cesar. Dizem que esta cidade florescera por largos annos, devendo a sua prosperidade aos magnificos terrenos, que a cercavam, e á sua vantajosa posição proxima de um grande rio como é o Tejo, e entre as duas cidades já então muito importantes, *Olysipo* (Lisboa) e *Scalabis* (Santarem). Dizem mais que na encosta do visinho monte campeava um castello para sua defesa, e que esta fortaleza occupava o logar, onde passados seculos se edificou o convento dos frades capuchos de Santo Antonio, ou conforme outra opinião no sitio em que os condes da Castanheira construíram o seu palacio. Destruída Jerabrica pelas invasões e guerras, que se succederam á queda do imperio romano, surgiu das suas ruínas assim que a paz veio dar algum descanso aos habitantes da Lusitania. Porém, como os reedificadores acudissem ali vindos de differentes terras, começaram os visinhos a chamar-lhes *povos*, e por este nome ficou conhecida a nova povoação.

Outros autores ha, que contestam em parte esta noticia, sustentando que a cidade de Jerabrica estava situada, onde hoje existe a villa de Alemquer. Seja como fôr, o que parece certo, á vista de alguns sepulchros, e medalhas romanas, que se acharam modernamente n'aquellas visinhanças, e de que ao diante fallaremos, é que no tempo dos romanos ha-

via alguma povoação, fosse qual fosse o seu nome, no sitio em que se acha a villa de Povos.

No principio da nossa monarchia Povos jazia outra vez em ruinas, ou desde a invasão dos arabes, ou por causa das guerras, que estes sustentaram com os christãos. El-rei D Sancho I mandou-a reedificar e povoar de novo no anno de 1194, dando-lhe foral com muitos privilegios e regalias. O senhorio de Povos andou na familia dos condes da Castanheira, e depois na casa do infantado.

Pertence esta villa ao districto administrativo de Lisboa. O seu brasão d'armas é um castello de baixo de uma oliveira. No seculo passado contava trezentos e cincoenta fogos. Julgamos que este numero não tem augmentado. Tem uma unica parochia, intitulada Nossa Senhora da Assumpção, casa de misericordia, hospital, e tres ermidas, com muitas fontes dentro e fora da povoação.

Os suburbios são amenos, e tão arborisados, que a villa está quasi escondida pelos oliveiros, pomares, e arvores silvestres, que a cercam. Nas faldas e recosto dos montes, que ficam proximos á povoação, ha algumas bonitas quintas, com boas casas de residencia. Na corôa de um d'estes montes está um pequeno templo, consagrado ao senhor Jesus da Boa Morte. O corpo da egreja é de reconstrucção moderna; porém a capella-mór mostra mui grande antiguidade. Um marco de pedra, que se vê proximo da egreja, com a cruz dos templarios, e um signo-Salomão, toscamente esculpido; e varias lapidas sepulchraes, que ali se descobriram, tendo gravada a mesma cruz, e a espada como a usavam os cavalleiros do Templo, attestam que aquella egreja pertenceu a esta poderosa ordem de cavallaria. O terremoto de 1755 damnificou consideravelmente este edificio.

No mesmo monte, defronte da egreja, ha umas rochas, nas quaes ha poucos annos se viam cavadas varias sepulturas, umas ainda inteiras, e outras meio destruidas. Podiam julgar-se sepulchros phenicios ou romanos, pois que ambos estes povos, posto que mais communmente o primeiro,

costumavam abril-os nos rochedos, quando os havia proximos das povoações; porém, extrahindo-se pedra d'aquella pedreira em 1839, acharam-se duas d'essas sepulturas intactas, com os esqueletos dentro, estando junto de um d'elles uma moeda romana, e junto do outro os restos de um pente, que parecia de tartaruga, e dourado. Esta descoberta não deixa duvida sobre a origem d'estes sepulchros, os quaes a seu turno tambem testificam, que perto d'ali existiu uma povoação romana. Infelizmente continuou-se a tirar pedra d'aquella pedreira, e talvez já tenham desaparecido essas tão curiosas antigualhas.

O termo é muito fertil. Produz cereaes, vinho, azeite, e muitas frutas, principalmente de espinho.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

INDICE DO SEGUNDO VOLUME.

A cidade de Lagos	1
» de Lamego.....	6
» de Leiria.....	12
A villa de Linhares	19
A cidade de Lisboa	22
A villa de Loulé	53
» e praça de Marvão	56
» de Mello.....	59
» de Mertola.....	61
A cidade de Miranda.....	65
A villa de Monção	69
» de Monforte.....	74
» e praça de Monsanto.....	76
» de Monsarás.....	78
» de Montemór o Novo.....	81
» de Montemór o Velho.....	84
» de Moura	88
» e praça de Mourão.....	93
» de Niza.....	95
» de Obidos.....	97
» de Ourem.....	102
» de Ourique.....	105
» de Palmella.....	107
» de Panoias	109
» de Pedrogão Grande.....	111
A cidade de Penafiel	113
A villa de Penamacor	117
» de Penella	119
» e praça de Peniche	120
A cidade de Pinhel	125
A villa de Pombal	127
A cidade de Ponta Delgada	134
A villa de Ponte de Lima.....	143
A cidade de Portalegre.....	148
A villa de Portel	154
A cidade do Porto	156
A villa de Porto de Moz.....	193
» de Porto Santo.....	196
» de Povos.....	199

**OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM
NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 109.**

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837.	
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel	22:000
Encadernada	27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collabora-	
do por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres	
volumes, sendo o preço dos tres em papel	11:600
Encadernados.....	13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M.	
el-rei o senhor D. Pedro v = Um folheto com dez gravuras	200
M. M. B. DU BOGAGE.	
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F.	
da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e littera-	
rio sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol.	
em 8.º francez. Preço.....	4:320
F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.	
Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço.....	720
BARRETO FEIO.	
Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol.	
8.º francez.....	2:880
O 3.º volume só	1:000
LIMA LEITAO.	
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzi-	
do do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º	800
O 2.º volume só.....	480
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de no-	
tas, 2 vol. 8.º francez.....	1:200
REBELLO DA SILVA.	
Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos	
do Christianismo, com censura e autorisação do patriar-	
chado, 2. vol. 8.º francez.....	960
A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos.....	480
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imita-	
ção — 1 vol. 8.º francez. Preço.....	300
MENDES LEAL JUNIOR.	
Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr...	480
O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Ho-	
mens de Marmore) 1 vol. 8.º francez.	300
A Herança do Chancellor, comedia em 3 actos em verso,	
1 vol. 8.º francez. Preço.....	400
Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	400
A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo,	
1 vol. 8.º francez. Preço.....	480
Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	720
Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço.	300
A. ABRANCHES.	
Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr....	300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º e 2.º
vol. em folio. Preço..... 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720

Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600

Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol.
8.º francez. Preço..... 360

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.º fr..... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol.
8.º francez. Preço 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320

A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240

A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300

Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço. 360

Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos . . . 180

Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço..... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço. 500

Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 240

Uma Victima, drama original em tres actos..... 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240

O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço 80

O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos. 120

As nodoas de sangue, drama em tres actos. 160

Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 300

A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol.
8.º francez, Preço..... 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.. 480

A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez 360

Duas epocas da vida, comedia em 3 actos. 1 vol. 8.º fr.... 240

Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 200

ALFREDO HOGAN.

As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr... 300

Ninguém julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.	360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr.	400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.	200
Memorias do Coração. Preço	240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.....	160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço	240
O Marido no Prêgo, comedia em um acto.....	160
Já não ha tolos! . . . comedia em um acto.....	80

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço.....	320
---	-----

M. JOSE' DA ROCHA.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	360
---	-----

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço.....	1:800
--	-------

J. M. ALMEIDA RIBEIRO.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.....	100
---	-----

MANUEL JOAQUIM BARRADAS.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.....	100
---	-----

CASÍMIRO ABREU

Gamões e o Jáó, scena dramatica. Preço.....	100
---	-----

F. A. MARQUES PEREIRA.

Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.º port. Preço.....	200
--	-----

F. V. DA SILVA BARRADAS.

Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço.....	200
--	-----

J. MESQUITA DA ROSA.

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port.	
---	--

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....	360
--	-----

L. PAULINO BORGES.

Ensaio poeticos. Preço.....	60
-----------------------------	----

D. J. PONCE DE LEÃO.

O Mentor da mocidade.....	120
---------------------------	-----

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço.	240
--	-----

O Pae prodigo, comedia em tres actos.....	200
---	-----

O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço....	200
--	-----

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço.....	240
---	-----

APRIGIO FAFES.

E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.....	80
---	----

PADRE CLAUDIO AQUAVIVEI.

Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.....	80
---	----

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos.	160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos.....	200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço.....	60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos.....	200
--	-----

HENRIQUE VAN-DEITERS.

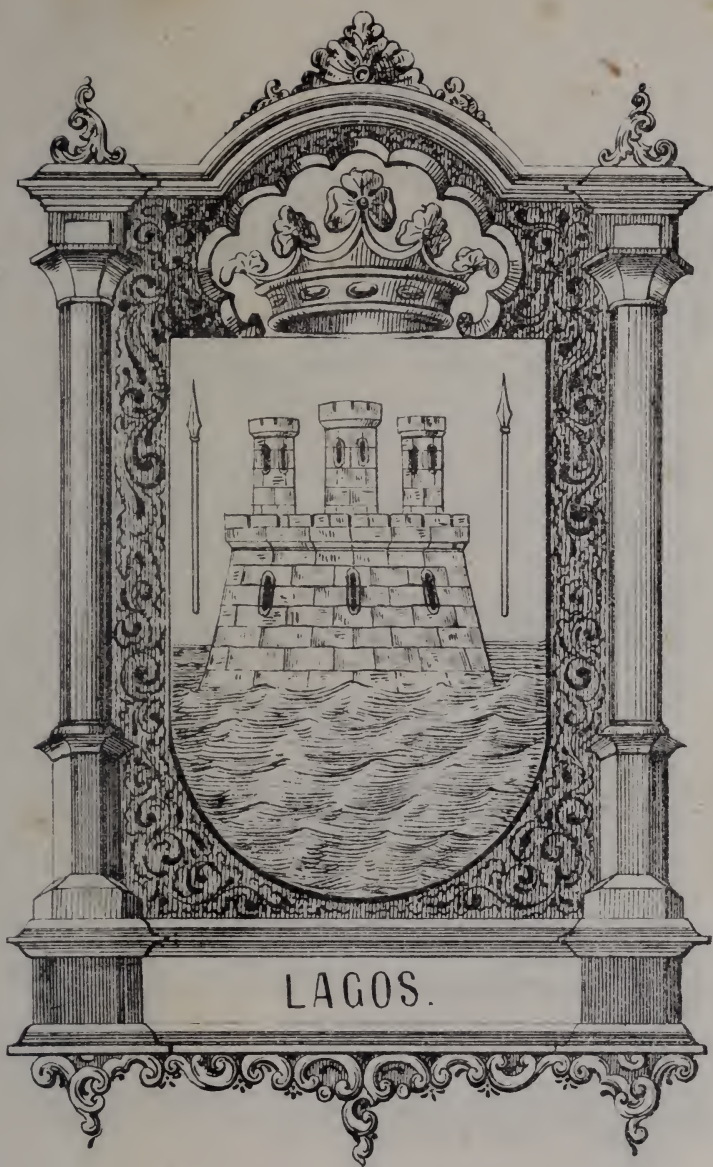
Poesias, 1 vol. 8.º francez. — Preço	360
--	-----

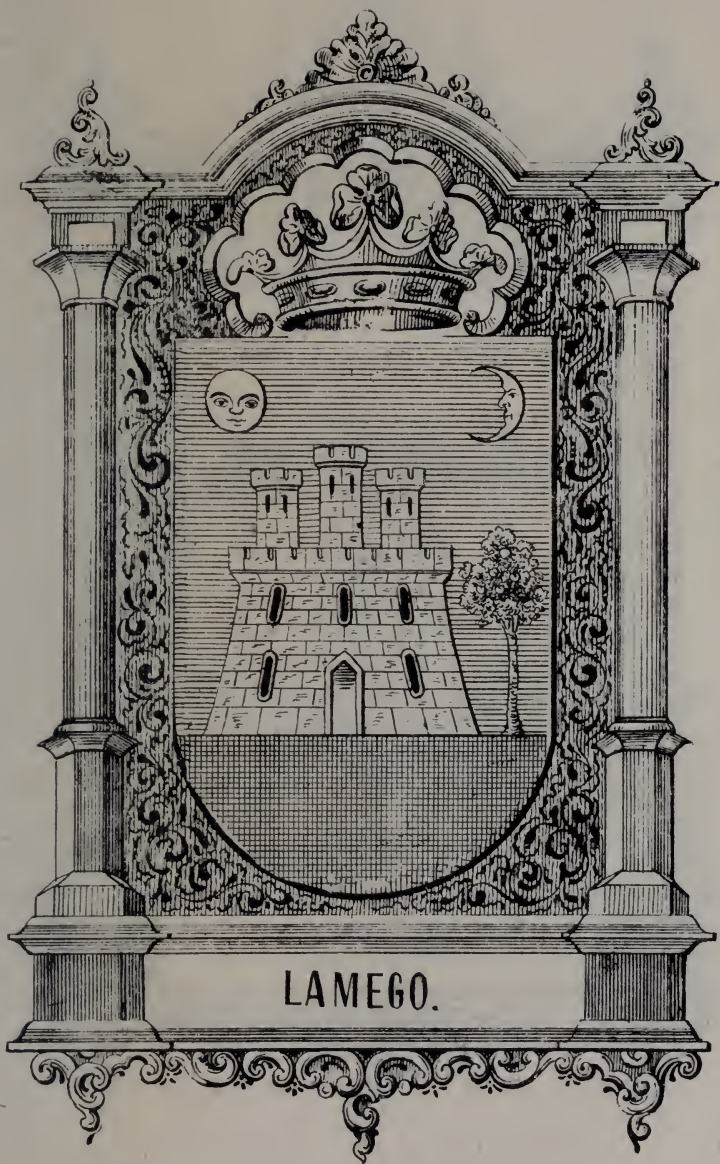
J. E. COELHO.

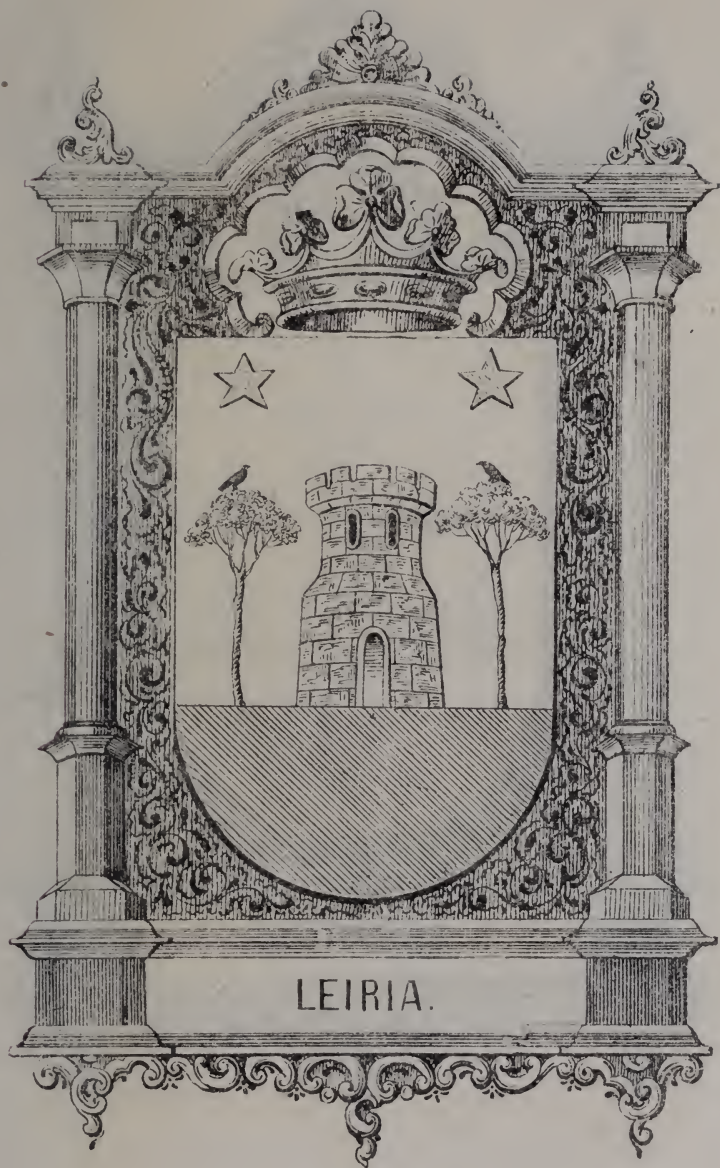
Amor e Amizade, comedia em um acto.....	80
---	----

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos.....	160
---	-----

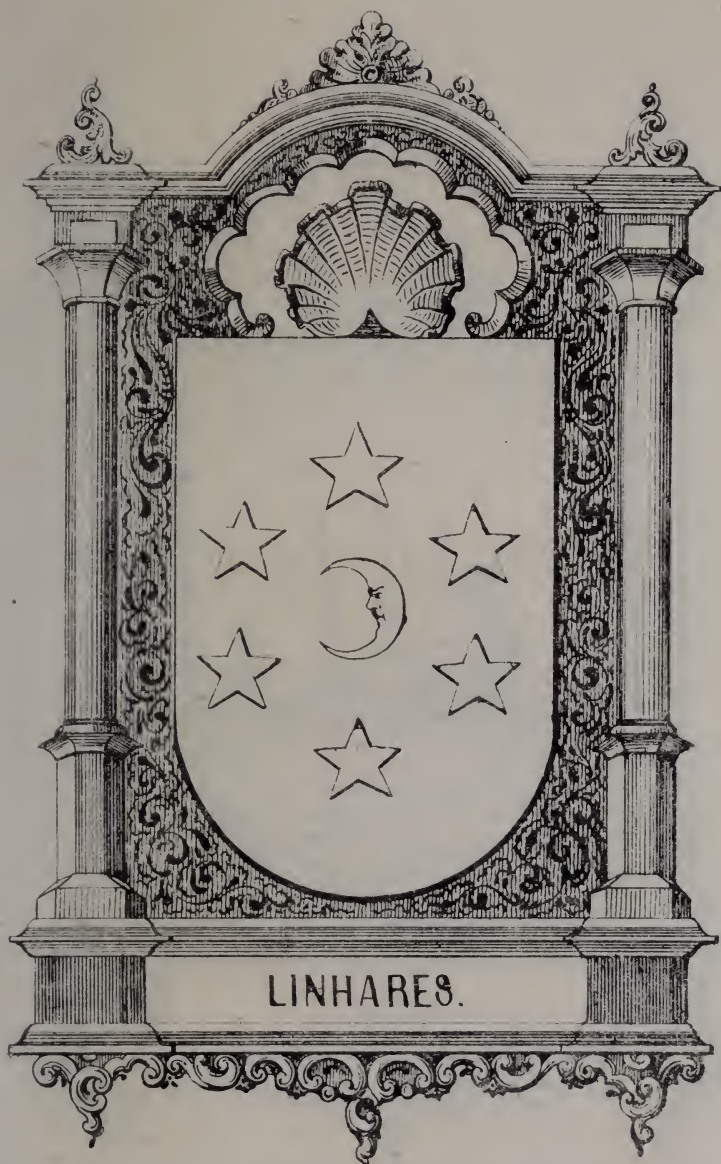






LEIRIA.



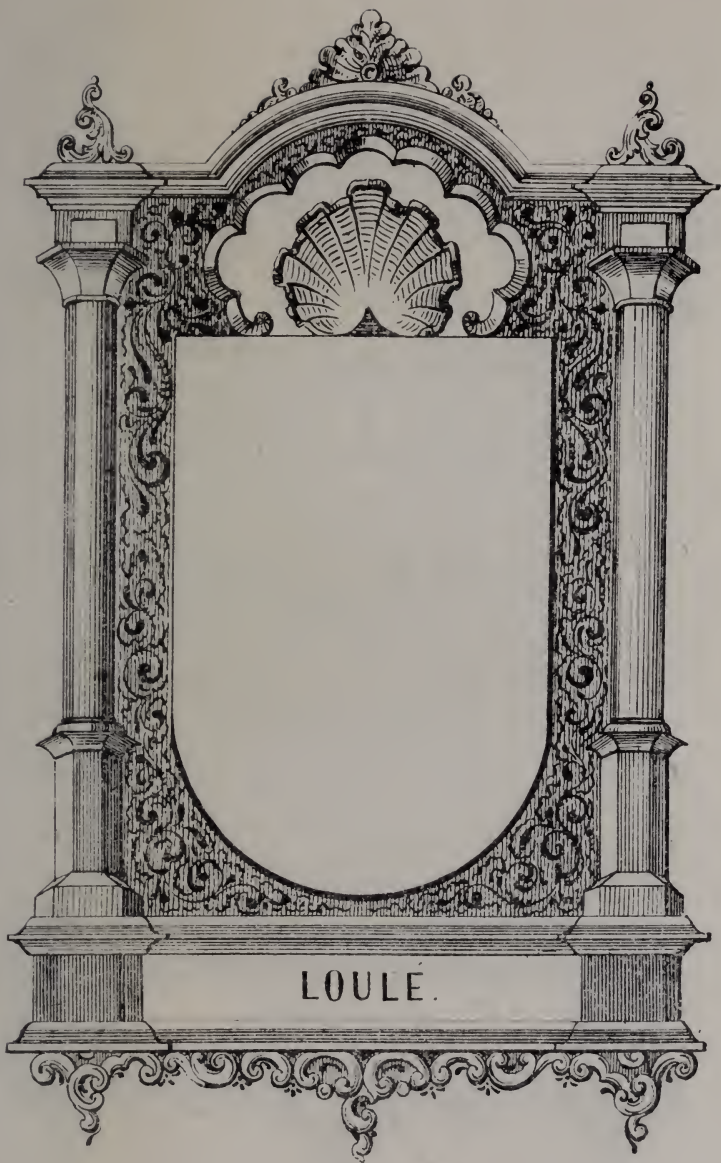


LINHARES.

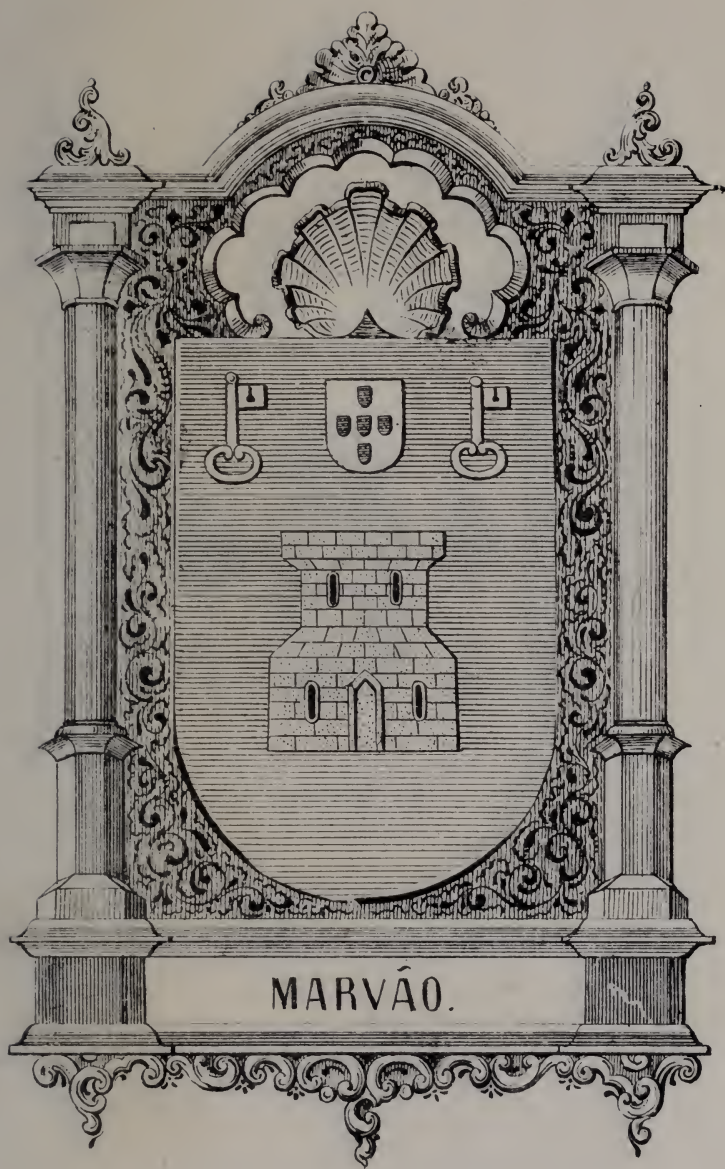




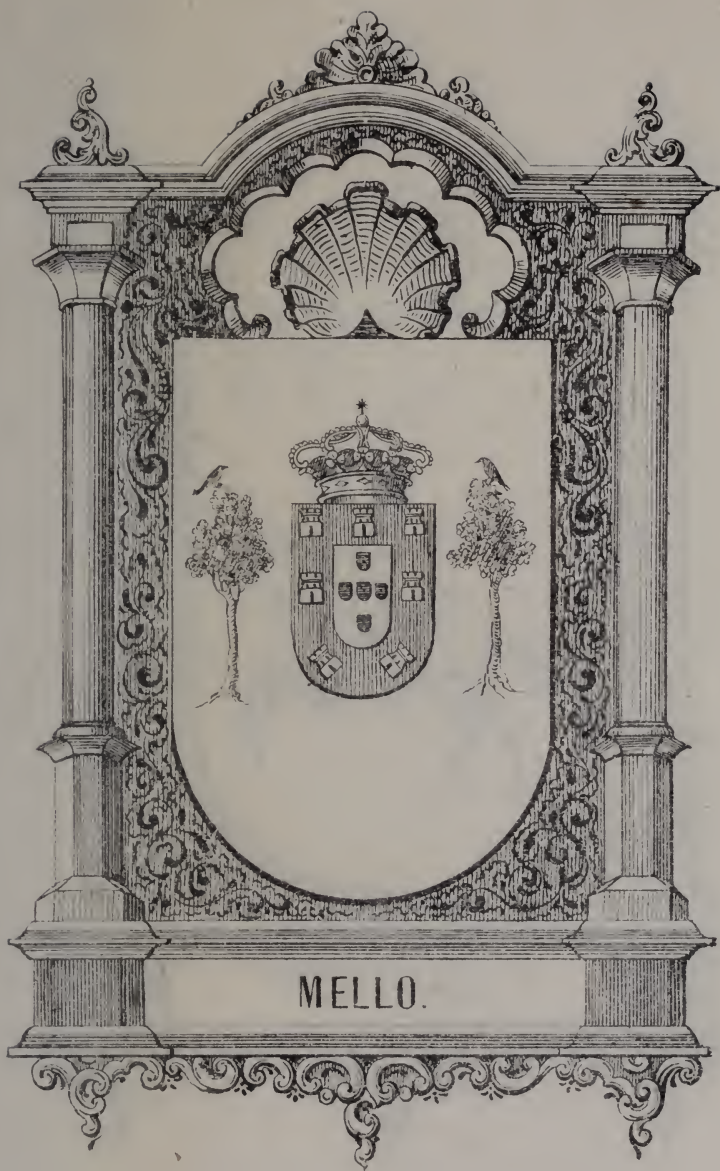




LOULÉ.



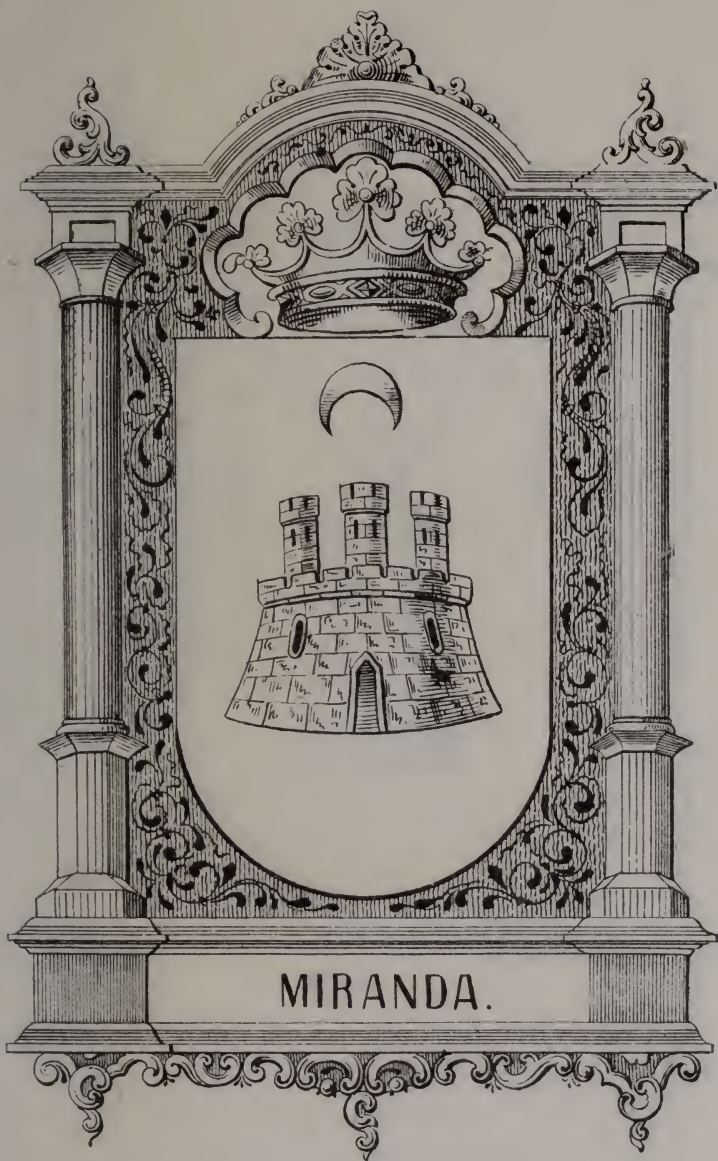






MERTOLA.



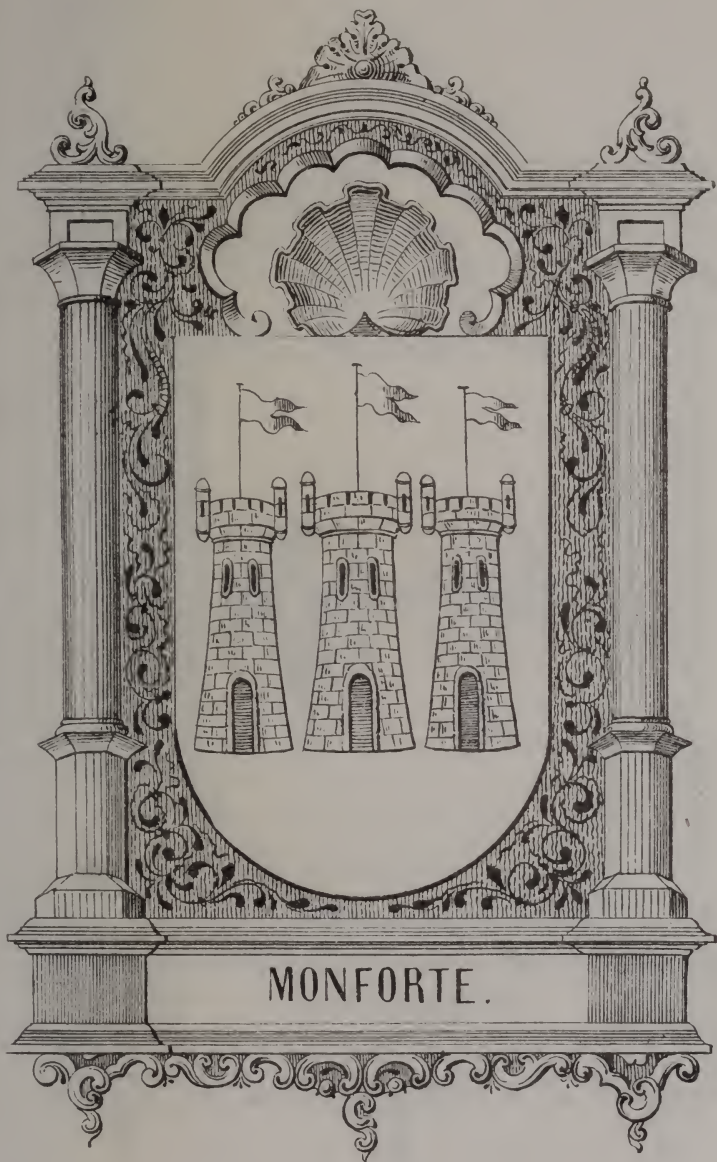


MIRANDA.





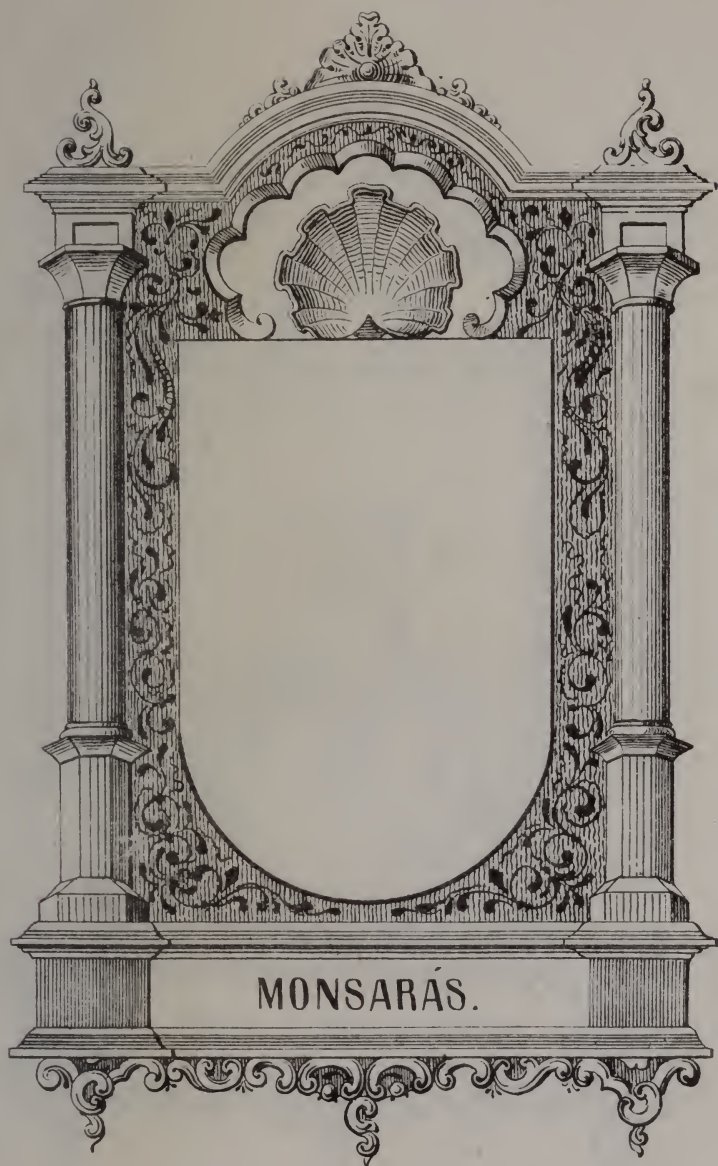






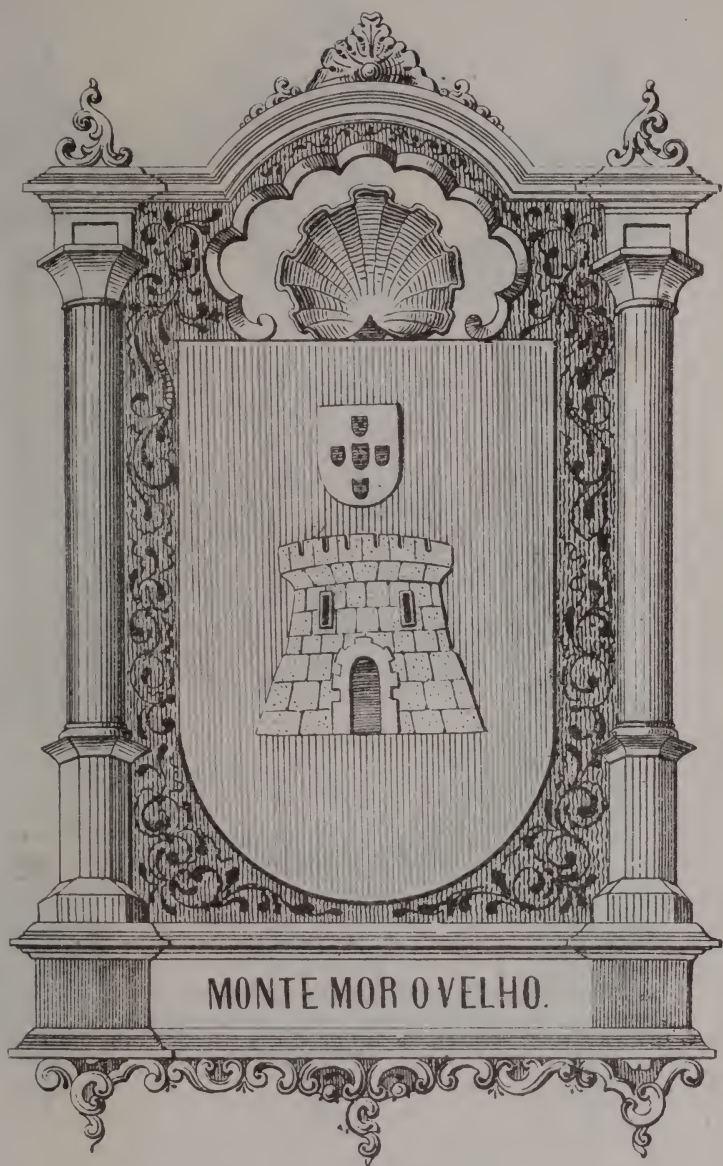




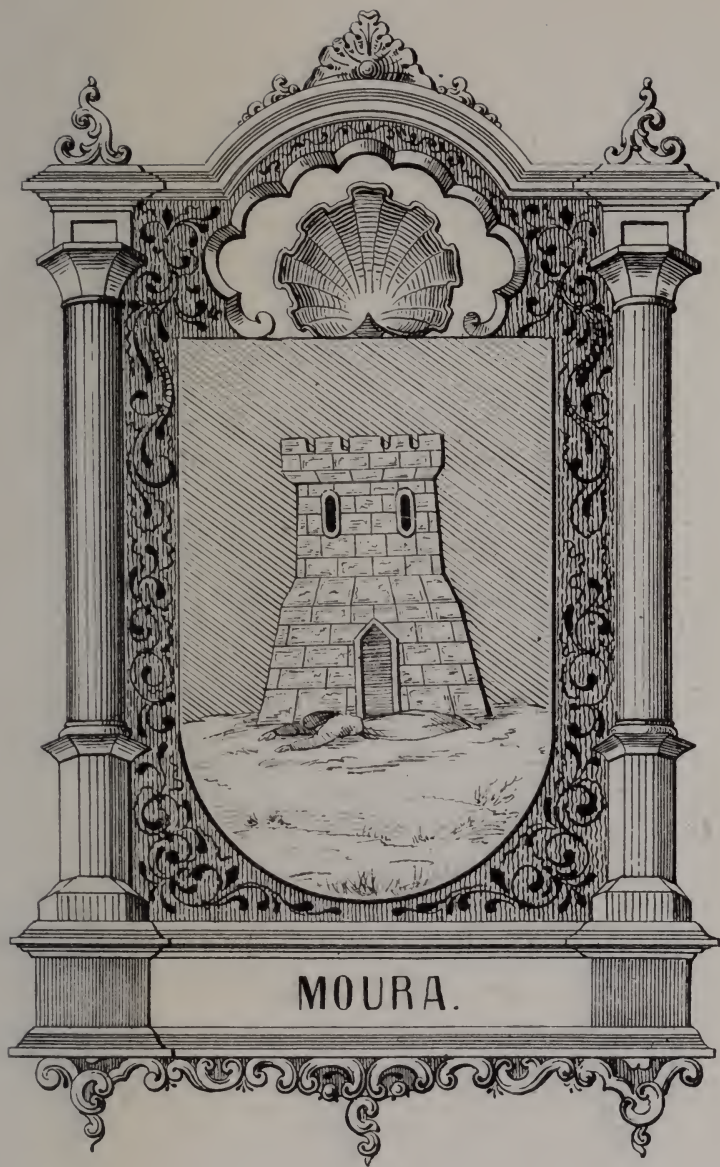




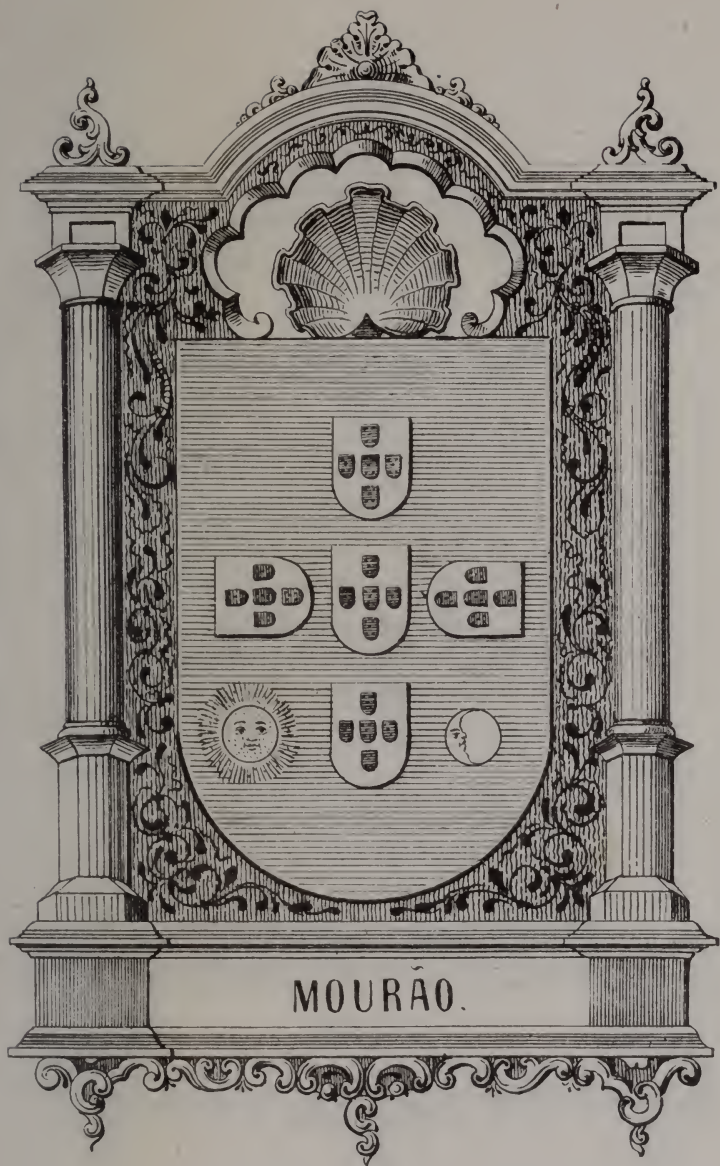




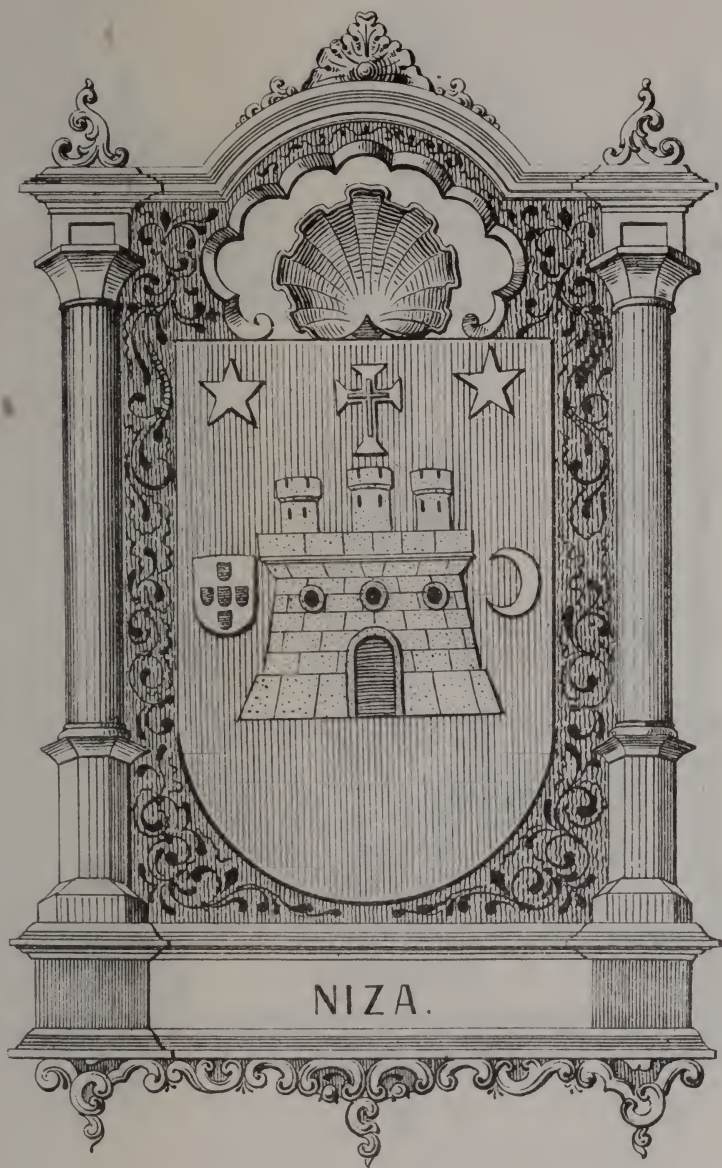






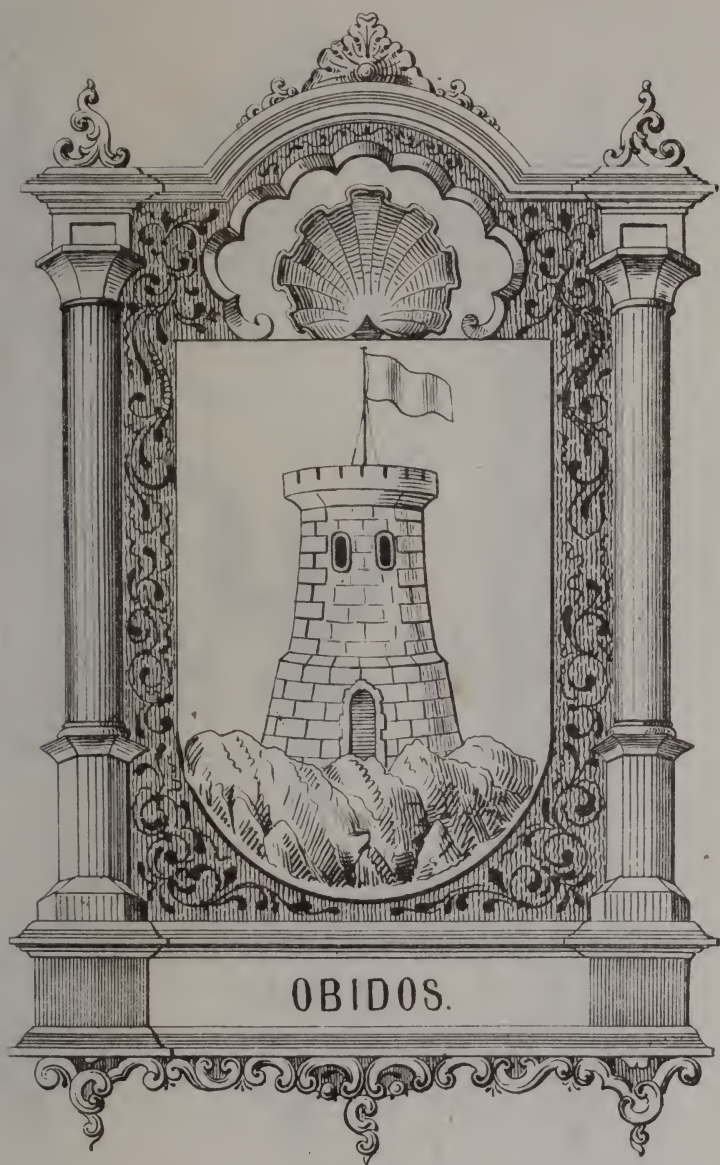






NIZA.





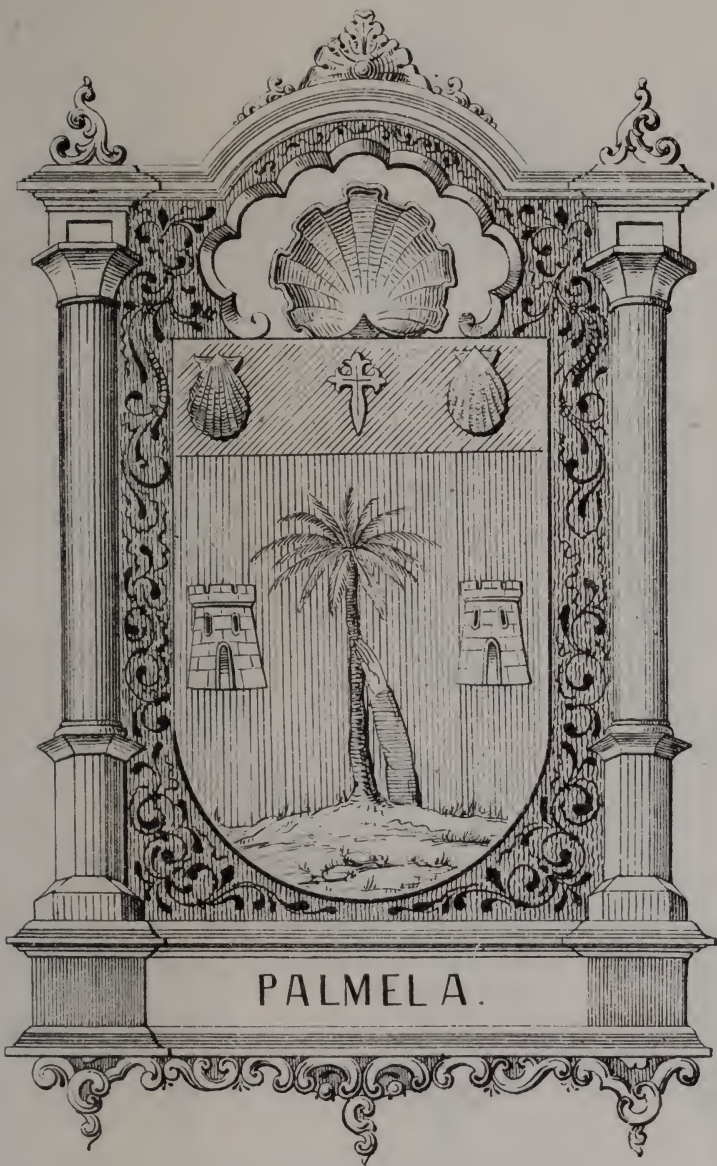
OBIDOS.







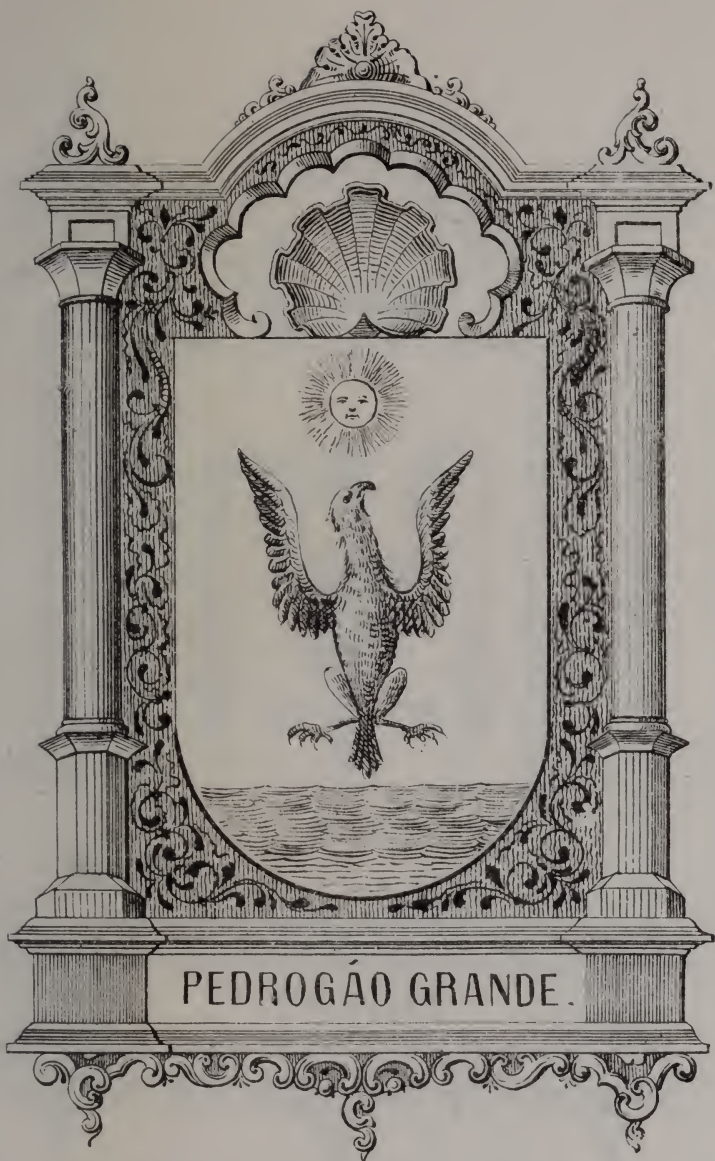


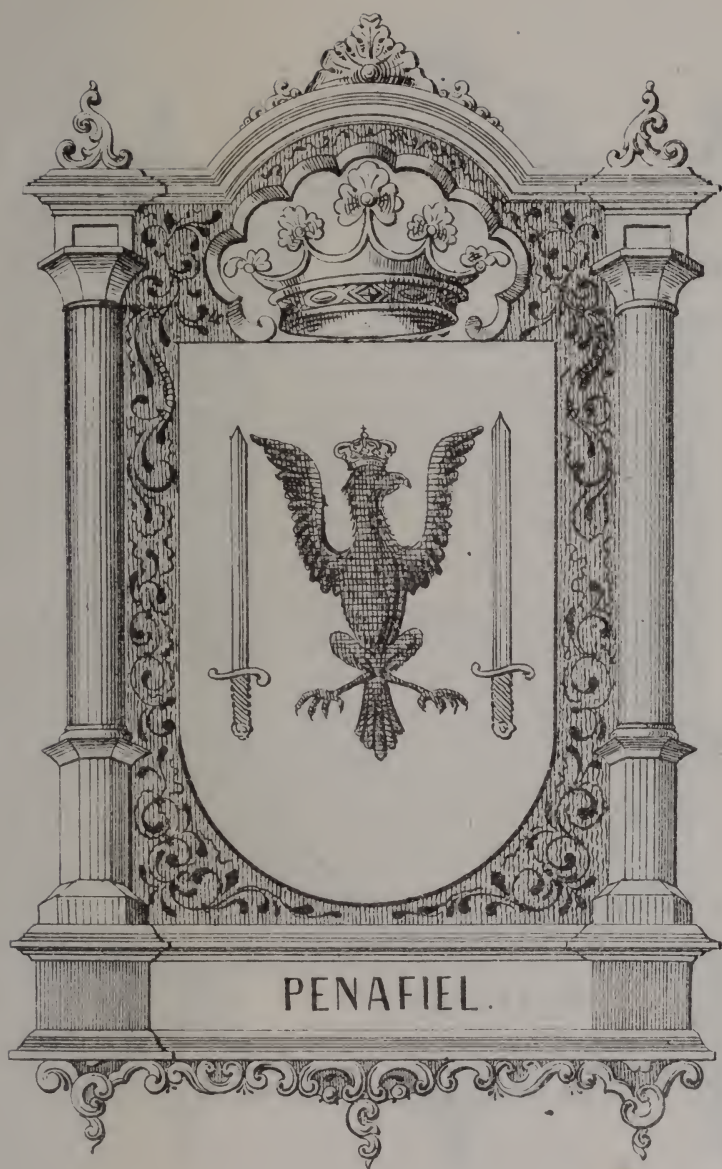


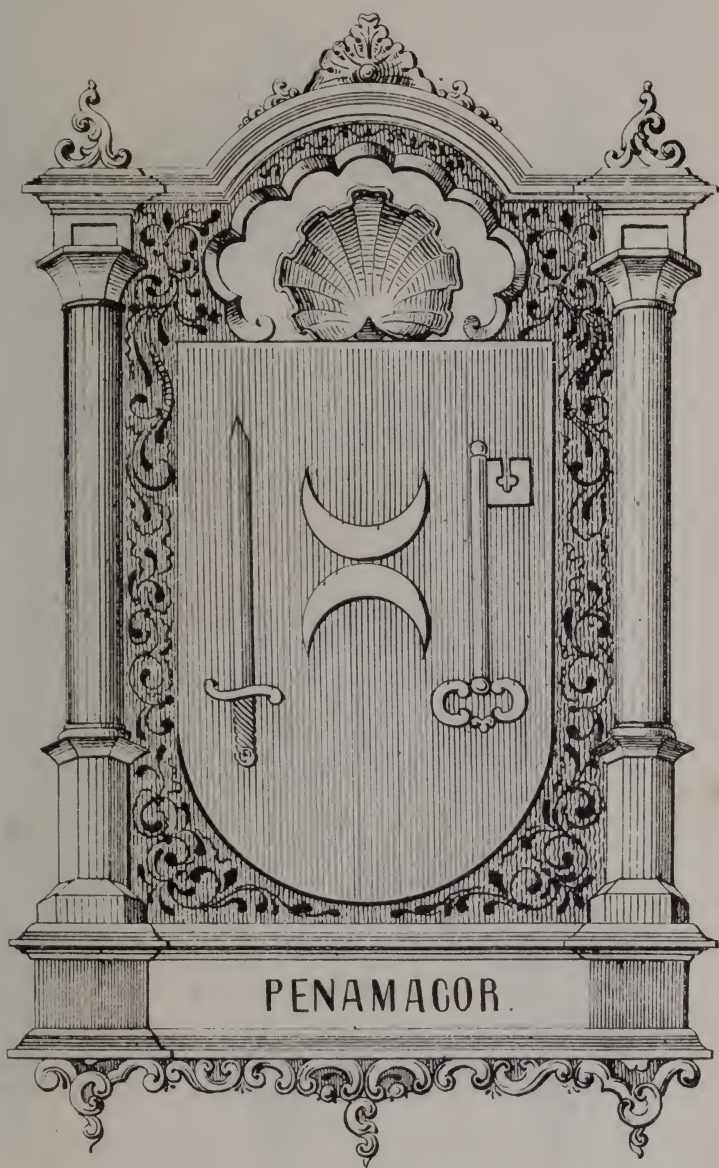


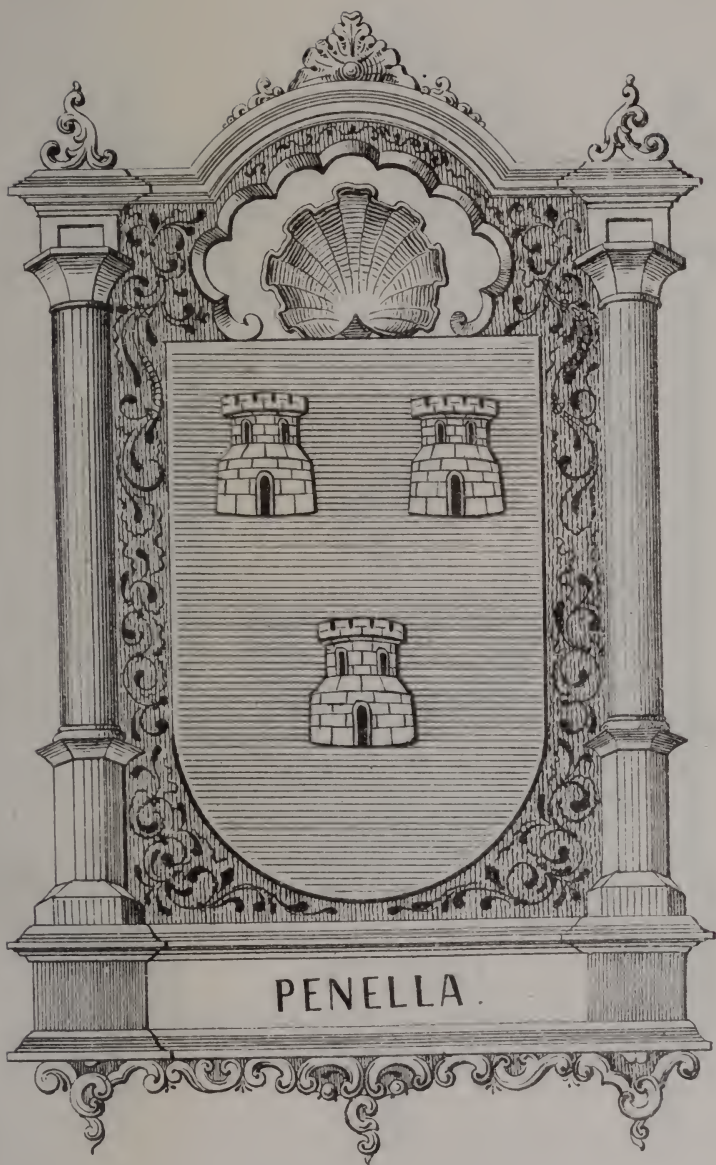






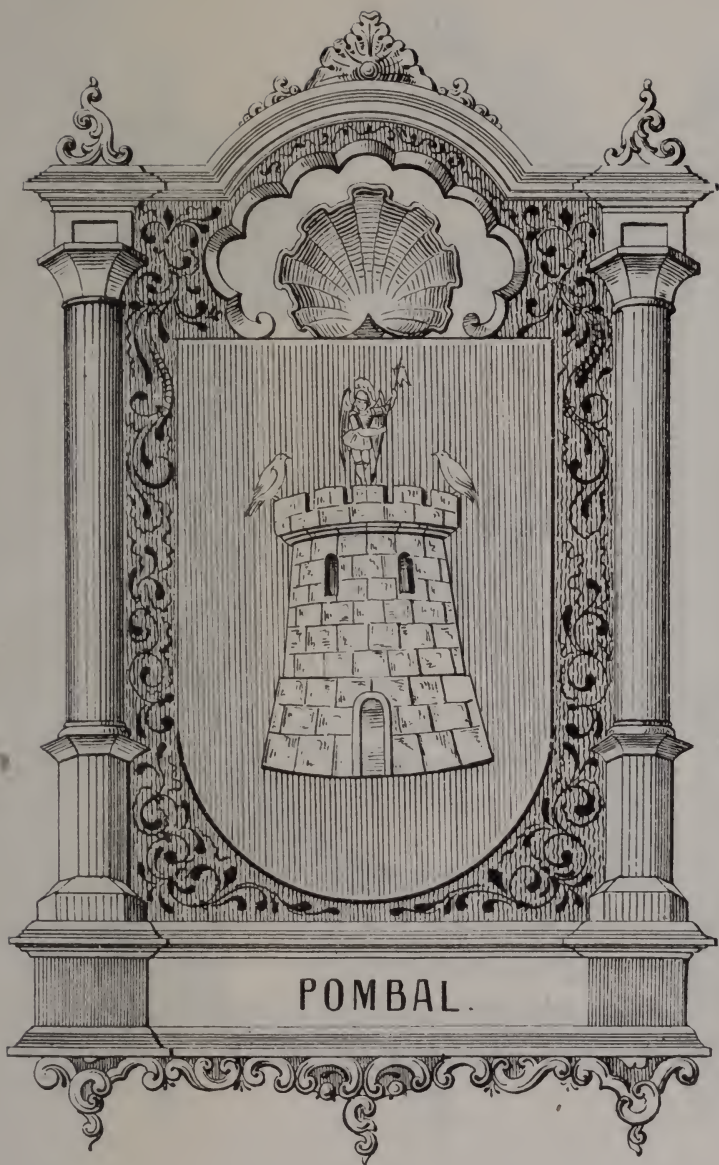




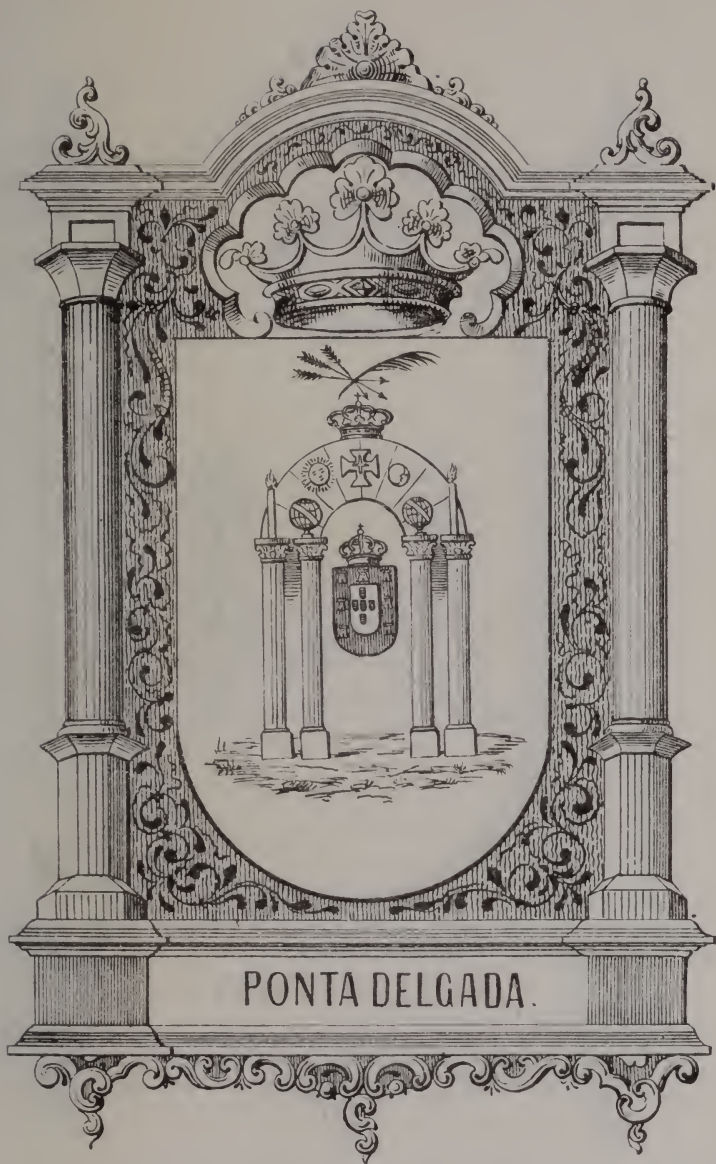




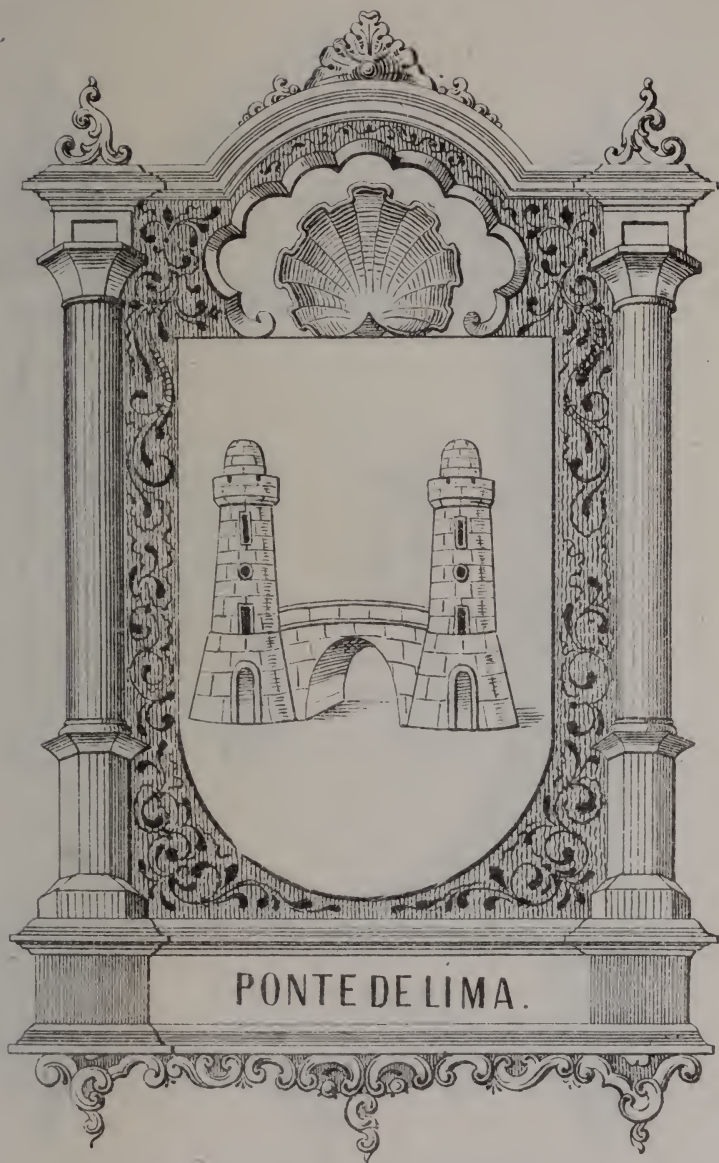




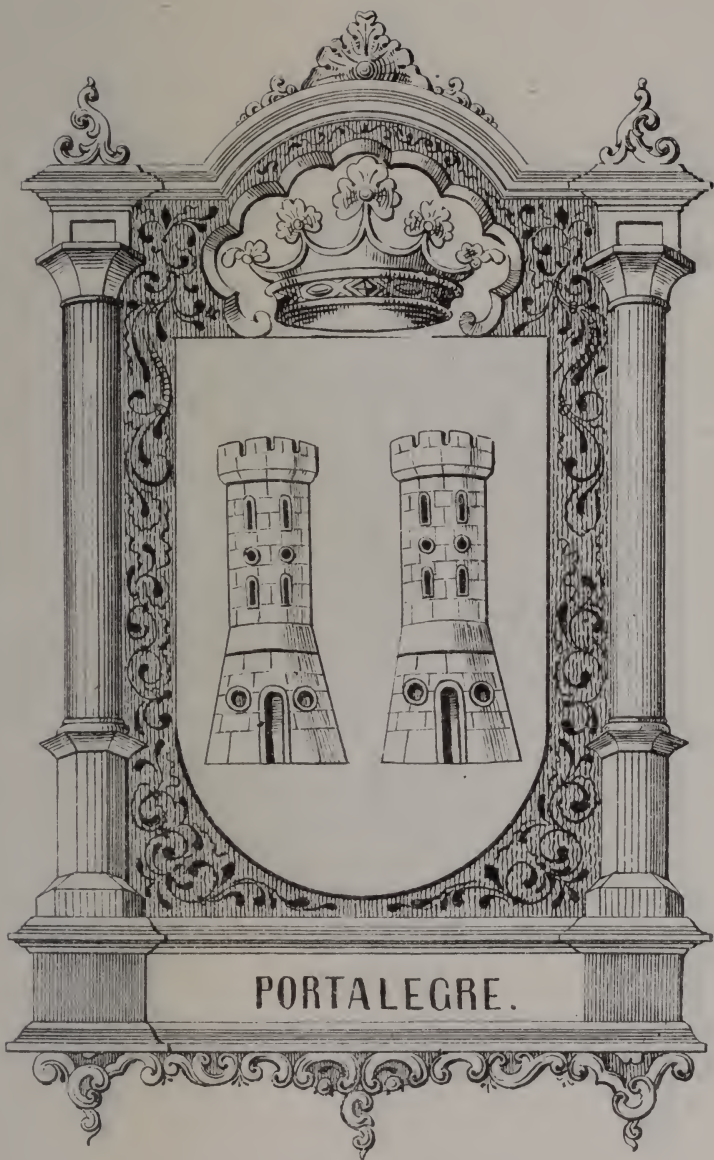
POMBAL.



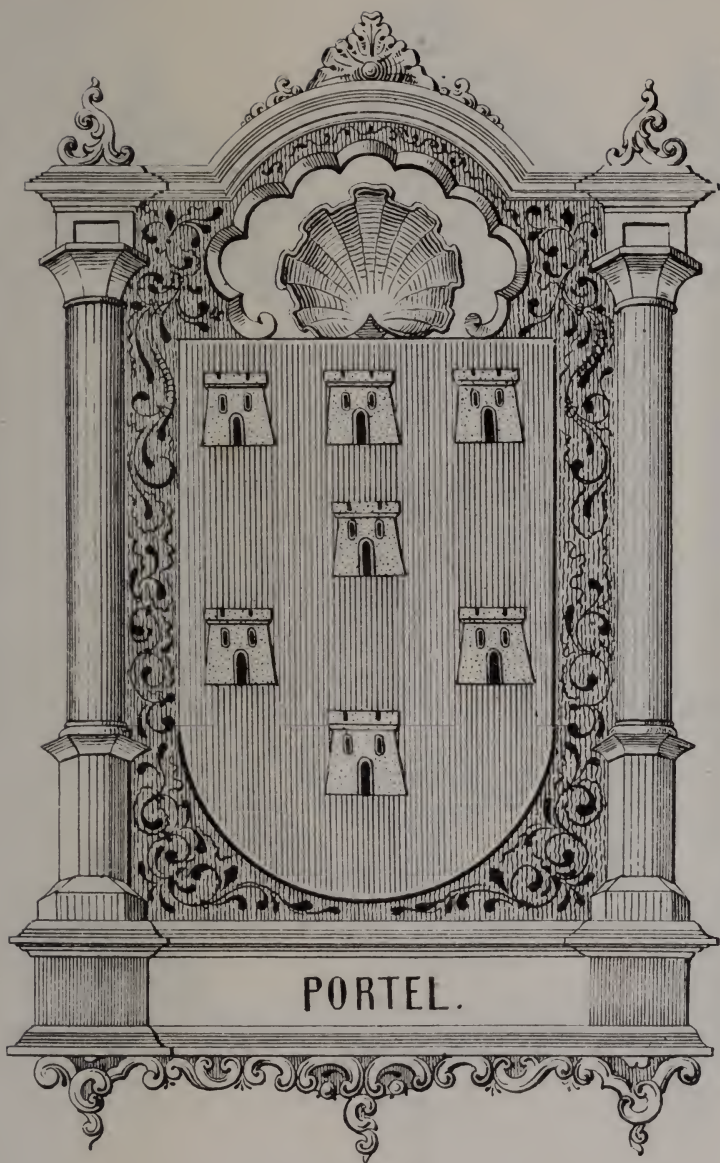
PONTA DELGADA.

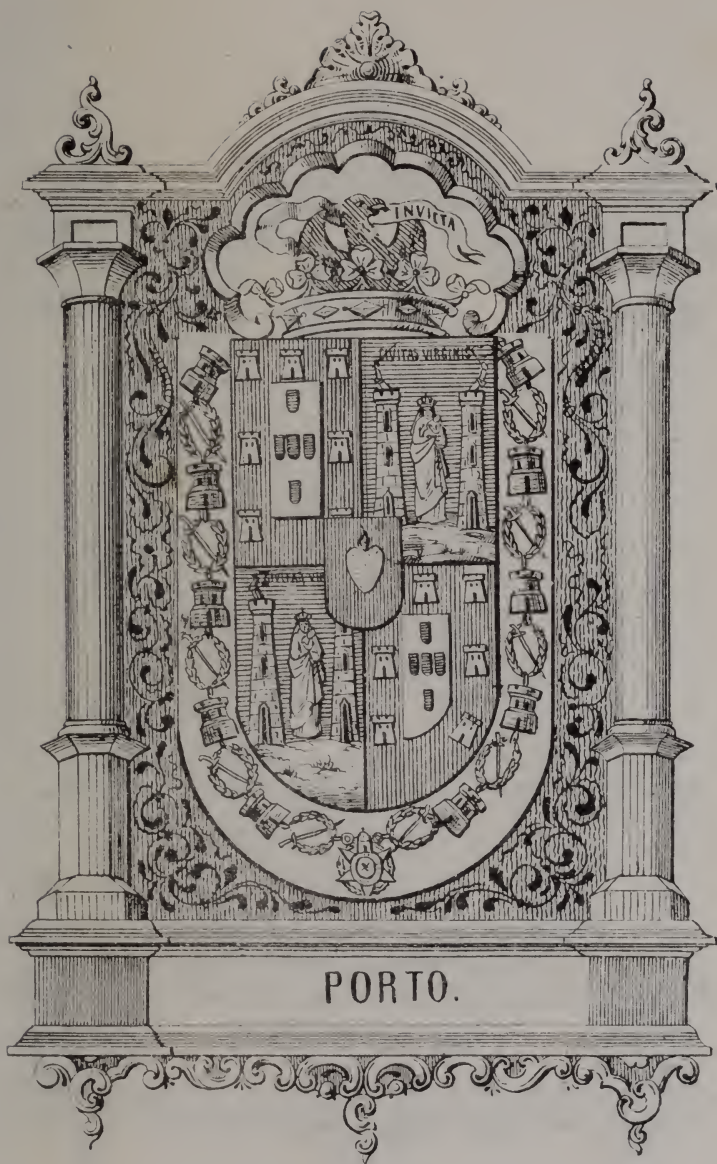


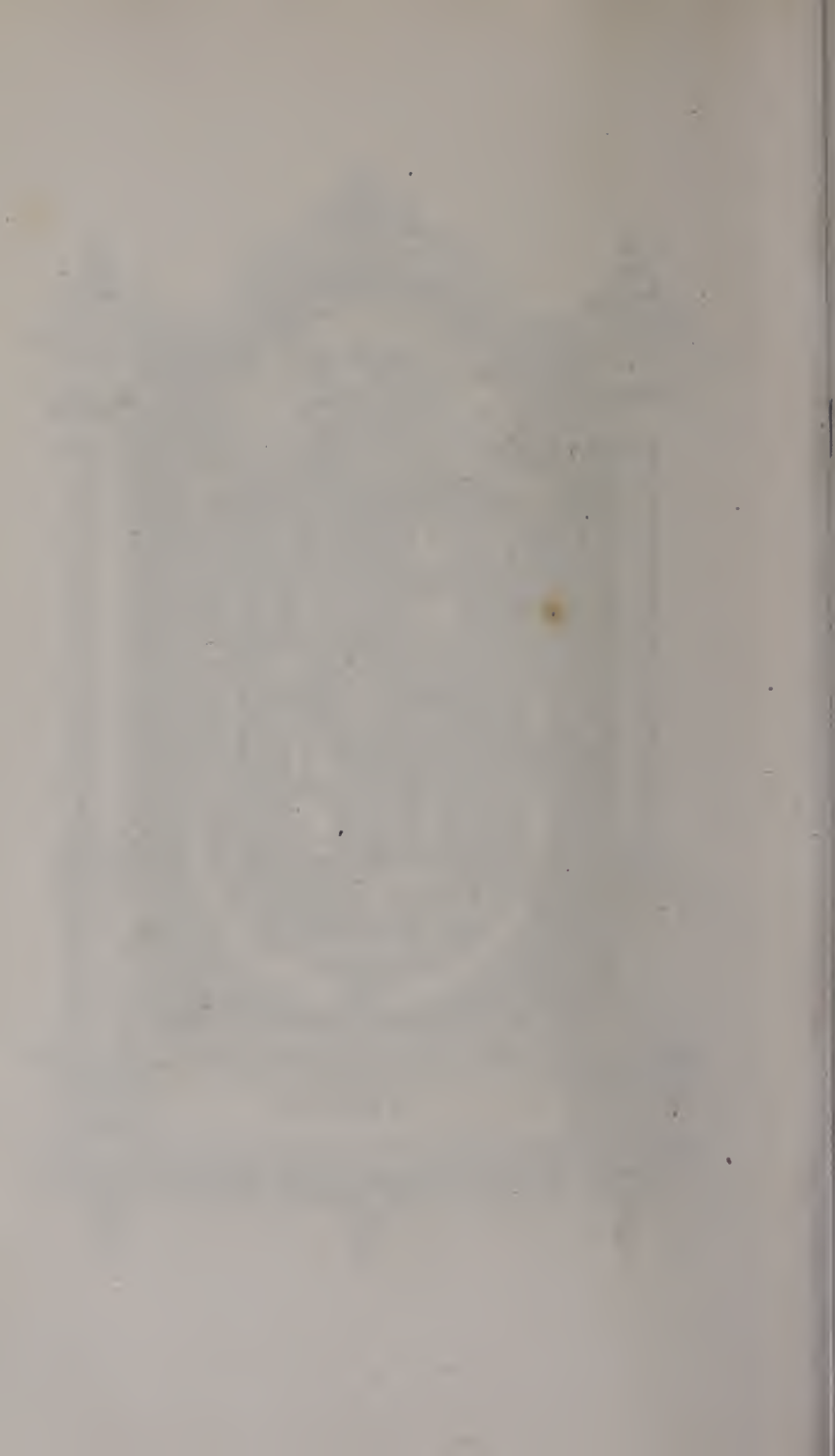


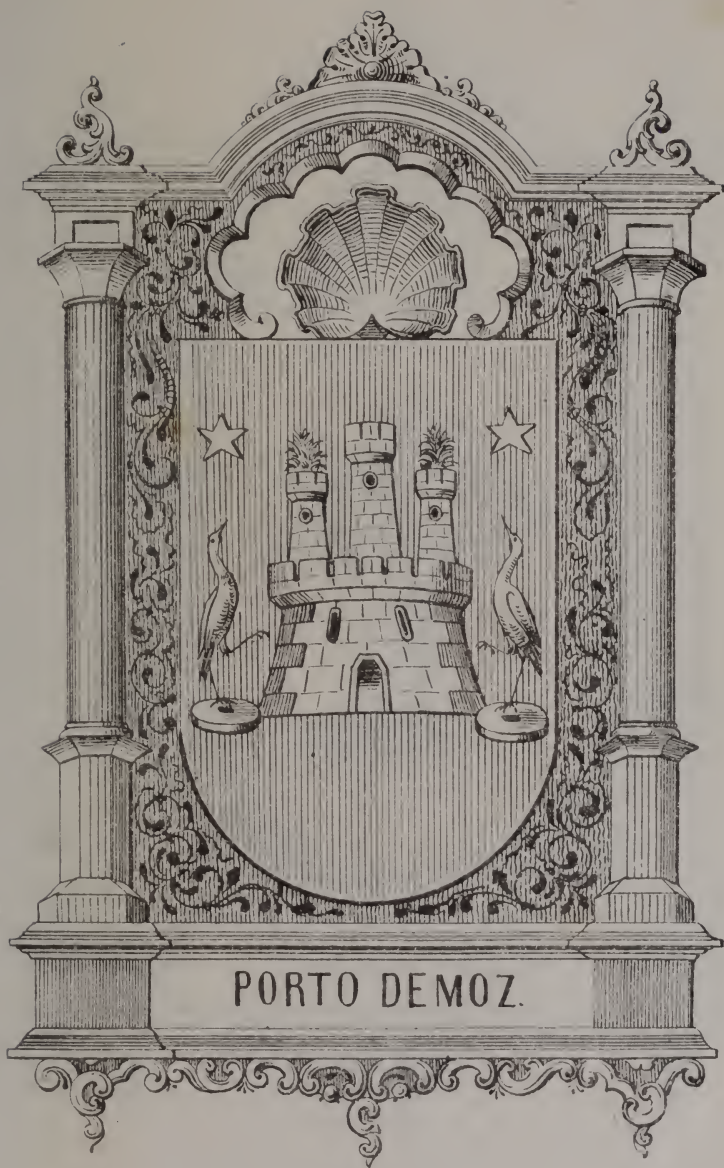


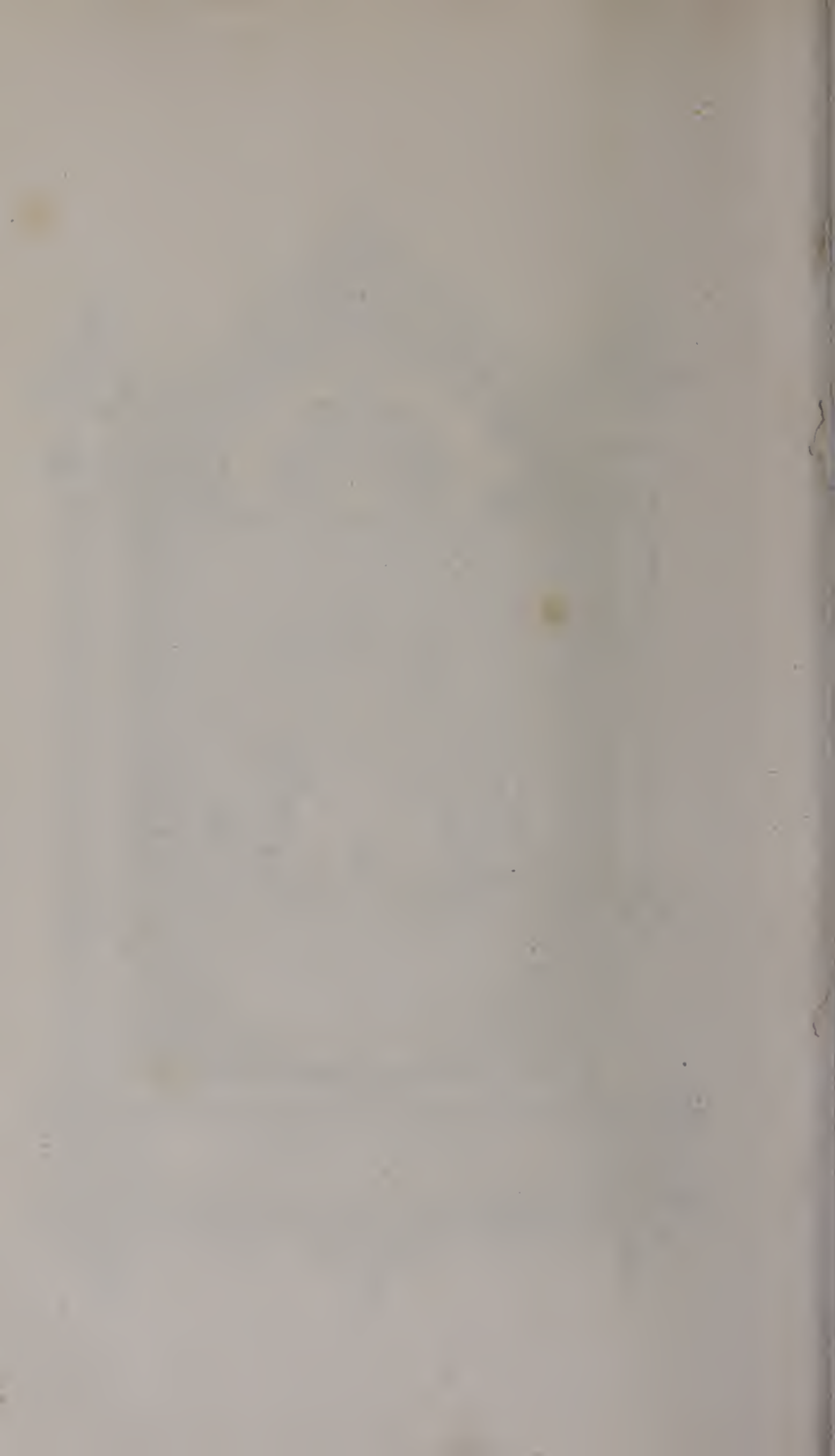
PORTALEGRE.





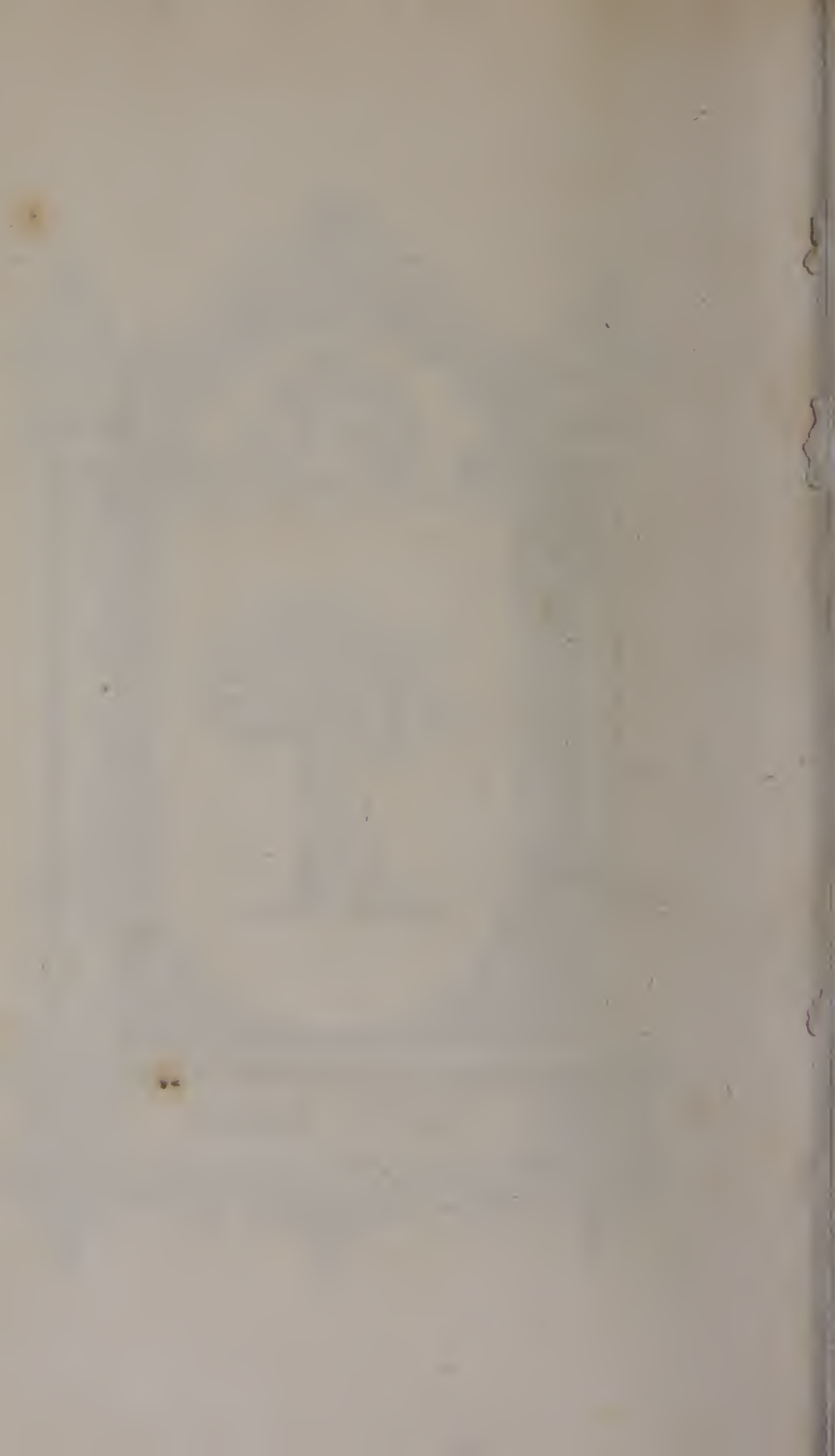








PORTO SANTO.











GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00034 7043

